

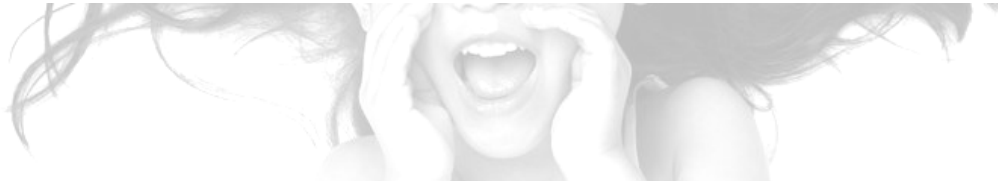


ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada



***A PERCEÇÃO DAS FIGURAS PARENTAIS EM SITUAÇÕES DE
MAUS TRATOS***

Maria Olívia Moreira Ribeiro



Dissertação de Mestrado em Psicologia (Área de Clínica)

Lisboa, 2009

Portaria 385/91 de 6 de Maio

Ao Marcelo, ao Leonardo e à Carlota

Agradecimentos

Não poderia por um ponto final neste trabalho sem antes agradecer a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, o tornaram possível. Foram muitos e, correndo o risco de me esquecer de alguns ou de transformar esta folha num memorial a um qualquer acontecimento surpreendente, acabei por ser económica, com a certeza, porém, de que o meu coração não se esquece de ninguém.

Deste modo e em primeiro lugar, agradeço a todos os meninos e meninas que se disponibilizaram a colaborar comigo, no processo necessário à recolha de dados, que tornaram possível a realização deste trabalho.

Agradeço também à Prof. Doutora Maria Emília Marques, não só por tudo o que me tem ensinado, como pela disponibilidade que sempre teve para pensar comigo, discutir perspectivas, encontrar sentidos, enfim ... dar corpo ao trabalho. À Prof. Doutora Regina Bispo já que a estatística é ainda tratada por mim com algum formalismo (ainda não nos conhecemos bem).

Por último, fica o meu agradecimento a todos os outros amigos que me incentivaram, encorajaram e que acreditaram em mim. Para a minha família fica, também, um agradecimento especial.

RESUMO

Apesar das transformações que têm ocorrido na sociedade, a família é ainda hoje entendida como uma estrutura de suporte que garante o conforto e a segurança necessária aos mais pequenos. No entanto, isto nem sempre acontece. Tendo como referência a teoria da vinculação, no seu processo de socialização, a criança desenvolve comportamentos vinculativos com ambos os progenitores, sendo esta uma condição necessária para o seu desenvolvimento harmonioso, quer em termos afectivos, quer cognitivos. Neste sentido interessa perceber o que é que acontece nas situações de maus tratos, quando os mesmos ocorrem no seio da família e são os próprios pais os maltratantes. O objectivo deste estudo é então, perceber qual a percepção que as crianças têm das figuras parentais maltratantes. Participaram neste estudo 243 crianças com uma média de idade de 11 anos. Para a recolha de dados foi utilizado um questionário que permitia averiguar a percepção das figuras parentais maltratantes a partir de um cenário de maus tratos em que foi manipulada a figura parental maltratante (pai ou mãe), o tipo de mau trato (físico ou psicológico) e a intenção subjacente ao mesmo (intenção de educar bem o filho ou ausência de intenção). Foi também contemplado o género dos sujeitos inquiridos. Dada a natureza da situação avaliou-se ainda os afectos sentidos face ao cenário de maus tratos. Os resultados indicam que os afectos mais intensamente sentidos foram negativos e não houve nenhuma variação em função das condições experimentais do estudo. Relativamente à percepção das figuras parentais maltratantes verificou-se que as mesmas eram percebidas negativamente mas encontraram-se diferenças de resultados em função do género dos sujeitos inquiridos, do tipo de mau trato e da intenção subjacente ao mesmo. Tendencialmente também varia em função de qual a figura parental maltratante.

Palavras-chave: Maus tratos, figuras parentais, vinculação.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
2. PERCEPÇÃO DAS FIGURAS PARENTAIS	5
2.1. Características e Desenvolvimento de Comportamentos Vinculativos	7
2.2. O Eu, o Outro e o Relacionamento Eu-Outro	16
2.3. Interação Pai-Criança e Mãe-Criança	24
2.3.1. A influência do pai	29
3. A SITUAÇÃO DE MAUS TRATOS	35
3.1. Déficits na Actividade Parental	37
3.2. Violência Exercida Sobre as Crianças	41
3.3. Tipos de Violência	47
4. O PROBLEMA, AS HIPÓTESES E AS VARIÁVEIS	53
4.1. Problema	55
4.2. Hipóteses	58
4.3. Variáveis	61
5. MÉTODO	65
5.1. Participantes	67
5.2. Delineamento Experimental	70
5.3. Instrumento	71
5.4. Procedimento	76
6. RESULTADOS E ANÁLISE DE RESULTADOS	79
6.1. Resultados Relativos aos Afectos	82
6.1.1. Diferenças de resultados nos afectos	82
6.1.2. Análise de resultados dos afectos tomados isoladamente	84
Afectos conotados negativamente	86
Afectos conotados positivamente	88
6.1.3. Efeitos produzidos por cada um dos afectos	89
Afectos conotados negativamente	89
Afectos conotados positivamente	95
6.2. Resultados Relativos à Percepção das Figuras Parentais	102
6.2.1. Diferenças de resultados na percepção das figuras parentais	102
6.2.2. Análise das características comportamentais e de personalidade das figuras parentais	105

Características comportamentais e de personalidade conotadas negativamente	108
Características comportamentais e de personalidade conotadas positivamente	110
6.2.3. Efeitos produzidos por cada uma das características comportamentais e de personalidade relativas às figuras parentais	112
Características comportamentais e de personalidade conotadas negativamente	113
Características comportamentais e de personalidade conotadas positivamente	130
7. DISCUSSÃO	143
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	165
9. ANEXOS	
9.1. Anexo A – Resultados da análise de variância para os afectos	173
9.2. Anexo A1 – Médias relativas aos afectos	181
9.3. Anexo A2 – Resultados estatísticos da variável ‘afecto’	185
9.4. Anexo B – Resultados da análise de variância para as figuras parentais	205
9.5. Anexo B1 – Médias relativas às figuras parentais	217
9.6. Anexo B2 – Resultados estatísticos da variável ‘figuras parentais’	225
9.7. Anexo C – Cenários	263
9.8. Anexo D – Questionário	269
9.9. Anexo E – Bloco de Consulta	281

Índice de Tabelas e Figuras
Índice de Tabelas:

Tabela 1: Distribuição dos sujeitos pelos grupos de testagem	70
Tabela 2: Resultados da análise de variância relativos aos afectos vivenciados face às situações de maus tratos, tomados globalmente	83
Tabela 3: Médias relativas à variável Afecto	84
Tabela 4: Resultados da análise descritiva, relativos aos afectos vivenciados após a leitura de uma história de maus tratos	85
Tabela 5: Teste <i>t de Student</i> para os diferentes afectos vivenciados após a leitura de uma história de maus tratos	86
Tabela 6: Resultados da análise de variância relativos à ‘Percepção das Figuras Parentais’	103
Tabela 7: Médias relativas à variável ‘Percepção das Figuras Parentais’	105
Tabela 8: Resultados da análise descritiva relativos às características de personalidade e comportamentais das figuras parentais	106
Tabela 9: Teste de <i>t de Student</i> para as características comportamentais e de personalidade das figuras parentais	107

Índice de Figuras:

Figura 1: <i>Distribuição dos sujeitos testados em função do género</i>	69
Figura 2: <i>Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Tipo de Mau Trato relativamente ao afecto ‘Revoltado(a)’</i>	90
Figura 3: <i>Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Figura Parental relativamente ao afecto ‘Com raiva’</i>	91
Figura 4: <i>Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Tipo de Mau Trato relativamente ao afecto ‘Irritado(a)’</i>	91
Figura 5: <i>Gráfico das médias referente ao efeito de interacção das variáveis Género e Figura Parental relativamente ao afecto ‘Sozinho(a)’</i>	92
Figura 6: <i>Gráfico das médias referente ao efeito de interacção das variáveis Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente ao afecto ‘Com medo’</i>	93
Figura 7: <i>Gráfico das médias referente ao efeito de interacção das variáveis Figura Parental, Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente ao afecto ‘Com medo’</i>	94

Figura 8:	<i>Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Figura Parental relativamente ao afecto ‘Divertido(a)’</i>	96
Figura 9:	<i>Gráfico das médias referente ao efeito de interacção das variáveis Género, Figura Parental, Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente ao afecto ‘Divertido(a)’</i>	97
Figura 10:	<i>Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Figura Parental relativamente ao afecto ‘Contente’</i>	98
Figura 11:	<i>Gráfico das médias referente ao efeito de interacção das variáveis Género, Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente ao afecto ‘Contente’</i>	99
Figura 12:	<i>Gráfico das médias referente ao efeito de interacção entre as variáveis Género, Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente ao afecto ‘Alegre’</i>	100
Figura 13:	<i>Gráfico das médias referentes ao efeito principal da variável Figura Parental relativamente ao afecto ‘Bem’</i>	101
Figura 14:	<i>Gráfico das médias referentes ao efeito de interacção das variáveis Género, Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente à ‘Percepção das Figuras Parentais’</i>	104
Figura 15:	<i>Gráfico das médias referente ao efeito de interacção das variáveis Género, Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica comportamental ‘Que faz sofrer o filho sem razão’</i>	114
Figura 16:	<i>Gráfico das médias referente ao efeito de interacção das variáveis Figura Parental, Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica comportamental ‘Que faz sofrer o filho sem razão’</i>	115
Figura 17:	<i>Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Tipo de Mau Trato relativamente à característica de personalidade ‘Violenta’</i>	116
Figura 18:	<i>Gráfico das médias referentes ao efeito de interacção das variáveis Figura Parental e Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica de personalidade ‘Violenta’</i>	116
Figura 19:	<i>Gráfico das médias referente ao efeito de interacção das variáveis Género e Tipo de Mau Trato relativamente à característica de personalidade ‘Violenta’</i>	117
Figura 20:	<i>Gráfico das médias referente ao efeito de interacção das variáveis Género, Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica de personalidade ‘Violenta’</i>	118
Figura 21:	<i>Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Género relativamente à característica de personalidade ‘Autoritária’</i>	120

Figura 22:	Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Formato relativamente à característica de personalidade 'Desequilibrada'	120
Figura 23:	Gráfico das médias referente ao efeito de interação das variáveis Género, Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica de personalidade 'Desequilibrada'	121
Figura 24:	Gráfico das médias referente ao efeito de interação das variáveis Género, Figura Parental, Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica de personalidade 'Desequilibrada'	122
Figura 25:	Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Tipo de Mau Trato relativamente à característica comportamental 'Que deixa o filho sozinho muito tempo'	124
Figura 26:	Gráfico das médias referente ao efeito de interação das variáveis Género, Figura Parental, Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica comportamental 'Que deixa o filho sozinho muito tempo'	124
Figura 27:	Gráfico das médias referente ao efeito de interação das variáveis Figura Parental e Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica de personalidade 'Desleixada'	126
Figura 28:	Gráfico das médias referente ao efeito de interação das variáveis Género, Figura Parental e Tipo de Mau Trato relativamente à característica de personalidade 'Desleixada'	126
Figura 29:	Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Figura Parental relativamente à característica de personalidade 'Chantagista' ..	128
Figura 30:	Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Tipo de Mau Trato relativamente à característica de personalidade 'Chantagista'	128
Figura 31:	Gráfico das médias referente ao efeito de interação das variáveis Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica de personalidade 'Chantagista'	129
Figura 32:	Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Formato relativamente à característica comportamental 'Que não respeita o filho' ..	130
Figura 33:	Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Tipo de Mau Trato relativamente à característica de personalidade 'Carinhosa'	131
Figura 34:	Gráfico das médias referente ao efeito de interação das variáveis Género, Figura Parental e Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica de personalidade 'Meiga'	132
Figura 35:	Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Tipo de Mau Trato relativamente à característica de personalidade 'Boa'	133
Figura 36:	Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Género relativamente à característica de personalidade 'Boa'	133

Figura 37:	<i>Gráfico das médias referente ao efeito de interação das variáveis Género, Figura Parental e Tipo de Mau Trato relativamente à característica de personalidade ‘Boa’</i>	134
Figura 38:	<i>Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Figura Parental relativamente à característica de personalidade ‘Simpática’</i> ...	135
Figura 39:	<i>Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Género relativamente à característica comportamental ‘Que apoia o filho’</i>	136
Figura 40:	<i>Gráfico das médias referente ao efeito de interação das variáveis Género e Tipo de Mau Trato relativamente à característica comportamental ‘Que apoia o filho’</i>	136
Figura 41:	<i>Gráfico das médias referente ao efeito de interação das variáveis Género, Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica comportamental ‘Que apoia o filho’</i>	137
Figura 42:	<i>Gráfico das médias referente ao efeito de interação das variáveis Género, Figura Parental e Tipo de Mau Trato relativamente à característica comportamental ‘Que apoia o filho’</i>	138
Figura 43:	<i>Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Género relativamente à característica de personalidade ‘Inteligente’</i>	139
Figura 44:	<i>Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica de personalidade ‘Inteligente’</i>	139
Figura 45:	<i>Gráfico das médias referente ao efeito de interação das variáveis Género e Tipo de Mau Trato relativamente à característica comportamental ‘Que conversa com o filho’</i>	140
Figura 46:	<i>Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Figura Parental relativamente à característica de personalidade ‘Culta’</i>	141
Figura 47:	<i>Gráfico das médias referente ao efeito de interação das variáveis Figura Parental, Tipo de Mau Trato e o Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica de personalidade ‘Culta’</i>	141
Figura 48:	<i>Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Figura Parental relativamente à característica de personalidade ‘Alegre’</i>	142

INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

Ao longo do processo de desenvolvimento de uma criança, um pai ou uma mãe que bate no seu filho para o educar ensina-lhe sempre duas coisas: que a agressão é um modelo educativo e que uma pessoa que gosta de outra tem o direito de lhe bater (de a agredir fisicamente) em nome da educação. Neste sentido, a agressão é para o seu bem: “quem bem ama, bem castiga”!...

Centramos o nosso estudo no âmbito das teorias da vinculação, dado que estas nos permitem perceber melhor os aspectos formativos e funcionais das relações humanas e são aplicáveis às investigações sobre os maus tratos. Apesar do sistema de comportamentos vinculativos ser complexo, os teóricos sugerem que as experiências de maus tratos podem afectar ‘os modelos de funcionamento interno’ das crianças e consequentemente afectar as relações da criança com os outros. Assim, interessava-nos perceber como se estabelecem as primeiras relações e que características têm essas relações quando as mesmas são estabelecidas com o pai ou com a mãe.

Sabendo que ainda prevalece a ideia de que a educação se deve dar com umas tarefas, este estudo tem por objectivo perceber como é que as crianças que são vítimas de maus tratos percebem as figuras parentais envolvidas nesses mesmos maus tratos. O nosso interesse é, não só, avaliar essas percepções em termos de qual a figura parental que mal trata (se o pai ou a mãe) e em que medida é que isso condiciona a resposta dos sujeitos inquiridos (o pai que é percebido como a figura da autoridade, enquanto que a mãe é a figura protectora), mas também em função da intenção que possa estar subjacente à aplicação desses maus tratos. Como já foi dito, ainda hoje é mais ou menos aceite que a educação de uma criança pode passar pelo bater. Levamos ainda em consideração o tipo de mau trato (físico versus psicológico) na medida em que poderiam haver variações na percepção das figuras parentais em função dessa característica do ‘acto de educar’: o castigo físico e aquele que não deixa marcas visíveis.

Em função destes objectivos organizamos este trabalho em seis capítulos. Os dois primeiros incluem a revisão de literatura que nos pareceu pertinente para podermos contextualizar a problemática da investigação. Neste sentido, o primeiro diz respeito à percepção das figuras parentais enfatizando os comportamentos vinculativos e os diferentes tipos de interacções e o segundo remete-nos para as situações de maus

tratos, salientando os défices na actividade parental, bem como os tipos de violência que podem ser exercidos sobre as crianças.

O terceiro capítulo procura fazer a transição da revisão de literatura para a componente mais empírica do trabalho. Neste capítulo é feita a definição do problema e das hipóteses enquadradas na revisão de literatura realizada. São também apresentadas e definidas operacionalmente as variáveis contempladas neste estudo.

Há ainda a considerar o quarto capítulo, em que é descrito todo o método, salientando quem foram os participantes, qual o delineamento da investigação, qual o instrumento de pesquisa e o procedimento adoptado.

A componente mais empírica do trabalho é composta por mais dois capítulos, sendo um deles dedicado à apresentação e análise dos resultados obtidos, e outro à discussão desses mesmos resultados.

Desta forma, procuramos dar resposta às questões que se nos colocaram e que estiveram na origem desta investigação. Esperamos também ter encontrado algumas respostas.

PERCEPÇÃO DAS FIGURAS PARENTAIS

2. PERCEPÇÃO DAS FIGURAS PARENTAIS

2.1. Características e Desenvolvimento de Comportamentos Vinculativos

As relações que cada indivíduo vai estabelecendo com aqueles que mais de perto o rodeiam são uma das partes, senão a parte mais importante, da sua vida. De facto, na perspectiva da socialização, o desenvolvimento social de qualquer ser humano passa, não só pelo estabelecimento, como também pelo desenvolvimento de relações interpessoais. Essas relações, que se vão estabelecendo ao longo da vida, sendo significativas, podem ser consideradas como factores de protecção, na medida em que podem promover sentimentos de segurança e de auto-estima e, desta forma, concorrerem para o bem-estar geral do indivíduo ou, pelo contrário, ser consideradas como factores de risco, uma vez que podem gerar condições de existência adversas e implicar um considerável sofrimento para os indivíduos (Canavarro, 1999).

No domínio da socialização, a mãe tem assumido um papel de destaque (Ainsworth, 1989; Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978; Bowlby, 1982, 1989), dado que a primeira relação que a criança estabelece é sempre, ou quase sempre, com a mãe. Até há pouco tempo atrás, as investigações realizadas nesta área centravam-se, essencialmente, na relação mãe-criança. Esta relação, pelas suas características particulares, constituiu-se num modelo e tomou a designação de vinculação que traduz um elo emocionalmente significativo, de longa duração, com alguém que aceita e retribui os sentimentos da criança criando-se uma ligação extremamente forte, carregada de emoções para ambas as partes (Bowlby, 1982). Assim sendo, pode dizer-se que a procura da proximidade é a alma da vinculação. Esta é uma das manifestações mais óbvias nas crianças e, apesar do sistema vincutivo se ir tornando numa rede mais complexa de sentimentos, emoções, atitudes e crenças, deve a sua evolução e desenvolvimento, simplesmente, à necessidade de estar perto do progenitor.

Neste sentido, o comportamento vincutivo tem, entre outros, um significado biológico, na medida em que o que move os indivíduos indefesos e imaturos é a sua necessidade de cuidados, de protecção e segurança, que poderão ser assegurados pelos progenitores (Bowlby, 1973). Como refere Schaffer (1996), o objecto da vinculação funciona como ponto de referência a partir do qual a criança se pode aventurar e explorar o ambiente, voltando atrás sempre que se deparar com a incerteza e o perigo.

O estudo mais importante acerca da constituição dos comportamentos vinculativos foi realizado por John Bowlby (1958, 1973, 1982). Como já foi referido, a relação de vinculação é definida como um forte laço afectivo, que se estabelece por volta dos 7-8 meses de vida (Bowlby, 1982), e que liga a criança a uma ou mais figuras percebidas como estáveis e únicas na sua vida, ao longo do tempo e dos diferentes contextos que ela atravessa. Na sua teoria, este autor dá grande ênfase às origens evolucionárias e aos objectivos biológicos do comportamento. Assim, segundo ele, a criança está biologicamente inclinada para desenvolver vinculações com os indivíduos que cuidam dela. A função biológica da vinculação prende-se com a protecção da cria e a função psicológica com a possibilidade de proporcionar segurança. De acordo com esta ideia, as crianças encontram-se como que geneticamente programadas para manter a proximidade da mãe e atrair a sua atenção quando precisam de ajuda e, por outro lado, a mãe está como que programada para corresponder aos sinais da criança.

A ideia central defendida por este autor é a de que a evolução resolveu o problema da necessidade de protecção e suporte, imprescindível à sobrevivência do ser humano, equipando a criança com um sistema de comportamentos que asseguram a proximidade com o adulto (Bowlby, 1973). Desta forma, a criança utiliza a figura de vinculação como um porto seguro, que lhe permite explorar o ambiente em alturas tranquilas e que, ao mesmo tempo, funciona como refúgio de segurança, em alturas conturbadas. O sistema que regula a relação vinculativa é definido como um sistema de controlo comportamental que funciona com o objectivo de manter o equilíbrio entre os comportamentos de vinculação e de exploração do meio (Bowlby, 1973).

No decurso dos dois primeiros anos de vida de uma criança, as vinculações passam por grandes transformações. Estas vão-se desenvolvendo à medida que o comportamento da criança se torna cada vez mais organizado, flexível e intencional.

Inicialmente as crianças exibem uma série de reacções como chorar, sorrir, balbuciar (comportamento gestual), agarrar, seguir, alcançar (comportamento de aproximação) que são vistas como comportamentos de carácter indiscriminado. Servem para promover a proximidade ao progenitor e, desta forma, garantir uma maior probabilidade de obter o conforto e a segurança de que a criança precisa. Só com o tempo as crianças aprendem a distinguir, de entre as pessoas que as rodeiam, aquelas que cuidam e tomam regularmente conta delas, sendo essas as que suscitam, mais rapidamente, reacções vinculativas.

Assim, de início e baseando-se no reconhecimento perceptual, a criança não manifesta preferências perante aqueles que a rodeiam e aceita o carinho e o afecto de qualquer pessoa. Só por volta do terceiro trimestre do primeiro ano de vida é que surgem indicações inequívocas de vinculações completamente desenvolvidas. Nesta altura, as diversas reacções vinculativas centram-se em indivíduos específicos e, por outro lado, os estranhos são recebidos com hesitação ou até medo. É por volta desta idade que surge o medo da separação, isto é, a criança protesta perante a ausência da pessoa a quem se vinculou, mostrando assim que se formou com a mesma um laço duradouro. Pode dizer-se que, a partir desta altura, os indivíduos que tomam conta da criança e asseguram o seu bem-estar já não são interpermutáveis, uma vez que ela já é capaz de estabelecer relacionamentos interpessoais e as suas reacções vinculativas passam a estar organizadas em sistemas vinculativos dirigidos a indivíduos específicos.

Uma vez estabelecidos, os relacionamentos vinculativos passam por transformações que ocorrem em simultâneo com o desenvolvimento cognitivo da criança. Ela torna-se cada vez mais sofisticada na sua capacidade de se comportar intencionalmente, de planear as suas acções para atingir certos objectivos e de ter em conta os sentimentos e os objectivos das outras pessoas. Se um tipo de reacção vinculativa não resultar, a criança tem a capacidade de a substituir por outra. A criança reage de forma a atingir um objectivo previamente estabelecido e é capaz de avaliar se esse objectivo foi ou não atingido. Baseando-se na informação recebida faz uma nova tentativa, se o seu objectivo inicial não foi atingido.

A vinculação passa, assim, de uma simples reacção perante qualquer adulto para um sistema complexo, com um objectivo fixo e direccionado para indivíduos específicos e diferenciados.

Há ainda a considerar aquilo que Bowlby (1973) designou por 'modelos de funcionamento interiores'. A partir do segundo ano de vida, à medida que as crianças se vão tornando capazes de representar o mundo por si próprias fazendo uso de formas simbólicas, elas elaboram modelos representacionais de pessoas importantes e dos relacionamentos que têm com elas. Em grande parte, estes modelos servem para orientar as acções das crianças, dando-lhes a possibilidade de antecipar o comportamento dos outros e, desta forma, planear uma reacção adequada. Os 'modelos de funcionamento interiores' baseiam-se na experiência obtida pelas crianças no seu relacionamento com as figuras de vinculação e reflectem a qualidade dos relacionamentos que têm com essas figuras. Uma mãe carinhosa e compreensiva suscitará na criança um 'modelo de funcionamento

interior' que representa a mãe como a fonte de segurança e de apoio. Como resultado, a criança espera que a mãe esteja previsivelmente disponível sempre que ela precise e, desta forma, desenvolve emoções positivas em relação à mãe. É de esperar que estas expectativas sejam transferidas para outras pessoas e, assim, estes modelos podem servir como suporte para novas interações. No entanto, se a experiência repetidamente não confirmar as expectativas da criança, o modelo terá de ser adaptado e reformado.

Estes 'modelos de funcionamento interiores' são importantíssimos, principalmente aqueles que envolvem os relacionamentos interpessoais da criança, uma vez que o modelo que a criança possui de si própria é construído a partir destes relacionamentos. Uma mãe que rejeita e é punitiva fará a criança sentir-se falhada e inútil. Se o 'eu' da criança não é aceitável aos olhos da figura vinculativa, a experiência terá um impacto negativo no modo como a criança constrói a sua própria imagem. Quer isto dizer que os modelos de funcionamento da própria criança e da figura de vinculação se desenvolvem de maneira complementar e o relacionamento vinculativo tem, conseqüentemente, implicações psicológicas que estão muito para além do próprio relacionamento.

O critério mais óbvio para determinar se uma criança estabeleceu ou não uma vinculação a um determinado indivíduo, é verificar o que acontece quando a mesma é separada desse indivíduo e entregue aos cuidados de outro (Ainsworth et al., 1978). No início da construção do vínculo, a criança tem pouca tolerância à separação. Verifica frequentemente o paradeiro da mãe e a impossibilidade de obter a proximidade da mesma pode provocar uma situação angustiante. Utilizando o critério da 'angústia da separação', não há indícios de que a criança sinta a falta de alguém que se ausentou, até por volta dos sete, oito meses. No entanto, a partir do terceiro trimestre do primeiro ano de vida, esta angústia é evidente. A criança não se limita a reagir à mãe quando ela se encontra fisicamente presente, mas procura-a activamente quando ela não está, protestando pela sua ausência. Por volta deste período surge, também, o medo dos estranhos. Isto significa que os indivíduos desconhecidos já não são tolerados indiscriminadamente, mas antes com algum receio, chegando mesmo a ser evitados (Ainsworth et al., 1978). Só a partir dos sete, oito meses é que se torna evidente, no comportamento das crianças, a procura da proximidade de determinados indivíduos e se revelam o medo e o afastamento de outros.

Esta capacidade que a criança tem de construir relacionamentos vinculativos requerer certos pré-requisitos cognitivos. Em primeiro lugar, a criança tem que ter desenvolvido uma memória de reconhecimento que lhe dá a possibilidade de diferenciar

perceptualmente a figura vinculativa das outras pessoas e, em segundo lugar, tem que ter adquirido a noção de 'permanência do objecto', que dá a possibilidade de desenvolver relacionamentos que perduram pelo tempo. Esta memória de reconhecimento envolve a capacidade de comparar informações perceptuais com uma imagem já retida e, portanto, trata-se de uma aptidão cognitiva sofisticada que parece começar muito cedo. No entanto, reconhecer a mãe não implica que tenha sido estabelecido um 'verdadeiro' relacionamento com ela, pois para que tal aconteça, são necessários outros requisitos.

Como foi referido, a 'permanência do objecto' é um desses requisitos. Trata-se da capacidade de ter consciência de um objecto, mesmo na sua ausência. Como foi largamente demonstrado por Piaget, inicialmente as crianças adoptam um comportamento baseado no conceito 'longe da vista, longe do pensamento'. É também nesta altura que se manifesta a 'angústia da separação' (comportamento que indica a capacidade que a criança tem de sentir a falta de uma pessoa ausente). O reconhecimento de que os outros continuam a existir mesmo quando não estão presentes é essencial para estabelecer relacionamentos duradouros com esses mesmos indivíduos. A criança necessita de poder contar permanentemente com o outro, sem medo que ele ou ela desapareçam de repente da sua vida.

O medo de estranhos também depende do desenvolvimento cognitivo da criança. A partir dos sete, oito meses de idade a tendência das crianças é para não reagirem positivamente a qualquer estranho. Face a um estranho, a reacção inicial é mais de desconfiança do que de medo. A criança cessa a actividade que estava a realizar e observa atentamente o outro. Pode presumir-se, a partir deste comportamento, que há um processo de avaliação cognitiva em que a criança, ou se descontrai e aproxima do estranho, ou pelo contrário, manifesta medo e se retrai. A capacidade de não se aproximar imediatamente de estranhos é, assim, outro aspecto que caracteriza o desenvolvimento social precoce da criança.

Ainda uma outra questão que se coloca relativamente ao comportamento vinculativo, é a de saber a quem é que a criança se vincula. Inicialmente, e segundo Bowlby (1979), há uma tendência inata para elas estabelecerem uma vinculação a um único indivíduo, que normalmente é a mãe, que nos remete para a ideia de monotropismo. Não existe, no entanto, qualquer prova empírica de que assim seja. Pode supor-se que, assim que as crianças conseguem estabelecer um vínculo a alguém, é porque podem e conseguem dirigir esse comportamento a vários indivíduos. Nos estudos realizados por Schaffer e Emerson, em 1964, foi possível verificar que aos dezoito meses a maior parte das

crianças que testaram apresentavam comportamento vinculativos dirigidos a várias pessoas. Apesar de se verificar que a vinculação mais forte é feita com a mãe, isto não é um facto inevitável. Também se verificou uma vinculação muito forte ao pai, mesmo nas circunstâncias em que o mesmo só está disponível apenas uma parte do dia.

Ainda, segundo Schaffer (1996), os factores que determinam a escolha de um (ou vários) objecto de vinculação não são fáceis de determinar, sendo mais fácil enumerar aqueles que podem não determinar comportamentos vinculativos.

A verdade é que, em contexto familiar, a criança pode interagir de modo contínuo e estável com outras figuras significativas, tais como o pai, os irmãos ou mesmo os avós (Thompson, 1998). Apesar dos enormes progressos realizados na compreensão da relação mãe-criança há ainda um longo caminho a percorrer no estudo dos comportamentos vinculativos no seio das relações familiares, particularmente no período em que a configuração tradicional da família tem sofrido profundas transformações que têm conduzido a uma redefinição dos papéis parentais (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2001). O estudo do modelo familiar mais abrangente do que o modelo mãe-criança pode permitir uma compreensão mais diferenciada e integrada dos antecedentes e das consequências dos diferentes tipos de vinculação (Cowan, 1997).

Assim, uma criança pode vincular-se a outros indivíduos que não os pais biológicos (como sejam os pais adoptivos, o pessoal dos infantários), a principal figura de vinculação não tem de ser obrigatoriamente uma mulher (o sexo do indivíduo é irrelevante), a satisfação das necessidades físicas da criança pode não ter qualquer relevância na escolha das vinculações (indivíduos que nunca participaram nas rotinas de cuidados físicos das crianças podem suscitar fortes vinculações) e, embora pareça ser necessário uma quantidade mínima de interações, estudos feitos com mulheres empregadas, revelam que a mãe pode estar longe do filho durante várias horas por dia e permanecer uma fonte de segurança e conforto.

Com o passar do tempo verifica-se uma gradual diminuição da necessidade de proximidade relativamente às figuras de vinculação por parte da criança. Começam a afastar-se mais para brincar, explorar o mundo que as rodeia e podem manter-se fora do alcance da vista durante períodos que vão sendo progressivamente mais longos. As crianças começam a revelar, também, uma maior tolerância durante as separações. A mãe continuará a ser um porto de abrigo, mas já não o porto de abrigo onde a criança quer estar ancorada a maior parte do tempo. A curiosidade em relação ao mundo torna-

se tremendamente forte e só quando aparecer algo que assusta a criança é que ela volta para a mãe, para se certificar da sua presença.

O motivo principal pelo qual as crianças se tornam capazes de se distanciarem cada vez mais das mães (ou de outra figura de vinculação) tem a ver, em termos cognitivos, com a capacidade que elas têm de formar representações mentais da mãe, tendo essas representações sempre presentes e com as quais se conseguem relacionar na sua ausência. Por exemplo, uma criança de dez anos que tenha de se separar da sua mãe não tem dificuldades em visualizar a mãe, no seu ambiente doméstico habitual, e pode tolerar a natureza temporária da separação, antecipando o reencontro efectivo. No entanto, uma criança de dois anos necessita de provas constantes do paradeiro da mãe. Poderá tolerar breves separações mas a representação mental da mãe não é suficientemente forte para resistir a grandes ausências e requer frequentes actualizações.

Como já foi dito, o estabelecimento de vinculações está intimamente ligado à constituição de 'modelos interiores de funcionamento', que são gradualmente construídos com base nas vivências específicas da criança com as figuras de vinculação. Eles representam os atributos pertinentes de cada indivíduo e o tipo de relacionamento que se desenvolveu com esse mesmo indivíduo. As suas características mais assinaláveis são: representações mentais que incluem componentes emocionais e cognitivas; uma vez constituídos existem no subconsciente; o seu desenvolvimento é moldado pelos resultados das experiências de procura de proximidade; existem diferenças na natureza dos modelos de funcionamento entre indivíduos cujas tentativas de procura de proximidade durante a infância tenham sido aceites com consistência e aqueles cuja procura de proximidade foi sempre bloqueada ou aceite sem consistência; após o primeiro ano de vida tendem a ser estáveis, mas não completamente resistentes à influência de futuros relacionamentos; e por último, o seu objectivo é fornecer ao indivíduo regras que permitem orientar tanto o comportamento como os sentimentos em relação a terceiros. Tornam possível antecipar e interpretar o comportamento dos outros e, assim, planear o próprio comportamento de reacção.

Muitas das investigações empíricas feitas sobre esta temática têm a ver com as diferenças entre as crianças, relativamente à segurança do seu relacionamento vincutivo inicial. A maior parte desses trabalhos foram realizados por M. Ainsworth e colaboradores a quem se deve a criação de um processo designado por 'situação estranha', que permite avaliar a segurança da vinculação.

Ainsworth (Ainsworth et al., 1978) concebeu a 'situação estranha' como um processo experimental em que se sujeita a criança a uma série de ligeiras situações de tensão, podendo assim ser realçados os seus sentimentos acerca do objecto de vinculação. O objectivo é verificar como é que a criança lida com a tensão e a utilização que faz da mãe quando ela está presente e, especialmente, no momento do reencontro após o episódio da separação.

Ainda segundo esta autora, as reacções da criança a estas situações podem ser classificadas em três tipos de vinculações: seguras, inseguras/evasivas e inseguras/resistentes. Assim, uma criança com uma vinculação segura brinca feliz perto da mãe, não tem de certificar-se constantemente da sua presença e pode utilizá-la como ponto de partida para explorar o que a rodeia. Pode revelar um interesse positivo por estranhos. A criança insegura/evasiva é relativamente indiferente ao paradeiro da mãe, ignora-a quando se reúne com ela após uma separação, resiste activamente às tentativas de ser reconfortada e em aceitar cuidados tanto da mãe como de um estranho. A criança insegura/resistente tem muito mais dificuldades numa situação estranha, agarrando-se à mãe sem procurar explorar livremente o que a cerca. A separação provoca uma maior perturbação e no momento do reencontro com a mãe dá-se uma mistura de sentimentos que se traduzem na procura de contacto e de resistência ao contacto com a mãe.

Estes três tipos de vinculação podem representar as diferenças fundamentais no modo como os primeiros relacionamentos sociais se estabeleceram. O grau de segurança do primeiro relacionamento é considerado o elemento mais importante na criação dos 'modelos interiores de funcionamento' dos relacionamentos em geral. Eles ajudarão a moldar todos os laços interpessoais estabelecidos pelo indivíduo nos anos seguintes.

Há ainda a considerar outros estudos em que foram comparadas as vinculações à mãe e ao pai, como os estudos de Fox, Kimmerly e Shafer (1991). Na maior parte dos casos, constatou-se que uma criança tem vinculações semelhantes com ambos os pais, podendo isto dever-se ao facto de existir alguma semelhança entre os pais, no seu modo de interagir com a criança.

Apesar de todas as considerações feitas e de todos os estudos realizados até agora, não se pode considerar que haja algum tipo de determinismo na relação existente entre o tipo de vinculação estabelecido durante a infância e as consequências do mesmo no futuro.

Uma vinculação segura no início da vida não garante a invulnerabilidade mais tarde, nem uma vinculação insegura significa que a criança esteja para sempre condenada.

Além disso, sob a influência do paradigma da 'situação estranha', a maior parte das investigações realizadas sobre as vinculações confinavam-se, quase exclusivamente, aos dois primeiros anos de vida. No entanto, era crença de Bowlby (1989, 2002), que os relacionamentos de vinculação não tinham unicamente a ver com um período de desenvolvimento na infância, mas tratavam-se de aspectos que envolviam toda a vida dos sujeitos. As vinculações continuam durante a vida adulta, apesar de se alterarem as circunstâncias que despertam o comportamento vincutivo, bem como a maneira como as mesmas são expressas. Para Bowlby (1989, 2002) existe uma coerência na organização das vinculações que é determinada pelas experiências anteriores preservadas ao longo do tempo.

Como já foi referido, as primeiras vinculações resultam na constituição de 'modelos interiores de funcionamento', que incluem a perspectiva da criança relativamente a esses relacionamentos e que determinam a natureza dos laços sociais constituídos nos anos futuros. Apesar destes modelos serem afectados por acontecimentos posteriores, Bowlby (1989, 2002) considerou que, em circunstâncias normais, os mesmos se tornam estáveis e resistentes às alterações. Se assim fosse, existiria uma forte possibilidade de que os cuidados maternos que a mãe recebera e o tipo de vinculação que constituíra durante a sua infância, influenciasse, por sua vez, a constituição das vinculações da sua criança. Portanto, coloca-se a questão: Será que se cuida dos filhos do mesmo modo como se foi cuidado pelos próprios pais? O problema da continuidade entre gerações é intrigante, mas é também, metodologicamente, um dos mais difíceis de investigar. No entanto, poder-se-á argumentar que não são tanto os factos objectivos da progenitura, mas mais a maneira como cada indivíduo interpreta esses factos, que determinará o comportamento dessa pessoa como progenitor.

As crianças são processadores activos das experiências que enfrentam. O seu próprio comportamento não é uma mera reacção automática a estímulos ambientais, mas antes o resultado de tentativas para interpretar o que lhe está a acontecer. Em qualquer situação social, as crianças controlam, reflectem sobre a informação apresentada e avaliam-na. Assim, o modo como reagem depende muito de uma tal avaliação.

Na compreensão das suas experiências em situações interpessoais, as crianças são ajudadas pela formação de 'conceitos sociais'. Estes são instrumentos que lhes dão a

capacidade de interpretar as suas experiências no contacto com os outros indivíduos. Com este fim devem, sobretudo, formar conceitos de si próprias, dos indivíduos com quem interagem e das relações interpessoais que daí emergem. Este processo tem a ver com os 'modelos interiores de funcionamento' de Bowlby (1973) que a criança constrói de si própria e dos outros indivíduos significativos. Estes modelos são o resultado das experiências vinculasivas da criança e regulam cada vez mais o comportamento interpessoal.

Como já foi referido, a construção destas representações mentais inicia-se muito cedo e as suas manifestações começam a ser visíveis a partir do segundo ano de vida. No entanto, a construção do conceito de 'eu' e de conceitos relativos a outros indivíduos é um processo desenvolvimental de longa elaboração, que se prolonga através de uma grande parte da infância e que a qualquer momento está dependente, tanto do nível cognitivo, como da experiência social no passado e, à medida que a criança cresce, atinge níveis cada vez mais complexos.

Referir o outro, ou os outros, remete-nos inevitavelmente para o conceito de 'eu'. Assim, antes de passarmos aos conceitos relativos à forma como as crianças percebem os outros indivíduos, convém dedicar um pouco de atenção ao conceito de 'eu'. Este conceito é o mais básico de todos os conceitos sociais e permite ao indivíduo ter a capacidade de adoptar uma determinada posição a partir da qual formula a sua visão do mundo. É uma fonte de referência que medeia a experiência social e que organiza o comportamento do próprio em relação aos outros. Tem um papel fundamental na medida em que determina o modo como cada um interpreta a realidade e que experiências procura, de forma a corresponder à representação que tem de si próprio.

2.2. O Eu, os Outros e o Relacionamento Eu-outro

De modo geral, pressupõe-se que as crianças não possuam um sentido do 'eu', nos primeiros meses de vida. Aparentemente, um tal sentido só pode ser construído principalmente através da experiência com os outros indivíduos. Embora não se possa dizer com certeza que a interacção com outros é, na verdade, o factor crucial para a criação do 'eu', essa parece ser uma hipótese bastante plausível.

Uma grande parte da atenção dos autores que se dedicam ao estudo destas questões tem estado virada para o emergir da capacidade de auto-reconhecimento visual. Com

este objectivo, se se aplicar sub-repticiamente uma marca vermelha na ponta do nariz de uma criança e a mesma for colocada em frente a um espelho, pode dizer-se que ela é capaz de reconhecer que a imagem no espelho é a sua, quando a criança aponta para a marca no seu próprio nariz e não a do nariz no espelho. Pode-se, neste caso, considerar-se que a criança possui um sentido de auto-percepção.

Mas a forma como as crianças se conseguem reconhecer não está só ligada a este aspecto. É claro que, o reconhecimento visual não é o único indício de auto-percepção, embora tenha a vantagem de ser um aspecto que pode ser estudado desde muito cedo. Outro tipo de provas deriva do discurso das crianças. A partir do segundo ano de vida, as crianças utilizam termos relativos ao 'eu', tais como 'eu' e 'mim' e são capazes de compreender e dizer os seus próprios nomes. As crianças também são capazes de, rapidamente se referirem a si próprias pelo seu nome e utilizá-lo em alternativa a 'eu'. Aparentemente, no momento em que surgem estes desenvolvimentos linguísticos, a criança já tem um sentido de auto-identidade bem desenvolvido, sendo capaz de utilizar imediatamente estes dispositivos verbais de um modo adequado, ao serviço do eu.

Uma outra fonte de informação respeitante a estas primeiras manifestações do eu é saber até que ponto as crianças agem diferentemente em função de o eu estar ou não envolvido. Por exemplo, quando uma criança é elogiada por um êxito, ou criticada por um fracasso, é possível distinguir sinais de uma reacção emocional como o orgulho ou a vergonha. Tais aspectos emocionais podem ser utilizados para catalogar o desenvolvimento da autopercepção da criança em relação ao seu próprio comportamento. O mesmo se aplica às recusas de ajuda e à deliberada não-complacência das solicitações de um adulto, que podem ser interpretadas como sinais de auto-afirmação e são, como tal, um meio para avaliar a existência de um auto-sistema activo.

As experiências sociais de uma criança tendem a moldar o curso do desenvolvimento inicial do 'eu', embora o modo como isso se efectua e que ligação existe entre as experiências vivenciadas pelas crianças e as diferenças individuais existentes nestas primeiras manifestações da auto-estima permaneçam, ainda, um território que se deverá continuar a explorar.

Para um funcionamento adequado em sociedade é essencial desenvolvermos modos de interpretar o comportamento dos outros. Se é suposto que o nosso comportamento tenha algum efeito é necessário entendermos os indivíduos a quem é dirigido e sermos

capazes de antecipar o modo como eles podem reagir. Precisamos e necessitamos de pensar os relacionamentos entre os indivíduos e as regras que governam esses relacionamentos. O modo como isto é feito é do domínio da cognição social (o estudo do modo como nos percebemos, representamos mentalmente e fazemos deduções acerca dos outros).

O sentido do eu ou o sentido do outro são dois conceitos fundamentais para se perceber melhor este domínio. J. M. Baldwin (1987) argumentou com grande convicção que os conceitos do eu e do outro despontam simultaneamente das interações sociais, que ambos se desenvolvem do mesmo modo e que ambos partilham os mesmos aspectos. Este é também o ponto de vista adoptado pelos psicanalistas, defendendo que os dois conceitos, ausentes nos estádios iniciais da infância, surgem subseqüentemente como desenvolvimentos paralelos e de um modo isomórfico, a partir da interação diferenciada entre a mãe e a criança.

A diferenciação cognitiva do eu e do outro pode surgir relativamente cedo (por volta do segundo ano de vida) e por outro lado a diferenciação emocional só tem lugar alguns anos mais tarde. Há estudos que mostram que crianças pequenas (3, 4 anos) atribuem automaticamente aos pais a mesma emoção que elas próprias sentem (se estão contentes, o progenitor também está). Somente as crianças mais velhas conseguem perceber que diferentes indivíduos podem sentir diferentes emoções ao mesmo tempo. No entanto o que parece ser primário não é o auto-conceito nem o conceito do outro, mas o conceito de relacionamento entre criança e adulto. Este aspecto foi claramente desenvolvido pelos teóricos da vinculação como Bretherton (1992) e Main, Kaplan e Cassidy (1985). Segundo os mesmos não é uma questão de estruturar primeiramente as noções do eu e do outro e só então extrair algum tipo de relacionamento entre os dois, mas em vez disso o processo funciona ao contrário, na medida em que o eu e o outro são vividos no contexto de relacionamentos baseados em eventos e são estruturados a partir dessas experiências diádicas. A percepção inicial das crianças é de relacionamentos indiferenciados; são estes que dão origem aos primeiros modelos interiores de funcionamento; só a partir de então, os modelos do eu e a figura vinculativa passam a estar estruturados como entidades separadas. Mesmo neste caso, nenhum deles pode ser entendido sem referências recíprocas, uma vez que representam aspectos opostos do mesmo relacionamento. A criança rejeitada, ao reproduzir o modelo de funcionamento parental rejeitador está a reproduzir também um dos progenitores como desprezível. A criança aceite, por um lado, reproduz modelos de funcionamento tanto do eu como do outro em tonalidades positivas. Embora tudo isto possa ser

considerado especulativo, existe algum apoio indirecto para demonstrar que a qualidade dos primeiros relacionamentos das crianças com os outros reflecte-se na natureza e no crescimento do seu auto-conceito. Quer o sentido do eu quer o sentido do outro reflectem a qualidade do relacionamento entre a criança e o adulto e, embora estas revelações não abordem o tema da primazia do desenvolvimento, indicam explicitamente como os conceitos do eu, do outro e dos relacionamentos eu-outro estão tão intimamente entrelaçados.

A diferenciação do eu e do outro é um longo e lento processo que ocupa uma grande parte da infância. Selman (1980) apresentou um modelo que explica o modo como as crianças se tornam capazes de coordenar os seus próprios pontos de vista com os dos outros indivíduos e de desenvolver as aptidões adequadas para a representação dos papéis. A compreensão social das crianças evolui através de uma série de estádios de compreensão eu-outro. São eles:

- Egocêntrico (3-6 meses): Ausência de percepção de que os outros podem interpretar a mesma situação de um modo diferente.
- Reconhecimento de diferentes perspectivas (5-9 meses), mas sem capacidade de as relacionar umas com as outras.
- Capacidade de reflectir sobre o ponto de vista de outro indivíduo (7-12 meses), mas ainda sem considerar a perspectiva própria e a do outro simultaneamente.
- Capacidade de considerar simultaneamente diferentes perspectivas (10-15 meses). O próprio ponto de vista pode ser reflectido a partir do de outro indivíduo.
- Capacidade de comparar pontos de vista específicos com o dominante na sociedade em geral (12 – adulto), isto é, com uma abstracção ('o outro generalizado').

Para este autor as crianças progridem gradualmente de um estádio egocêntrico (em que são incapazes de saltar da própria pele ou mesmo de ver a necessidade de considerar a perspectiva de outro indivíduo) para um outro estádio em que, no mínimo, são capazes de ter em conta que os outros também têm pontos de vista, que podem ser diferentes dos seus. Estes estádios, segundo Selman (1980), formam uma sequência invariante; as crianças progridem através de todos eles pela ordem determinada. Cada estádio representa um modo qualitativamente diferente de olhar o mundo social. Em cada um deles as crianças são dotadas de uma determinada estratégia de se pensarem em relação aos outros e de pensarem os outros.

Retomando as ideias expressas anteriormente, a criança elabora um conjunto de expectativas acerca do próprio, dos outros e do mundo em geral, que correspondem à interiorização de características das suas interações com os pais, que Bowlby (1973) designou por 'working models' descrevendo-os como "representações mentais, conscientes ou inconscientes, do mundo e de si próprio que ajudam o indivíduo a perceber os acontecimentos e a antever e a arquitectar planos para o futuro" (p. 203). Estes modelos constituem-se em importantes grelhas de leitura na interpretação e na previsão de comportamentos, influenciando os padrões de interação nas relações de proximidade emocional. Para além disso, são sistemas afectivamente carregados que regulam o sistema comportamental da vinculação, tendem a resistir à mudança e a influenciar o comportamento na vida adulta, embora sejam sensíveis a transformações, resultantes de alterações nas interações do indivíduo com o meio.

Teoricamente os 'modelos interiores de funcionamento' ou 'modelos internos dinâmicos' (como também são designados) desenvolvidos na infância continuam a ser importantes, mesmo quando o adolescente estabelece novas relações. Soares (1996) relata que esta continuidade pode ocorrer pela assimilação das novas relações às expectativas que são consistentes com o modo como o indivíduo representa as suas relações. No entanto, mudanças desenvolvimentais podem implicar transformações ao nível dos 'modelos internos dinâmicos'. Com efeito, se por um lado, a segurança pode facilitar as necessárias acomodações a introduzir nos 'modelos internos dinâmicos' e ser, portanto, compatível com a sua revisão, o estabelecimento de novas relações, quer durante a adolescência, quer durante a idade adulta, pode, por outro lado, constituir uma ocasião significativa para reavaliar vinculações precoces, nomeadamente quando estabelecidas de modo inseguro.

A presença de uma vinculação segura parece beneficiar a adaptação, nomeadamente em situações de risco. A questão consiste em saber, até que ponto e sob que circunstâncias, estas situações podem possibilitar uma adequada revisão das relações com os pais durante a infância, no sentido de as mesmas serem representadas de uma forma mais coerente e organizada e logo, mais segura.

A teoria da vinculação assume também que, na idade adulta, as ligações afectivas de um indivíduo adaptado do ponto de vista psicossocial têm características próprias, como a flexibilidade e a alternância no exercício dos papéis de figura cuidadora e figura cuidada, consoante as exigências do meio. Com efeito, o adulto seguro constitui-se como base segura para o outro significativo, mas também é capaz de, quando as circunstâncias

internas e externas o exigem, recorrer ao outro para obtenção de segurança emocional e de apoio. É assim que as diferenças nas relações de vinculação durante a idade adulta e as relações de vinculação durante a infância têm igualmente sido analisadas por diversos autores (e.g., Hinde & Stevenson-Hinde, 1986; Weiss, 1982, 1991).

Diversas tipologias foram propostas para a classificação da vinculação no adulto. Não obstante, a classificação geral da vinculação em segura versus insegura está sempre presente e, na conceptualização dos diferentes tipos de vinculação insegura, está também sempre presente que “as estratégias inseguras de vinculação são diferentes por atingirem os pólos extremos de uma mesma dimensão que são minimizar a expressão da vinculação (estilos evitantes) ou maximizar essa mesma expressão (estilos preocupados / emaranhados)” (Bifulco, Figueiredo, Guedeney, Gorman, Hayes, et al., 2004).

Um resumo das diferenças significativas entre os antecedentes relacionais dos adultos que apresentam diferentes padrões de vinculação na idade adulta é apresentado por Canavarro (1999): adultos classificados com vinculação segura, descrevem as suas figuras de vinculação na infância como tendo sido carinhosas, disponíveis, atentas e capazes de responder às suas necessidades; adultos classificados com vinculação insegura/ansiosa, referem-nas como carinhosas e protectoras, a maior parte do tempo, mas também como inacessíveis, intrusivas e inconscientes; adultos classificados com vinculação insegura/evitante, relembram-nas como menos protectoras e carinhosas, menos envolvidas e mais rejeitantes; por último, adultos classificados com vinculação insegura/desligada, recordam-nas como bons pais, mas não conseguem dar exemplos específicos que apoiem a generalização feita. A mesma autora, interessada em “conhecer os efeitos das relações afectivas estabelecidas durante a infância nas relações estabelecidas posteriormente...” (p. 288), encontrou que é sobretudo por via do suporte emocional prestado pelas figuras parentais na infância e na adolescência que as primeiras relações afectivas influenciam as relações afectivas subsequentes. No entanto, na discussão dos resultados do seu estudo empírico salienta-se que a rejeição e a sobreprotecção exercidas pelas figuras parentais não se associam significativamente às dimensões da vinculação no adulto consideradas, ao contrário do que é sugerido na literatura.

Hazan e Shaver (1987) defrontaram-se com resultados que apontam para a existência, na idade adulta, de padrões de vinculação semelhantes aos encontrados na criança, sugerindo, mas não comprovando, dinâmicas semelhantes subjacentes à vinculação na infância e na idade adulta. Os mesmos autores verificam que a percepção da qualidade

da relação estabelecida com os pais na infância se associa ao estilo de vinculação romântica na idade adulta: sujeitos que referem relações mais carinhosas com ambos os pais, percebendo-os como mais respeitadores e aceitantes, estabelecem relações seguras; sujeitos que tendem a descrever a sua mãe como rejeitante e fria, apresentam estilos evitantes de vinculação; enquanto que sujeitos que identificam experiências de injustiça nas práticas de cuidados dos seus pais, desenvolvem estilos ansiosos/ambivalentes de vinculação nas suas relações românticas na idade adulta.

Num estudo realizado por Rothbard e Shaver (1994) os autores mostram que a recordação da mãe durante a infância como não ansiosa, com sentido de humor e não egoísta, se associa à sua percepção na idade adulta como disponível, proporcionando suporte emocional e carinho, enquanto que a percepção da mãe durante a infância como nervosa, confusa, preocupada e depressiva conduz na idade adulta, ao desconforto e alienação na sua presença. Esta investigação, à semelhança de outras e de acordo com as previsões teóricas, encontra ainda evidências empíricas de que, comparativamente com os sujeitos inseguros, os seguros têm recordações mais positivas das figuras parentais na infância (em particular da mãe), bem como descrevem de forma mais favorável as suas relações actuais com os pais.

Outros estudos, por seu lado indicam que os sujeitos evitantes percebem a mãe de forma menos positiva, comparativamente com os sujeitos seguros e os ansiosos/ambivalentes, e que ambos, sujeitos evitantes e ansiosos/ambivalentes, percebem o pai de forma menos positiva do que os sujeitos seguros (Mikulincer, 1990).

Por sua vez, uma associação significativa entre a presença de um estilo inseguro de vinculação e a perda ou separação de um dos pais durante a infância tem sido encontrada por diversos autores (Bifulco et al. 2004).

Em síntese, pode-se afirmar que os resultados dos estudos apresentados são, na generalidade, consistentes, apontando para o facto de diferenças na vinculação adulta estarem associadas a representações distintas da história de relacionamento com os pais na infância e de os sujeitos seguros tenderem a recordar as figuras parentais de forma mais favorável, comparativamente com os inseguros. Embora persistam dúvidas quanto ao papel representado por cada uma das figuras parentais, existe um considerável número de evidências empíricas de que os sujeitos classificados como seguros na idade adulta recordam uma melhor relação com os pais durante a infância, particularmente com

a mãe (Bifulco et al., 2004; Canavarro, 1999; Collins & Read, 1990; Freeney & Noller, 1990; Hazan & Shaver, 1987; Rothbard & Shaver, 1994) e estabelecem também relações mais positivas com a sua rede social mais próxima.

Outras investigações não se referem ao padrão de vinculação na idade adulta, mas mais simplesmente encontram que a qualidade dos cuidados parentais durante a infância se relaciona com a qualidade do relacionamento com pessoas significativas na idade adulta. Por exemplo, existem fortes evidências empíricas de que os indivíduos que sofreram maus tratos durante a infância têm dificuldades no estabelecimento de relações interpessoais posteriores, tendo sido particularmente assinalado menor satisfação e menor ajustamento bem como falta de intimidade e de suporte na relação com o companheiro.

Conhecer o modo como as relações significativas afectam quem somos, constitui um tema central do estudo do desenvolvimento humano.

A teoria da vinculação estruturou-se no pressuposto de que a relação entre a criança e a mãe influencia o funcionamento posterior intra e inter pessoal do indivíduo, desde a infância até à idade adulta. Contudo vários autores chamam a atenção para uma abordagem que no tema das relações afectivas vem, não raras vezes, associada a polémica: a sobrevalorização do papel desempenhado pelos pais, em detrimento da influência de posteriores relacionamentos interpessoais estabelecidos com outras figuras. Sobre este assunto Sroufe (1988) afirma ser impossível negligenciar o papel central das primeiras relações estabelecidas com os pais, sem deixar de mencionar que tal não significa que são as únicas importantes e todas as outras irrelevantes para o desenvolvimento do indivíduo. Refere ainda que o desenvolvimento individual será também afectado pelo contexto global das relações familiares e pelas relações com os pares. Na sua perspectiva, o poder preditivo das relações de vinculação, devem-se ao facto de abrangerem outras esferas de relação que não apenas as parentais. O conceito de “working model” é fundamental para compreender as conexões entre experiências passadas e desenvolvimento futuro.

Convém acrescentar, dado que este estudo se desenvolve no âmbito dos maus tratos, que as situações de maus tratos implicam a revisão das relações com os pais, sendo por isso de igual modo, uma oportunidade para a revisão e modificação dos ‘modelos internos dinâmicos’ elaborados na sequência das interacções na infância.

2.3. Interação Pai-criança e Mãe-criança

Se é impossível negligenciar o papel central das primeiras relações estabelecidas com os pais, temos ainda a considerar que, no processo de desenvolvimento, cada par adulto-criança tem tendência a desenvolver o seu próprio modo de interagir e, dessa forma, a criar o seu próprio estilo interactivo. Para compreender melhor esta questão é necessário distinguir três tipos de influências: as que advêm do contexto cultural em que a criança cresce, as que se prendem com as características da criança e da personalidade do adulto.

Relativamente às influências culturais, muitos estudos já realizados demonstram que o que acontece entre a mãe e a criança não é definido inflexivelmente por leis biológicas. As características que à primeira vista aparentam ser universais acabam por ter especificidades da cultura na qual se inserem. Mesmo durante os primeiros meses de vida, a criança vai sendo preparada para os requisitos da vida social que prevalecem na sociedade em que nasceu. As interações às quais é exposta e a partir das quais aprende as normas de conduta servem para se integrar no seu grupo cultural e nos seus costumes específicos.

Considerando as características da criança é evidente que a natureza dos episódios interactivos depende daquilo que ambos os participantes de um encontro introduzem nesse mesmo encontro, quaisquer que sejam as suas idades. Assim, as características temperamentais, mesmo das crianças mais pequenas, ajudarão a moldar o curso da interação e a influenciar o comportamento de outro indivíduo. A sensibilidade de um progenitor levá-lo-á a adaptar as suas acções às da criança e o curso da interação decorrerá sem precauções. Contudo quando as características da criança dificultam a tarefa da adaptação, a relação torna-se muito mais complicada de estabelecer.

Relativamente à personalidade adulta, as crianças com apenas 4 semanas de vida já se comportam de maneira diferente com a mãe, o pai e um estranho. Até certo ponto, isto explica-se através da confiança que o adulto revela, ao lidar com a criança e, em grande parte, reflecte as várias características individuais. A expressividade emocional, a velocidade de movimentos, a capacidade de reacção, a tensão e a maneira de brincar são, entre muitos outros, atributos de personalidade que diferenciam os indivíduos e ajudam a produzir estilos interactivos distintos.

Tem sido dada muita atenção às diferenças entre o relacionamento da mãe e do pai com a criança. Em muitas famílias, os progenitores desempenham tarefas diferentes: os cuidados da criança são atribuídos à mãe, enquanto que o pai se encarrega, em particular, da parte lúdica. Não se trata apenas do que os progenitores fazem, mas também de como o fazem. Tal como já foi demonstrado (Clarke-Stewart, 1978; Lamb, 1977; Power, 1985; Power & Park, 1983), a brincadeira com o pai tende a ser fisicamente mais estimulante, vigorosa e abrupta, enquanto que a mãe proporciona um estímulo mais verbal, brinca com objectos e, de forma geral, fornece um tipo de informação mais delicado e previsível. No que diz respeito a possíveis reacções afectuosas, por outro lado, pai e mãe são iguais.

A exposição a indivíduos diferentes, cada um com a sua maneira distinta de se relacionar com a criança, ajuda-a a desenvolver um vasto repertório de capacidades interactivas e a aprender com quem, e em que circunstâncias, cada conjunto de actividades é adequado. Esta pode ser uma vantagem de ter dois progenitores: apesar de concordarem nos princípios básicos da educação, mãe e pai são personalidades inevitavelmente diferentes, proporcionando à criança experiências diferentes. Desde o início, a vida social da criança caracteriza-se pela diversidade interpessoal, oferecendo assim, uma preparação adequada para lidar com os múltiplos relacionamentos que irá estabelecer pela vida fora.

Temos ainda que considerar que, apesar das transformações sociais que têm ocorrido nas últimas décadas relativamente aos papéis masculino e feminino ainda se pode dizer que, na nossa sociedade, nenhuma criança nasce livre do seu género. Desde o seu nascimento que as crianças são expostas a informação diferencial consoante o seu género começando desde logo pela roupa de cor azul ou rosa.

O género (enquanto construção que a sociedade impõem ao sexo) da criança é também visto como um factor importante na sua educação. A distinção entre homens e mulheres, masculino e feminino fornece alguns princípios organizadores para a própria criança. Há vários estudos que sugerem que quando é pedido para se descrever alguém normalmente usa-se o estatuto do sexo dos sujeitos para organizar as descrições dos mesmos.

Assim, se é nossa intenção com este estudo avaliar a percepção que as crianças têm das figuras parentais enquanto figuras maltratantes, parece-nos evidente que essa percepção deverá estar contaminada pela própria representação que se tem dos pais, tanto mais

que pai e mãe interagem de forma diferentes com os seus filhos e interagem de forma diferente consoante o género dos seus filhos.

Neste sentido parece-nos pertinente reflectir sobre as modalidades interactivas entre pais e filhos levando em consideração as diferenças de género.

De facto, o modo como os homens e as mulheres desempenham a sua função parental e os papéis que assumem perante a criança parecem diferir em muitos aspectos. Um grande número de estudos, de que passamos a dar nota de seguida, demonstrou que os pais adoptam um modelo de interacção consideravelmente mais físico e activo do que aquele que é adoptado pelas mães. Brincadeiras mais rudimentares como sejam o baloiçar, as correrias, as cócegas, a brincadeira de lançar ao ar, são alguns dos jogos favoritos do repertório paterno. Por outro lado, as mães são normalmente mais delicadas, menos bruscas e tendem a utilizar mais os brinquedos, a reagir com maior contingência à criança, utilizando mais as formas de interacção verbal do que a física. Além disso, as mães assumem diferentes responsabilidades, pois na maioria dos casos são elas quem dispõe de mais tempo para estar com as crianças tornando-se as principais educadoras. Como já foi dito, apesar das transformações sociais dos papéis masculino e feminino que têm ocorrido nas últimas décadas, as crianças aprendem desde cedo que cada progenitor tem uma função distinta: o pai é o parceiro de divertimento e a mãe a protectora. Como C. Lewis (1986) assinalou, não é de admirar que as crianças se voltem para o pai, quando pretendem divertir-se, mas quando estão assustadas, procurem normalmente o apoio da mãe.

Apesar destas considerações, o que parece ressaltar dos estudos já realizados em que são apresentadas e discutidas as semelhanças e diferenças entre pais e mães nas suas interacções com as suas crianças, no decurso de actividades lúdicas de carácter quotidiano, é que essas diferenças ou essas semelhanças se situam mais ao nível da forma e não da qualidade ou da quantidade.

De facto, não parece haver nenhuma razão para dizer que os pais, tal como as mães, não têm competências para interagir e comunicar com os seus bebés. Um olhar mais atento a uma família da qual fazem parte crianças permite-nos, seguramente, afirmar que, quer o pai quer a mãe têm um conjunto de competências interactivas que disponibilizam na sua relação com os filhos.

O que os estudos apontam é que os pais procuram mais exercitar as crianças enquanto que as mães procuram mais contê-las (Brazelton, 1983; Yogman, 1985). Assim, ao nível do tipo de jogos realizados pelos pais de ambos os géneros, em situações de observação livre, destaca-se que os pais utilizam menos os brinquedos e implicam-se mais em jogos de carácter mais físico (Lamb, 1977, 1997; Crawley & Sherrod, 1984; Yogman, 1981) do que as mães. Power (1985), nos seus estudos, mostrou que as mães seguem mais a curiosidade do bebé (7, 10 e 13 meses) do que os pais que, por seu lado, têm mais tendência a interferir com o interesse das crianças fazendo mesmo uso da sua autoridade. Uma outra constatação tem a ver com o facto de as mães encorajarem mais os comportamentos de fazer em conjunto do que os pais.

Apesar destes resultados, não foram encontradas diferenças no encorajamento da exploração visual, nos jogos relacionais e comunicativos e na produção de efeitos visuais e auditivos.

Os estudos de Labrell (1997) revelam ainda que os pais, por contraste e por comparação com as mães, fazem mais jogos de 'criação' (jogos criativos, em que muitas vezes, os objectos são utilizados de forma incongruente) com desvantagem para os jogos de 'recriação' (em que a utilização dos objectos não é mais do que pretexto para entrar em contacto corporal).

Ainda, e mantendo o registo de comparação entre os pais, as mães passam mais tempo sozinhas com as crianças e dispõem de mais tempo para estar disponíveis para elas (Russel e Russel, 1987).

Embora os estudos apontem neste sentido e, portanto, sejamos levados a dizer que, de uma maneira geral, que as mães passam mais tempo com as crianças do que os pais é possível verificar que, proporcionalmente, o tempo consagrado ao jogo, relativamente a outras actividades (como sejam, prestação de cuidados, atenções, refeições), é mais importante para os pais do que para as mães (Kotelchuck, 1976; Keyes e Scoblic, 1982; Russel, 1978; e Bronstein, 1995).

Voltando à situação de jogo, por comparação com as mães, os pais desencadeiam tendencialmente jogos mais físicos, utilizam menos os brinquedos e tem tendência a não seguir tanto o interesse das crianças. Estas diferenças observadas entre pais e mães podem reflectir e resultar, por assim dizer, num conhecimento médio das crianças por parte dos pais. Com efeito, os jogos físicos estão mais ligados ao desenvolvimento motor

que parece não diferir grandemente de uma criança para outra (a não ser na velocidade de aquisição), enquanto que os interesses das crianças são muito variáveis segundo as suas particularidades individuais.

Também, uma das possíveis explicações para as diferenças entre pais e mães quanto aos jogos físicos pode ser procurada naquilo que podemos designar pelo 'vivido' corporal que é diferente na sua origem. Os pais estando menos implicados fisicamente com os filhos do que as mães (gravidez e aleitamento) podem sentir mais necessidade de criar esse corpo a corpo (Compte, 1991). Mas esta consideração não explica o aspecto geralmente excitante destes jogos físicos. Estas trocas corporais com o pai situam-se num registo diferente do da mãe em que os contactos são geralmente apaziguadores, calmantes, que tendem a sossegar (Bouchart-Godard, 1989). O aspecto mais excitante dos jogos paternos pode mesmo ser tingido de agressividade, pelo menos no que diz respeito aos rapazes. Há, como que uma certa rivalidade dos pais relativamente aos filhos rapazes.

De forma geral, seja a criança rapaz ou rapariga, os ciúmes sentidos pelo pai face ao rival com quem partilha a sua mulher, os carinhos que a sua criança recebe, pode encontrar nos jogos físicos uma maneira aceitável de os exteriorizar. Observa-se que as mães fazem mais jogos simbólicos que os pais.

Durante o primeiro trimestre de vida, parece claro (é o que é 'mais normal' e mais comum) que o pai e a mãe se ocupem de forma diferente da vida do bebé. Em geral o pai estimula-o e joga com ele enquanto que a mãe se ocupa mais da tarefa de o acalmar, acarinhar, apaziguar (Lamb, 1997). O pai utiliza os jogos físicos vigorosos mais frequentemente que as mães em todas as idades durante o primeiro ano, e à medida que a criança cresce, os jogos de estimulação física vão dando lugar a jogos de coordenação e jogos de papeis (Crawley & Sherrod, 1984). Não é então de estranhar que as crianças pequenas prefiram estar nos braços do pai e jogar com ele na primeira oportunidade que se lhes depara (Belsky, 1979; Clarke-Stewart, 1978, 1980; entre outros).

Como já foi referido, salienta-se que os investigadores estimam que, no seu conjunto, as diferenças nas interações entre pai e mãe e as respectivas crianças são negligenciáveis. Tanto um como outro, encorajam a criança a explorar o seu meio envolvente, através do olhar ou pelo toque e manuseamento dos objectos e a experimentar e perceber as relações de causa-efeito (Power, 1985; Teti, Bond e Gibbs, 1988). Não se trata simplesmente do facto de pais e mães jogarem de forma diferente com os seus bebés.

Nalgumas culturas o jogo é uma fracção particularmente importante das relações entre pai e filho enquanto que noutras culturas não se passa o mesmo, quer relativamente ao tempo dispendido, quer ao tipo de interacções. Nalgumas famílias pode existir uma diferença notável entre o estilo do pai e da mãe mas nenhuma generalização é possível para todas as culturas.

2.3.1. A influencia do pai no desenvolvimento da criança

As crianças bem como os adultos estabelecem muitas relações ao longo do seu crescimento e desenvolvimento com vários parceiros diferentes como sejam os pais, avós, irmãos, colegas, professores entre outros sendo no entanto a primeira relação que a criança estabelece aquela que chama mais a atenção, a que tem sido mais estudada. É de querer que a primeira relação actue como protótipo para o estabelecimento de relações futuras. No entanto, têm sido realizados estudos que procuram determinar a influência do pai no desenvolvimento da criança.

Mas, interrogarmo-nos sobre a influência do pai nas suas crianças é procurar a sua especificidade em relação à mãe e reciprocamente. Nesta perspectiva, colocam-se-nos várias questões: O que é que pode ser fatal e indiscutivelmente masculino e parental ou feminino e maternal? Em que medida existe diferença entre um pai que dá o biberão e uma mãe que executa a mesma tarefa? E o que é que isso tem de específico para o bebé e para o seu desenvolvimento?

Depois dos anos 70 foi feito, um considerável número de pesquisas, sobre o desenvolvimento da relação entre o pai e a criança e qual a sua importância no desenvolvimento desta última. Pretendia-se estudar as questões ligadas à formação de vínculos entre o pai e o seu filho e, neste caso, qual a influência do pai sobre o desenvolvimento da criança.

Tomando em consideração as características particulares do comportamento paternal, muitos investigadores avançam com a hipótese de que o pai tem influência no desenvolvimento da identidade sexual da criança particularmente nos rapazes (Bronstein, 1988 entre outros). Esta visão apoia-se no facto de, num grande número de culturas, o pai após o parto, se interessar mais por um filho do que por uma filha.

Apesar disto, segundo investigações recentes parece que poucas diferenças existem entre as reacções paternas e maternas ao comportamento de crianças de 12, 18 e 60

meses (Caldera, Huston, & O'Brien, 1989; Power & Parke, 1986). Fagot e Hagan (1991) assinalam que o pai não manifesta nenhuma preferência particular pela companhia do filho e que não procuram muito encorajar este ou aquele modelo de comportamento dito típico do sexo. Estas conclusões foram confirmadas numa meta-análise feita por Lytton e Romney (1991).

Outros investigadores estudaram o efeito da influência paternal no desenvolvimento cognitivo e motivacional. O interesse por este assunto é devido, por um lado, à constatação referente ao efeito da influência maternal sobre o desenvolvimento cognitivo e, por outro, às observações que indicam que os rapazes (de forma diferente das raparigas) educados exclusivamente pelas suas mães são intelectualmente menos eficientes, menos estimulados do que crianças educadas normalmente em família com os dois pais.

Em estudos ulteriores sobre jovens crianças em que o pai estava presente, Yarrow, MacTurk, Veitze, McCarthy, Klein e McQuiston (1984) assinalam que o pai, tanto como factor de estimulação como de encorajamento, tem um papel particularmente importante no desenvolvimento do desejo de aceitação por parte dos rapazes (não das raparigas).

No seu estudo com bebés de 15 a 30 meses, Clarke-Stewart (1978) assinalam que a capacidade intelectual está ligada aos estímulos maternais (comportamentos e verbalizações) do mesmo modo que às estimulações paternais na medida em que o pai se interessa e participa activamente nos jogos da criança num espírito de respeito pela sua independência. Apesar disso que considerarmos isto no tempo, verifica-se que a influência da mãe no desenvolvimento da criança afecta também o comportamento do pai. De igual modo, Hunter, McCarthy, MacTurk e Veitze (1987) verificam que, embora a qualidade da participação da mãe e do pai nos jogos da criança permaneça estável no que diz respeito a cada um deles durante muito tempo, as variáveis do lado paternal não se traduzem muito em diferenças na capacidade cognitiva da criança, enquanto que os indicadores do comportamento maternal se repercutem de forma previsível. Tais constatações demonstram que a criança se desenvolve no interior do sistema familiar em que cada um afecta os outros e é afectado por eles. As diversas influências não se transmitem sempre dos pais para os filhos.

Ainda que o pai e a mãe tenham de forma parecida a sua forma de falar quando se dirigem à criança, certas diferenças permanecem entre os tipos de comunicação maternal e parental. Gleason (1975) e Rondal (1980) prevêm que, o facto de o pai se exprimir de

forma mais autoritária e impor a atenção, contribui de uma forma particular para o desenvolvimento linguístico da criança. É evidente que a criança considera os dois pais como fontes possíveis de informação: em caso de dúvida, ele vira-se para um ou para outro para compreender a situação e tem igualmente em conta o que diz o pai ou a mãe (Dickstein e Parke, 1988; Hirshberg e Svejda, 1990).

Por outro lado, desde 1964 que Shaffer e Emerson colocaram questões relativas ao vínculo pai-filho. Estes autores achavam pertinente saber se se formavam vínculos e em que altura é que a criança se vincula ao pai.

A partir de dados de observações empíricas constatou-se que a opinião geral das mães interrogadas é que entre os sete e os nove meses, os bebés começam a lamentar-se quando são separados dos dois pais e mesmo depois de atingirem a idade de dezoito meses, 71% chora ao ser separado dos dois pais. Isto parece indicar que os bebés se vinculam simplesmente à pessoa que têm regularmente como companhia: se as pessoas se ocupam dela ou não isso parece não ter nenhuma importância. Neste sentido, 75% das mães interrogadas por Pederson e Robson (1969) declararam que os seus bebés reagem com alegria quando o pai volta para casa depois do trabalho.

Um pouco mais tarde Kotelchunck (1972) assiná-la que os bebés de 12, 15, 18 e 21 meses protestam espontaneamente desde que um ou outro dos pais os deixem sozinhos. Podem ficar indiferentes e pouco curiosos com o que se passa a sua volta perante a ausência dos pais, mas acolhem-nos com muita alegria quando os vêem regressar. Poucos bebés protestam ao ser separados de um ou de outro parente (pai, mãe) desde que um dos dois fique com ele. A maioria dos bebés, (55%), inquietam-se mais ao ser separados da mãe do que do pai e é a mãe que parece ter a sua preferência. Pelo contrário 25% preferem o pai e 20% não manifesta preferência nem por um nem por outro. Vários estudos chegaram a esta mesma conclusão mesmo fazendo uso de outro tipo de metodologias de estudo (Ross, Kagan, Zelazo e Kotelchuck, 1975; Lester, Kotelchuck, Spelke, Sellers, Sellers, e Klein, 1974; Zelazo, Kotelchuck, Barber e David, 1977).

Estudos longitudinais realizados em meio natural, como os de Lamb (1977) demonstraram que bebés de 7, 8, 12 e 13 meses (filhos de famílias tradicionais euro-americanas) não manifestaram nenhuma preferência marcada por um ou outro dos pais. Pelo contrário, todos preferem visivelmente os seus pais por comparação com outros visitantes adultos que não lhes são familiares. Apesar destas constatações isto parece

mudar por volta dos 2 anos quando os rapazes começam a mostrar alguma preferência pelo seu pai enquanto que as raparigas não parecem demonstrar nenhuma preferência particular ou regular por um ou por outro dos pais (Lamb, 1977).

Estas constatações parecem contradizer a tese de Bowlby (1973) segundo a qual existiria uma hierarquia no grau de 'attachment' (vinculação) em que a pessoa preferida era, regra geral, aquela que se ocupa mais de perto do bem estar do bebé ou da criança. Há, no entanto, que ter em atenção o comportamento das crianças em momentos difíceis, como sejam, momentos de 'stress'. De facto, quando estas mesmas crianças estão estressadas elas aconchegam-se mais vezes contra o parente (pai ou mãe) que se encontra ao seu lado. Apesar disto, se os pais estão os dois presentes, os bebés de 12 a 18 meses voltam-se de preferência para a sua mãe enquanto que os de 8 e 24 meses não mostram nenhuma preferência em particular (Lamb, 1977).

Estes resultados parecem evidenciar que a hierarquização dos graus de 'attachment' não se fazem sentir senão durante um breve período de tempo. É de notar igualmente que a mãe é percebida como uma fonte de bem-estar e de segurança, assim como o pai é preferido como o companheiro de jogo, sobretudo para os rapazes (Clarke-Stewart, 1978; Lamb, 1977). Por outro lado durante os dois primeiros anos de vida as marcas de 'attachment' vinculação ao pai são mais manifestas do que as marcas relativas à mãe (Clarke-Stewart, 1978; Lamb, 1977).

Os teóricos do 'attachment' pensam que a segurança das relações mãe-criança dependem da sensibilidade da mãe e portanto da adaptação psicológica que daí resulta (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978; Lamb, 1987; Lamb, Thompson, Gardner, & Charnov, 1985). Parece então razoável supor que a segurança das relações pai-criança dependem da sensibilidade do próprio pai.

Numa meta-análise sobre as reacções das crianças relativamente aos dois pais na 'situação estranha', Fox, Kimmerly e Schafer (1991) verificaram que as crianças tendem a vincular-se da mesma forma aos dois pais, ainda que a convergência seja fraca. Estas constatações poderão bem significar que existem concordâncias nos estilos parentais, ou mais provavelmente, que as diferenças inerentes no temperamento da criança influenciam também a qualidade das relações entre pais e filhos na situação estranha.

Bridges, Connell e Belsky (1988) verificaram igualmente que a estrutura do comportamento infantil na 'situação estranha' varia segundo o facto de a criança estar na

companhia de um ou de outro dos pais. Mais uma vez, ressalta destas hipóteses que existe uma qualidade própria a cada tipo de vinculação entre a mãe e a criança e entre o pai e a criança, qualidade determinada pelas características dos adultos. É particularmente importante tomar em consideração a natureza específica do sentimento de vinculação entre mãe e criança e entre pai e a criança.

Outros estudos confirmam que as variações no comportamento paternal se repercutem na segurança das relações pai-filho.

Foram igualmente examinados os efeitos das relações entre o pai e a criança no comportamento ulterior da criança. Sagi, Lamb e Gardner (1986) verificam que a segurança das relações entre a mãe e a criança e entre o pai e a criança se reflectem numa atitude mais sociável das crianças relativamente a estranhos: as crianças que usufruem de uma relação confiante e segura com os seus pais são mais sociáveis do que aquelas que são privadas dessa relação. Anteriormente Lamb, Frodi, Hwang e Frodi (1983) notaram que os bebés que se sentem em segurança com o seu pai são mais sociáveis com estranhos 'se bem que' 'embora' a qualidade da relação mãe-criança pelo contrário não pareça afectar a sociabilidade. Main e Weston (1981) sublinham que a segurança das relações mãe-criança e pai-criança afecta a atitude das crianças face a uma pessoa desconhecida (palhaço).

Em síntese, parece evidente, que não é possível hoje em dia, considerar o pai como o 'colaborador esquecido' do desenvolvimento da criança (Lamb, 1997). Pelo menos é o que dão a entender as investigações feitas sobre a relação entre o pai e a criança. Existe, com certeza, uma quantidade de questões importantes ainda sem resposta mas pelo menos alguns problemas já foram elucidados.

Em primeira linha, existem observações concludentes de que os bebés se vinculam ao pai e à mãe na mesma época e durante o primeiro ano de vida. Em segunda linha parece existir uma hierarquia entre as pessoas às quais o bebé se vincula, e a maior parte prefere a mãe ao pai. Estas preferências explicam-se muito provavelmente pelo facto de ser a mãe a pessoa que lhe está mais próxima e que lhe consagra mais tempo em cuidados, atenções, preocupações, carinhos...: mas esta preferência pode desaparecer e inverter-se se o pai partilhar as responsabilidades ou se for o principal responsável do bem estar da criança, o que é particularmente raro.

Em terceiro lugar, os papéis parentais tradicionais afectam o comportamento tanto quanto as preferências da criança. Numerosos estudos mostram que o pai tem um papel activo de estimulador nos jogos e no desenvolvimento da sociabilidade da criança enquanto que a mãe é a fonte de bem-estar e segurança. Não se pode determinar se o estilo do pai e da mãe são simplesmente o resultado de influências sociais ou se as tendências inatas jogam igualmente um papel. O que está estabelecido é que o pai e a mãe são os dois capazes de testemunhar a afeição das suas crianças e de ser sensíveis às suas necessidades. Se são as convenções sociais que são a base da divisão tradicional de responsabilidades parentais e não os imperativos biológicos.

No momento os progressos conceptuais mais importantes consistem em poder determinar em que medida o tipo de comportamento no interior do sistema familiar afecta o desenvolvimento da criança. É evidente que a forma como um dos pais se comporta com a criança é determinada tanto pela sua personalidade como pelas relações com os outros, sem esquecer as características particulares da criança: não sabemos em que medida estas diversas influências reagem umas sobre as outras.

A SITUAÇÃO DE MAUS TRATOS

3. A SITUAÇÃO DE MAUS TRATOS

3.1. Défices da Actividade Parental

Apesar das profundas transformações que a família tem sofrido a sua configuração tradicional, que conduziu a redefinição dos papéis parentais (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2001), esta representa ainda hoje, uma instituição social poderosa, responsável pela estruturação de crenças e de comportamentos dos seus membros. Se o desenvolvimento do indivíduo não depende apenas da acção da família, pode dizer-se que cronologicamente, entre os agentes socializadores dos indivíduos, a família ocupa o primeiro lugar, contribuindo para a interiorização de valores, atitudes e papéis. A par da educação e da socialização da criança, a família tem a função essencial de proporcionar o afecto que garante a estabilidade emocional necessária ao desenvolvimento de cada indivíduo.

Também ser pai tem hoje um significado diferente. A palavra 'pais' que deriva do Latim e que quer dizer 'dar nascimento (fazer nascer)' tem, nos dias que correm, um significado muito mais amplo. Ser pai ou mãe, não é somente fazer nascer mas proporcionar bem-estar físico e ser fonte de amor. Espera-se dos pais o afecto e a segurança necessários para que seja assegurado um bom ajustamento psicológico da criança, a disciplina para proporcionar a eficácia do desenvolvimento moral e estimulação para que haja crescimento intelectual.

Com efeito, a qualidade da relação que os pais mantêm com os filhos constitui uma condição primordial que, inclusivamente, pode atenuar os efeitos de certos acontecimentos de vida negativos. Em diversos estudos foi encontrada uma relação entre a proximidade, o apoio e o afecto na relação pais-filhos e variáveis como a auto-estima e as competências na interacção com os pares, bem como, entre maus tratos infantis e a agressividade, depressão ou suicídio.

Nesses estudos foi possível verificar que os participantes que apresentam uma vinculação afectiva ao pai e à mãe mais forte eram também aqueles que referiam ter uma relação com os pais mais positiva e de maior proximidade. Outros estudos demonstraram que alunos com uma percepção negativa do clima familiar tendiam a apresentar baixos níveis de autoconceito. A relação entre pais autoritários e agressivos que usam o castigo corporal e um baixo autoconceito dos filhos aparece reforçada nesses estudos. Verificou-

se que adolescentes com uma mãe compreensiva apresentam um autoconceito mais elevado do que adolescentes que percebem a mãe como autoritária.

O tipo e a qualidade da relação entre pais e filhos, bem como, a qualidade do clima familiar, parecem ser uma condição necessária para o desenvolvimento harmonioso de uma criança. No entanto, ouvem-se com frequência expressões de preocupação acerca das actividades parentais anormais ou inadequadas.

Por exemplo, a maior parte dos maus tratos ou abusos físicos ocorrem no contexto das preocupações parentais com a disciplina das crianças (Chaffin, 2006). Factores cognitivos, afectivos, sociais e atitudinais estão relacionados com a punição corporal, que na sua forma mais extrema configura e caracteriza o abuso físico (Ateah & Durrant, 2005; Crouch & Behl, 2001). Não se quer com isto sugerir, que o uso ocasional de castigos corporais seja equivalente ao abuso físico de crianças, mas que este último representa a extensão extrema do outro.

Frequentemente, os pais que abusam ou maltratam sentem que nenhum tipo de violência pesada, exercida no contexto da relação de pais para filhos, funciona com os seus filhos cujo comportamento é percebido de forma precisa ou exagerada, como sendo bastante problemático (Crouch & Behl, 2001; Lau, Valeri, McCarty, & Weisz, 2006). Esta ligação entre os problemas ligados ao comportamento das crianças e a severidade das práticas parentais parece ser recíproca, principalmente quando a família está sob condições de 'stress'.

O que parece ser evidente é a necessidade urgente de compreender a sua natureza e as causas e consequências de tais práticas parentais. A agressão física e o abuso sexual de crianças têm sido largamente publicitados mas, existem outras manifestações de actividade parental claramente prejudiciais, como sejam, a rejeição, a negligência, a ridicularização, a calúnia, o estabelecimento de objectivos irrealistas e a utilização de uma disciplina excessivamente rigorosa e aplicada de forma irregular. Todas elas podem ser consideradas formas de agressão psicológica, sendo este um problema que tem atraído muito menos interesse por parte dos investigadores do que a sua congénere física, dadas as dificuldades óbvias de identificar os casos. Contudo, tem sido sugerido que a agressão psicológica não só é mais predominante como também é mais destrutiva do que a agressão física.

Uma tentativa de compreender a origem da actividade parental patológica pode ser feita a partir da classificação proposta por Belsky e Vondra (1989) que se refere às influências que moldam o comportamento parental em geral. Assim, devem ser consideradas as características e os recursos individuais dos progenitores, as características da criança e o contexto social do relacionamento.

Relativamente às características parentais, elas traduzem o contributo dos pais para a interacção com a criança, que em grande medida é o resultado do seu próprio passado desenvolvimental. Há já muito tempo que se pensa que, uma criança exposta a uma actividade parental inadequada irá tornar-se num progenitor inadequado, criando-se assim, um círculo vicioso que se transmite de geração em geração. No entanto, as provas existentes apenas fornecem parte do fundamento para uma tal afirmação. Um estudo da autoria de Dowdney et col. (1985), feito com mães que viveram longos períodos de carências maternas na infância, como resultado de serem educadas em instituições impessoais, revelou aspectos interessantes. Quando adultas, estas mães foram observadas a interagir com os seus próprios filhos e foram comparadas com um grupo de mães cuja infância não sofrera uma interrupção semelhante. Deste estudo ressaltaram duas conclusões. A primeira revela que as mães que viveram períodos de carência materna na infância foram classificadas como quatro vezes mais 'pobres' no seu estilo parental do que o grupo de mães educadas normalmente. Essas mães revelavam uma tendência para serem consideravelmente menos sensíveis, eram muito mais negativas, bem como, mais ineficazes no controlo dos filhos. A segunda conclusão, no entanto, é de que esta não é, de modo algum, uma consequência inevitável. Antes de se pressupor que carência gera carência, deve salientar-se que quase um terço destas mães foram classificadas como boas, que em muitos aspectos os dois grupos não eram diferentes e que os grandes defeitos da actividade parental foram detectados em apenas algumas das mães que vivenciaram carências. O simples facto de existir carência afectiva precoce, não é por si só, suficiente para causar dificuldades na actividade parental enquanto adultos. Outros factores, estarão seguramente em jogo.

Por outro lado, têm de ser consideradas as características da criança que, também, desempenham um papel importante na adequação da actividade parental, na medida em que, algumas crianças são mais difíceis de educar do que outras. Há uma natural inclinação para tentar encontrar as causas da inadequação parental na pessoa do progenitor. No entanto, o que transparece da relação e da interacção entre o progenitor e a criança é determinado tanto por um como pela outra. De facto, a tarefa de educar é tanto mais onerosa quanto a criança é mais atípica mesmo que seja só em alguns

aspectos. É, como tal, muito mais susceptível de fracasso. Nas circunstâncias em que é mais difícil lidar com uma criança, existe uma maior probabilidade de o progenitor reagir inadequadamente e de se estabelecer um padrão de interacção assíncronico.

Os factores ligados ao contexto social do relacionamento são o terceiro grupo de influências a ter em consideração na tentativa de explicar os desvios na actividade parental. Num ambiente livre de tensões, a família pode funcionar de um modo muito satisfatório com base dos seus próprios recursos. No entanto, quando se deparam ou se atravessam situações difíceis, o auxílio proveniente do exterior é importante e afecta, não apenas os pais como indivíduos, mas também a qualidade do relacionamento no seio da própria família, incluindo o da criança. Algumas famílias melhor envolvidas no tecido social, em que para além dos progenitores existem os amigos, os vizinhos, organizações de apoio, têm um suporte social que influencia aquilo que acontece entre o progenitor e a criança. Todos são potenciais fontes de apoio, quer seja ao nível da disponibilidade de informações (por exemplo, acerca dos cuidados infantis), quer corresponda a uma acção prática (como a ajuda nos cuidados domésticos) ou, simplesmente, um ombro onde se pode chorar. Estes factores de envolvimento e suporte social funcionam como 'pára-choques' contra a tensão e dão aos progenitores a possibilidade de dedicarem mais atenção a si próprios e aos cuidados da criança.

Existem muitas demonstrações da existência de uma relação entre o apoio emocional e a qualidade da actividade parental (Cochran et al., 1990). Os pais que recebem mais apoio comportam-se, na relação com os seus filhos, de uma forma mais calorosa e consistente, são capazes de proporcionar uma disciplina mais eficaz e, também, menos punitiva, reagem aos filhos com maior sensibilidade, têm atitudes mais positivas acerca da educação infantil, evidenciam maior afecto e têm filhos com vinculações mais seguras. Infelizmente, são os pais que já estão em situação de risco (mães adolescentes, solteiras ou divorciadas, pais doentes mentais, entre outros) que normalmente dispõem de redes de suporte mais pequenas e, por isso, menos recursos exteriores com que contar. Por exemplo, a da dimensão da rede de suporte social relatada pelas mães solteiras estava intimamente relacionada com a percepção que tinham das suas crianças. Quando interrogadas se 'O seu filho é difícil ou fácil de criar?', a atitude delas era tanto mais negativa quanto menor era a rede de apoios.

Não restam dúvidas de que a compreensão e a explicação dos desvios e das patologias parentais podem ter várias formas, dependendo de cada caso individualmente. Além disso, na maior parte dos exemplos, trata-se de uma combinação de influências que é

responsável por um comportamento aberrante, mesmo que a importância relativa de cada influência possa variar. Um episódio de maus tratos físicos, por exemplo, pode ter origem no choro incessante da criança; a irascibilidade pode derivar do difícil temperamento de que a criança está dotada. É um comportamento que é vivido com tensão e impede os progenitores demasiado jovens e imaturos de o superar adequadamente. A capacidade dos progenitores é prejudicada por muitas outras tensões que têm de enfrentar e, perante a perspectiva do isolamento social, têm de superar estes problemas sozinhos, apesar dos recursos pessoais serem inadequados. Uma tal família está assim exposta a uma multiplicidade de riscos, o que dificulta a disponibilidade de apoios construtivos.

3.2. Violência Exercida Sobre as Crianças

Por norma, considera-se que uma conduta parental competente da qual faz parte uma forte motivação para interagir positivamente com os filhos, é um fenómeno natural e universal que se baseia intrinsecamente naquilo que é considerado como o melhor para as crianças. É isso que é expectável dos pais ou daqueles que têm a seu cargo crianças e exercem a função de pais. Neste sentido, aqueles que não possuem essas habilidades e não têm essas motivações podem, presumivelmente, inscrever-se na categoria dos indivíduos que possuem um carácter 'abusivo' ou 'negligente' e que podem, mesmo, ser identificados e etiquetados como indivíduos 'anormais' ou 'desviantes' (Wolfe, 1987). Esta perspectiva tem o seu valor mas é, no entanto, uma perspectiva marcada pela dicotomia.

Uma concepção alternativa que evita essa dicotomia baseia-se no modelo que considera a conduta parental como um contínuo (Belsky, 1993; Rogosch et al., 1995; Wolfe, 1987). Num extremo desse contínuo encontrar-se-iam as práticas parentais mais severas e mais abusivas dirigidas à criança e, no outro extremo, encontrar-se-iam os métodos que lhe podem proporcionar um bom desenvolvimento social, emocional e intelectual.

Assim, na perspectiva da socialização, o mau trato infantil pode ser considerado, não como um fenómeno social isolado ou como resultado de perturbações psicológicas dos pais, mas como o produto de práticas de socialização que aprovam o uso da violência e de técnicas de poder assertivo com os filhos (Rogosch, Cicchetti, Shields, & Toth, 1995; Trickett & Susman, 1988). Como sublinharam Rogosch et al. (1995), os episódios de maus tratos podem entender-se como um extremo de uma matriz mais ampla de condutas e orientações parentais e, neste sentido, o mau trato seria a expressão extrema

de características parentais que são, sem dúvida, ineficazes para promover o desenvolvimento infantil óptimo.

Outra perspectiva é a do modelo do círculo coercivo proposto por Patterson (citado por Chaffin, 2006) que postula que a escalada do comportamento parental coercivo é reforçada a curto prazo pela obediência das crianças. As crianças aprendem que podem escapar às directivas parentais ignorando-as até ao ponto em que surge a agressão física séria, o que pode reforçar o comportamento de evitamento ou desobediência por parte das crianças. De forma contrária, porque o comportamento parental violento é tipicamente inconsistente tal como aversivo, as crianças podem responder pelo evitamento ou tentativa de escapar às directivas parentais.

Assim, na ausência de interacções positivas desenvolve-se uma relação hostil entre pais e criança que é caracterizada pelas atribuições parentais negativas e de intolerância para com a criança, aumentando a importância do castigo físico pesado como forma de disciplina ou de controlo.

Para além dos factores ligados à relação tem ainda que se considerar os aspectos como, a proximidade dos relacionamentos, a interdependência das necessidades, a privacidade do espaço familiar e outros indicadores da mesma natureza que possibilitam, segundo Rogosch (Rogosch et al., 1995), a ocorrência de abuso de poder e controlo sobre o outro. Quando a violência é exercida no seio de relacionamentos íntimos, as vulnerabilidades, bem como as forças das pessoa envolvidas, estão claramente expostas. Nestes casos, é na maioria das vezes o homem aquele que exerce a violência, como forma de demonstrar o seu controlo e o seu poder social e psicológico. A violência é, obviamente, particularmente pesada para quem tem menos recursos para resistir e escapar à mesma, como é o caso das crianças.

Neste domínio, o tipo de experiências e de condições em que as mesmas ocorrem e que podem afectar seriamente uma criança são muitas, incluindo-se aqui uma variedade de situações como os maus tratos, o abuso sexual, a violação entre outros acontecimentos. Estas experiências tendem a ser experiências de grande intensidade marcando, muitas vezes, profundamente quem as vive.

Relativamente às reacções das pessoas envolvidas nestas situações, estas são muito variadas sendo importante levar em consideração as diferenças individuais. As vítimas de um crime, normalmente, manifestam vários níveis de 'stress' e sintomas associados,

sendo que a sua recuperação também é muito variável na medida em que a mesma pode depender de factores como sejam, características e predisposição da vítima, a natureza do incidente e as percepções e interpretações da vítima (Lurigio & Resick, 1990).

Relativamente às características e predisposição da vítima, a violência não afecta todos os indivíduos da mesma maneira, podendo as diferenças encontradas estarem relacionadas com características prévias da vítima.

Por outro lado, temos as características da situação criminal e as percepções e interpretações da vítima. O impacto destas experiências, a recuperação e o posterior ajustamento da vítima parecem depender das percepções e interpretações que a própria vítima faz do acontecimento. Assim, perceber o significado da experiência, para a vítima de um acontecimento traumático, é tão importante quanto perceber a severidade desse mesmo acontecimento (Bartol & Bartol, 1994). Todos os indivíduos têm uma necessidade extrema de procurar um significado para os acontecimentos que experimentam ou que presenciaram, mesmo quando são experiências como um crime que destroem a ilusão de que se vive num mundo justo, controlável e compreensível (Lurigio & Resick, 1997).

As interpretações que as vítimas fazem, durante e depois do incidente, parecem predizer o seu posterior ajustamento. Há evidências que levam a crer que quando as vítimas percebem a sua vida como estando ameaçada durante o episódio de violência, o impacto negativo é muito forte e conseqüentemente, a recuperação torna-se mais difícil. As diferentes interpretações dos acontecimentos violentos dependem da forma como cada um percebe o mundo e a vida, envolvendo, não só, a experiência pessoal, mas também a matriz social e cultural a que se pertence. Assim, a forma como uma criança percebe um acontecimento poderá influenciar a presença ou ausência de sintomas, bem como, em que circunstâncias estes têm maior probabilidade de emergir. Tais construções podem ser elaboradas não só a partir da percepção que as crianças têm de si próprias, como também, da percepção da qualidade do seu sistema de suporte familiar.

As experiências de violência têm seguramente um impacto negativo muito forte, principalmente sobre as crianças uma vez que estas são mais vulneráveis. Como já foi dito, o impacto na criança poderá depender de muitos factores, entre eles características e predisposição da vítima, como sejam, o género, a idade e os recursos emocionais e cognitivos capazes de mediar a ansiedade associada ao perigo objectivo ou fantasiado. Outros mediadores importantes deste impacto podem estar ligados à própria natureza do incidente, designadamente pelo tipo de crime, frequência, previsibilidade, experiências

anteriores, proximidade física do evento, familiaridade da vítima relativamente ao ofensor, entre outras. Parece-nos ainda de extrema importância as percepções e interpretações emergentes subsequentes ao crime, incluindo aqui, entre outros aspectos, as apreensões relativas ao seu sistema de suporte.

Como diz Weitzman (2005), uma criança que tenha sofrido de danos traumáticos e que teve que lidar com experiências de medo associadas à violência física severa ou abuso sexual pode comportar danos que comprometem a integridade de aspectos importantes da sua ainda jovem vida. James refere que os sobreviventes de abusos são afectados fisicamente, emocionalmente, cognitiva e comportamentalmente, relacionalmente e espiritualmente e os danos em cada uma destas áreas devem ser convenientemente trabalhados (James, 1994, citado por Weitzman, 2005). Do mesmo modo, Starr diz que é comum as crianças maltratadas evidenciarem distúrbios nas relações vincutivas da criança com o seu progenitor e no seu desenvolvimento cognitivo, moral, social e emocional (Starr, MacLean, & Keating, 1991, citado por Weitzman 2005).

O tipo de trauma, a idade desenvolvimental da criança, a cronicidade e a severidade dos danos, o temperamento, as dinâmicas familiares, a forma como a criança interpreta o acontecimento traumático, a presença de factores de suporte entre outras variáveis, medeiam a forma como a criança vai lidar com a situação (Stubenport, Greeno, Mannarino, & Cohen, 2002). Apesar do conhecimento impreciso sobre como é que estas múltiplas variáveis interagem, há literatura bem fundamentada que descreve sintomas desenvolvimentais em crianças traumatizadas, vitimizadas. Traumas causados, por exemplo, por abuso sexual violento ou coercivo estão associados a sintomas comportamentais e psicológicos que vão desde a depressão, agressão, delinquência, distúrbios na aprendizagem, distúrbios de vinculação até sintomas definidos com o 'stress' pós-traumático (Johnson, Kotch, Catellier, Winsor, Dufort, Hunter, & Jackson, 2002).

As crianças não são todas afectadas da mesma forma pela vivência de um crime, directa ou indirectamente. Assim, tal como existem factores de risco que podem conduzir a resultados negativos acrescidos, também existem factores protectores que diminuem a probabilidade de ocorrerem resultados desadaptados na presença do risco.

De qualquer modo, as crianças que foram expostas a situações de violência vão, seguramente ser afectadas por essa experiência, nomeadamente a nível psicológico. Estas crianças têm maior probabilidade, do que as que não foram expostas a situações

de violência (incidentes violentos), de virem a sofrer de uma série de problemas emocionais e sociais (Richters & Martinez, 1993). O impacto da exposição à violência pode não ser sempre negativo, embora o seja na maior parte das situações. Nem sempre se manifesta imediatamente após o acontecimento traumático, mas ocorrer muito tempo depois, despoletado (desencadeado) por estímulos internos ou externos.

De acordo com Berd e Sangrey (1979, cit. Johnson, 1998), poderiam identificar-se três estádios através dos quais as vítimas tendem a passar. São eles: impacto, recuo e reorganização. As reacções do primeiro estádio incluem sintomas emocionais de choque, tais como, entorpecimento, sentimentos de vulnerabilidade e desamparo. Para além de sintomas físicos, tais como, sentimento de sufocação ou respiração fraca, falta de força nos músculos, distúrbios de sono, falta de apetite, entre outros, é também comum as vítimas de crime sentirem vergonha, culpa e pensarem que o evento ocorreu porque o mereceram. A fase seguinte, pode caracterizar-se pelo uso de estratégias individuais para lidar emocionalmente com o episódio ou a situação. As vítimas podem alternar entre as tentativas para retomarem as suas vidas, como se o evento nunca tivesse ocorrido, e retornos periódicos, muitas vezes obsessivos através de fantasias compensatórias e reacções fóbicas. Estes comportamentos podem representar tentativas para restabelecer o equilíbrio, para compensar os danos sofridos ou encontrar alguma coerência cognitiva para confronto com a experiência. Por estas razões, experimentam muitas vezes sentimentos de culpa que atribuem a si próprias. Durante este período as vítimas oscilam entre pensamentos intrusivos e lembranças do acontecimento e tentativas para diminuir a intensidade do seu sofrimento, evitando essas lembranças e tentando distrair-se. O terceiro e último estádio caracteriza-se pelo retorno ao equilíbrio psicológico. A raiva e o medo obsessivos são modelados, não obstante os 'flashbacks' ocasionais e a agitação interna. Embora a recuperação dependa de muitos outros factores, a vítima nesta fase é capaz de se focar em actividades de investimento na vida, em vez de encetar um simples 'coping' com a situação.

É muito frequente, as crianças que foram expostas a actos de violência tenderem a reexperienciar o acontecimento, quer através do jogo, quer em pesadelos ou imagens intrusivas e sonhos associados com o evento, apresentando um comportamento de evitamento, muitas vezes inactividade e diminuição do interesse por actividades que anteriormente gostavam de fazer, bem como problemas afectivos e de sono. Muitas destas crianças sentem medo e culpa pelo comportamento exibido durante o incidente, sendo que nestes casos a principal tarefa passa pelo restabelecimento da confiança e autonomia, que podem ter ficado comprometidas pelo incidente.

Reacções de natureza física são muito comuns em vítimas de crimes e estas podem conduzir a mudanças consideráveis no seu comportamento, identificáveis através do seu desequilíbrio emocional. O impacto em termos emocionais é o mais difícil de avaliar sendo, muitas vezes difícil de distinguir uma vítima, cujo crime não teve um grande impacto sobre ele, de outra que experienciou emoções muito fortes, mas não as expressa, ou a vítima que expressa as suas emoções em privado.

É no domínio cognitivo que podemos encontrar fundamentos para a compreensão da experiência da vítima. O Acontecimento tem que ser compreendido, o que quer dizer que tem que ser explorado, bem como, têm que ser reconhecidas as implicações e mudanças dele decorrentes (Johnson, 1998). A ocorrência do acontecimento leva a criança a uma reavaliação da situação, levando a que algumas das assunções básicas deixem de ter qualquer validade para ela. Entre estas incluem-se os pensamentos sobre o mundo, sobre se este é seguro, o que dele podemos esperar, em quem devemos confiar e se a vida é digna de ser vivida (Johnson, 1998). A experiência de um crime em que se esteve envolvido directa ou indirectamente, começa por representar uma espécie de reavaliação do sentimento que as pessoas têm relativamente ao mundo enquanto lugar seguro. Pode levar ao rompimento com as crenças que o indivíduo desenvolve acerca do mundo e da vida. As representações que a criança tem do mundo reflectem a sua capacidade cognitiva, mas dão também indicações acerca das suas tendências morais e afectivas.

Após uma experiência desta natureza, as construções que as vítimas elaboram andam muitas vezes à volta da questão 'Porquê eu?' ou emergem do confronto com o problema da falta de capacidade de predição da situação e conseqüente ameaça de poderem voltar a ser vítimas no futuro, culpando-se a si próprias daquela experiência. Segundo Zulueta (1996), esta necessidade que a vítima tem de sentir culpa face ao incidente aparece como uma forma de dar sentido aquilo que é incompreensível e de repor algum sentimento de controlo quando se sentem completamente desprotegidas. As percepções que se formam a seguir ao incidente e as causas deste são vistas como reacções ao crime e como formas de lidar com a situação e as suas conseqüências (Lurigio & Resick, 1990). Estes autores referem que as vítimas que atribuem a si próprias a responsabilidade pela ocorrência do acontecimento devido ao seu comportamento, mais facilmente tendem a pensar que eventos futuros podem ser controlados e evitados. Esta atribuição de culpa surge como um aspecto funcional de forma a não aumentar a sensação de vulnerabilidade.

Ainda, segundo Sluzki (1996), quando a violência que a criança experiêcia tem lugar na sua própria casa, tudo aquilo que funciona como protector, desde a falta de compreensão da violência, até ao suporte de adultos enquanto figuras significativas, desaparece. O carácter protector transforma-se em carácter violento num contexto e através de um discurso que destrói e falseia os significados, negando as transformações. Como exemplo do efeito devastador desta transformação temos o re-rotular da violência ('Isto não é violência, ...é educação'), o negar da dor física ('Não te dói assim tanto'), a redefinição de valores ('Faço-o para teu bem...'), a redirecção da posição do agente ('Faço-o, porque tu me obrigas a fazê-lo'), entre outras.

Há ainda a considerar as pistas que indicam a existência de perigo. A forma como a criança observa a possibilidade de risco é feita, muitas vezes, a partir de indicadores não verbais (como por exemplo, movimentos corporais, expressões faciais, tom de voz). Neste sentido, se a criança detecta estes sinais é possível que exiba comportamentos agressivos de provocação como forma de produzir a resposta previsível do seu meio ambiente. Normalmente, isto conduz a que sejam mal interpretadas e conseqüentemente punidas, o que acaba por reforçar a sua visão do mundo e de que os adultos são agressivos e resolvem os problemas com recurso à força.

Mas, as crianças não necessitam de experimentar a violência directamente para serem profundamente afectadas pela situação (Miller-Perrin & Perrin, 1999). O simples facto de testemunhar uma situação de violência, por si só, já é suficiente para desencadear, em algumas crianças algum tipo de sintomatologia. Vários estudos (entre eles os de Osofsky, 1997), demonstram que crianças em idade escolar que testemunharam acontecimentos violentos manifestaram posteriormente uma elevada frequência de problemas de carácter mais externo (como agressividade, delinquência) ou mais interno (como isolamento, ansiedade) em comparação com crianças que não testemunharam situações de violência.

3.3. Tipos de Violência e Maus Tratos

Falar de maus tratos é intrinsecamente falar de violência. Referimos, desde já, que quando a violência é dirigida ou exercida contra pessoas ela é, geralmente, definida como violência interpessoal. A mesma pode decorrer ao longo de um contínuo invisível, indo desde os simples actos de coerção imperceptíveis (mesmo os não relatados por

quem é penalizado com eles), até actos extremos de agressão e até de ameaça à própria vida.

Existem várias formas de definir actos violentos na medida em que existe uma grande variabilidade daquilo que pode ser considerado como violento ou aquilo que é simplesmente inapropriado. Apesar disso, e não obstante as diferenças quer ao nível do grau com que é exercida, quer nas expressões que pode tomar, é vulgar definir violência como 'um comportamento agressivo com intenção de causar dano' (Englander, 1997). Nesta definição a palavra intenção é central e tem um papel determinante na medida em que a ausência desta não é suficiente para definir violência. Assim, esta definição parece ser limitada pois pode possibilitar a exclusão de algumas formas de violência que pode ser exercida sobre outros.

Uma outra definição de violência é proposta por Wolfe (Wolfe et al., 1997). Segundo este autor pode definir-se violência como qualquer tentativa de controlo e domínio que um indivíduo exerce sobre outro. Esta definição parece-nos preferível na medida em que é abrangente o suficiente para abarcar e justificar também muita da violência exercida sobre as pessoas com menor poder social (crianças, mulheres,...). Assim, e ainda de acordo com esta definição, considera-se que a violência não se limita apenas ao exercício de actos físicos (como por exemplo: bater, empurrar, pontapear, ...), mas engloba outras formas, como é o caso da violência psicológica, que tem a sua expressão no isolamento, no limitar ou controlar o exercício de certas funções ou papéis, verbalizações insultuosas, controlo e domínio por ameaça de dano a si próprio ou a outros, intimidação, ... Incluem-se também, nesta definição, os actos específicos de violência sexual.

Por outro lado, o termo criança maltratada aplica-se a todas as crianças ou jovens, até as dezoito anos de idade, que sejam vítimas de qualquer tipo de agressão física ou psicológica, abuso sexual ou negligência, que possa prejudicar a sua saúde e o seu bem estar ou interferir com o seu desenvolvimento normal. Este termo é lato e, como foi referido, engloba diferentes tipos de agressões que podem lesar a criança, interferindo com o seu desenvolvimento normal e harmonioso. Assim, ao falar-se de maus tratos podem considerar-se: a negligência (que pode ser física, educativa e emocional) e o abuso (que pode ser físico, emocional e sexual).

Podem, pois, os maus tratos ser de diferentes tipos e dar origem a diferentes classificações como sejam, os maus tratos físicos, os maus tratos psicológicos, a negligência, o abuso sexual, entre outros.

Vejamos, de forma sumária, o que distingue os diferentes tipos de maus tratos. Antes de mais, convém perceber a diferença que existe entre abuso e negligência. Assim, enquanto que o abuso é uma forma de maus tratos em que há uma acção que atinge a criança (agressão física, abuso sexual, abuso emocional), a negligência é um tipo de maus tratos por omissão, em que a criança se encontra em risco por não lhe serem prestados os cuidados adequados.

Embora abuso e negligência sejam formas distintas de maus tratos, ambas causam prejuízos graves à criança, de natureza física e emocional, e são diariamente causa de morte de algumas crianças.

Por negligência pode entender-se uma forma de maus tratos em que aquele que presta cuidados à criança não garante o cumprimento das suas necessidades básicas. Neste tipo de mau trato aquele que presta cuidados à criança mostra-se continuamente incapaz de prestar os cuidados e a protecção necessários ao seu normal desenvolvimento. Incluem-se aqui a falta de todo o tipo de cuidados necessários ao bem estar da criança, tais como alimentação adequada, higiene, vestuário, cuidados médicos e de educação, afecto, atenção e vigilância das actividades da criança.

Podem considerar-se três tipos de negligência que estão muitas vezes relacionados, podendo os mesmos coexistir na mesma situação. Assim temos:

- Negligência física – inclui a não prestação de cuidados médicos básicos, a falta de alimentação adequada, má higiene e uso de vestuário impróprio ao clima ou em mau estado e as situações em que é abandonada ou deixada sem vigilância por períodos longos, com aumento do risco de acidentes domésticos.
- Negligência emocional – quando as necessidades emocionais da criança são ignoradas, com privação do afecto e suporte emocional necessários ao seu desenvolvimento pleno e harmonioso.
- Negligência educativa – quando não são proporcionadas à criança condições para a sua formação intelectual e moral, como a privação da escolaridade básica, o

absentismo escolar frequente e injustificado e a premissividade perante hábitos que interferem com o desenvolvimento (como o consumo de álcool e outras drogas).

Relativamente ao abuso, este é também uma forma de mau trato em que a criança sofre agressões que podem ser de carácter físico, psicológico ou sexual.

- O abuso físico é um termo que engloba as situações que as pessoas mais facilmente associam a maus tratos, que são aquelas em que há agressão física (bater, morder, queimar, sacudir violentamente, empurrar, dar pontapés, etc.) que deixa marca.

A violência física é geralmente percebida como mais gravosa, devido às marcas visíveis muitas vezes deixadas na pessoa que dela é vítima, sendo por isso mais facilmente detectada, relatada e identificada.

No mau trato físico, cujo protótipo é a criança batida, estão incluídos os síndromes da criança abandonada, as queimaduras, as fracturas, os traumatismos cranioencefálicos, as lesões abdominais, a sufocação, entre outras.

- Quanto ao abuso emocional é uma das formas de mau trato mais difícil de identificar, mas que pode causar problemas graves no desenvolvimento da criança. Incluem-se aqui os ataques verbais, insultos, ridicularizar a criança ou inferiorizá-la e dar-lhe certos castigos (como, por ex., fechá-la num quarto escuro).

Constatou-se que a violência psicológica é a mais frequentemente exercida, até pela diversidade de formas com que se consubstancia. As verbalizações insultuosas são o tipo mais comum, associadas muitas vezes a um tom de voz agressivo. Como forma de violência psicológica sobressaem também as ameaças: à vida, de dano físico à própria criança ou a outros ou de dano material. A violência psicológica verifica-se também pelo exercício, evidente ou subtil, de controlo temporal, espacial, material, económico, ocupacional e obrigações de realização de trabalho doméstico excessivo, ou de silêncio.

O mau trato psicológico ou emocional é o tipo de mau trato mais difícil de apanhar e os investigadores sugerem que este é um componente que atravessa todos os tipos de maus tratos (Garbano et al, 1997, citado por Baer & Martinez, 2006)

O mau trato psicológico ou emocional é o que levanta maiores dificuldades quer quanto à sua definição, quer quanto ao seu diagnóstico. Pode ser definido como a incapacidade de proporcionar à criança um ambiente de tranquilidade, bem estar emocional e afectivo

indispensável ao seu crescimento, desenvolvimento e à aprendizagem de comportamentos adequados.

No mau trato psicológico estão incluídas a ausência de afecto, a hostilização verbal, a depreciação, as ameaças e humilhações frequentes, ou situações de grande violência familiar, que originando um clima de maior tensão, terror ou medo, se repercute no comportamento, rendimento escolar, sono, controlo de esfíncteres ou outra actividade da criança.

Embora quase imperceptíveis são ainda consideradas formas de violência psicológica, a rejeição ou desprezo, pressão psicológica e a falta de assistência a alguém.

A violência psicológica dificilmente aparece dissociada da violência física.

- O abuso sexual diz respeito a todo o envolvimento de uma criança numa actividade sexual, desde exibição dos genitais, conversas obscenas, mostrar revistas ou filmes pornográficos, manipulação dos genitais, sexo oral ou relações sexuais.

Abuso sexual infantil é todo o envolvimento de crianças numa actividade sexual, o que inclui a exibição dos órgãos genitais ou exposição a cenas de sexo, telefonemas ou conversas obscenas, estimulação genital, sexo oral, vaginal ou anal, utilização de crianças em pornografia ou prostituição, etc. Qualquer actividade sexual entre um adulto e uma criança de menos de dezoito anos de idade é considerado abuso sexual porque envolve alguém que, devido à sua idade e relação de submissão em relação ao agressor, não tem capacidade para dar livremente o seu consentimento. Também é considerado abuso sexual a actividade sexual entre duas crianças quando a diferença de idade e nível de desenvolvimento ou o uso de coerção e violência pressupõem o aproveitamento de uma criança pela outra.

Como referem Baer e Martinez (2006), o estudo do mau trato é historicamente baseado em estudo de casos e é tratado-avaliado como uma variável dicotómica de resposta sim-não. Definições operacionais de mau trato incluem actos de perpetração, isto é, abuso físico e sexual assim como actos de omissão como negligencia, isto é, falhas no provisionamento de comida, higiene, vestuário, cuidados médicos entre outros.

Cada um dos diferentes tipos de maus tratos pode ser diagnosticado isoladamente, mas ocorre com mais frequência a associação de mais do que um tipo de agressão na mesma criança, o que agrava as suas repercussões.

O mau trato pode existir em todas as camadas sócio-económicas e culturais, embora a sua ocorrência seja mais frequente e esteja mais associada a classes sociais mais baixas. Situações como a pobreza, más condições habitacionais e de sobrelotação, baixa instrução escolar, a promiscuidade e um estilo de vida desorganizado podem favorecer o aparecimento de situações de maus tratos.

De forma sucinta pode dizer-se que concorrem para o mau trato de crianças três factores considerados de risco: factores inerentes aos pais, à própria criança, e factores associados a uma situação de crise.

Os principais factores de risco associados aos pais são: antecedentes de maus tratos na sua própria infância, idade inferior a vinte anos, personalidades imaturas e impulsivas, maior vulnerabilidade ao stress, fraca tolerância à frustração, mudanças frequentes de companheiros e de residência, antecedentes de criminalidade, alcoolismo e toxicodependência, atraso mental.

Relativamente à própria criança são consideradas crianças em risco as que: nascem de mães muito jovens, solteiras ou sós, de gravidez não desejada ou gemelar, as que tenham sofrido separações precoces da mãe principalmente no período neonatal, as que não correspondem às expectativas dos pais, as de idade inferior a três anos, deficientes ou portadoras de doença crónica, as hiperactivas, teimosas ou com outras perturbações de comportamento.

As principais situações de crise referidas como precipitantes das situações de maus tratos são: a perda de emprego, agravamento de dificuldades económicas, a morte de um familiar, separação ou divórcio dos pais, depressão da mãe ou qualquer outro acontecimento que perturbe o já instável equilíbrio familiar.

Estes três factores, aliados à tolerância social e cultural face ao castigo físico contribuem para o aparecimento da violência no seio da família o que acaba por se reflectir com maior acuidade e gravidade na criança, enquanto elemento mais fraco e indefeso.

O PROBLEMA, AS HIPÓTESES E AS VARIÁVEIS

4. O PROBLEMA, AS HIPÓTESES E AS VARIÁVEIS

4.1. Problema

Os maus tratos a crianças são um dos grandes problemas sociais mas, os mesmos, parecem ainda não estar satisfatoriamente tratados pelas Ciências Sociais e Humanas. Pela sua própria natureza, os maus tratos têm uma dimensão trans- e multidisciplinar envolvendo áreas relevantes da Psicologia, como sejam, a psicologia comunitária, desenvolvimental, clínica, cognitiva, social, entre outras, e outras disciplinas tais como, a Sociologia, Antropologia, Assistência Social, Direito (Bottoms & Quas, 2006). Neste domínio, os psicólogos têm realizado investigações que conduzem à compreensão, tratamento e prevenção deste problema social, e cujos resultados têm tido aplicações na sua prática, no direito e nas políticas sociais (Bottoms & Quas, 2006).

Há ainda que considerar que os maus tratos ou abuso de crianças é um conceito recente (flexível e definido em termos funcionais) e que está associado ao nível de desenvolvimento das sociedades que o reconhecem oficialmente e sancionam esse tipo de comportamentos. Por outro lado, deve levar-se em consideração que os profissionais que poderiam definir melhor as questões do mau trato ou abuso, o fazem em função dos seus interesses profissionais, actividades, valores e prioridades. Por exemplo, os psicólogos e outros profissionais de saúde mental enfatizam os tipos de abuso que são considerados como mais relevantes e para os quais a prática clínica tradicional tem mais respostas em termos de tratamento (Chaffin, 2006). É talvez por isso, que nas últimas duas décadas e meia, os psicólogos e outros profissionais de saúde mental tenham centrado a sua atenção no abuso sexual de crianças.

Neste sentido, esta investigação parece justificar-se pela necessidade de compreender melhor a complexidade e a variabilidade das situações de maus tratos. Especificamente, pareceu-nos interessante avaliar o impacto que estas situações têm na forma como as crianças percebem as figuras envolvidas, concretamente quando se tratam das figuras parentais. Se partirmos do pressuposto de que os seres humanos agem com base no que percebem, nos significados que constroem, compreender o impacto que estas situações têm na criança (mais do que identificar sinais ou sintomas), é de grande importância e passa por perceber como é que as crianças as percebem (e como percebem as figuras envolvidas), que sentido lhe dão e quais os significados que constroem em torno dessa experiência.

Apesar de algumas crianças serem admiravelmente resilientes, outras sofrem de consequências potencialmente devastadoras, onde se incluem os défices cognitivos e neuronais, problemas psicológicos, uma maior susceptibilidade à revitimização, abuso de drogas, delinquência, entre outras (Bottoms & Quas, 2006).

Normalmente, quando se fala do impacto de experiências de abuso, de violência sobre as crianças, encontram-se extensos registos de sintomatologia, mas não se sabe assim tanto sobre a própria experiência da criança, qual a percepção que têm desses acontecimentos, qual o sentido que atribuem a essas situações, no momento em que ocorrem e depois da situação passada. Muitas vezes não se olha com detalhe para o que as crianças pensam, o que elas pensam que sabem e o que elas compreendem e sabem efectivamente.

As experiências de violência têm um impacto negativo muito forte sobre quem as vivência, principalmente se envolverem crianças, uma vez que estas são mais vulneráveis. As percepções que as vítimas têm e as interpretações que as vítimas fazem, durante e depois do incidente, parecem poder prever o seu posterior ajustamento (Sami, 2002).

Se é evidente que as experiências de violência têm um impacto negativo sobre quem as vivência (directa ou indirectamente) e sabendo que é normal que estas experiências ocorrem no seio da família, o que nos interessou averiguar foi o impacto que tem o facto de ser um dos progenitores (pai ou mãe) o instigador dessas experiências.

Neste sentido, a problemática deste estudo centra-se em torno da percepção que as crianças têm das figuras parentais enquanto agentes de maus tratos. Como já foi referido anteriormente, quando a violência que a criança experimenta ocorre na sua própria casa, tudo aquilo que funcionava como protector e era sentido como fonte de conforto e segurança, desaparece. A qualidade do seu sistema de suporte familiar fica afectada e a família passa a ter um carácter violento e agressivo. Parece-nos evidente que, embora, partindo do pressuposto de que os pais são figuras de suporte, de conforto, de ajuda, em situações em que os mesmos maltratam os seus filhos, as crianças tenham a seu respeito percepções negativas. No entanto, interessou-nos avaliar quão negativas são essas avaliações e se elas variam em função, quer do género das crianças inquiridas, quer de qual a figura parental que impõe o mau trato. Por outro lado, e dado que ainda está culturalmente enraizada a ideia de que “bater é educar”, quisemos ainda avaliar se

há diferenças na percepção das figuras parentais em função do tipo de maus tratos e se o mesmo tem uma intenção subjacente.

Foram também avaliados os afectos desencadeados por estas situações na medida em que, normalmente, os processos perceptivos ou de julgamento de situações são mediados pelas reacções afectivas dos sujeitos face aos acontecimentos, nomeadamente crimes.

É no domínio afectivo que mais facilmente se compreende o impacto que as experiências de violência têm na criança. Há uma variedade de emoções, sentimentos e sensações negativas que as crianças conseguem identificar para descrever o que sentem face a estas situações. Foi também nossa intenção avaliar com que intensidade é que esses afectos foram sentidos.

Os estudos de Ana Sami (2002) mostram que a tristeza parece ser a emoção predominante. Este estado emocional está presente nas crianças cuja experiência de violência é continuada, quer seja uma experiência directa ou indirecta, quer os maus tratos sejam físicos ou psicológicos. Nalguns casos a tristeza aparece associada a um sentimento de angústia.

O medo é outra emoção frequentemente referida, despoletado sobretudo pela apreensão, incerteza, insegurança relativamente à ocorrência de novos incidentes do mesmo género, ao comportamento do agressor, bem como, o poder ser considerado responsável pela situação. Esta emoção resulta da percepção do perigo, real ou imaginado.

Verificou-se que os medos não se centram somente no próprio, isto é, nem sempre aquilo que é temido os envolve, mas há sobretudo uma preocupação com os outros. São medos que se focam na questão da integridade física o que é revelador do grau de percepção da severidade dos actos pelas crianças.

O sentimento de vergonha também surge e está normalmente associado à percepção de algo que é entendido como errado, nomeadamente do ponto de vista moral. Subjacente ao sentimento de vergonha pode surgir o arrependimento e a responsabilização. Estes sentimentos podem existir, quer porque a criança imagina que pode ter contribuído para a precipitação do evento, quer porque imagina não ter contribuído para a resolução do problema.

Os sentimentos de arrependimento podem estar relacionados com o sentimento de culpa. Esta culpa tem a ver com a percepção que as crianças têm do seu papel na ocorrência dos episódios, por entenderem que são muitas vezes um motivo de discussões, ou ainda, por não conseguirem evitar que as mesmas ocorram. São ainda referidas emoções, de maior ou menor intensidade afectiva, como sejam, a raiva, o nojo, pena, rejeição, alívio, inferioridade, desespero, surpresa e confusão.

Gostaríamos ainda de salientar que, neste estudo, optamos por não inquirir crianças que foram, de facto, maltratadas (sofreram maus tratos directos) na medida em que as mesmas, dadas as suas condições de vida, poderiam não estar receptivas a responder a questões desta natureza, para além do sofrimento desencadeado pelo reviver de uma situação que para elas é extremamente dolorosa. Ainda nos estudos de Ana Sami (2002), esta afirma, de forma convicta, que as vítimas de crimes não têm que experimentar directamente os acontecimentos para serem profundamente afectadas. O testemunho de situações de violência pode também ter efeitos nocivos. Assim, pareceu-nos pertinente poder apreender as percepções das crianças, que beneficiam de condições de vida normal, quando confrontadas com este tipo de situações. Embora seja muito discutível, podemos, a partir da percepção e das concepções destas crianças reflectir sobre o que se passará com crianças que foram efectivamente vítimas de maus tratos.

4.2. Hipóteses

De seguida passamos a apresentar um conjunto de hipóteses que pretendemos testar, neste estudo, e que incidem sobre a importância do género dos sujeitos inquiridos, o papel da figura parental que aplica os maus tratos, a influência do tipo de mau trato e a manipulação do formato do cenário de maus tratos (infligidos com ou sem intenção) na percepção que as crianças têm das figuras parentais, enquanto figuras maltratantes e, concomitantemente, no desencadear de reacções afectivas por parte de quem toma contacto com este tipo de situações.

Começando pela importância do género dos sujeitos inquiridos temos que, com base na revisão de literatura de estudos anteriores, Sousa (1997) formula a hipótese relativa às diferentes e até divergentes perspectivas que homens e mulheres têm sobre o mesmo, sendo que concretamente as mulheres são mais punitivas do que os homens na apreciação e condenação de actos criminosos. De facto, há evidências empíricas que permitem dizer que homens e mulheres percebem ou julgam um mesmo crime de

forma diferente. Torna-se então relevante verificar o papel do factor género na percepção das figuras parentais enquanto maltratantes. Extrapolando esta ideia para as crianças, espera-se que, as raparigas percepcionem mais desfavoravelmente as figuras parentais envolvidas nos cenários de maus tratos, principalmente quando é a mãe o agente dos mesmos, do que o fazem os rapazes, sobretudo quando é o pai o maltratante. Dado que as características comportamentais e de personalidade associadas às figuras parentais eram conotadas positiva e negativamente, espera-se que as raparigas, por comparação com os rapazes, considerem os pais maltratantes como sendo mais desequilibrados, violentos, chantagistas, desleixados, mentirosos, teimosos, autoritários e como sendo mais provável não respeitarem o filho, o deixem sozinho muito tempo e que o façam sem razão (hipótese 1).

Um outro aspecto a ser levado em consideração é a proximidade relacional do ofensor e da vítima. A proximidade afectiva entre o agressor e a vítima parece operar como um mediador importantíssimo na experiência que a criança tem do incidente, pois este, passa a ter um maior significado pessoal do que se não existisse essa proximidade.

Sabendo que o agressor é, na maior parte dos casos, um dos elementos que cuida da criança (um dos progenitores, avós, companheiros da mãe, entre outros), sabe-se também que as agressões provocadas por elementos do sexo feminino são mais frequentes, mas os do sexo masculino agredem, geralmente, com maior violência, provocando lesões mais graves (Canha, 2003). Assim, quando o mau trato de que é vítima a criança é infligido pelo pai, espera-se que este seja mais desfavoravelmente percepcionado (principalmente quando o mau trato é de natureza física), do que se for a mãe (hipótese 2).

Para além das implicações ligadas ao género, quer de quem avalia a situação, quer de quem intervém, há ainda a considerar o tipo de mau trato e o formato do cenário de maus tratos.

Existindo a forte convicção de que o castigo físico era necessário e mesmo indispensável para impor e manter a disciplina e para adquirir regras de educação, não é de estranhar que este se mantivesse durante séculos como uma forma de educação. Paralelamente à evolução do reconhecimento de diferentes formas de maus tratos, foi-se também assistindo ao aperfeiçoamento do próprio acto de maltratar. Numa escala de violência exercida sobre as crianças, o infanticídio aparece em primeiro lugar, seguindo-se e associando-se outros tipos de maus tratos como sejam o trabalho infantil, a mendicidade,

a exploração sexual, a violência psicológica e emocional, a negligência, entre outras. Assim, embora haja inúmeros factores de risco precipitantes das situações de maus tratos, todos eles, aliados à tolerância cultural da sociedade face ao castigo físico, que continua a ser aceite como um método legítimo de educação contribuem para o aparecimento de violência intrafamiliar e reflectem-se com maior acuidade e gravidade nas crianças, enquanto elementos mais fracos, mais vulneráveis e indefesos.

Assim, relativamente à percepção das figuras parentais envolvidas no cenário de maus tratos e levando em consideração o tipo de mau trato, é de esperar que quando o mau trato infligido pelos pais à criança é de natureza física, as figuras parentais sejam mais desfavoravelmente percebidas do que quando o mau trato é de natureza psicológica (hipótese 3).

Por outro lado, espera-se que, quando o cenário de maus tratos apresentado aos sujeitos inquiridos não contempla uma intenção (não seja explicitada nenhuma causa que pudesse conduzir à aplicação do mau trato e que, falsamente, justificasse a atitude dos pais) subjacente à aplicação do mesmo, as figuras parentais sejam mais desfavoravelmente percebidas do que quando no cenário é expressa uma intenção (uma crença ainda que falaciosa, mas que poderia justificar e ser a causa do mau trato) que se prende com a educação da criança vítima de maus tratos ('educar bem o filho') (hipótese 4).

Por tudo isto que foi referido parece-nos legítimo esperar que as figuras parentais sejam mais desfavoravelmente percebidas em situações em que o mau trato é de natureza física, não tem nenhuma intenção subjacente, é o pai o agente dos maus tratos e a avaliação é feita pelas raparigas (hipótese 5).

Neste estudo há ainda a considerar as reacções afectivas.

Normalmente, os processos de julgamento de situações são mediados pelas reacções afectivas dos sujeitos face aos acontecimentos (crimes), verificando-se que quanto mais grave é um crime, mais intensas são as reacções afectivas dos indivíduos e, portanto, os sentimentos negativos são mais fortes e mais intensamente sentidos. Partindo-se deste pressuposto, espera-se que as reacções afectivas dos sujeitos inquiridos face à situação de maus tratos sejam mais severas, mais negativas e mais intensamente sentidas quando o cenário os reporta para o mau trato de natureza física do que quando o mesmo é de natureza psicológica. Dado que as reacções afectivas remetem para sentimentos

conotados negativa e positivamente, espera-se que os sujeitos inquiridos se sintam mais irritados, revoltados, sozinhos, magoados e com mais medo e raiva quando o mau trato é de natureza física do que quando é de natureza psicológica (hipótese 6).

Consequentemente, espera-se também que, quando o cenário de maus tratos apresentado aos sujeitos não contempla uma intenção subjacente à aplicação do mesmo (como já foi referido, não seja explicitada nenhuma causa que falsamente, justificasse a atitude dos pais), os sujeitos inquiridos se sintam pior do que, quando no cenário é expressa uma intenção que se prende com a educação da criança vítima de maus tratos (uma crença, ainda que falaciosa, que pudesse justificar e ser a causa do mau trato - 'educar bem o filho') (hipótese 7).

No seguimento do que foi referido anteriormente para a percepção das figuras parentais, espera-se ainda que as raparigas fiquem mais afectadas (se sintam menos bem) do que os rapazes, principalmente se for a mãe o agente dos maus tratos. Relativamente aos rapazes, embora menos afectados com a situação do que as raparigas, espera-se que se sintam pior quando é o pai o agente dos maus tratos (hipótese 8).

Em síntese, pode esperar-se que os afectos sejam mais intensamente sentidos nas situações em que o mau trato é de natureza física, não tem nenhuma intenção e, no caso dos sujeitos inquiridos serem raparigas, quando é a mãe o agente dos maus tratos, quando são os rapazes, na situação em que é o pai (hipótese 9).

4.3. Variáveis

4.3.1. Variáveis independentes

Estando as hipóteses definidas, passamos a discriminar o modo como as diversas variáveis referidas nas hipóteses foram operacionalizadas neste estudo. Assim temos:

Factor classificatório 1 – *Género dos sujeitos inquiridos*. Este factor assume necessariamente as características de uma variável dicotómica e foi operacionalizado, obrigatoriamente, na sua dupla condição: masculino versus feminino.

Havendo evidências de que rapazes e raparigas percebem de forma diferente uma mesma situação, quisemos levar em consideração o género dos sujeitos testados. Assim,

a operacionalização desta variável foi feita através da resposta a uma questão que foi colocada directamente aos sujeitos inquiridos em que lhes era pedido que assinalassem qual o seu género (masculino ou feminino).

Variável independente 2 – *Género da figura parental mal tratante*. Tal como a anterior, esta variável é também, necessariamente dicotómica e foi operacionalizada na sua dupla condição (pai versus mãe).

Há estudos que indicam que os maus tratos ocorrem com bastante frequência no seio da família e portanto, as crianças são frequentemente maltratadas por um dos membros da família próxima (sendo a maior percentagem, as situações em que é o próprio pai ou mãe a fazê-lo). Neste sentido, a operacionalização desta variável foi feita através da construção de cenários de maus tratos tendo sido criadas histórias em que, numas situações era a mãe a figura parental maltratante e noutras em que era o pai.

Variável independente 3 – *Tipo de mau trato aplicado*. Relativamente a esta variável, embora a mesma pudesse configurar-se para várias situações, como sejam o abuso sexual, a negligência (também consideradas formas de mau trato) optamos por considerar apenas duas condições: por um lado o mau trato de natureza física e, por outro, o de natureza psicológica.

Tal como as anteriores, esta variável foi, também, operacionalizada através da construção do cenário de maus tratos. Para a construção dos cenários foi considerado mau trato físico, quando a criança apresentava sinais evidentes de ter sido batida e apresentava marcas de violência física tendo mesmo que recorrer ao hospital. Foi considerado mau trato psicológico a situação em que, associada à ausência de afecto para com a criança, existiam da parte de um membro da família (pai ou mãe) castigos, recriminações, humilhações e insultos verbais originando um clima de terror e medo (numa situação perfeitamente normal da vida da criança).

Variável independente 4 – *Formato do cenário de maus tratos*. Esta variável foi operacionalizada através da introdução ou não - na descrição do mau trato - de uma intenção subjacente ao mesmo.

Existindo ainda a ideia de que 'bater' é também uma forma de educar, achamos interessante avaliar este efeito neste estudo, tendo sido contemplado nos cenários

criados, a introdução ou não, de uma intenção que pudesse estar subjacente aos maus tratos.

Assim, considerou-se como havendo uma intenção subjacente aos maus tratos quando no cenário que era apresentado aos sujeitos inquiridos era expresso que aquele tipo de comportamento se relacionava com a convicção de educar bem a criança. Foi construído um cenário em que era expressa essa intenção (educar bem o filho) e, outro cenário, em que nada era dito (nenhuma intenção era expressa) relativamente à aplicação dos maus tratos.

4.3.2. Variáveis dependentes

Variável dependente 1 – *Afectos desencadeados após a leitura de uma história de maus tratos.*

Esta variável foi medida através de uma escala de reacções afectivas em que estavam contemplados doze sentimentos, sendo que seis são conotados positivamente (satisfeito, alegre, divertido, feliz, bem e contente) e, outros seis, negativamente (irritado, revoltado, sozinho, magoado, com medo, e com raiva).

Variável dependente 2 – *Percepção das figuras parentais envolvidas na situação de maus tratos.*

Esta variável foi medida através do uso de uma escala de atribuição de traços de personalidade e comportamentais, às figuras parentais, sendo a mesma composta por vinte adjectivos que se podem aplicar à personalidade e ao comportamento das pessoas, sendo que dez são conotados positivamente (carinhosa, boa, que se preocupa com a educação do filho, que conversa com o filho, simpática, alegre, meiga, que apoia o filho, inteligente, e culta) e, outros dez, conotados negativamente (desequilibrada, violenta, chantagista, desleixada, que não respeita o filho, mentirosa, que deixa o filho sozinho muito tempo, teimosa, que faz sofrer o filho sem razão e autoritária).

MÉTODO

5. MÉTODO

5.1. Participantes

Dado que este estudo se centra na percepção que as crianças têm de outros (adultos relativamente aos quais lhes é pedido que sejam vistos como figuras parentais maltratantes), achamos pertinente referir alguns aspectos levados em consideração na escolha da idade dos sujeitos que foram inquiridos. Assim, passamos à descrição sumária das alterações desenvolvimentais da criança que levam a transformações na forma como os outros são percebidos e que, portanto, conduzem a alterações nas descrições do outro.

Normalmente, o relato que as crianças mais novas fazem de outros é mais breve e menos diferenciado do que o de crianças mais velhas ou adultos. É também um relato que é exposto em termos absolutos carecendo de declarações comparativas. Relativamente às crianças mais velhas, estas já são capazes de levar em consideração diferentes circunstâncias, de introduzir gradações nos juízos que fazem e de reconhecer a incerteza. Por outro lado, as qualidades pessoais de quem é percebido estão quase completamente ausentes do relato das crianças mais novas, sendo que os indivíduos são descritos, mais em termos da sua aparência exterior do que dos atributos psicológicos, em que as crianças mais velhas já se concentram.

Em estudos já realizados neste domínio (percepção de indivíduos) é revelado que o modo como as crianças vêem os outros pode ser pensado numa progressão através de três estádios desenvolvimentais. São eles:

- Até aos sete anos, as crianças descrevem os outros em função das características exteriores (as aparências, as acções, as posses, onde vivem) e se fazem referências a aspectos psicológicos, utilizam termos gerais (como bonito, bom, entre outros) sendo que, no entanto estes são utilizados de uma forma 'egocêntrica' ('bom para mim') e referem-se ao comportamento circunstancial, sem indícios de que possam representar disposições duradouras.
- A partir dos sete, oito anos, as crianças revelam um aumento acentuado na utilização de termos caracterizadores (tímido, ansioso, esperto) nas descrições que fazem de outros indivíduos. Continuam a descrever aspectos visuais, mas já assumem que por

detrás da fachada exterior podem existir qualidades psicológicas que transcendem o comportamento circunstancial.

- o No início da adolescência é dado um outro passo, uma vez que os relatos de outros indivíduos se tornam mais sofisticados. Surgem termos qualificadores, como, 'por vezes' ou 'completamente'; os juízos são feitos relativamente à situação e às circunstâncias; existem tentativas para resolver as contradições no contexto da personalidade global e total do indivíduo. Cada vez mais, os indivíduos são também avaliados em termos comparativos, quer em relação a outros indivíduos, quer a algum padrão geral fixado pela sociedade.

Estas alterações desenvolvimentais nas descrições do outro, parecem ser da responsabilidade de duas das principais transformações que ocorrem na vida dos indivíduos.

Assim, as transformações que ocorrem por volta dos sete anos e no início da adolescência, podem fornecer pistas, uma vez que foi postulado que é por esta altura que ocorrem os principais realinhamentos nas funções cognitivas. Nos primeiros tempos de vida, as crianças entram no período das operações concretas e tornam-se capazes de apreciar a natureza invariante dos objectos. Em vez de oscilar entre quaisquer provas perceptuais concretas que a possam influenciar, as crianças conseguem integrar diversos extractos de informação através do tempo e tentar encontrar consistências nas propriedades dos objectos. A nova capacidade permite à criança pensar nos outros em termos de disposições duráveis que permanecem relativamente estáveis no tempo. A capacidade de apreciar a constância de carácter, segundo Rotenberg (1982) tem dois aspectos: estabilidade, isto é, a convicção de que a personalidade permanece imutável com o tempo; e a consistência, isto é, a convicção de que a identidade de um indivíduo não se altera, apesar das transformações na sua aparência pública.

A segunda alteração desenvolvimental na natureza da descrição do outro, a que ocorre na adolescência, coincide também com uma grande transformação cognitiva, nomeadamente a do período das operações concretas para o das operações formais. Por esta altura as crianças tornam-se muito mais aptas a lidar com as abstracções e com os relacionamentos. Já não têm que confiar em observações concretas, mas podem pensar acerca das entidades pressupostas e antecipar acontecimentos futuros. Os adolescentes podem formular hipóteses acerca dos indivíduos, vê-los em termos mais complexos, reconhecer a interacção da disposição pessoal e dos factores situacionais, introduzir

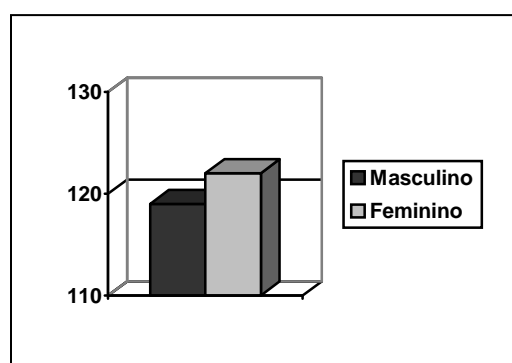
qualificações nas suas apreciações de acordo com as circunstâncias e pensar acerca dos relacionamentos entre os indivíduos, mesmo quando estes são desconhecidos para o jovem.

Não podemos, no entanto, ter a certeza de que as transformações cognitivas são totalmente responsáveis pelas alterações nos conceitos que as crianças têm dos outros. É possível que a experiência social também desempenhe um papel importante. Higgins e Parsons (1983), por exemplo, sugeriram que certas alterações na vida social da criança, tais como o ingresso na escola, a passagem do ensino primário para o secundário, levam necessariamente a alterações na cognição social que se reflectem no modo como os outros são pensados.

Desta forma, optamos por inquirir sujeitos que estando a entrar na adolescência são já capazes de perceber os outros de forma mais sofisticada fazendo recurso a comparações não só entre outros como também relativas a um padrão social fixo.

Assim, neste estudo participaram 241 sujeitos dos 2º anos do 2º ciclo do ensino básico, que frequentavam escolas de ensino público, cuja média etária era de 10.8 anos (as idades estavam compreendidas entre os 10 e os 11 anos), sendo que 119 eram do sexo masculino e 122 eram do sexo feminino.

Figura 1: Distribuição dos sujeitos testados em função do género.



Estes sujeitos não frequentavam todos a mesma instituição de ensino, mas frequentavam instituições que tinham as mesmas características, isto é, eram todas instituições de ensino públicas situadas, todas, na área da grande Lisboa.

O método de amostragem usado, para constituição da amostra, foi o método por conveniência e os critérios levados em conta para a selecção destes sujeitos tiveram a ver com: todos frequentarem o mesmo ano de escolaridade, criando-se assim

uniformidade quanto à faixa etária a que os sujeitos pertenciam (embora tivessem sido testados todos os sujeitos que nos foram disponibilizados e que se disponibilizaram, os que eram repetentes foram excluídos da amostra); frequentarem todas as escolas do ensino público numa tentativa de uniformizar o estatuto sócio-económico da amostra; não tendo sido, também, deixado ao acaso o género dos sujeitos inquiridos. Pretendia-se, neste estudo, ter um número igual ou equivalente de sujeitos do sexo feminino e do sexo masculino.

Para além de se terem excluído os sujeitos repetentes, também não foram incluídos aqueles que excederam taxas de não resposta, às diferentes questões do questionário, superiores a 10%.

Os 241 sujeitos inquiridos foram distribuídos por 16 grupos que são função do delineamento experimental criado para realizar este estudo. Os critérios de distribuição dos sujeitos pelos grupos, obedecendo ao delineamento esquematizado na tabela 1, foram critérios aleatórios tendo em conta as variáveis independentes empregues no estudo, bem como, as condições de cada uma delas.

Tabela 1: Distribuição dos sujeitos pelos grupos de testagem.

Figura Parental	Tipo de Mau Trato	Formato	Género		Total
			Masculino	Feminino	
Pai	Psicológico	Com intenção	15	18	33
		Sem intenção	16	17	33
	Físico	Com intenção	15	14	29
		Sem intenção	15	12	27
Mãe	Psicológico	Com intenção	15	16	31
		Sem intenção	15	13	28
	Físico	Com intenção	15	12	27
		Sem intenção	13	20	33
Total			119	122	241

Tal como já foi referido, todos os sujeitos foram distribuídos aleatoriamente pelas diferentes condições experimentais em estudo e cada sujeito só participou numa dessas condições (ver tabela com a distribuição dos sujeitos da amostra).

5.2. Delineamento Experimental

O objectivo principal deste estudo é avaliar a percepção que as crianças têm das figuras parentais numa situação de maus tratos em que, não só, são os próprios pais que então

envolvidos, mas também, são eles os agentes directos desses mesmos maus tratos. Assim, levou-se em consideração o género das crianças que foram inquiridas, o género da figura parental envolvida na situação, o tipo de mau trato, bem como, se o mesmo tinha uma intenção subjacente ou não, no sentido de verificar qual a relevância que estes aspectos poderiam ter na avaliação que as crianças faziam dos pais maltratantes. Ao mesmo tempo foi avaliado o impacto que estas situações têm através da avaliação da intensidade dos afectos sentidos.

Face a isto e decorrente das hipóteses por nós já formuladas, bem como, das variáveis em estudo pode dizer-se que, a presente investigação tem um planeamento experimental que pode caracterizar-se como sendo um plano factorial de tipo $2 \times 2 \times 2 \times 2^*$. Pretendeu-se, não só, avaliar o efeito de cada uma das variáveis em estudo, como também, se existiam efeitos de interacção entre elas.

5.3. Instrumento

Para a realização deste estudo foi construído, previamente, um questionário que comporta duas partes. Uma parte é considerada um bloco de consulta (ver anexo E) e, outra, um bloco de questões (ver anexo D). As duas partes foram apresentadas e aplicadas a todos os sujeitos que se constituíram como amostra.

Para além disso, o referido questionário foi submetido a um pequeno pré-teste de modo a verificar a existência de dificuldades, nomeadamente ao nível da compreensão das questões, no preenchimento das respostas às mesmas e a receptividade a questões abertas. Após ter sido constatado que não haviam dúvidas na compreensão do questionário e que os sujeitos inquiridos não se mostraram muito disponíveis para responder às questões abertas, fizeram-se as requeridas alterações. Deste modo o questionário final ficou só com questões de resposta fechada, à excepção de uma, em que os sujeitos podiam exprimir livremente a sua opinião.

O bloco de consulta acompanhou o questionário na fase de pré-teste, tendo-se verificado que, não só, os sujeitos inquiridos não levantaram questões relativas à sua compreensão como, também, o acharam de grande utilidade.

* Esta investigação comporta quatro variáveis independentes e, cada uma delas, assume duas condições. Especificando temos: 2 (género: masculino versus feminino) x 2 (figura parental: pai versus mãe) x 2 (tipo de mau trato: psicológico versus físico) x 2 (formato: com intenção versus sem intenção).

O bloco de consulta que, como já foi referido, se constituiu como um bloco à parte (e que é entregue em separado) tem por finalidade, ajudar os sujeitos no preenchimento do bloco de questões e servir de suporte ao experimentador para a manipulação das variáveis experimentais em estudo. Assim, podem distinguir-se quatro partes do referido bloco. São elas: uma parte de instruções gerais relativas ao preenchimento do questionário em que é explicitado claramente, através de um exemplo, como assinalar correctamente as respostas, bem como, o que fazer em caso de erro; um texto onde é contada uma história que serve de suporte à manipulação das variáveis experimentais; um mini-dicionário com alguns termos menos usuais e/ou mais susceptíveis de induzir dúvidas em crianças com a idade dos sujeitos inquiridos; e finalmente, uma "folha quase branca" onde as crianças se podiam exprimir à vontade, quer através do desenho, quer através da escrita, a qualquer momento do preenchimento do questionário.

Relativamente às histórias contadas (ver anexo C) nos textos dos blocos de consulta, as mesmas baseiam-se em casos reais, embora tenham sido adaptadas de forma a não se poderem identificar os referidos casos, bem como, criar uma certa homogeneidade descritiva¹. Nelas são relatados e descritos casos de crianças maltratadas em que se fez variar a figura parental que as maltratava (foi construído um cenário em que, a figura parental maltratante era o pai e outro, exactamente igual, mas em que a figura parental maltratante era a mãe), o tipo de mau trato (numas situações era descrito um mau trato físico e noutras psicológico) e o formato do cenário de maus tratos [havia cenários que não continham nenhuma informação relativa à aplicação do mau trato (não é explicitada nenhuma causa que conduziu à aplicação do mesmo), e outros em que era apresentada uma crença, ainda que falaciosa, que poderia justificar ou ser a causa do mau trato ('educar bem o filho')]. Assim, foram constituídos oito tipos de blocos de consulta² que são função das diferentes formulações da história, em que se teve em conta, obviamente, as variáveis independentes do estudo, bem como, as condições a que as mesmas obedecem.

Vejamos um exemplo da situação em que é o pai a figura parental que maltrata fisicamente, com a intenção de educar bem o filho.

¹ Os acontecimentos relatados nas histórias apresentadas neste estudo são eventos que estão tipificados na lei penal, pelo grau e formas distintas de violência exercida sobre indivíduos, concretamente crianças, que podem ser vítimas directas ou indirectas.

² Há dois blocos de consulta com duas histórias em que é a mãe que maltrata fisicamente, num com a intenção de educar bem o filho e, noutro, não é expressa nenhuma intenção. Existem mais dois cenários em que também é a mãe que maltrata, mas em que o mau trato é psicológico, num com intenção e noutro sem. Repetem-se as mesmas histórias para o pai enquanto figura parental maltratante. Estes cenários podem ser consultados no anexo X.

O João tem 10 anos e anda no 4º ano do 1º ciclo. Um dia, depois do João chegar da escola, o pai saiu de casa, recomendando ao João que fizesse os trabalhos da escola que a professora tinha mandado. Mas, nesse dia, a professora não tinha mandado trabalhos para fazer e, por isso, o João sentou-se na sala a ver televisão. Quando o pai do João voltou e viu que o João não estava a fazer os trabalhos, começou a bater-lhe muito e com muita força. Primeiro, bateu-lhe com um molho de chaves que trazia na mão, de tal maneira que uma das chaves acertou no lábio do João e fez muito sangue. O João começou a chorar. O pai, que trazia um cigarro aceso na outra mão, esbarrachou-o no braço do João. Então o João começou a gritar muito e, por isso, o pai agarrou num candeeiro de ferro que por acaso estava ali mesmo ao pé, em cima da mesinha da sala, e começou a bater com o candeeiro no João. Já muitas vezes o pai o tinha castigado, por pensar que esta seria a melhor forma de educar bem o João, mas desta vez, o João ficou tão magoado que teve que ir para o hospital para ser tratado e operado à cabeça. Os médicos ainda não sabem muito bem se o João vai ficar bom ...

Relativamente ao bloco de questões, ou questionário propriamente dito, ele apresenta-se sob duas formas distintas que são determinadas pela variável género da figura parental maltratante. Assim, foram construídos questionários cujas questões se referiam ao pai e questionários em que as perguntas remetiam para a mãe.

O questionário final é constituído por 19 questões (18 de resposta fechada e uma de resposta aberta), sendo que dessas, 4 dizem respeito a dados pessoais e 3 a despiste de situações de maus tratos. As 11 questões restantes de resposta fechada tinham associados um conjunto de adjectivos e/ou descrições de comportamentos que podiam ser classificados em termos de intensidade ou aplicabilidade numa escala de 7 postos.

Cada questionário é composto por uma folha de rosto e o conjunto das 19 questões, quase todas de resposta fechada, que passamos a descrever sumariamente.

Gostaríamos só de referir que, embora o instrumento tenha sido integralmente aplicado a todos os sujeitos que se constituíram como amostra, só alguns dos dados recolhidos foram utilizados neste estudo. Mesmo assim, optamos por fazer uma caracterização completa do referido instrumento, dando mais ênfase à parte que foi por nós trabalhada.

Assim, o questionário inicia-se com uma folha de apresentação onde é, sumariamente, explicitada a natureza do mesmo, feita uma descrição dos procedimentos a ter em consideração no seu preenchimento, é dada ênfase à espontaneidade das respostas salientando que não há respostas certas e erradas, que não há limite de tempo, e finalizando com os agradecimentos relativos à colaboração dos sujeitos. É também nesta folha que é pedido aos sujeitos que leiam o 'Bloco de Consulta' antes de começarem a responder. É no bloco de consulta que se encontram as histórias relativamente às quais são colocadas as questões do questionário.

A seguir à folha de apresentação, surge a primeira questão que remete para os afectos vivenciados após a leitura da história de maus tratos. É pedido aos sujeitos que indiquem como se sentem e para tal, os mesmos são confrontados com uma escala de reacções afectivas que tem como objectivo avaliar a intensidade desses sentimentos. Como já foi referido, esta questão está associada a um conjunto de 12 adjectivos referentes a sentimentos, sendo que 6 são conotados positivamente e 6 negativamente. Os mesmos podiam ser classificados, quanto à sua intensidade, numa escala que variava entre 1 (absolutamente nada) e 7 (muitíssimo). Cabia aos sujeitos indicar, para cada um dos adjectivos propostos com que intensidade os sentiram, depois de serem confrontados com o cenário de maus tratos.

De seguida, era pedido aos sujeitos inquiridos que descrevessem o que pensavam acerca da história que tinham lido (pergunta de resposta aberta) dando espaço à livre expressão dos sujeitos.

Com o objectivo de se poder avaliar a percepção que os sujeitos testados têm da figura parental envolvida no cenário de maus tratos surge, uma outra questão que remete para a atribuição de comportamentos e de traços de personalidade às referidas figuras parentais envolvidas na história lida (como já é sabido, existe uma versão que se refere ao pai e outra que se refere à mãe). À semelhança da anterior, esta questão tem associados 20 itens que se referem a características comportamentais e de personalidade, sendo 10 conotadas positivamente e 10 negativamente. Também aqui, foi pedido aos sujeitos que indicassem, através do uso de uma escala que variava, de igual modo, entre 1 (absolutamente nada) e 7 (muitíssimo) até que ponto achavam provável que a figura parental envolvida no cenário de maus tratos, apresentasse cada uma das características propostas.

Para além da avaliação das figuras parentais envolvidas na história foi, também, avaliada a percepção que as crianças inquiridas têm da criança da história, que é vítima de maus tratos. Para isso o questionário comporta uma questão que remete para a atribuição de comportamentos e traços de personalidade à figura maltratada da história lida. À semelhança das anteriores, também, esta questão está associada a 20 itens, sendo metade conotados de forma positiva e outra metade de forma negativa e, tendo os sujeitos que responder para cada um dos itens propostos através do uso de uma escala de 7 pontos exactamente igual às anteriores.

Do questionário faz ainda parte uma escala de atribuição do grau de: gravidade do acto, culpa da figura parental mal tratante, crueldade do acto, censurabilidade do acto, intenção dolorosa, possibilidade de evitar o acto por parte da figura maltratada e, ainda, a culpa ou a contribuição da vítima. Tudo isto tem como objectivo a avaliação do julgamento moral que é feito da situação. Ainda dentro deste contexto, os sujeitos são levados a pensar sobre questões de âmbito mais geral mas que se prendem com a compreensão e explicação do fenómeno de maus tratos e, portanto, permitem perceber melhor a situação de modo a fazer um julgamento mais adequado. Assim, o questionário comporta uma escala de atribuição de relevo a questões acessórias aos maus tratos, da qual fazem parte 14 itens que têm a ver com questões ligadas a doença, problemas de ordem económica e de relacionamento, questões ligadas ao acto propriamente dito e, ainda, relacionadas com a criança. Devem os sujeitos inquiridos responder a cada uma das questões propostas conforme a sua opinião e grau de importância que lhe dão.

Neste âmbito, é ainda pedido aos sujeitos que formulem um veredicto e que, desta forma, façam uma atribuição de culpa ou inocência relativamente à figura parental mal tratante. Para além do veredicto é ainda pedido que, nas situações em que é atribuída culpa à figura parental mal tratante, indiquem se o castigo a aplicar deve ser ou não severo.

De seguida, pede-se aos sujeitos que informem se conhecem ou não crianças vítimas de maus tratos, quer eles sejam físicos ou psicológicos. Na sequência disso, fazem ainda parte do questionário duas questões de resposta alternativa (ou respondem a uma ou a outra). Numa, é pedido aos sujeitos inquiridos que avaliem que características é que eles acham que têm as crianças vítimas de maus tratos, no caso de conhecerem uma criança nestas circunstâncias. Noutra, se não conhecem, como é que imaginam que se comporta uma criança maltratada. Com isto pretende-se avaliar qual a percepção que as crianças têm de outras crianças que são vítimas de maus tratos. Como já foi referido para esta avaliação o questionário comporta duas escalas iguais relativamente ao número de itens

(13 itens) e ao conteúdo dos mesmos, distinguindo-se uma da outra pela instrução que é dada antes (se conhece ou como é que imagina que...). Também aqui todos os itens devem ser avaliados quanto à adequabilidade das características propostas.

Por último, são pedidos aos sujeitos os seus dados pessoais de forma a poder conhecer cada um dos sujeitos inquiridos mas não permitindo a sua identificação. É também, feito o despiste da percepção de maus tratos próprios perguntando directamente às crianças se já foram maltratadas física ou psicologicamente. No caso em que as crianças refiram que já se sentiram maltratadas física ou psicologicamente é-lhes pedido que falem um pouco sobre isso.

Em síntese, pretende-se avaliar com este questionário o que é que as crianças inquiridas se sentiram face à situação de maus tratos, como percebem as figuras parentais maltratantes, como percebem crianças vítimas de maus tratos, que julgamento fazem destas situações e que características acham que têm as crianças vítimas de maus tratos.

Cada um dos diferentes itens associados às diferentes questões são avaliados conforme o que é sentido ou conforme a probabilidade associada, ou mesmo o grau de importância, na opinião dos sujeitos inquiridos. Cada item é acompanhado de uma escala de 7 pontos.

5.4. Procedimento de recolha de dados

Os questionários foram aplicados aos participantes do estudo (241 sujeitos do 2º ano do 2º ciclo do ensino básico de instituições de ensino públicas) em contexto de sala de aulas. Para tal, foi solicitada aos sujeitos a sua colaboração para um estudo sobre o que pensam as crianças de pais que maltratam os filhos.

A aplicação do questionário foi feita colectivamente e de forma aleatória relativamente as condições experimentais existentes. Durou, em média, trinta minutos, findos os quais se agradeceu a participação e a colaboração dos presentes e se prestaram esclarecimentos relativamente ao estudo a que os questionários se destinavam.

As instruções para o preenchimento dos questionários foram apresentadas por escrito mas as mesmas foram, ao mesmo tempo, lidas em voz alta pelo experimentador no sentido de

haver maior certeza de que todos os sujeitos compreendiam bem aquilo que lhes iria ser pedido.

Convém referir que, numa primeira fase foram aplicados 32 questionários (dois questionários por condição experimental) a crianças que frequentavam uma escola C+S de Lisboa, no sentido de realizar um pré-teste, bem como determinar o tempo médio de resposta. Tentou-se, desta forma, perceber as dúvidas e principais dificuldades sentidas pelas crianças no preenchimento do questionário.

Não tendo sido detectadas dificuldades relevantes, quer ao nível da compreensão das questões colocadas, quer ao nível do preenchimento, o questionário manteve a sua forma original à excepção de um aspecto: todas as questões que faziam parte do questionário eram acompanhadas de 'sub-questões' deixadas em aberto para que os sujeitos inquiridos pudessem acrescentar mais informação que achassem relevante. As mesmas foram retiradas do formato final do questionário uma vez que os sujeitos, ou não acrescentavam informação ou faziam-no de forma desadequada.

Assim, por exemplo, a primeira questão que surgia no questionário era "Depois de leres a história, como é que te sentes?" sendo a mesma acompanhada de um conjunto de adjetivos que expressavam sentimentos e que os sujeitos deviam classificar quanto à intensidade com que os sentiram após a leitura da história de maus tratos. Imediatamente a seguir era apresentada a 'sub-questão' "Para além disso, que mais sentes?" sendo o espaço deixado em branco para que os sujeitos acrescentassem o que considerassem relevante. O que acontecia com estas 'sub-questões', como já foi referido, é que, ou os sujeitos não as preenchiam ou, introduziam informação sob a forma de apreciação da situação e não em itens passíveis de classificação ou, ainda, acrescentavam informação que já tinha sido referida nos itens anteriores. Por este facto, tomou-se a decisão de retirar todas as 'sub-questões' do questionário na medida em que se verificou que as mesmas não se constituíam como uma mais valia para o estudo e eram, por vezes, até fonte de perturbação e dúvida.

RESULTADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

6. RESULTADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Antes de iniciar a apresentação dos resultados propriamente dita, achamos conveniente referir alguns aspectos que se prendem com a forma como os mesmos foram trabalhados. Num primeiro momento, a análise dos dados foi feita tomando as variáveis dependentes globalmente mas, concomitantemente, foram também analisadas as diferentes dimensões das mesmas, tendo em conta a relação que existem entre estas e as variáveis independentes do estudo. Assim, por exemplo, interessou-nos não só saber, se a percepção das figuras parentais variava em função do género dos sujeitos inquiridos (...), mas também, se haviam alterações em função das características ou adjectivos que podiam ser aplicados a essas figuras (como seja: autoritária, má).

Assim, pensamos ser útil realizar um duplo processo de análise de resultados (por um lado descritivo e, por outro, inferencial) uma vez que é nossa convicção, poder assim aceder a leituras, por um lado, mais exactas e, por outro, mais detalhadas e portanto mais ricas, relativas aos efeitos provocados pelas variáveis em estudo. Para além disso, há ainda uma maior possibilidade de atribuição de significação aos dados recolhidos.

Esta dupla análise, na sua vertente descritiva, permite a partir das respostas dos sujeitos que são função da leitura de uma história de maus tratos, evidenciar dados pertinentes relativamente aos afectos vivenciados face à situação e à percepção das figuras parentais envolvidas no cenário de maus tratos, levando em consideração o género dos sujeitos inquiridos, bem como, qual a figura parental mal tratante, o tipo de maus tratos e se os mesmos tinha subjacente uma intenção ou não (educar bem o filho). Por outro lado, na sua vertente inferencial, esta análise permite testar o significado estatístico dos fenómenos observados e estabelecer as diferenças significativas de resultados.

Na análise descritiva dos resultados foram usadas as médias, modas e medianas e os desvios padrão dos dados obtidos através das respostas dos sujeitos, tendo em conta que os mesmos avaliavam as diferentes dimensões da mesma variável numa escala que variava entre 1 e 7 (de 'absolutamente nada' a 'muitíssimo') havendo, em algumas circunstâncias, necessidade de conversão das respostas, na medida em que haviam itens conotados positiva e negativamente.

Relativamente à análise inferencial e dado o delineamento experimental utilizado (plano factorial de tipo 2 x 2 x 2 x 2) grande parte das análises de dados foram efectuadas com

recurso a análises de variância univariada (Anova). Nalgumas situações, e sempre que se justificava, foi usado o t de Student para amostras emparelhadas, no sentido de precisar melhor o efeito das variáveis quando tomadas nas suas diferentes dimensões.

Estas análises de variância visaram testar os efeitos principais previstos nas hipóteses levantadas por este estudo e explorar os eventuais efeitos de interacção entre as variáveis.

Recorreu-se ainda ao teste de Post-hoc de Tukey, na sequência das análises de variância das quais resultaram interacções significativas de dois, três e quatro factores. Sendo um método de comparação múltipla bastante sensível para detectar diferenças entre os grupos que constituem a amostra, este permitiu uma melhor interpretação das interacções, podendo-se dizer com mais clareza que grupos contribuíram efectivamente para a diferença de resultados encontrados.

A maior parte destas análises foram realizadas através do uso do programa estatístico SPSS e foi, igualmente utilizado o programa STATISTICA.

Por último, gostaríamos ainda de salientar que houveram circunstâncias na análise dos dados em que o número de respostas dos sujeitos não correspondia ao total de sujeitos inquiridos. Esta diferença deve-se ao facto de alguns sujeitos testados se esquecerem ou não responderem à avaliação de uma ou outra das dimensões das diferentes variáveis em estudo. Também, é de referir que embora se tenha tentado colocar em cada uma das condições do estudo o mesmo número de sujeitos e o mesmo número de rapazes e raparigas, o número é muito próximo mas não é exactamente o mesmo.

6.1. Resultados relativos aos afectos

6.1.1. Diferenças de resultados nos afectos

Na análise de resultados começamos por fazer uma avaliação de como foram vivenciados um conjunto de afectos, após a leitura de uma história de maus tratos, que foi apresentada aos participantes inquiridos.

Como já foi referido no capítulo dos instrumentos, os afectos foram avaliados através do uso de uma escala composta por doze sentimentos, metade conotados positivamente e,

metade, conotados negativamente. Tendo em conta que os mesmos podiam ser classificados, quanto à intensidade sentida, numa escala que variava entre 1 ('sentir-se' absolutamente nada) e 7 ('sentir-se' muitíssimo), os respectivos 'scores' tiveram que ser invertidos para que se pudessem tratar os resultados globalmente.

Assim, pretendia-se saber como é que os sujeitos se sentiram após a leitura da história, com que intensidade sentiram e, igualmente, verificar se os afectos variavam em função das condições experimentais em estudo.

Para tal, foi feita uma análise de variância tendo como variável dependente os afectos tomados como um todo (quer os conotados positivamente, quer os conotados negativamente) e, como variáveis independentes, a figura parental mal tratante (o pai ou a mãe), o tipo de mau trato (psicológico ou físico) e o formato da história apresentada (com uma intenção subjacente ao mau trato ou sem ser expressa qualquer intenção), bem como, o factor género dos sujeitos inquiridos (rapazes ou raparigas). Os resultados obtidos encontram-se expressos, de forma sintetizada, na tabela 2.

Tabela 2: Resultados da análise de variância relativos aos afectos vivenciados face à situações de maus tratos, tomados globalmente.

	<i>F</i> (1.225)	<i>p</i>
Formato	0.79	0.37
Género	0.00	0.96
Figura Parental	0.69	0.41
Mau Trato	2.98	0.09
Formato x Género	0.28	0.60
Formato x Figura Parental	0.35	0.55
Género x Figura Parental	0.91	0.34
Formato x Mau Trato	1.25	0.26
Género x Mau Trato	0.25	0.62
Figura Parental x Mau Trato	0.02	0.89
Formato x Género x Figura Parental	0.00	0.97
Formato x Género x Mau Trato	3.08	0.08
Formato x Figura Parental x Mau Trato	0.00	0.98
Género x Figura Parental x Mau Trato	1.07	0.30
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	0.15	0.70

Estes resultados evidenciam a não existência de quaisquer diferenças significativas (não se verificou qualquer efeito principal significativo nem qualquer efeito de interacção também significativo), apesar de existirem dois efeitos tendenciais (um efeito principal relativo ao tipo de mau trato ($p < 0.09$) e um efeito de interacção entre o formato, o género e o tipo de mau trato ($p < 0.08$)). No entanto, estes resultados indicam que, os afectos

parecem não ter variado independentemente do género dos participantes inquiridos, independentemente de quem foi a figura parental mal tratante (o pai ou a mãe), do mau trato ser físico ou psicológico e da história apresentar uma intenção subjacente ao mau trato ou não.

O que se pode verificar é que, os afectos vivenciados pelos sujeitos, foram primordialmente negativos (ver tabela 3).

Tabela 3: Médias relativas à variável Afecto.

Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	Formato	Afecto (\bar{x})	N
Masculino	Pai	Psicológico	Com intenção	3.19	15
			Sem intenção	2.90	15
		Físico	Com intenção	2.96	15
			Sem intenção	2.81	15
	Mãe	Psicológico	Com intenção	3.08	18
			Sem intenção	2.63	14
		Físico	Com intenção	3.29	16
			Sem intenção	2.60	12
Feminino	Pai	Psicológico	Com intenção	3.23	16
			Sem intenção	2.65	15
		Físico	Com intenção	2.71	15
			Sem intenção	2.49	13
	Mãe	Psicológico	Com intenção	2.66	17
			Sem intenção	3.10	12
		Físico	Com intenção	2.81	13
			Sem intenção	2.83	20
Todos os Grupos				2.88	241

A média encontrada é de 2.88 ($\bar{x}=2.88$; $d.p.=1.06$), o que numa escala de 1 a 7 é claramente desfavorável.

6.1.2. Análise de resultados dos afectos tomados isoladamente

Embora sabendo que os afectos vivenciados pelos participantes inquiridos foram claramente negativos ($\bar{x}=2.88$), interessou-nos igualmente verificar como é que cada um deles foi sentido e quais dos afectos foram sentidos mais intensamente. Para tal, começamos por proceder a uma análise descritiva. Os resultados obtidos nesta análise estão expressos na tabela 4.

Numa abordagem global, os resultados da análise descritiva dos afectos parecem indicar que, relativamente aos afectos conotados positivamente existe uma maior uniformidade nas respostas dadas, sendo que o mesmo já não se passa quando nos reportamos aos afectos conotados negativamente.

Assim, embora as médias indiquem que os afectos negativos foram sentidos com alguma intensidade pelos sujeitos inquiridos, as respostas dadas variaram entre sentirem-se ‘muito’, ‘um bocado’ e ‘quase nada’ afectados negativamente com aquilo que aconteceu à criança que foi vítima de maus tratos.

O mesmo parece não se passar quando nos reportamos à análise dos afectos conotados positivamente. Encontra-se uma maior uniformidade nas respostas dadas, e neste caso, as médias encontradas indicam que os afectos conotados positivamente foram ‘quase nada’ sentidos. Para todos estes afectos, a resposta mais frequentemente observada foi ‘absolutamente nada’ e, a mesma, comporta mais de metade da globalidade das respostas dadas (*mediana*=1 e *moda*=1).

Tabela 4: Resultados da análise descritiva, relativos aos afectos vivenciados após a leitura de uma história de maus tratos.

	\bar{x}	Mediana	Moda	d.p.
Revoltado	5.08	6.00	7.00	1.92
Magoado	4.94	5.00	7.00	1.93
Com raiva	4.61	5.00	7.00	2.06
Irritado	4.56	5.00	7.00	2.07
Com medo	2.92	2.00	1.00	2.04
Sozinho	2.70	2.00	1.00	1.94
Bem	2.26	1.00	1.00	1.84
Alegre	1.98	1.00	1.00	1.81
Contente	1.94	1.00	1.00	1.70
Feliz	1.93	1.00	1.00	1.76
Divertido	1.77	1.00	1.00	1.56
Satisfeito	1.75	1.00	1.00	1.58

Embora se tenha verificado que os afectos foram sentidos de forma diferente, não só conforme a sua conotação afectiva, mas também, havendo variações dentro daqueles que tinham a mesma conotação, quisemos saber quais é que foram sentidos mais intensamente e se se distinguem uns dos outros relativamente a essa intensidade. Com este objectivo, efectuou-se um *t de Student* para dados relacionados. Os resultados obtidos estão expostos na tabela 5.

Os resultados obtidos permitem-nos dizer que os afectos ‘Revoltado’ e ‘Magoado’ foram aqueles que foram sentidos mais intensamente ($\bar{x}=5.08$, $d.p.=1.92$ e $\bar{x}=4.94$, $d.p.=1.93$ respectivamente), logo seguidos de ‘Com raiva’ e ‘Irritado’ ($\bar{x}=4.61$, $d.p.=2.06$ e $\bar{x}=4.56$, $d.p.=2.07$ respectivamente) e, estes de ‘Com medo’ e ‘Sozinho’ ($\bar{x}=2.92$, $d.p.=2.04$ e $\bar{x}=2.70$, $d.p.=1.94$ respectivamente). Chamamos a atenção, para o facto de estes pares de afectos conotados negativamente não diferirem significativamente entre si, mas diferirem significativamente de todos os afectos conotados positivamente. Relativamente a estes últimos, as suas médias são muito próximas e todos eles diferem significativamente dos afectos conotados negativamente.

Tabela 5: Teste *t* de Student para os diferentes afectos vivenciados após a leitura de uma história de maus tratos.

	Irritado	Satisfeito	Revoltado	Sozinho	Alegre	Magoado	Com medo	Divertido	Feliz	Com raiva	Bem
Satisfeito	t = 14.41 p ≤ .00										
Revoltado	t = -4.43 p ≤ .00	t = -17.38 p ≤ .00									
Sozinho	t = 10.70 p ≤ .00	t = -5.95 p ≤ .00	t = 14.02 p ≤ .00								
Alegre	t = 12.17 p ≤ .00	t = -2.19 p ≤ .03	t = 14.93 p ≤ .00	t = 4.41 p ≤ .00							
Magoado	t = -2.56 p ≤ .01	t = -17.27 p ≤ .00	t = 1.42 p ≤ .16	t = -14.54 p ≤ .00	t = -15.01 p ≤ .00						
Com medo	t = 9.55 p ≤ .00	t = -7.21 p ≤ .00	t = 12.72 p ≤ .00	t = -1.34 p ≤ .18	t = -5.52 p ≤ .00	t = 13.42 p ≤ .00					
Divertido	t = 14.56 p ≤ .00	t = -0.69 p ≤ .49	t = 17.51 p ≤ .00	t = 5.75 p ≤ .00	t = 1.96 p ≤ .05	t = 17.53 p ≤ .00	t = 6.77 p ≤ .00				
Feliz	t = 13.33 p ≤ .00	t = -1.84 p ≤ .07	t = 16.16 p ≤ .00	t = 4.35 p ≤ .00	t = 0.33 p ≤ .75	t = 15.58 p ≤ .00	t = 5.56 p ≤ .00	t = -2.04 p ≤ .04			
Com raiva	t = -0.37 p ≤ .71	t = -15.37 p ≤ .00	t = 4.09 p ≤ .00	t = -12.07 p ≤ .00	t = -12.85 p ≤ .00	t = 2.44 p ≤ .02	t = -9.81 p ≤ .00	t = -14.92 p ≤ .00	t = -13.33 p ≤ .00		
Bem	t = 10.96 p ≤ .00	t = -4.37 p ≤ .00	t = 14.19 p ≤ .00	t = 2.42 p ≤ .02	t = -2.70 p ≤ .01	t = 13.13 p ≤ .00	t = 3.69 p ≤ .00	t = -4.89 p ≤ .00	t = -3.01 p ≤ .00	t = 11.53 p ≤ .00	
Contente	t = 12.71 p ≤ .00	t = -1.92 p ≤ .06	t = 15.80 p ≤ .00	t = 4.39 p ≤ .00	t = 0.34 p ≤ .74	t = 14.92 p ≤ .00	t = 5.78 p ≤ .00	t = -1.91 p ≤ .06	t = 0.10 p ≤ .92	t = 13.12 p ≤ .00	t = 4.65 p ≤ .00

Para uma análise mais detalhada dos afectos, em função dos resultados obtidos na análise descritiva, optamos por dividir essa mesma análise em função da conotação afectiva dos mesmos, começando por aqueles que foram mais intensamente sentidos (afectos conotados negativamente) e, prosseguindo a análise, para os que foram menos intensamente sentidos (afectos conotados positivamente).

Afectos conotados negativamente

O afecto ‘Revoltado’ foi o mais intensamente sentido e o mesmo apresenta uma média ($\bar{x}=5.08$, $d.p.=1.92$) que indica que os sujeitos inquiridos se sentiram, após a leitura do cenário de maus tratos, ‘um bocado’ revoltados com a situação descrita.

No entanto, constatou-se também, que metade dos sujeitos inquiridos considerou sentir-se até 'muito' revoltado (a maior parte das respostas situaram-se à direita do ponto 6 da escala de avaliação; *mediana*=6.00) e, a resposta mais frequentemente observada foi 'muitíssimo' revoltado (*moda*=7.00). Assim, dos 237 sujeitos inquiridos, 21.1% considerou sentir-se 'muito' revoltado e 30.8% 'muitíssimo' revoltado, sendo que estas percentagens totalizam 51.9% dos resultados globais para a avaliação deste afecto. Somente 13.5% considerou sentir-se 'absolutamente nada' e 'quase nada' revoltado.

Os afectos negativos que se seguem são 'Magoado', 'Com raiva' e 'Irritado'. A média de respostas encontrada para cada um deles foi respectivamente de $\bar{x}=4.94$ (*d.p.*=1.93), $\bar{x}=4.61$ (*d.p.*=2.06) e $\bar{x}=4.56$ (*d.p.*=2.07), o que indica que os sujeitos inquiridos se sentiram, após a leitura da história, 'um bocado' magoados, irritados e com 'um bocado' de raiva daquilo que se passou no cenário apresentado.

Visto com mais detalhe, constatou-se que o valor médio das respostas estava muito próximo do valor da mediana (*mediana*=5.00), pelo que, para estes três afectos, metade dos sujeitos inquiridos considerou sentir-se no máximo 'um bocado' irritado, magoado ou com raiva. No entanto, a resposta mais frequentemente observada foi 'muitíssimo' irritado, magoado e com 'muitíssima' raiva (*moda*=7.00).

Assim, dos 238 sujeitos inquiridos, 26.5% considerou sentir-se 'muitíssimo', 21.0% 'muito' e 18.1% 'um bocado' magoado. Constatou-se também que somente 15.1% dos sujeitos se sentiram 'absolutamente nada' ou 'quase nada' magoados.

Para o afecto 'Com raiva', dos 237 sujeitos inquiridos, 24.5% considerou sentir-se com 'muitíssima', 14.8% 'muita' e 21.5% com 'um bocado' de raiva. Constatou-se ainda que 20.3% dos sujeitos considerou sentir-se com 'absolutamente nenhuma' ou 'quase nenhuma' raiva.

Para o afecto 'Irritado', 22.7% dos sujeitos considerou sentir-se 'muitíssimo', 16.8% 'muito' e 20.6% 'um bocado' irritado. Constatou-se também que 22.7% dos sujeitos considerou sentir-se 'absolutamente nada' ou 'quase nada' irritado.

Relativamente aos afectos 'Sozinho' e 'Com medo', estes apresentaram resultados opostos aos encontrados para os outros afectos conotados negativamente. Os mesmos apresentam médias, respectivamente de $\bar{x}=2.70$ (*d.p.*=1.94) e $\bar{x}=2.92$ (*d.p.*=2.04), o que indica que os participantes inquiridos se sentiram 'pouco' sozinhos e com 'pouco' medo.

De facto, para ambos os afectos, metade dos sujeitos testados considerou sentir-se no máximo 'quase nada' sozinhos ou com 'quase nenhum' medo (a maior parte das respostas situaram-se à esquerda do ponto 2 da escala de avaliação, *mediana*=2.00). Para estes dois afectos, a resposta mais frequentemente observada foi 'absolutamente nada' (*moda*=1.00), pelo que podemos concluir que os sujeitos não se sentiram nada sozinhos nem com medo da situação.

Em termos percentuais, dos 237 sujeitos testados, 43.5% considerou sentir-se 'absolutamente nada' e 13.1% 'quase nada' sozinhos. Somente 11.4% dos sujeitos se sentiu 'muito' ou 'muitíssimo' sozinho.

Relativamente ao afecto 'Com medo', dos 239 sujeitos testados, 43.1% considerou sentir-se com 'absolutamente nenhum' medo. Somente 12.5% dos sujeitos se sentiu com 'muito' ou 'muitíssimo' medo.

Afectos conotados positivamente

Passamos, agora, à análise dos afectos conotados positivamente que, como constatámos anteriormente, foram aqueles que foram sentidos com menor intensidade.

Como já foi possível verificar pela análise da tabela 4, os afectos 'Satisfeito', 'Divertido', 'Feliz', 'Contente', 'Alegre' e 'Bem' apresentam respectivamente médias de 1.75 (*d.p.*=1.58), 1.77 (*d.p.*=1.56), 1.93 (*d.p.*=1.76), 1.94 (*d.p.*=1.70), 1.98 (*d.p.*=1.81) e de 2.26 (*d.p.*=1.84). Estas indicam que os participantes inquiridos, tal como era de esperar, se sentiram 'quase nada' satisfeitos, divertidos, felizes, contentes, alegres e bem.

Para estes seis afectos, em função dos resultados médios de cada um, mais de metade das respostas e a resposta mais frequentemente observada situam-se no ponto 1 da escala de avaliação (*mediana*=1.00, *moda*=1.00), ou seja, os sujeitos não se sentiram 'absolutamente nada' confortáveis, do ponto de vista afectivo. Em termos percentuais, estas respostas têm respectivamente o peso 75.4%, 72.3%, 70.9%, 68.3%, 68.5% e 56.7% na globalidade das respostas dadas.

Assim, do total de sujeitos inquiridos, 75.4% considerou sentir-se 'absolutamente nada' satisfeito, 72.3% considerou sentir-se 'absolutamente nada' divertido, 70.9% considerou sentir-se 'absolutamente nada' feliz, 68.3% considerou sentir-se 'absolutamente nada'

contente, 68.5% considerou sentir-se 'absolutamente nada' alegre e 56.7% considerou sentir-se 'absolutamente nada' bem após a leitura da história de maus tratos.

6.1.3. Efeitos produzidos por cada um dos afectos

Para além da análise descritiva dos resultados relativos aos afectos procedeu-se, também, a uma análise de variância, para verificar como foi avaliado cada um deles, em função das condições experimentais em estudo. Assim, cada um dos afectos foi tomado com variável dependente e, como variáveis independentes, a figura parental mal tratante, o tipo de mau trato e o formato do cenário de maus tratos, sendo também levado em consideração, o factor género dos sujeitos inquiridos.

Gostaríamos ainda de salientar que, sempre que foram encontradas diferenças significativas de resultados através do uso do teste *F* (análise de variância), para precaver contra a eventual identificação de falsas diferenças significativas entre os grupos, se procedeu de igual modo a uma análise *post hoc* utilizando o teste de *H.S.D. de Tukey*.

À semelhança do que já foi feito, optamos por separar a apresentação de resultados em função da conotação afectiva dos afectos, começando pelos negativos, que foram aqueles que foram sentidos mais intensamente.

Afectos conotados negativamente

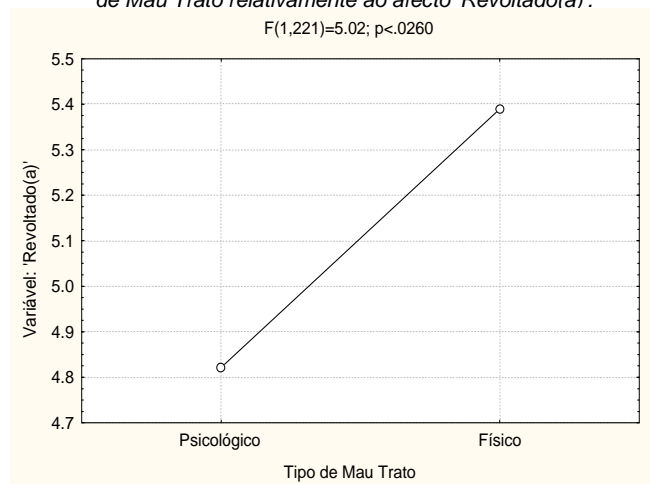
Começando pelo afecto que foi mais intensamente sentido ('Revoltado(a)'), procedeu-se a uma análise de variância com a intenção de verificar como foi avaliado este afecto em função do género dos sujeitos inquiridos, da figura parental mal tratante, do tipo de mau trato e do formato do cenário de maus tratos (os resultados dessa análise estão expressos e podem ser consultados na tabela 1 do anexo A).

Esta análise revelou a existência de um efeito principal significativo relativo ao factor mau trato ($F(1,221)=5.02$, $p<0.03$). Não se registaram outros efeitos principais significativos, bem como, nenhum efeito de interacção significativo.

O efeito principal significativo (ver figura 2) revelou que, para os sujeitos testados, o sentimento de revolta variou em função do tipo de mau trato, constatando-se que os mesmos se sentiram mais revoltados quando o mau trato era de natureza física

($\bar{x}_{\text{Psicológico}}=4.82$, $\bar{x}_{\text{Físico}}=5.39$). Uma análise *post hoc*, utilizando o teste de Tukey, permitiu constatar que os dois tipos de mau trato se diferenciam significativamente entre si.

Figura 2: Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Tipo de Mau Trato relativamente ao afecto 'Revoltado(a)'.



De seguida, temos o afecto 'Magoado(a)'. Também aqui se procedeu a uma análise de variância cujos resultados podem ser consultados na tabela 2 do anexo A).

Para este afecto não se verificou nenhum efeito principal, nem qualquer efeito de interacção, significativos. Assim, após a leitura da história de maus tratos, os participantes inquiridos sentiram-se 'um bocado' magoados ($\bar{x}=4.94$), mas este sentimento não variou em função das condições experimentais do estudo.

Relativamente ao afecto 'Com raiva', para verificar como o mesmo foi avaliado em função das condições experimentais do estudo, procedeu-se a uma análise de variância, cujos resultados estão expressos na tabela 3 do anexo A.

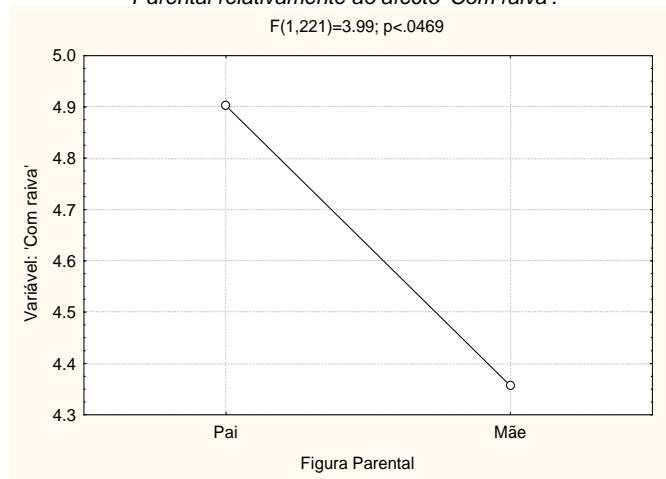
Esta análise de variância revelou a existência de um efeito principal significativo relativo ao factor figura parental ($F(1,221)=3.99$, $p<0.05$) e um efeito tendencial relativo ao mau trato ($p<0.07$). Não foram encontrados outros efeitos principais significativos. Também não se registaram quaisquer efeitos de interacção significativos.

Pode então dizer-se que, o sentimento de raiva sentido pelos sujeitos inquiridos sofreu alterações em função de qual a figura parental que esteve envolvida na situação de maus tratos.

Verificou-se (como se pode ver na figura 3) que os sujeitos se sentiram com mais raiva quando era o pai o agente dos maus tratos ($\bar{x}_{\text{pai}}=4.90$, $\bar{x}_{\text{mãe}}=4.36$). Salientamos que a

raiva sentida pelos sujeitos face aos progenitores, na situação de maus tratos, embora mais intensa quando se trata do pai, não apresenta diferenças significativas relativamente à mãe (análise *post hoc* de Tukey).

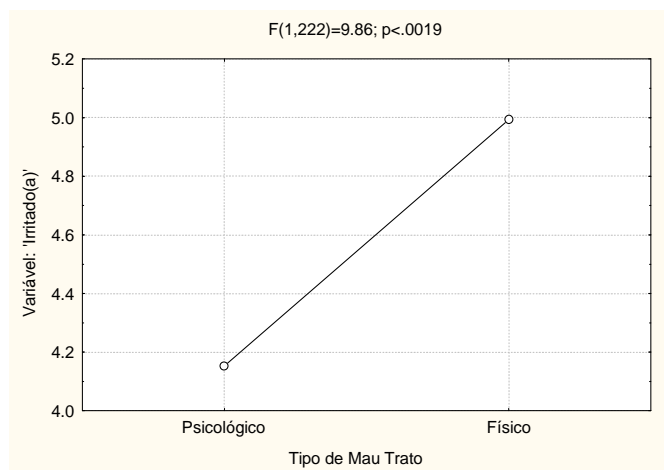
Figura 3: Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Figura Parental relativamente ao afecto 'Com raiva'.



De seguida temos o afecto 'Irritado(a)' (os resultados da análise de variância estão expressos na tabela 4 e podem ser consultados no anexo A). Esta análise pôs em evidência a existência de um efeito principal significativo relativo ao factor mau trato ($F(1,222)=9.86, p<0.00$). Não se verificaram outros efeitos principais significativos e também não foi encontrado qualquer efeito de interacção significativo.

Desta forma, constatou-se que o sentimento de irritação dos sujeitos inquiridos variou em função do tipo de mau trato referido no cenário que lhes foi apresentado.

Figura 4: Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Tipo de Mau Trato relativamente ao afecto 'Irritado(a)'.



Através da análise das médias, e como se pode ver na figura 4, verificou-se que os

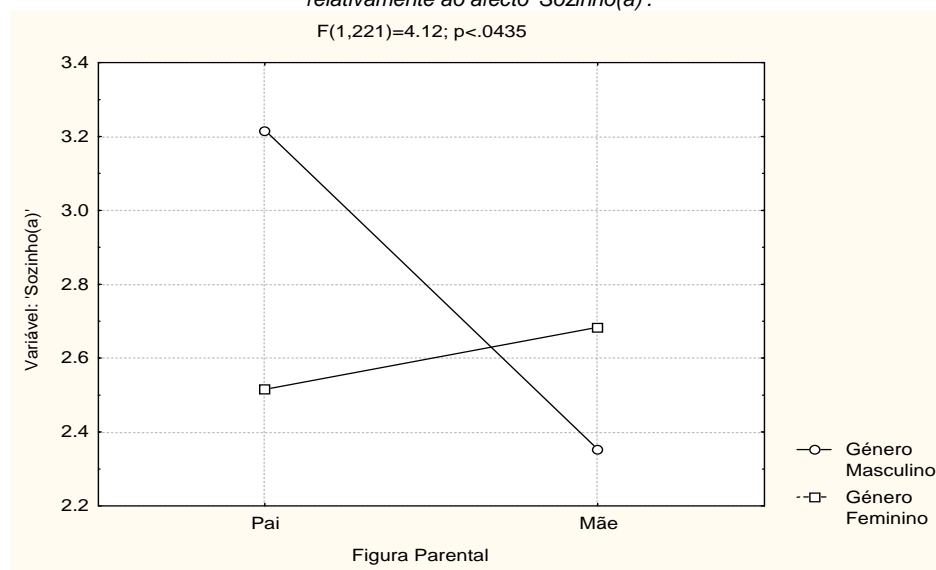
sujeitos se sentiram mais irritados quando o mau trato era de natureza física ($\bar{x}_{psicológico} = 4.15$, $\bar{x}_{físico} = 4.99$).

Neste caso, a irritação sentida quando o mau trato era físico difere significativamente da situação em que o mau trato era psicológico (análise *post hoc*).

Continuamos a análise para o afecto 'Sozinho(a)' e mais uma vez, procedeu-se a uma análise de variância (ver os resultados no anexo A, na tabela 5).

Esta análise revelou a inexistência de qualquer efeito principal significativo. No entanto, a mesma pôs em evidência a existência de um efeito de interacção significativo entre os factores, género e figura parental ($F(1,221) = 4.12$, $p < 0.04$). Não foram encontrados outros efeitos de interacção significativos.

Figura 5: Gráfico das médias referente ao efeito de interacção das variáveis Género e Figura Parental relativamente ao afecto 'Sozinho(a)'.



Pode constatar-se (ver figura 5) que foram os rapazes que se sentiram mais sozinhos, principalmente na situação em que era o pai a figura parental mal tratante ($\bar{x}_{pai} = 3.22$, $\bar{x}_{mãe} = 2.35$). Pelo contrário, as raparigas sentiram-se mais sozinhas quando o agente dos maus tratos foi a mãe ($\bar{x}_{pai} = 2.51$, $\bar{x}_{mãe} = 2.68$), embora a diferença de resultados obtidos para as raparigas seja menor do que para os rapazes.

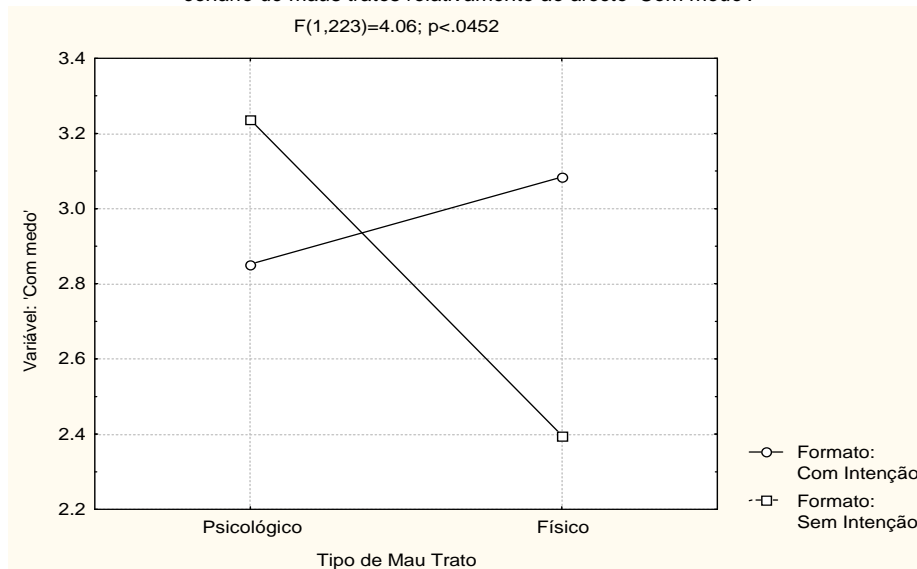
Apesar de se terem verificado diferenças de resultados na avaliação do afecto 'Sozinho(a)' em função do sexo dos sujeitos inquiridos e de qual a figura parental envolvida na história de maus tratos, essas diferenças não se revelaram significativas.

Temos de seguida o afecto 'Com medo'. De igual modo, para verificar como foi avaliado este afecto em função das condições do estudo, procedeu-se a uma análise de variância (os resultados podem ser consultados na tabela 6 do anexo A).

Esta análise revelou a existência de dois efeitos de interacção significativos. Um deles diz respeito aos factores formato e mau trato ($F(1,223)=4.06$, $p<0.05$) e, outro, relaciona-se com os factores formato, figura parental e mau trato ($F(1,223)=4.74$, $p<0.03$). Não se verificaram quaisquer efeitos principais significativos, nem outros efeitos de interacção significativos, que não os já referidos.

Relativamente ao primeiro efeito de interacção (figura 6) pode constatar-se que, curiosamente não é o mau trato físico aquele que provoca mais medo nos sujeitos inquiridos. Verificou-se que é a situação em que o mau trato é psicológico, aquela que provoca mais medo nos sujeitos testados, quando o referido mau trato não tem nenhuma intenção subjacente ($\bar{x}=3.24$), e também, sentiram mais medo quando, era físico e tinha uma intenção subjacente ($\bar{x}=3.08$). É curioso constatar que, por outro lado, é simultaneamente face ao mau trato físico que os sujeitos sentiram menos medo quando o mesmo é infligido sem qualquer intenção ($\bar{x}=2.40$).

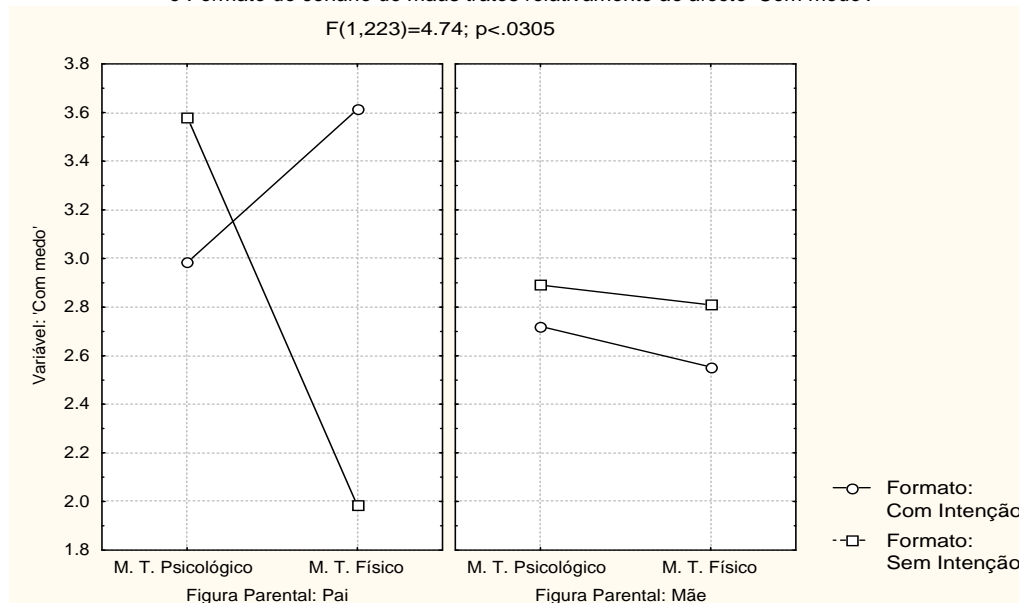
Figura 6: Gráfico das médias referente ao efeito de interacção das variáveis Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente ao afecto 'Com medo'.



Embora se tenham verificado estas diferenças de resultados, a mesma não é significativa.

Há ainda a considerar o segundo efeito de interação significativo (ver figura 7). Relativamente a este, pode verificar-se (através da análise das médias obtidas) que é na situação em que é o pai a figura parental mal tratante aquela em que os sujeitos sentem mais medo, por um lado, quando o mau trato é de natureza física e é expressa uma intenção subjacente ao mesmo que tem a ver com a ideia de assim educar bem o filho ($\bar{x}_{físico} = 3.61$), e por outro, quando o mau trato é de natureza psicológica e não é expressa qualquer intenção subjacente ao mesmo ($\bar{x}_{psicológico} = 3.58$).

Figura 7: Gráfico das médias referente ao efeito de interação das variáveis Figura Parental, Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente ao afecto 'Com medo'.



Apesar disto, a situação que é vista como incutindo menos medo aos sujeitos é aquela em que, também, é o pai o agente dos maus tratos, os mesmos são físicos e não é dito que a intenção é educar bem o filho ($\bar{x}_{físico} = 1.98$).

Quando é a mãe a figura parental mal tratante, os resultados indicam que não há uma grande variação na intensidade do medo sentido pelos participantes inquiridos.

Em síntese, pode dizer-se que os sujeitos inquiridos sentiram mais medo na situação em que o cenário envolvia o pai, o mau trato era físico e o mesmo tinha como finalidade educar bem o filho e, também, quando o mau trato era psicológico, não tendo nenhuma intenção.

Embora se tenham verificado diferenças de resultados na avaliação do afecto 'Com medo' em função das condições experimentais do estudo, essas diferenças não foram significativas.

Afectos conotados positivamente

Passemos agora à análise dos afectos conotados positivamente, sendo os mesmos, aqueles que foram menos sentidos pelos sujeitos testados.

Começamos pelo afecto que foi menos sentido pelos sujeitos inquiridos. Os resultados da análise de variância para o afecto 'Satisfeito(a)' estão expressos na tabela 7, no anexo A).

Os resultados da referida análise mostram que não existe qualquer efeito principal significativo, nem qualquer efeito de interacção, também, significativo, embora hajam diferenças tendenciais de resultados no que concerne às variáveis género ($p < 0.07$) e mau trato ($p < 0.08$).

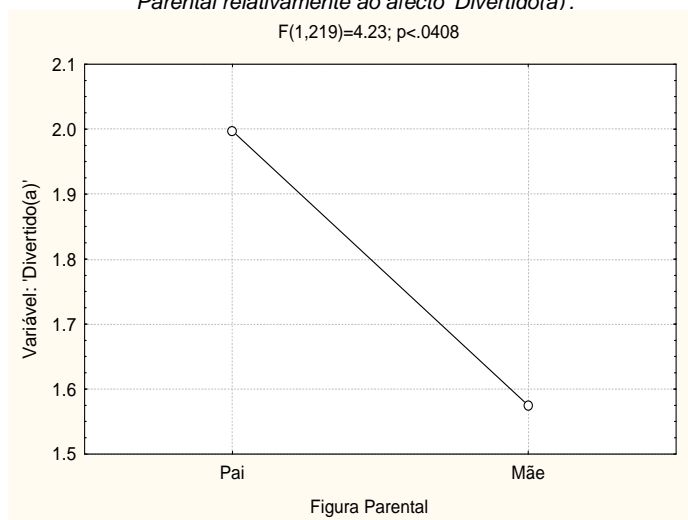
Assim, fica a ideia de que os sujeitos testados não se sentiram nada satisfeitos após a leitura da história de maus tratos ($\bar{x} = 1.75$) e, não se registaram alterações nas respostas dadas, quer os ditos sujeitos fossem do sexo masculino ou do feminino, quer fosse o pai ou a mãe que maltratavam, quer o mau trato fosse físico ou psicológico, quer houvesse intenção ou não subjacente ao mau trato.

Segue-se, na lista dos afectos menos sentidos pelos sujeitos, o sentimento 'Divertido(a)'. Para verificar como o mesmo foi avaliado, em função das condições experimentais do estudo, procedeu-se, de igual modo, a uma análise de variância (os resultados dessa análise estão expressos na tabela 8, no anexo A).

Através desta análise pode constatar-se a existência de um efeito principal significativo relativo ao factor figura parental ($F(1,219) = 4.23$, $p < 0.04$). Não se encontraram outros efeitos principais significativos. A análise revelou ainda, a existência de um efeito de interacção significativo entre os factores formato, género, figura parental e mau trato ($F(1,219) = 4.89$, $p < 0.03$). Não se registaram outros efeitos de interacção significativos.

Assim, relativamente ao efeito principal significativo encontrado (ver figura 8), constatou-se através da análise das médias que, muito embora os sujeitos testados não se sentissem nada divertidos após a leitura da história de maus tratos, ainda se sentiram menos divertidos quando a figura mal tratante do cenário apresentado era a mãe ($\bar{x}_{pai} = 2.00$, $\bar{x}_{mãe} = 1.57$). Esta diferença de resultados é, de facto, significativa.

Figura 8: Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Figura Parental relativamente ao afecto 'Divertido(a)'.
 $F(1,219)=4.23; p<.0408$



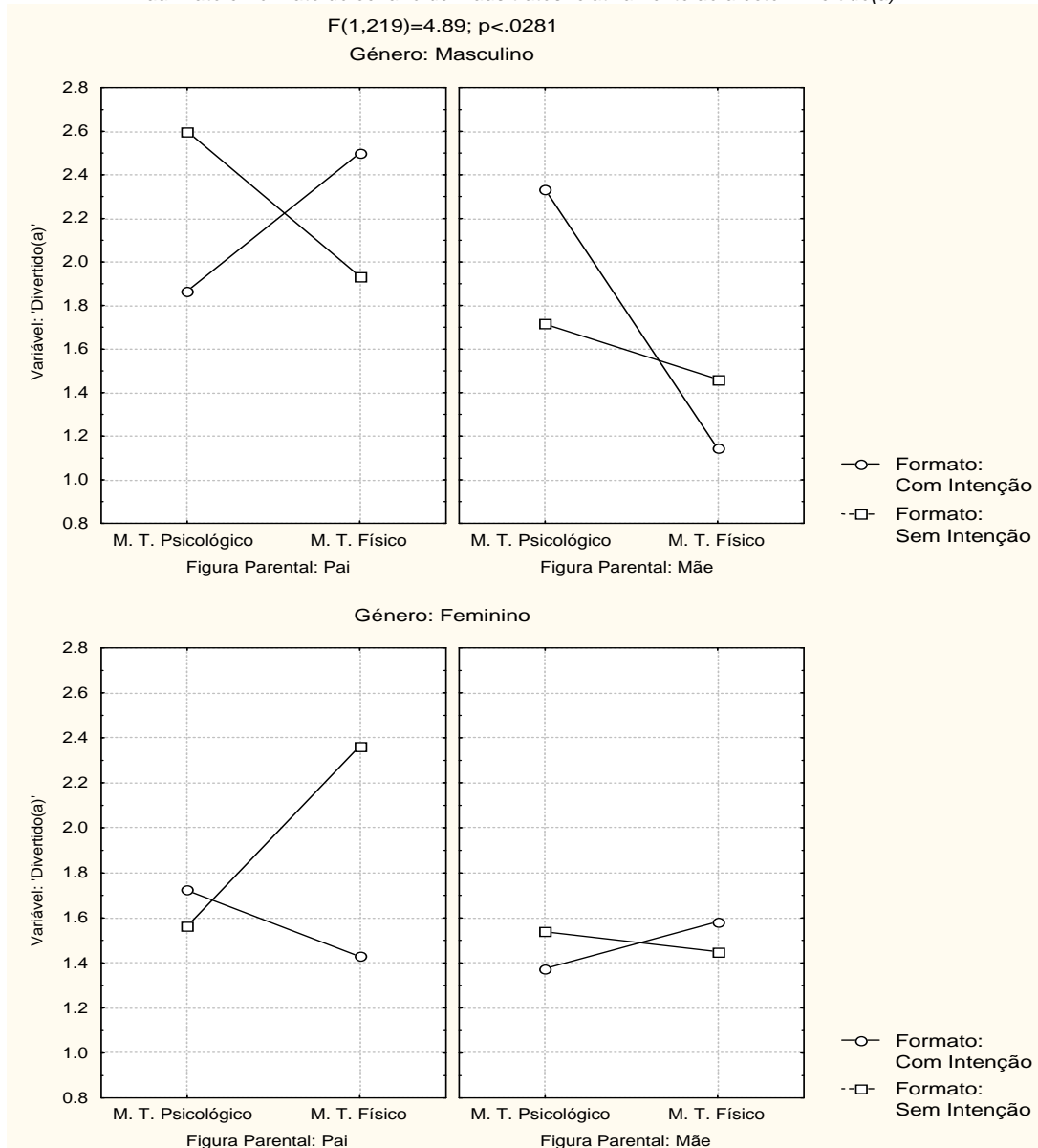
Há ainda a considerar, o efeito de interacção significativo encontrado. Em termos gerais, são as raparigas que se sentem menos divertidas com a situação proposta no cenário de maus tratos (ver figura 9).

Numa análise mais detalhada, temos que, se os sujeitos inquiridos são rapazes, os mesmos não se sentem absolutamente nada divertidos quando é a mãe a figura parental mal tratante, estando a mesma associada à situação em que o mau trato é de natureza física e é expressa a intenção de que assim poderia educar bem o filho ($\bar{x}=1.14$). No caso dos sujeitos inquiridos serem raparigas, também elas se sentem menos divertidas quando é a mãe o agente dos maus tratos infligidos com uma intenção ($\bar{x}=1.38$) mas, neste caso, tem a ver com a situação em que o mau trato foi psicológico.

Embora tenha sido a situação em que é a mãe o agente de maus tratos, aquela que foi vista pelos sujeitos inquiridos, como a menos divertida, no caso das raparigas elas também ficaram muito pouco divertidas quando o mau trato era físico, infligido com intenção e aplicado pelo pai ($\bar{x}=1.43$), bem como, na situação em que o mau trato era também físico, mas sem intenção subjacente aplicado, neste caso, pela mãe ($\bar{x}=1.45$).

A situação que parece ter afectado menos os sujeitos inquiridos prende-se com o facto de esses mesmos sujeitos serem do sexo masculino e ser o pai o agente dos maus tratos, quer na situação em que o mau trato é psicológico e sem intenção subjacente ($\bar{x}=2.60$), quer quando o mau trato é físico e com intenção subjacente ($\bar{x}=2.50$). Nestes casos, os resultados parecem ser os mais favoráveis relativamente ao afecto que tem a ver com o divertimento sentido após a leitura da história de maus tratos.

Figura 9: Gráfico das médias referente ao efeito de interação das variáveis Género, Figura Parental, Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente ao afecto 'Divertido(a)'.



Embora se tenham verificado alterações nas respostas dadas, em função das condições do estudo, feita a análise *post-hoc*, verificou-se que essas diferenças não eram significativas.

O afecto que se seguiu foi 'Feliz'. O mesmo, à semelhança dos anteriores, também foi analisado em função das condições experimentais do estudo e os resultados da análise de variância estão expressos na tabela 9 que pode ser consultada no anexo A.

Como resultado desta análise pode constatar-se a inexistência de quaisquer efeitos principais significativos, não sendo também visíveis, quaisquer efeitos de interacção significativos.

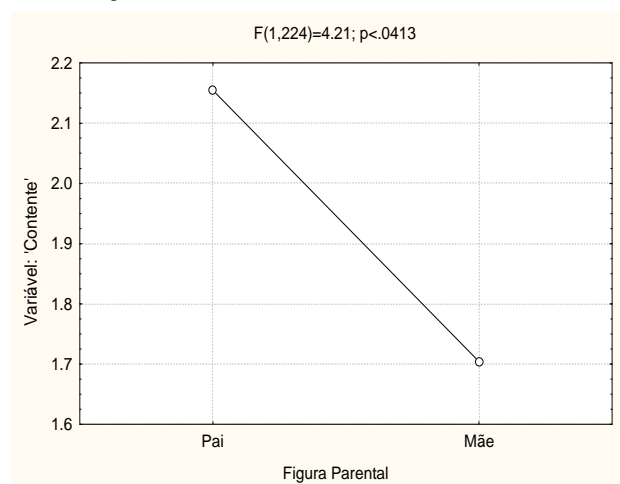
Assim, os sujeitos testados não se sentiram nada felizes após a leitura da história de maus tratos ($\bar{x}=1.93$) e as suas respostas não sofreram alterações em função das diferentes variáveis usadas neste estudo.

Outro afecto sentido com pouca intensidade pelos sujeitos testados foi 'Contente' (procedeu-se à sua análise e os resultados são podem ser consultados na tabela 10 do anexo A).

Esta análise pôs em evidência a existência de um efeito principal significativo relativo ao factor figura parental ($F(1,224)=4.21$, $p<0.04$). Não foi encontrado mais nenhum efeito principal significativo, embora exista um efeito tendencial relativo à variável tipo de mau trato ($p<0.06$).

Também se constatou a existência de um efeito de interacção significativo entre os factores formato, género e mau trato ($F(1,224)=3.95$, $p<0.05$). Não se registaram outros efeitos de interacção significativos.

Figura 10: Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Figura Parental relativamente ao afecto 'Contente'.

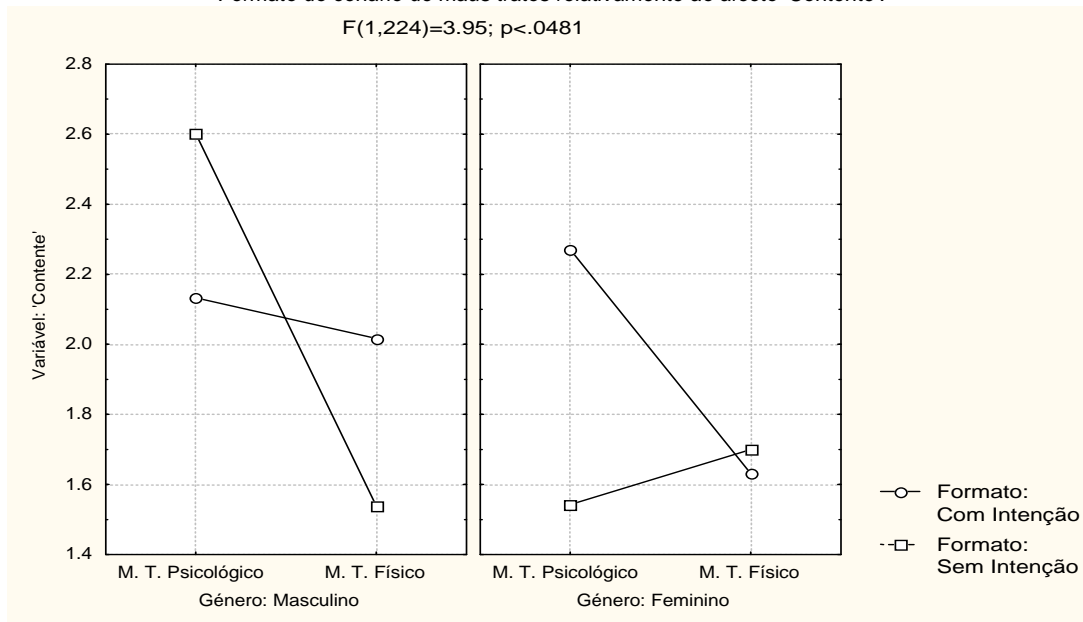


Assim, se é verdade que os sujeitos inquiridos não se sentiram nada contentes com a situação de maus tratos referida no cenário apresentado, de acordo com o efeito principal significativo encontrado (figura 10), verificou-se que se sentiram ainda menos contentes quando era a mãe a figura parental mal tratante ($\bar{x}_{pai}=2.15$, $\bar{x}_{mãe}=1.70$). Convém salientar que esta diferença de resultados é significativa.

Por outro lado, em termos genéricos, verificou-se também que (relativamente ao efeito de interacção significativo – figura 11) foram, mais uma vez, as raparigas que sentiram menos contentamento face à situação proposta no cenário de maus tratos, não variando muito as respostas dadas em função do tipo de mau trato e de haver ou não uma intenção para o mesmo. As raparigas sentiram-se menos contentes quando o mau trato era aplicado sem nenhuma intenção subjacente, quer o mesmo fosse físico, quer fosse psicológico e, principalmente, na situação em que o mau trato era psicológico e era infligido sem nenhuma intenção ($\bar{x}=1.54$).

No caso dos sujeitos inquiridos serem rapazes, a situação que lhes provoca menos contentamento tem sempre a ver com a situação em que o mau trato é de natureza física, quer o mesmo tenha uma intenção ou não mas, principalmente, quando é físico e não ter nenhuma intenção subjacente ($\bar{x}=1.54$). Curiosamente, porque ao contrário das raparigas, é na situação em que o mau trato é psicológico e é aplicado sem intenção, que os rapazes se sentem mais contentes ($\bar{x}=2.60$). O que as raparigas sentem como pior, sentem os rapazes como melhor.

Figura 11: Gráfico das médias referente ao efeito de interacção das variáveis Género, Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente ao afecto 'Contente'.



Embora se tenham verificado diferenças de resultados em função do sexo dos sujeitos inquiridos, do tipo de mau trato e formato do cenário, na avaliação do afecto 'contente', as diferenças encontradas não são significativas.

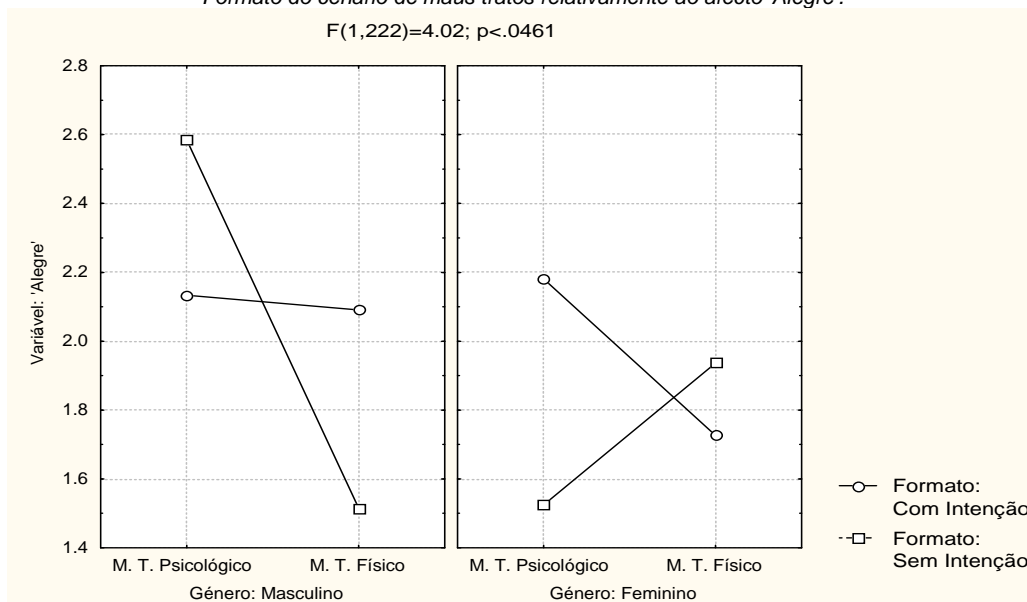
Segue-se o afecto 'Alegre'. Para verificar como o mesmo foi avaliado, mais uma vez, em função das condições experimentais do estudo, procedeu-se a uma análise de variância cujos resultados estão expressos na tabela 11 do anexo A.

Neste caso, não foram encontrados quaisquer efeitos principais significativos, apesar de existirem efeitos tendenciais respeitantes à figura parental ($p < 0.08$). No entanto esta análise pôs em evidência a existência de um efeito de interacção significativo relativo aos factores formato, género e mau trato ($F(1,222)=4.02$, $p < 0.05$). Não se verificaram outros efeitos de interacção significativos.

Os resultados obtidos para o sentimento 'alegria' são muito semelhantes aos obtidos para o sentimento 'contentamento'.

A análise das médias relativas ao efeito de interacção (figura 12) revelou que, foram de novo as raparigas que ficaram mais incomodadas (menos alegres) com a situação de maus tratos. Assim, no caso dos sujeitos inquiridos serem rapazes, o que os deixa menos alegres é sempre a situação de mau trato físico principalmente quando é aplicado sem nenhuma intenção ($\bar{x}_{\text{físico}} = 1.51$).

Figura 12: Gráfico das médias referente ao efeito de interacção entre as variáveis Género, Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente ao afecto 'Alegre'.



Quando os sujeitos testados são raparigas, elas sentem-se menos alegres quando o mau trato é físico e também é aplicado sem nenhuma intenção subjacente ($\bar{x}_{\text{físico}} = 1.73$).

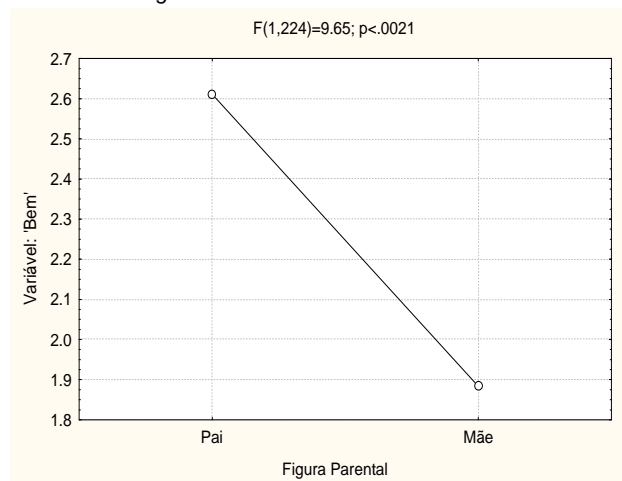
Em síntese, se é verdade que foram as raparigas que se sentiram menos alegres com a situação de maus tratos proposta nos cenários apresentados aos sujeitos inquiridos, é verdade também, que ambos (rapazes e raparigas) se sentiram menos alegres quando não era expressa nenhuma intenção subjacente aos maus tratos, mas no caso das raparigas tinha a ver com o mau trato psicológico, enquanto que para os rapazes tinha a ver com o mau trato físico.

Embora se tenham registado diferenças de resultados na avaliação do sentimento de alegria em função do sexo dos sujeitos inquiridos, do tipo de mau trato e do formato do cenário apresentado, as diferenças não são significativas.

Por último, temos o afecto 'Bem'. Mais uma vez se procedeu a uma análise de variância, em função das condições experimentais do estudo, cujos resultados estão expressos na tabela 12 do anexo A.

Esta análise revelou a existência de um efeito principal significativo relativo ao factor figura parental ($F(1,224)=9.65$, $p<0.00$) e um efeito tendencial relativo à figura parental ($p<0.08$). Não se encontraram outros efeitos principais significativos nem quaisquer efeitos de interacção, também significativos.

Figura 13: Gráfico das médias referentes ao efeito principal da variável Figura Parental relativamente ao afecto 'Bem'.



Através da análise de médias relativas ao efeito principal significativo encontrado (figura 12), pode constatar-se que os sujeitos inquiridos se sentiram piores quando era a mãe o agente dos maus tratos ($\bar{x}_{pai}=2.61$, $\bar{x}_{mãe}=1.88$). Convém salientar que, esta diferença de resultados é significativa.

6.2. Resultados relativos à percepção das figuras parentais

6.2.1. Diferenças de resultados na percepção das figuras parentais

Passamos agora à análise dos resultados relativos à forma como foram percebidas as figuras parentais envolvidas no cenário de maus tratos.

Tal como para os afectos, para avaliar como é que os sujeitos inquiridos percepcionaram as figuras parentais envolvidas em cenários de maus tratos, foi-lhes pedido que indicassem, através do uso de uma escala que variava entre 1 (absolutamente nada) e 7 (muitíssimo), até que ponto achavam provável que a figura parental mal tratante apresentasse um determinado conjunto de características comportamentais e de personalidade (vinte ao todo).

Também aqui as características comportamentais e de personalidade eram metade conotadas positivamente e metade conotadas negativamente. Desta forma e para que se pudesse proceder à sua análise, houve necessidade de inverter os resultados obtidos. Só assim foi possível tratar as características globalmente e avaliar como foram percebidas as figuras parentais envolvidas nos cenários de maus tratos.

Tínhamos como objectivo, não só, perceber como é que os sujeitos inquiridos percepcionaram as figuras parentais mal tratantes (quais eram as características de personalidade e comportamentais que eram mais prováveis de se aplicarem a essas figuras), mas também, avaliar se essa percepção variava em função das condições experimentais deste estudo.

Com este objectivo, começamos por efectuar uma análise de variância, tomando como variável dependente a percepção das figuras parentais envolvidas na história de maus tratos, que era função (como já foi referido) de um conjunto de características comportamentais e de personalidade e, como variáveis independentes a figura parental mal tratante (se era o pai ou a mãe que maltratava), o tipo de mau trato (se era físico ou psicológico) e o formato da história de maus tratos (se a história apresentava uma intenção subjacente ao mau trato (educar bem o filho) ou não), bem como o factor género dos participantes inquiridos (se a avaliação era feita por rapazes ou por raparigas).

Os resultados obtidos encontram-se expressos, de forma sintetizada, na tabela seguinte (tabela 6).

Tabela 6: Resultados da análise de variância relativos à 'Percepção das Figuras Parentais'.

	$F(1,225)$	p	
Formato	2.12	0.15	
Género	1.54	0.22	
Figura Parental	0.23	0.63	
Mau Trato	0.88	0.35	
Formato x Género	1.05	0.31	
Formato x Figura Parental	2.59	0.11	
Género x Figura Parental	0.09	0.77	
Formato x Mau Trato	0.08	0.78	
Género x Mau Trato	1.51	0.22	
Figura Parental x Mau Trato	0.30	0.59	
Formato x Género x Figura Parental	0.01	0.91	
Formato x Género x Mau Trato	6.07	0.01	*
Formato x Figura Parental x Mau Trato	1.89	0.17	
Género x Figura Parental x Mau Trato	3.52	0.06	
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	1.03	0.31	

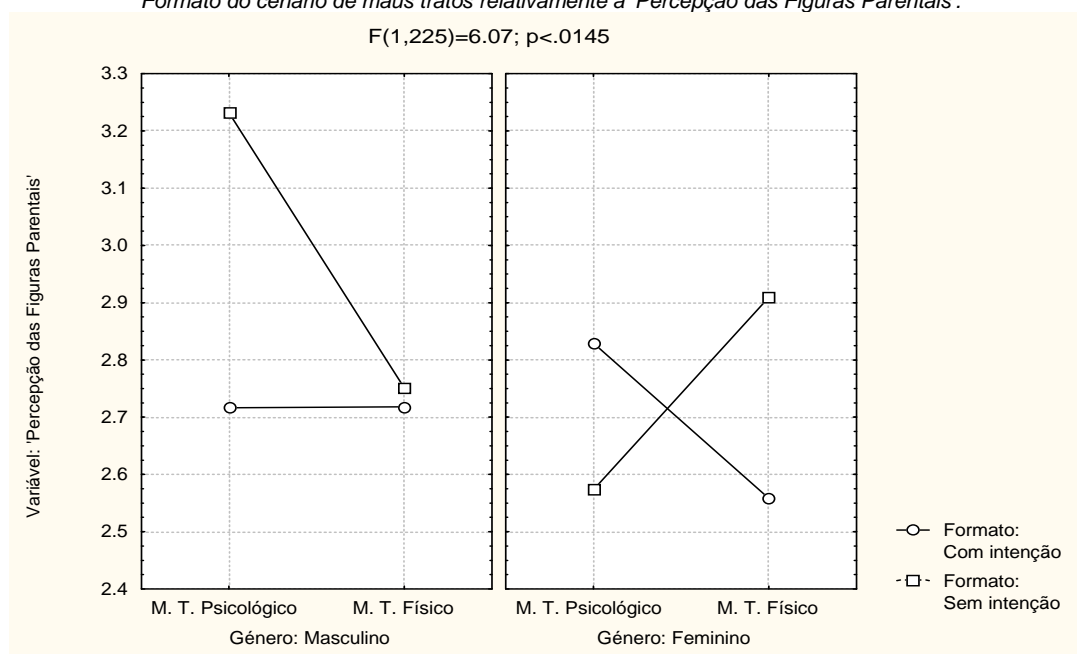
Como se pode constatar, os resultados indicam a não existência de quaisquer efeitos principais significativos relativos à percepção das imagens parentais. Verificou-se, no entanto, um efeito de interacção significativo ($F(1,225)=6.07$, $p<0.01$) relacionado com as variáveis género, tipo de mau trato e formato da história de maus tratos, bem como um efeito tendencial relativamente às variáveis género, figura parental e tipo de mau trato ($p<0.06$). Pode supor-se que o efeito de interacção revele que, as variáveis em causa devam ter contribuído para uma alteração na percepção das imagens parentais.

Da análise do efeito de interacção significativo verificado pode constatar-se o seguinte (ver figura 14).

Analisando o efeito de interacção verificado podemos constatar que, quando os sujeitos inquiridos são rapazes, eles percebem as figuras parentais de forma ainda mais desfavorável quando o mau trato, independentemente do mesmo ser de natureza física ou psicológica, é infligido com a intenção de educar bem a criança do cenário de maus tratos ($\bar{x}_{\text{Psicológico}}=2.72$, $\bar{x}_{\text{Físico}}=2.72$), embora estes resultados sejam praticamente iguais aos da situação em que o mau trato é físico e aplicado sem intenção ($\bar{x}=2.75$). A situação em que o mau trato é psicológico e é descrito sem incluir uma intenção subjacente ao mesmo ($\bar{x}=3.23$) parece ser a situação que mais favorece as figuras parentais, na perspectiva dos rapazes.

No caso dos sujeitos inquiridos serem do sexo feminino, embora haja, tal como nos rapazes, pouca diferença nos resultados, verifica-se que a situação que é mais desfavorável para as figuras parentais tem a ver, por um lado, com o cenário em que o mau trato é psicológico e aplicado sem intenção ($\bar{x}=2.57$), e por outro, com o cenário em que o mau trato é físico e é expressa uma intenção ($\bar{x}=2.56$). No caso das raparigas, a situação que leva a uma percepção das figuras parentais mais favorável, tem a ver com o cenário em que o mau trato é físico e aplicado sem intenção ($\bar{x}=2.91$), não havendo, no entanto, grande diferença para a situação em que o mau trato é psicológico e tem uma intenção ($\bar{x}=2.83$).

Figura 14: Gráfico das médias referentes ao efeito de interação das variáveis Género, Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente à 'Percepção das Figuras Parentais'.



Em síntese, quer para os rapazes, quer para as raparigas, a situação que leva a uma melhor percepção das figuras parentais tem a ver com a intenção com que o acto é praticado e ambos consideram que é quando não há intenção subjacente ao mau trato. Assim, para ambos, a situação em que as figuras parentais são percebidas mais desfavoravelmente é quando é expressa uma intenção subjacente ao mau trato.

Apesar de terem sido encontradas diferenças de resultados, após a análise *post hoc*, verificou-se que essas diferenças não eram significativas.

O que inequivocamente se pode constatar é que, a percepção das figuras parentais envolvidas em maus tratos é, tal como era de esperar, claramente desfavorável.

Os resultados médios obtidos estão expressos na tabela 7.

Tabela 7: Médias relativas à variável 'Percepção das Figuras Parentais'.

Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	Formato	Percepção das Figuras Parentais	
				\bar{x}	N
Masculino	Pai	Psicológico	Com intenção	2,74	15
			Sem intenção	2,55	15
		Físico	Com intenção	2,70	15
			Sem intenção	2,88	15
	Mãe	Psicológico	Com intenção	2,78	18
			Sem intenção	2,51	14
		Físico	Com intenção	2,88	16
			Sem intenção	2,61	12
Feminino	Pai	Psicológico	Com intenção	3,38	16
			Sem intenção	2,79	15
		Físico	Com intenção	3,09	15
			Sem intenção	2,71	13
	Mãe	Psicológico	Com intenção	2,45	17
			Sem intenção	3,31	12
		Físico	Com intenção	2,70	13
			Sem intenção	2,51	20
Todos os Grupos				2,78	241

A média encontrada, das classificações feitas das imagens parentais, é de 2.78 ($\bar{x}=2.78$; $d.p.=0.86$). Como já foi dito e recordando que a escala de classificação variava entre 1 e 7, esta média é claramente desfavorável.

6.2.2. Análise das características comportamentais e de personalidade das figuras parentais

Embora sabendo que a percepção das figuras parentais mal tratantes foi claramente desfavorável ($\bar{x}=2.78$), interessou-nos verificar quais das características comportamentais e de personalidade apresentadas, foram vistas pelos participantes inquiridos como as mais prováveis de se aplicar às referidas figuras.

Com o objectivo de analisar quais as características que foram avaliadas pelos sujeitos como as que eram mais prováveis de se adequar à figura parental da história, foi feita uma análise descritiva dos resultados e efectuou-se, também, um *t de Student* para dados relacionados.

Em termos gerais, os resultados da análise descritiva (tabela 8), relativos às características comportamentais e de personalidade das figuras parentais, envolvidas no cenário de maus tratos indicam, tal como era esperável, que as médias mais elevadas estão associadas às características com conotação negativa. Assim, estas características são consideradas pelos sujeitos testados como sendo as mais prováveis de se aplicar às figuras parentais mal tratantes. Verifica-se, no entanto, uma maior variabilidade nas respostas dadas (variam entre aplicar-se ‘muito’, ‘um bocado’, ‘nem muito nem pouco’ e até ‘pouco’), quando comparados com as obtidas para as características conotadas positivamente. As médias mais baixas estão associadas às características conotadas positivamente e indicam que, todas elas, são consideradas como ‘quase nada’ prováveis de se aplicar às figuras parentais.

Tabela 8: Resultados da análise descritiva relativos às características de personalidade e comportamentais das figuras parentais.

	\bar{x}	Mediana	Moda	d.p.
Que faz sofrer o filho sem razão	6.13	7.00	7.00	1.77
Violenta	5.49	6.00	7.00	2.01
Autoritária	5.33	6.00	7.00	1.97
Desequilibrada	5.08	5.00	7.00	1.69
Que deixa o filho sozinho muito tempo	4.80	5.00	7.00	2.11
Desleixada	4.30	4.00	6.00	2.02
Teimosa	4.30	4.00	7.00	2.06
Chantagista	4.08	4.00	1.00	2.10
Que não respeita o filho	3.79	3.00	1.00	2.52
Que se preocupa com a educação do filho	3.48	3.00	1.00	2.20
Mentirosa	3.08	3.00	1.00	2.00
Alegre	2.46	2.00	1.00	1.68
Culta	2.33	2.00	1.00	1.62
Que conversa com o filho	2.26	2.00	1.00	1.70
Inteligente	2.17	1.00	1.00	1.56
Que apoia o filho	1.87	1.00	1.00	1.60
Simpática	1.85	1.00	1.00	1.47
Boa	1.84	1.00	1.00	1.50
Meiga	1.80	1.00	1.00	1.45
Carinhosa	1.74	1.00	1.00	1.38

Os resultados obtidos através do uso do teste de *t* (tabela 9) permitem-nos dizer que a característica comportamental “Que faz sofrer o filho sem razão” é aquela que apresenta a média mais elevada e a mesma difere significativamente de todas as outras. Assim, é esta a característica comportamental que, segundo a opinião dos sujeitos inquiridos, mais se aplica às figuras parentais envolvidas no cenário de maus tratos. De seguida, aparecem as características ‘Violenta’, ‘Autoritária’ e ‘Desequilibrada’ que também são

consideradas como muito prováveis de se aplicar aos pais maltratantes. Depois, vão-se desenrolando todas as outras características negativas, aparecendo por último as características positivas que são as que apresentam as médias mais baixas. Salientamos que as características “Que apoia o filho”, “Simpática”, “Boa”, “Meiga” e “Carinhosa” são as que apresentam médias mais baixas ($\bar{x}=1.87$, $d.p.=1.60$; $\bar{x}=1.85$, $d.p.=1.47$; $\bar{x}=1.84$, $d.p.=1.50$; $\bar{x}=1.80$, $d.p.=1.45$ e $\bar{x}=1.74$, $d.p.=1.38$ respectivamente), ou seja, são as que são menos prováveis de se aplicar às figuras parentais, não diferindo significativamente entre si mas diferindo significativamente de todas as outras.

Tabela 9: Teste de *t* de Student para as características comportamentais e de personalidade das figuras parentais.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19
2	t=22.28 p ≤ .00																		
3	t=20.61 p ≤ .00	t=-1.73 p ≤ .09																	
4	t=8.62 p ≤ .00	t=-11.96 p ≤ .00	t=-11.12 p ≤ .00																
5	t=-3.02 p ≤ .00	t=-21.04 p ≤ .00	t=-19.56 p ≤ .00	t=-9.27 p ≤ .00															
6	t=6.48 p ≤ .00	t=-14.07 p ≤ .00	t=-13.19 p ≤ .00	t=-2.97 p ≤ .00	t=8.30 p ≤ .00														
7	t=17.23 p ≤ .00	t=-5.13 p ≤ .00	t=-4.41 p ≤ .00	t=8.38 p ≤ .00	t=17.19 p ≤ .00	t=10.04 p ≤ .00													
8	t=5.51 p ≤ .00	t=-15.48 p ≤ .00	t=-14.11 p ≤ .00	t=-3.92 p ≤ .00	t=8.65 p ≤ .00	t=1.31 p ≤ .19	t=-11.64 p ≤ .00												
9	t=20.90 p ≤ .00	t=-1.42 p ≤ .16	t=-0.27 p ≤ .79	t=11.42 p ≤ .00	t=20.21 p ≤ .00	t=12.63 p ≤ .00	t=4.34 p ≤ .00	t=14.27 p ≤ .00											
10	t=15.33 p ≤ .00	t=-7.08 p ≤ .00	t=-6.02 p ≤ .00	t=6.18 p ≤ .00	t=15.42 p ≤ .00	t=8.76 p ≤ .00	t=-1.99 p ≤ .05	t=10.00 p ≤ .00	t=-6.28 p ≤ .00										
11	t=7.12 p ≤ .00	t=-10.69 p ≤ .00	t=-9.95 p ≤ .00	t=-1.33 p ≤ .19	t=9.46 p ≤ .00	t=1.59 p ≤ .11	t=-7.56 p ≤ .00	t=2.63 p ≤ .00	t=-10.21 p ≤ .00	t=-6.60 p ≤ .00									
12	t=14.43 p ≤ .00	t=-8.26 p ≤ .00	t=-7.33 p ≤ .00	t=1.80 p ≤ .07	t=14.58 p ≤ .00	t=6.05 p ≤ .00	t=-4.63 p ≤ .00	t=7.61 p ≤ .00	t=7.47 p ≤ .00	t=-3.37 p ≤ .00	t=3.57 p ≤ .00								
13	t=1.59 p ≤ .11	t=-17.78 p ≤ .00	t=-16.58 p ≤ .00	t=-6.52 p ≤ .00	t=4.02 p ≤ .00	t=-4.23 p ≤ .00	t=13.35 p ≤ .00	t=-3.19 p ≤ .00	t=-16.46 p ≤ .00	t=-12.45 p ≤ .00	t=-5.10 p ≤ .00	t=-10.42 p ≤ .00							
14	t=21.31 p ≤ .00	t=-0.79 p ≤ .43	t=0.41 p ≤ .69	t=11.39 p ≤ .00	t=20.42 p ≤ .00	t=12.99 p ≤ .00	t=4.81 p ≤ .00	t=14.93 p ≤ .00	t=0.61 p ≤ .54	t=5.74 p ≤ .00	t=10.52 p ≤ .00	t=7.94 p ≤ .00	t=16.74 p ≤ .00						
15	t=4.80 p ≤ .00	t=-15.12 p ≤ .00	t=-13.71 p ≤ .00	t=-3.81 p ≤ .00	t=7.16 p ≤ .00	t=-1.37 p ≤ .17	t=-11.24 p ≤ .00	t=-0.31 p ≤ .76	t=14.30 p ≤ .00	t=-9.95 p ≤ .00	t=-2.55 p ≤ .01	t=-8.20 p ≤ .00	t=3.14 p ≤ .00	t=-14.79 p ≤ .00					
16	t=-7.79 p ≤ .00	t=-26.51 p ≤ .00	t=-24.75 p ≤ .00	t=-13.36 p ≤ .00	t=-4.96 p ≤ .00	t=-12.48 p ≤ .00	t=-20.99 p ≤ .00	t=-12.45 p ≤ .00	t=24.70 p ≤ .00	t=-20.72 p ≤ .00	t=-13.53 p ≤ .00	t=-19.57 p ≤ .00	t=-8.42 p ≤ .00	t=-25.66 p ≤ .00	t=12.66 p ≤ .00				
17	t=19.91 p ≤ .00	t=-1.33 p ≤ .19	t=-0.33 p ≤ .74	t=11.19 p ≤ .00	t=19.01 p ≤ .00	t=12.30 p ≤ .00	t=3.78 p ≤ .00	t=13.72 p ≤ .00	t=-0.22 p ≤ .83	t=5.02 p ≤ .00	t=9.88 p ≤ .00	t=7.01 p ≤ .00	t=15.59 p ≤ .00	t=-0.79 p ≤ .43	t=13.65 p ≤ .00	t=23.64 p ≤ .00			
18	t=17.51 p ≤ .00	t=-4.36 p ≤ .00	t=-3.24 p ≤ .00	t=8.57 p ≤ .00	t=18.29 p ≤ .00	t=10.63 p ≤ .00	t=0.73 p ≤ .47	t=11.44 p ≤ .00	t=-3.04 p ≤ .00	t=2.72 p ≤ .00	t=8.15 p ≤ .00	t=5.53 p ≤ .00	t=14.63 p ≤ .00	t=-3.31 p ≤ .00	t=12.07 p ≤ .00	t=22.61 p ≤ .00	t=-2.81 p ≤ .00		
19	t=17.81 p ≤ .00	t=-4.93 p ≤ .00	t=-3.90 p ≤ .00	t=7.01 p ≤ .00	t=17.96 p ≤ .00	t=10.04 p ≤ .00	t=-0.34 p ≤ .73	t=11.00 p ≤ .00	t=-4.02 p ≤ .00	t=0.99 p ≤ .32	t=7.68 p ≤ .00	t=4.46 p ≤ .00	t=13.52 p ≤ .00	t=-4.55 p ≤ .00	t=10.99 p ≤ .00	t=22.22 p ≤ .00	t=-3.85 p ≤ .00	t=-1.49 p ≤ .14	
20	t=-1.69 p ≤ .09	t=-20.98 p ≤ .00	t=-19.41 p ≤ .00	t=-8.92 p ≤ .00	t=1.04 p ≤ .30	t=-7.07 p ≤ .00	t=16.11 p ≤ .00	t=-6.82 p ≤ .00	t=-19.89 p ≤ .00	t=-16.29 p ≤ .00	t=-8.29 p ≤ .00	t=-13.20 p ≤ .00	t=-3.14 p ≤ .00	t=-20.16 p ≤ .00	t=-6.18 p ≤ .00	t=5.95 p ≤ .00	t=-18.70 p ≤ .00	t=-17.87 p ≤ .00	t=-17.05 p ≤ .00

Legenda:

- | | | |
|--|---|--------------------------------------|
| 1_ Desequilibrada | 8_ Desleixada | 15_ Teimosa |
| 2_ Carinhosa | 9_ Simpática | 16_ Que faz sofrer o filho sem razão |
| 3_ Boa | 10_ Alegre | 17_ Que apoia o filho |
| 4_ Que se preocupa com a educação do filho | 11_ Que não respeita o filho | 18_ Inteligente |
| 5_ Violenta | 12_ Mentirosa | 19_ Culta |
| 6_ Chantagista | 13_ Que deixa o filho sozinho muito tempo | 20_ Autoritária |
| 7_ Que conversa com o filho | 14_ Meiga | |

Para analisar mais detalhadamente os resultados obtidos através do uso da análise descritiva decidiu-se dividir a mesma em função da conotação afectiva das características comportamentais e de personalidade utilizadas neste estudo. A análise destes resultados começou com a avaliação das características conotadas negativamente, na medida em que, são elas as consideradas como mais prováveis de se aplicar às figuras parentais maltratantes.

Características comportamentais e de personalidade conotadas negativamente

Verificou-se que a característica considerada como tendo maior probabilidade de se aplicar ao pai ou à mãe mal tratante foi 'Que faz sofrer o filho sem razão'. A média obtida indica que os sujeitos testados consideraram como 'muito' provável que esta característica se aplicasse ao pai ou à mãe mal tratante ($\bar{x}=6.13$, $d.p.=1.77$). Este resultado é ainda mais expressivo se levarmos em consideração que metade dos sujeitos inquiridos considerou ser até 'muitíssimo' provável de se aplicar esta característica à figura parental ($mediana=7.00$) e que 'muitíssimo' foi também a resposta mais frequentemente observada ($moda=7.00$), correspondendo a mesma a 70.6% da totalidade das respostas obtidas.

Ficou claro que os sujeitos inquiridos consideraram, na sua maioria (70.6%), que era 'muitíssimo' provável que o pai ou a mãe mal tratantes fossem pessoas que fizessem sofrer os filhos sem razão. Somente 8.8% dos sujeitos considerou como 'absolutamente nada' ou 'quase nada' provável a aplicação desta característica aos pais mal tratantes.

A característica 'Violenta' foi também, considerada como sendo 'muito' provável de se aplicar à figura parental da história lida. A média das respostas ($\bar{x}=5.49$, $d.p.=2.01$) assim o indicia. De facto, constatou-se que metade das respostas dos sujeitos se situaram à direita do ponto 6 da escala de avaliação ($mediana=6.00$), o que quer dizer que, metade dos sujeitos testados achou que no máximo a figura parental seria 'muito' violenta. No entanto, a resposta mais frequentemente observada foi 'muitíssimo' violenta ($moda=7.00$). Esta última resposta, sozinha, foi responsável por 47.7% do total de respostas observadas, ou seja, dos 237 sujeitos inquiridos, 47.7% considerou que esta característica era 'muitíssimo' provável de se aplicar a figura parental. Somente 13.1% dos sujeitos inquiridos considerou como 'absolutamente nada' ou 'quase nada' provável que os pais mal tratantes fossem violentos.

Relativamente à avaliação da característica de personalidade 'Autoritária', a média de respostas encontrada ($\bar{x}=5.33$, $d.p.=1.97$) indica que os sujeitos inquiridos consideraram como provável que a figura parental mal tratante fosse 'um bocado' autoritária.

Com mais detalhe, verificou-se que a maior parte das respostas dos sujeitos se situaram à direita do ponto 6 da escala de avaliação ($mediana=6.00$), o que quer dizer que, metade dos sujeitos inquiridos consideraram que a figura parental envolvida no cenário de maus tratos seria no máximo 'muito' autoritária. Ainda assim, a resposta mais

frequentemente observada foi 'muitíssimo' autoritária ($moda=7.00$). Quer isto dizer que dos 239 sujeitos testados, 43.1% avaliou a figura parental como 'muitíssimo' e 16.7% 'muito' autoritária. Estas percentagens correspondem a quase 60% (59.8%) dos resultados totais da avaliação desta característica.

A média de respostas encontrada para as características 'Desequilibrada' e 'Que deixa o filho sozinho muito tempo' (respectivamente $\bar{x}=5.08$, $d.p.=1.69$ e $\bar{x}=4.80$, $d.p.=2.11$) indica que os sujeitos inquiridos consideraram como provável que a figura parental envolvida na história de maus tratos fosse uma pessoa 'um bocado' desequilibrada e que deixasse o filho sozinho muito tempo. Esta ideia torna-se ainda mais clara, na medida em que, para ambas as características, metade das respostas dos sujeitos se situaram à direita do ponto 5 da escala de avaliação ($mediana=5.00$) e que a resposta mais frequentemente observada foi 'muitíssimo' ($moda=7.00$). Assim, para a característica 'Desequilibrada', temos que 20.7% das respostas se situaram no ponto 'um bocado', 19.4% em 'muito', e 26.2% em 'muitíssimo' desequilibrada, sendo que estas percentagens correspondem a 66.3% nos resultados totais da avaliação da mesma. Para a característica 'Que deixa o filho sozinho muito tempo', temos 12.8% para a resposta 'um bocado', 18.3% para a resposta 'muito' e, 29.8% para a resposta 'muitíssimo' provável.

Outra característica de personalidade avaliada, também ela negativa, foi 'Desleixada'. Os resultados obtidos indicam que, os sujeitos inquiridos consideraram como sendo provável que a mesma não se aplicasse 'nem muito nem pouco' à figura parental ($\bar{x}=4.30$, $d.p.=2.02$, $mediana=4.00$).

Embora, para esta característica, a resposta mais frequentemente observada fosse 'muito' desleixada ($moda=6.00$), a mesma representa, unicamente, 17.7% dos resultados globais e não se verificaram grandes diferenças relativamente às outras hipóteses de resposta.

Para a característica 'Teimosa' encontraram-se resultados semelhantes aos da anteriormente analisada. Também aqui, os sujeitos inquiridos consideraram como sendo provável que a referida característica fosse 'nem muito nem pouco' aplicável ($\bar{x}=4.30$, $d.p.=2.06$, $mediana=4.00$). Neste caso, a resposta mais frequentemente observada foi 'muitíssimo' teimosa ($moda=7.00$), traduzindo a mesma 21.6% da globalidade das respostas.

Os resultados encontrados para a característica 'Chantagista' têm também, semelhanças com os resultados das duas últimas características analisadas. Verificou-se que os sujeitos inquiridos consideraram que a mesma não se aplicava 'nem muito nem pouco' à figura parental da história ($\bar{x}=4.08$, $d.p.=2.10$, $mediana=4.00$). Neste caso, ao contrário do que se tem verificado para as características negativas já analisadas, a resposta mais frequentemente observada foi 'absolutamente nada' chantagista ($moda=1.00$), embora esta avaliação corresponda apenas a 19.6% do total das respostas dadas.

Para a característica comportamental 'Que não respeita o filho', a média obtida ($\bar{x}=3.79$, $d.p.=2.52$) parece indicar que os sujeitos inquiridos acharam que a mesma não se aplicava 'nem muito nem pouco' às figuras parentais envolvidas na história de maus tratos. No entanto, metade das frequências de resposta observadas situam-se à direita da escala de avaliação ($mediana=3.00$) e a resposta mais frequente é 'absolutamente nada' ($moda=1.00$), ou seja, a maior percentagem de respostas aponta para que seja 'absolutamente nada' provável que a pessoa mal tratante não respeite o filho. Parece-nos, no entanto, interessante referir que a distribuição das respostas aparece polarizada nos extremos da escala de avaliação. Temos que a resposta 'absolutamente nada' tem 33.5% e a resposta 'quase nada' tem 11.0% e por outro lado a resposta 'muito' tem 12.3% e a 'muitíssimo' tem 25.4%. Portanto, nos dois primeiros pontos da escala de avaliação temos a percentagem de 44.5 e nos dois últimos 37.7.

A característica de personalidade 'Mentirosa' foi considerada pelos sujeitos inquiridos como sendo provável de se aplicar 'pouco' à figura parental mal tratante ($\bar{x}=3.08$, $d.p.=2.00$). Portanto, os sujeitos inquiridos consideraram como provável que a referida figura fosse 'pouco' mentirosa. Neste caso, a maior parte das respostas obtidas situaram-se à direita da escala ($mediana=3.00$) e, a resposta mais frequentemente observada foi 'absolutamente nada' mentirosa ($moda=1.00$). Assim, 35.3% das respostas situaram-se no ponto 'absolutamente nada', 10.5% em 'quase nada' e 13.4% em 'pouco' mentirosa, sendo que estas percentagens têm um peso de 59.2% nos resultados totais da avaliação desta característica.

Características comportamentais e de personalidade conotadas positivamente

Passemos agora à análise das características comportamentais e de personalidade conotadas positivamente.

Em termos gerais, as médias encontradas indicam que estas características positivas não se aplicam 'quase nada' às figuras parentais mal tratantes, sendo que, para todas elas, a resposta mais frequentemente observada é 'absolutamente nada'.

Assim, e numa análise mais detalhada, temos que as características de personalidade 'Carinhosa', 'Meiga', 'Boa', 'Simpática', 'Inteligente' e a característica comportamental 'Que apoia o filho' são aquelas que apresentam médias mais baixas. Obtiveram-se, respectivamente, médias de 1.74 (*d.p.*=1.38), 1.80 (*d.p.*=1.45), 1.84 (*d.p.*=1.50), 1.85 (*d.p.*=1.47), 2.17 (*d.p.*=1.56) e 1.87 (*d.p.*=1.60) que indicam que estas características são percebidas como 'nada' prováveis de se aplicar às figuras parentais mal tratantes.

Para estas seis características, tal como era de esperar, em função dos resultados médios de cada uma, mais de metade das respostas e a resposta mais frequentemente observada situam-se no ponto 1 da escala de avaliação (*mediana*=1.00, *moda*=1.00), ou seja 'absolutamente nada' aplicáveis às figuras parentais mal tratantes.

Em termos percentuais, verificou-se que dos 238 sujeitos inquiridos, 65.1% percepcionou a figura parental envolvida no cenário de maus tratos como 'absolutamente nada' carinhosa. Somente 3.7% dos sujeitos considerou que o pai ou a mãe mal tratantes poderiam ser 'muito' ou 'muitíssimo' carinhosos.

De 236 sujeitos inquiridos, 65.7% considerou a figura parental como 'absolutamente nada' meiga. Somente 4.2% dos sujeitos considerou que o pai ou a mãe mal tratantes poderiam ser 'muito' ou 'muitíssimo' meigos.

De 238 sujeitos inquiridos, 63.4% percepcionou a figura parental como 'absolutamente nada' boa. Apenas 5.5% dos sujeitos considerou que o pai ou a mãe mal tratantes poderiam ser 'muito' ou 'muitíssimo' bons.

Dos mesmos 238 sujeitos, 63.9% percepcionaram a figura parental como 'absolutamente nada' simpática. Apenas 4.7% considerou que o pai ou a mãe mal tratantes poderiam ser 'muito' ou 'muitíssimo' simpáticos.

De 240 sujeitos inquiridos, 50.8% percepcionaram a figura parental como 'absolutamente nada' inteligente. Somente 5.4% considerou que o pai ou a mãe mal tratantes poderiam ser 'muito' ou 'muitíssimo' inteligentes.

Por último, relativamente à característica 'Que apoia o filho', dos 239 sujeitos inquiridos, 65.3% considerou como 'absolutamente nada' provável que esta característica se aplicasse à figura parental envolvida nos maus tratos. Somente 6.3% dos referidos sujeitos considerou que o pai ou a mãe mal tratantes poderiam ser pessoas que apoiavam 'muito' ou 'muitíssimo' o seu filho.

As características 'Alegre', 'Culta' e 'Que conversa com o filho' apresentam também, médias baixas. As médias obtidas foram, respectivamente, 2.46 ($d.p.=1.68$), 2.33 ($d.p.=1.62$) e 2.26 ($d.p.=1.70$) o que indica que os sujeitos testados consideraram as ditas características como 'quase nada' prováveis de se aplicarem às figuras parentais envolvidas nas histórias de maus tratos. Neste caso, para as três características consideradas, a maior parte das respostas dos sujeitos situaram-se à esquerda do ponto 2 da escala de avaliação ('quase nada') e, 'absolutamente nada' foi a resposta mais frequentemente observada, tendo a mesma um peso percentual abaixo de 50% (respectivamente 43.6%, 44.6% e 49.3%).

A característica 'Que se preocupa com a educação do filho' foi a excepção na análise de resultados das características comportamentais e de personalidade positivas. Esta característica tem resultados que indicam que os sujeitos testados a consideraram como 'pouco'/'nem muito nem pouco' provável de se aplicar às figuras parentais ($\bar{x}=3.48$, $d.p.=2.20$). De qualquer forma, verificou-se que mais de metade das respostas dadas se situaram à esquerda do ponto 3 da escala de avaliação ($mediana=3.00$) e que a resposta mais frequentemente observada é 'absolutamente nada' ($moda=1.00$). Assim, 'pouco' corresponde a 12.6%, 'quase nada' a 13.8% e 'absolutamente nada' a 28.5%.

6.2.3. Efeitos produzidos por cada uma das características comportamentais e de personalidade relativas às figuras parentais

Além da análise descritiva dos resultados, procedeu-se a uma análise de variância com o intuito de verificar como foram avaliadas cada uma das características de personalidade e comportamentais, em função das condições experimentais do estudo. Deste modo, cada uma dessas características foi considerada isoladamente e tomada como variável dependente. As variáveis independentes foram, como já foi referido, a figura parental mal tratante, o tipo de mau trato, o formato do cenário de maus tratos. Há semelhança da análise anterior também se levou em consideração o factor género dos sujeitos inquiridos.

Sempre que foram encontradas diferenças significativas de resultados na análise de variância, procedeu-se a uma análise *post hoc* para avaliar, de forma mais precisa, quais as condições que faziam essa diferença de resultados.

Optamos também, por separar a apresentação dos resultados em função da conotação afectiva das características de personalidade e comportamentais, começando por aquelas que foram consideradas como mais prováveis de se aplicarem às figuras parentais mal tratantes.

Características comportamentais e de personalidade conotadas negativamente

Começando pela característica comportamental que foi vista pelos sujeitos inquiridos como a mais provável de se aplicar às figuras parentais mal tratantes ('Que faz sofrer o filho sem razão') foi feita a verificação de como é que a mesma foi avaliada em função das condições experimentais em estudo, procedendo-se a uma análise de variância, cujos resultados estão expressos de forma sintetizada na tabela 1 do anexo B.

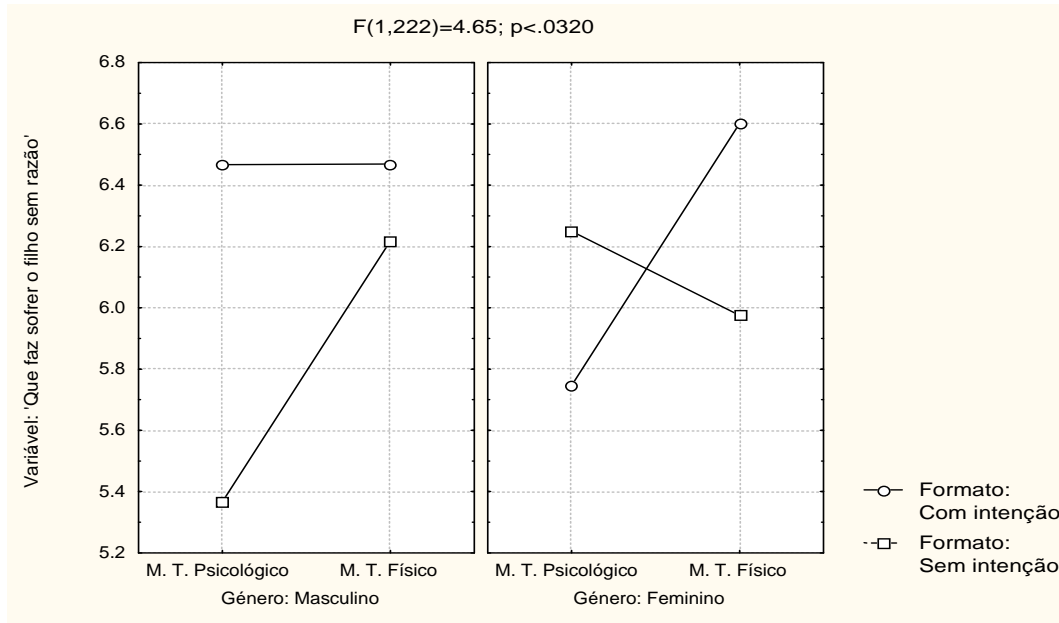
Através desta análise constatou-se que não existiram quaisquer efeitos principais significativos. No entanto, a mesma pôs em evidência a existência de dois efeitos de interacção significativos, sendo um deles entre os factores formato, género e mau trato ($F(1,222)=4.65, p<0.03$) e outro, entre os factores formato, figura parental e mau trato ($F(1,222)=5.24, p<0.02$). Para além destes, não se verificaram outros efeitos de interacção significativos.

Na sequência do primeiro efeito de interacção significativo verificado, o que se constatou (ver figura 15) foi que, quando os sujeitos testados eram rapazes, a característica comportamental 'Que faz sofrer o filho sem razão' aplica-se sempre mais quando é expressa uma intenção para o mau trato, quer o mesmo seja físico ou psicológico ($\bar{x}_{psicológico}=6.47, \bar{x}_{físico}=6.47$). Por outro lado, aplica-se menos quando não é expressa nenhuma intenção e, principalmente, se o mau trato é de natureza psicológica ($\bar{x}_{psicológico}=5.37, \bar{x}_{físico}=6.22$). Em síntese, esta característica parece ser vista pelos rapazes como bastante adequada á figura parental mal tratante e, principalmente, sempre que o mau trato, independentemente da sua natureza, é aplicado com a intenção de educar bem a criança da história.

Se os sujeitos inquiridos são do sexo feminino, à semelhança dos rapazes, esta característica comportamental parece adequar-se bastante à figura parental, em situações em que é expressa uma intenção mas, neste caso, só quando o mau trato é

físico ($\bar{x}=6.60$). Aplica-se menos, também quando existe uma intenção subjacente ao mau trato, mas o mesmo é de natureza psicológica ($\bar{x}=5.75$). Com mais detalhe, se o mau trato é psicológico, esta característica aplica-se mais quando não é expressa nenhuma intenção ($\bar{x}_{sem\ intenção}=6.25$, $\bar{x}_{com\ intenção}=5.75$). No entanto, se o mau trato é físico, aplica-se mais quando é expressa uma intenção que justifique a situação (educar bem o filho), ($\bar{x}_{com\ intenção}=6.60$, $\bar{x}_{sem\ intenção}=5.97$).

Figura 15: Gráfico das médias referente ao efeito de interação das variáveis Género, Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica comportamental 'Que faz sofrer o filho sem razão'.



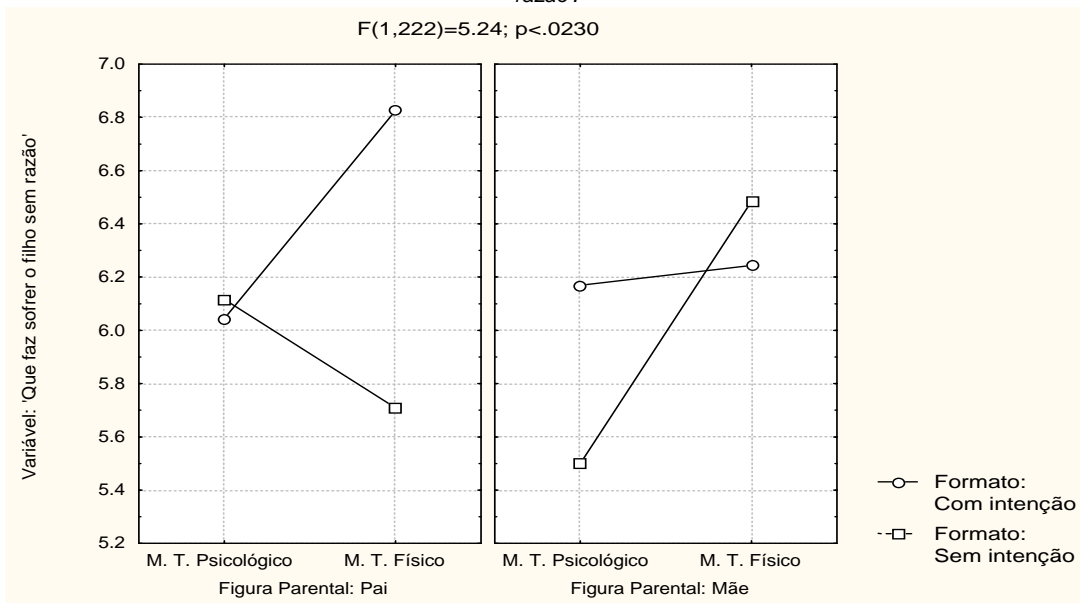
Relativamente ao segundo efeito de interação significativo, observou-se o seguinte.

Pela análise das médias e como se pode constatar na figura 16, verificar-se que, esta característica comportamental parece adequar-se mais à figura parental (embora não hajam grandes diferenças de resultados) quando é o pai o agente dos maus tratos, principalmente, quando o mesmo é físico e aplicado com uma intenção ($\bar{x}=6.83$). Adequa-se menos, quando é a mãe a figura parental mal tratante, na situação em que o mau trato é psicológico e não tem nenhuma intenção ($\bar{x}=5.50$).

Visto com mais detalhe, quando é o pai a figura parental mal tratante, se o mau trato é de natureza psicológica não há quase diferença de resultados, quer seja expressa uma intenção ou não ($\bar{x}_{com\ intenção}=6.04$, $\bar{x}_{sem\ intenção}=6.12$). No entanto, se o mau trato é físico, o valor médio desta característica é mais alto quando há uma intenção expressa ($\bar{x}_{com\ intenção}=6.83$, $\bar{x}_{sem\ intenção}=5.71$). Portanto, o pai é percebido como fazendo sofrer mais o filho sem razão quando o maltrata fisicamente com o intuito de o educar bem.

No caso de ser a mãe a figura parental mal tratante, os valores médios são sempre mais elevados quando o mau trato é físico, quer haja ou não intenção expressa. Assim, para o mau trato é físico, esta característica aplica-se mais à mãe quando não é expressa nenhuma intenção ($\bar{x}_{\text{com intenção}}=6.24$, $\bar{x}_{\text{sem intenção}}=6.48$). Pelo contrário, se o mau trato é psicológico, aplica-se mais quando é expressa uma intenção ($\bar{x}_{\text{com intenção}}=6.17$, $\bar{x}_{\text{sem intenção}}=5.50$). A mãe é percebida como fazendo sofrer mais o filho sem razão quando o mau trato é físico e não é expressa intenção relativa ao mau trato.

Figura 16: Gráfico das médias referente ao efeito de interacção das variáveis Figura Parental, Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica comportamental 'Que faz sofrer o filho sem razão'.



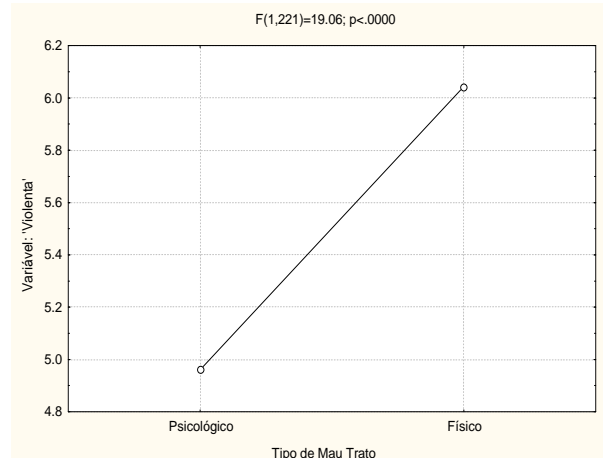
De seguida, passamos à análise da característica de personalidade 'Violenta'. Para avaliação desta característica de personalidade, em função das condições experimentais em estudo, procedeu-se a uma análise de variância, cujos resultados se encontram expressos de forma sintetizada na tabela 2 do anexo B.

Esta análise evidenciou a existência de um efeito principal significativo relativo ao factor mau trato ($F(1,221)=19.06$, $p<0.00$). Não se verificaram outros efeitos principais significativos.

Foram também encontrados efeitos de interacção significativos. O primeiro desses efeitos relaciona-se com os factores formato e figura parental ($F(1,221)=3.99$, $p<0.05$), o segundo com os factores género e mau trato ($F(1,221)=5.84$, $p<0.02$) e, por último, com os factores formato, género e mau trato ($F(1,221)=5.11$, $p<0.02$). Para além destes, não se verificaram outros efeitos de interacção significativos.

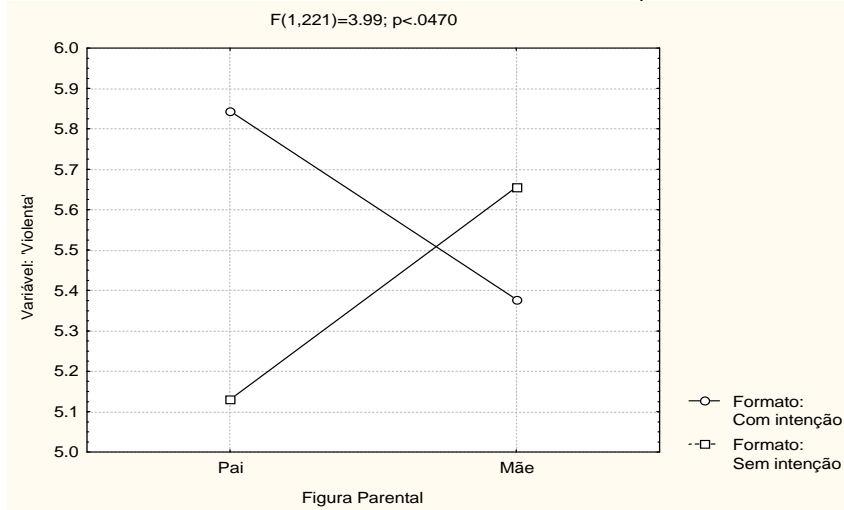
Assim, decorrente do efeito principal significativo encontrado, verificou-se (ver figura 17) que a figura parental mal tratante foi avaliada pelos sujeitos inquiridos como sendo mais violenta quando o mau trato é de natureza física ($\bar{x}_{psicológico} = 4.96$, $\bar{x}_{físico} = 6.04$).

Figura 17: Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Tipo de Mau Trato relativamente à característica de personalidade 'Violenta'.



Considerando o efeito de interação significativo entre os factores formato e figura parental, verificou-se (figura 18) também que, é o pai a figura parental percebida como sendo a mais violenta ($\bar{x} = 5.84$).

Figura 18: Gráfico das médias referentes ao efeito de interação das variáveis Figura Parental e Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica de personalidade 'Violenta'.



Visto com mais detalhe, quando é o pai a figura parental mal tratante, ele é visto como mais violento quando é expressa uma intenção subjacente ao mau trato (o pai mal trata o filho porque pensa que assim o educa melhor) ($\bar{x}_{com\ intenção} = 5.84$, $\bar{x}_{sem\ intenção} = 5.13$).

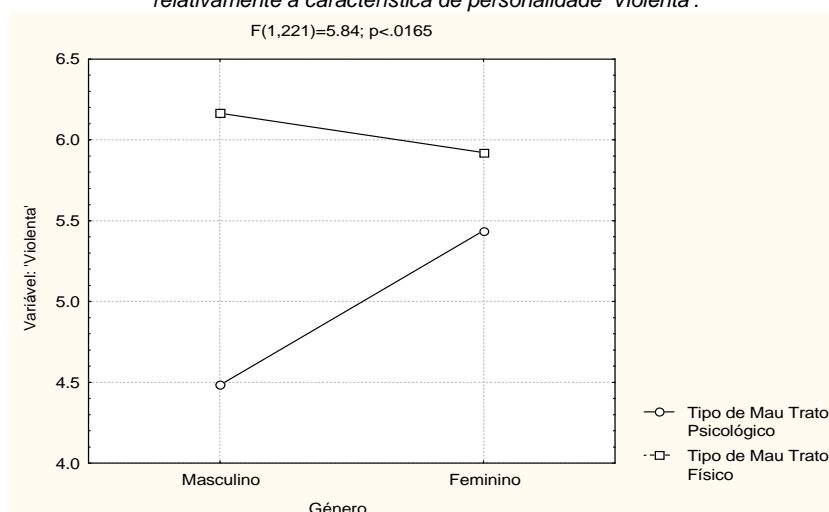
Quando é a mãe, passa-se o contrário. Ela é vista como mais violenta, quando não é expressa nenhuma intenção subjacente ao mau trato ($\bar{x}_{\text{com intenção}}=5.38$, $\bar{x}_{\text{sem intenção}}=5.66$).

Apesar de terem sido encontradas diferenças nas médias relativamente à avaliação da característica 'violenta' em função do formato do cenário de maus tratos e da figura parental envolvida nos mesmos, essas diferenças não são significativas (análise *post hoc*).

Relativamente ao segundo efeito de interação significativo encontrado entre o género e o tipo de mau trato verificou-se que, para ambos os sexos, a figura parental é percebida como mais violenta quando o mau trato é de natureza física, principalmente quando são os rapazes a fazer a avaliação desta característica de personalidade.

Os resultados obtidos encontram-se expressos na figura 19.

Figura 19: Gráfico das médias referente ao efeito de interação das variáveis Género e Tipo de Mau Trato relativamente à característica de personalidade 'Violenta'.



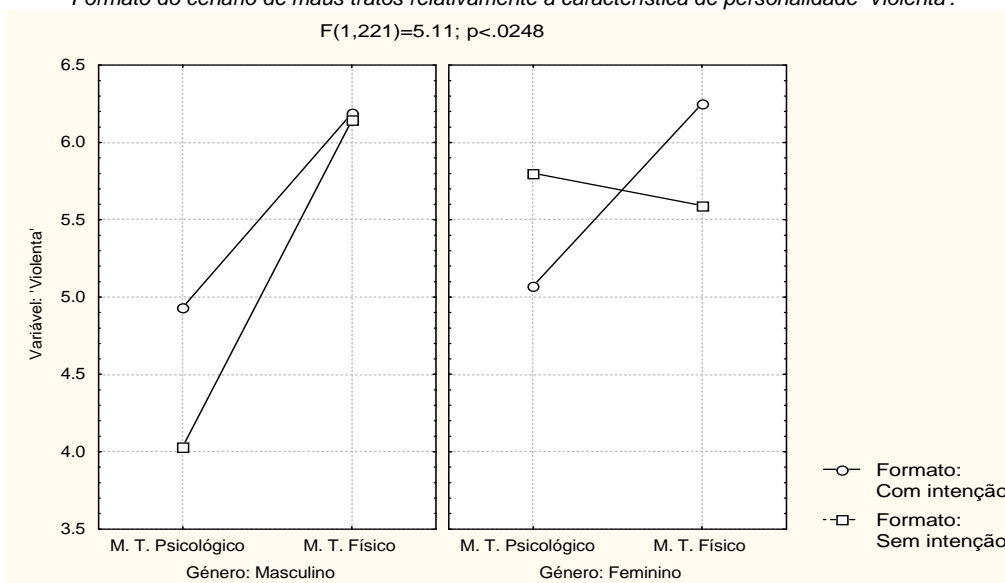
É importante salientar que quando os sujeitos inquiridos são rapazes a diferença de médias entre o mau trato físico e psicológico é superior à das raparigas e é significativa. De facto, os rapazes consideram a figura parental razoavelmente menos violenta quando o mau trato é psicológico ($\bar{x}_{\text{psicológico}}=4.48$, $\bar{x}_{\text{físico}}=6.17$).

Se os sujeitos testados são raparigas, como já foi referido, também elas consideram a figura parental como mais violenta quando a mesma está envolvida numa situação de maus tratos físicos mas, neste caso não há diferenças significativas de resultados

($\bar{x}_{psicológico} = 5.44$, $\bar{x}_{físico} = 5.92$) quando comparamos o mau trato físico e o psicológico. Salientamos que embora não exista diferença significativa de resultados na avaliação que as raparigas fazem da figura parental em função do tipo de mau trato, quando comparados com os resultados dos rapazes para o mau trato psicológico já se encontram diferenças significativas. Pode assim dizer-se que, a característica de personalidade em estudo ('violenta') varia de forma significativa em função do sexo dos sujeitos inquiridos.

Por último, temos o efeito de interacção significativo entre o género, o formato e o tipo de mau trato. As médias obtidas encontram-se na figura 20.

Figura 20: Gráfico das médias referente ao efeito de interacção das variáveis Género, Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica de personalidade 'Violenta'.



Foi possível constatar que, se os sujeitos inquiridos forem rapazes, quer haja ou não intenção subjacente aos maus tratos, eles percebem sempre a figura parental como mais violenta quando o mau trato é de natureza física ($\bar{x}_{com\ intenção} = 6.19$, $\bar{x}_{sem\ intenção} = 6.14$). Se o mau trato é psicológico, os rapazes percebem a figura parental de forma menos violenta, principalmente se não for expressa nenhuma intenção relativa aos maus tratos ($\bar{x}_{com\ intenção} = 4.93$, $\bar{x}_{sem\ intenção} = 4.03$), encontrando-se, neste caso, diferença significativa de resultados.

No caso dos participantes inquiridos serem raparigas, as diferenças de médias não são tão acentuadas, mas também elas consideram a figura parental mais violenta, quando o mau trato é físico e tem uma intenção subjacente ($\bar{x} = 6.25$). Visto com mais detalhe, se o mau trato é físico, a figura parental é percebida como mais violenta quando é expressa uma intenção subjacente ao mau trato (educar bem o filho) ($\bar{x}_{com\ intenção} = 6.25$,

$\bar{x}_{sem\ intenc\tilde{a}o}=5.59$). Se o mau trato é psicológico, as raparigas ao contrário dos rapazes, percebem a figura parental como mais violenta quando não é expressa nenhuma intenção ($\bar{x}_{com\ intenc\tilde{a}o}=5.07$, $\bar{x}_{sem\ intenc\tilde{a}o}=5.80$).

Para este efeito de interacção foram encontradas diferenças significativas de resultados. A avaliação que os rapazes fazem da figura parental quando o mau trato é psicológico e não é expressa intenção difere significativamente da avaliação que os mesmos fazem quando o mau trato é físico, quer haja ou não intenção, sendo que nesta última situação a figura parental é vista como bastante mais violenta. No caso das raparigas não há diferença significativa de resultados independentemente do tipo de mau trato e do facto de ser expressa ou não intenção. No entanto, estes resultados também diferem significativamente dos obtidos na avaliação das figuras parentais feita pelos rapazes quando o mau trato era psicológico e não era expressa nenhuma intenção (a figura parental é vista como bastante menos violenta).

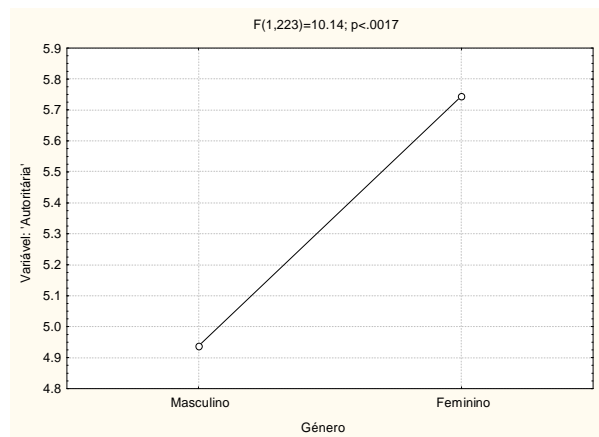
De seguida fomos avaliar a característica de personalidade 'Autoritária'. Para verificar como é que a mesma foi avaliada, em função das condições experimentais em estudo, procedeu-se, de igual modo, a uma análise de variância, cujos resultados se encontram expressos, de forma sintetizada, na tabela 3 do anexo B.

Esta análise evidenciou a existência de um efeito principal significativo relativo ao factor género ($F(1.223)=10.14$, $p<0.00$).

Não se verificaram outros efeitos principais significativos, nem quaisquer efeitos de interacção significativos. Salienta-se a existência de um efeito de interacção tendencial relativo às variáveis figura parental, tipo de mau trato e formato do cenário ($p<0.06$).

Como já foi referido, a média encontrada na avaliação feita desta característica, indica que os sujeitos testados consideraram a figura parental envolvida no cenário de maus tratos como sendo provavelmente, 'um bocado' autoritária. O que o efeito principal significativo encontrado traduz (ver figura 21) é, que, a figura parental é percebida como mais autoritária pelas raparigas, quando os sujeitos testados são do sexo feminino ($\bar{x}_{masculino}=4.94$, $\bar{x}_{feminino}=5.74$).

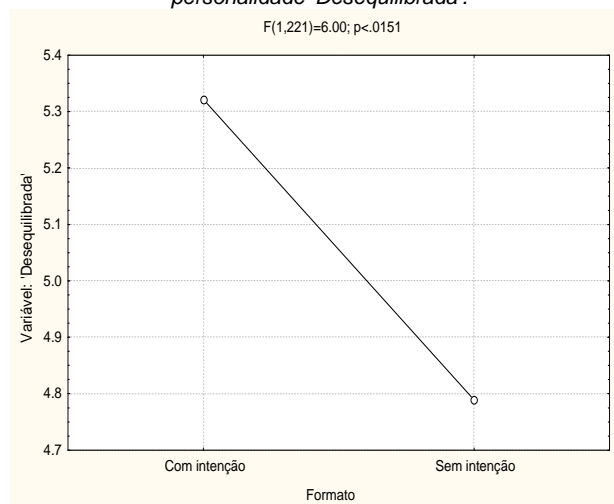
Figura 21: Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Género relativamente à característica de personalidade 'Autoritária'.



Outra característica de personalidade que foi avaliada pelos sujeitos inquiridos como muito provável de se aplicar à figura parental envolvida no cenário de maus tratos foi 'Desequilibrada'. Mais uma vez, para verificar como foi avaliada esta característica em função das condições experimentais em estudo, procedeu-se a uma análise de variância, cujos resultados se encontram expressos de forma sintetizada na 4 do anexo B.

Esta análise pôs em evidência a existência de um efeito principal significativo relativo ao factor formato ($F(1,221)=6.00$, $p<0.02$). Não se verificaram outros efeitos principais significativos. Verificaram-se também, dois efeitos de interacção significativos, um deles relativo aos factores formato, género e mau trato ($F(1,221)=4.12$, $p<0.04$) e outro, relativo aos factores formato, género, figura parental e mau trato ($F(1,221)=4.45$, $p<0.04$). Não se verificaram outros efeitos de interacção significativos.

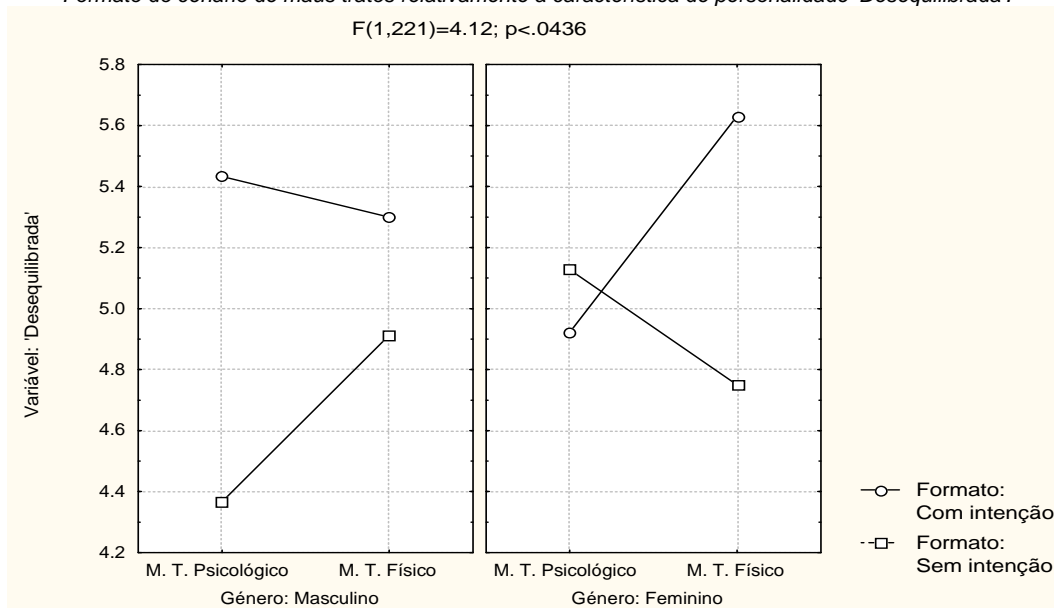
Figura 22: Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Formato relativamente à característica de personalidade 'Desequilibrada'.



Da análise do efeito principal significativo encontrado, constatou-se (figura 22) que quando há uma intenção expressa nos cenários de maus tratos que tem a ver com a ideia de que assim se pode educar bem um filho, os sujeitos testados consideraram a figura parental mais desequilibrada do que quando não é expressa nenhuma intenção subjacente ao mau trato ($\bar{x}_{\text{com intenção}}=5.32$, $\bar{x}_{\text{sem intenção}}=4.79$).

Relativamente ao primeiro efeito de interação significativo encontrado, os resultados médios obtidos na avaliação da probabilidade de aplicação desta característica à figura parental envolvida nos maus tratos estão expressos na figura 23.

Figura 23: Gráfico das médias referente ao efeito de interação das variáveis Género, Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica de personalidade 'Desequilibrada'.



Pode desta forma verificar-se que, são as raparigas que consideram a figura parental como mais desequilibrada, principalmente quando o mau trato é físico e tem uma intenção ($\bar{x}=5.63$).

Numa análise mais detalhada, pode constar-se que, quando os sujeitos testados são do sexo masculino, independentemente da natureza do mau trato, a figura parental é considerada como mais desequilibrada quando é expressa uma intenção (Com intenção: $\bar{x}_{\text{psicológico}}=5.43$, $\bar{x}_{\text{físico}}=5.30$; Sem intenção: $\bar{x}_{\text{psicológico}}=4.37$, $\bar{x}_{\text{físico}}=4.91$).

Quando os sujeitos testados são do sexo feminino, se o mau trato é psicológico, não há grande diferença de resultados quer haja ou não intenção ($\bar{x}_{\text{com intenção}}=4.92$, $\bar{x}_{\text{sem intenção}}=5.13$). No entanto, se o mau trato é de natureza física, a figura parental é vista como mais desequilibrada se é expressa uma intenção ($\bar{x}_{\text{com intenção}}=5.63$, $\bar{x}_{\text{sem intenção}}=4.79$).

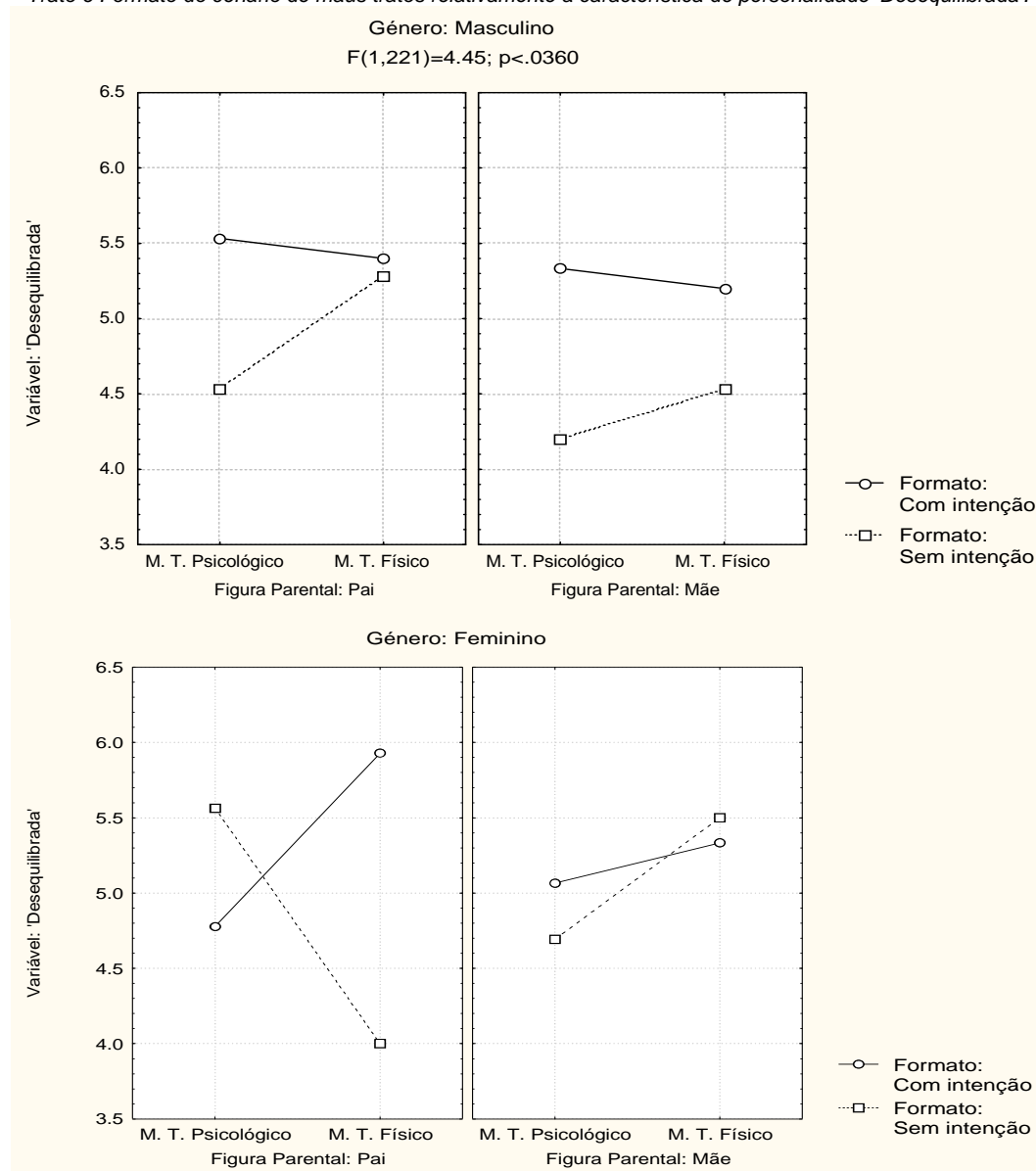
intenção=4.75).

Pode desta forma verificar-se que, são as raparigas que consideram a figura parental como mais desequilibrada, principalmente quando o mau trato é físico e tem uma intenção ($\bar{x}=5.63$).

Embora se tenham encontrado diferenças de resultados, essas diferenças não foram significativas (teste de *post hoc*).

Há ainda a considerar o segundo efeito de interacção significativo.

Figura 24: Gráfico das médias referente ao efeito de interacção das variáveis Género, Figura Parental, Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica de personalidade 'Desequilibrada'.



Em termos gerais pode constatar-se (ver figura 24) que, este efeito reforça o que já se tinha verificado na análise do efeito de interacção anterior e que tem a ver com o facto de

as raparigas considerarem as figuras parentais como mais desequilibradas. Há ainda a salientar que, mais uma vez em termos gerais, quer os rapazes, quer as raparigas, consideram o pai como a figura parental mais desequilibrada, sendo que para os primeiros esta ideia está associada ao mau trato psicológico infligido com intenção ($\bar{x}=5.53$), enquanto que para as segundas, está associado ao mau trato físico ainda que também infligido com uma intenção ($\bar{x}=5.93$). Por outro lado, verificamos que para os rapazes a figura parental que é vista como menos desequilibrada é a mãe, na situação em que o mau trato é psicológico e sem intenção ($\bar{x}=4.20$), enquanto que para as raparigas continua a ser o pai, mas na situação em que o mau trato é físico e sem intenção ($\bar{x}=4.00$).

Embora se tenham registado pequenas diferenças nos resultados as mesmas não são significativas.

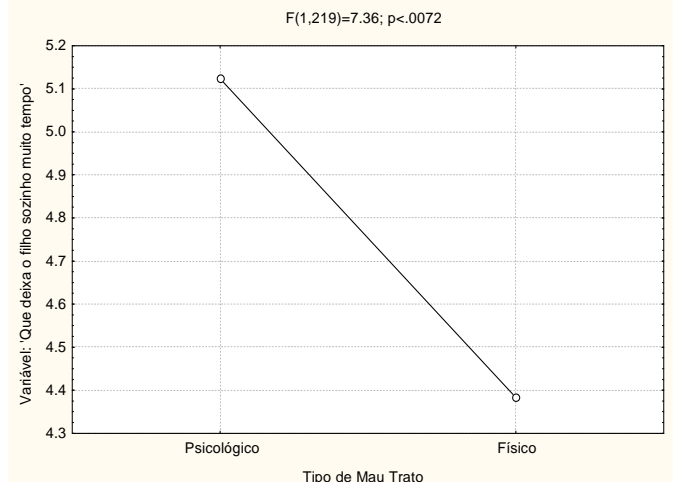
Passamos, de seguida, à avaliação da característica comportamental 'Que deixa o filho sozinho muito tempo'. Para a avaliação da mesma, em função das condições experimentais em estudo, procedeu-se a uma análise de variância, cujos resultados se encontram expressos de forma sintetizada na tabela 5 do anexo B.

Esta análise pôs em evidência a existência de um efeito principal significativo relativo ao factor mau trato ($F(1,221)=7.36$, $p<0.01$). Não se verificaram outros efeitos principais significativos.

Verificou-se também, um efeito de interacção significativo relativo aos factores formato, género, figura parental e mau trato ($F(1,219)=7.00$, $p<0.01$). Não se verificaram outros efeitos de interacção significativa.

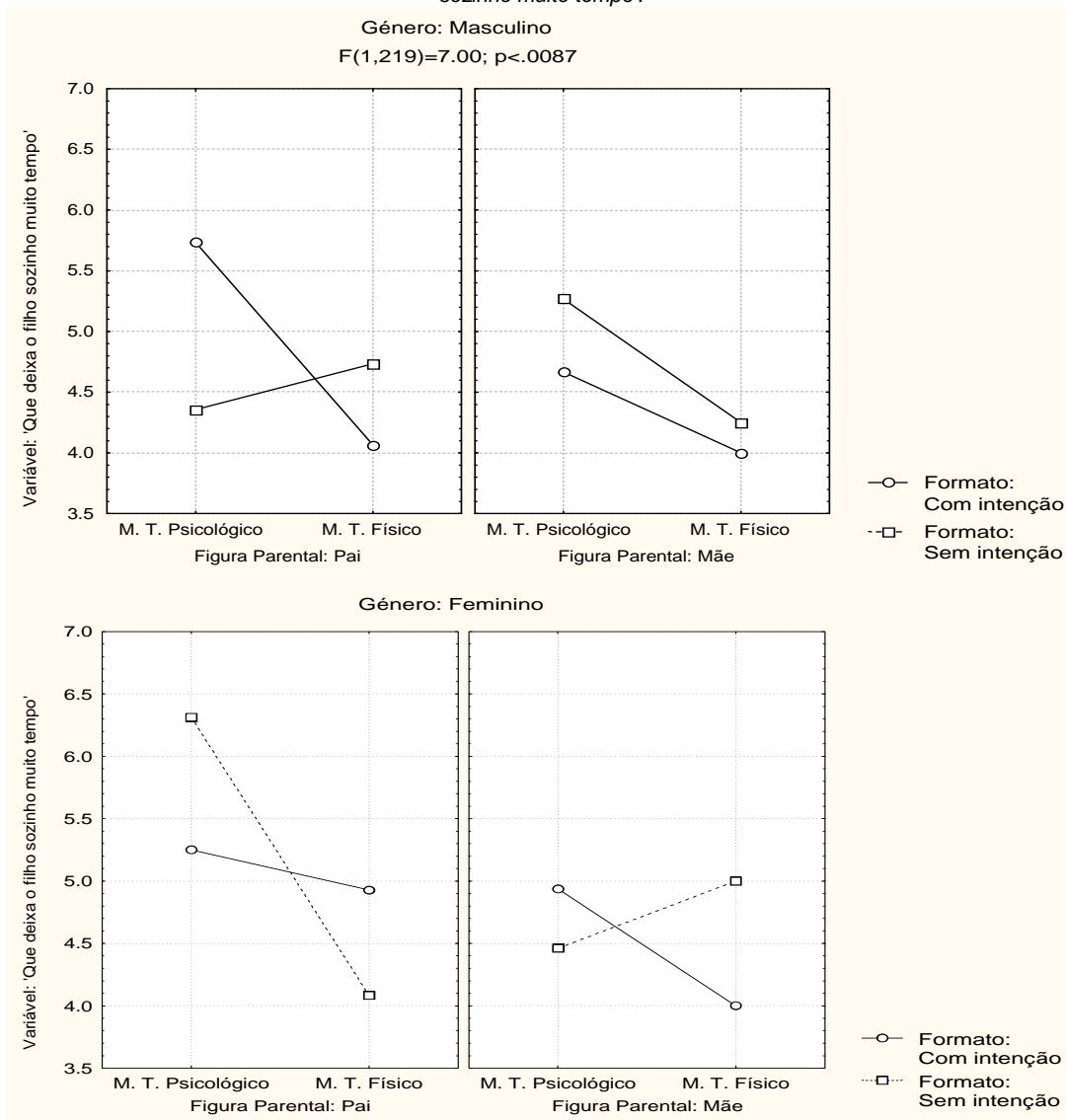
Relativamente ao efeito principal significativo, constatou-se que a característica 'que deixa o filho sozinho muito tempo' é mais aplicável às figuras parentais quando o mau trato é de natureza psicológica ($\bar{x}_{psicológico}=5.12$, $\bar{x}_{físico}=4.38$). Quer isto dizer que, os sujeitos testados, percebem as figuras parentais como mais abandonadas quando os maus tratos infligidos são de natureza psicológica (figura 25).

Figura 25: Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Tipo de Mau Trato relativamente à característica comportamental 'Que deixa o filho sozinho muito tempo'.



Há ainda a considerar o efeito de interacção significativo.

Figura 26: Gráfico das médias referente ao efeito de interacção das variáveis Género, Figura Parental, Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica comportamental 'Que deixa o filho sozinho muito tempo'.



Pela análise da figura 26, pode constatar-se, através da análise das médias que são as raparigas que consideram as figuras parentais como mais abandonadas (mais provavelmente deixam o filho sozinho muito tempo) principalmente quando se trata do pai, na situação em que o mau trato é psicológico e não tem subjacente nenhuma intenção ($\bar{x}=6.31$). De forma mais detalhada, verificou-se que, quando os sujeitos inquiridos são rapazes, a figura parental que é percebida como a mais abandonada é o pai, principalmente quando o mau trato tem uma intenção e é de natureza psicológica ($\bar{x}=5.73$) enquanto que a mãe é percebida como a menos abandonada principalmente quando há uma intenção subjacente ao mau trato e o mesmo é de natureza física ($\bar{x}=4.00$). Quando os sujeitos inquiridos são raparigas, também é o pai a figura parental percebida como a mais abandonada, mas neste caso quando não há intenção embora o mau trato seja, de igual modo, de natureza psicológica ($\bar{x}=6.31$). A mãe é percebida como a menos abandonada e, tal como para os rapazes, na situação em que o mau trato é físico e tem uma intenção ($\bar{x}=4.00$).

Embora se tenham registado pequenas diferenças nos resultados, após uma análise *post hoc*, as mesmas não se revelaram significativas.

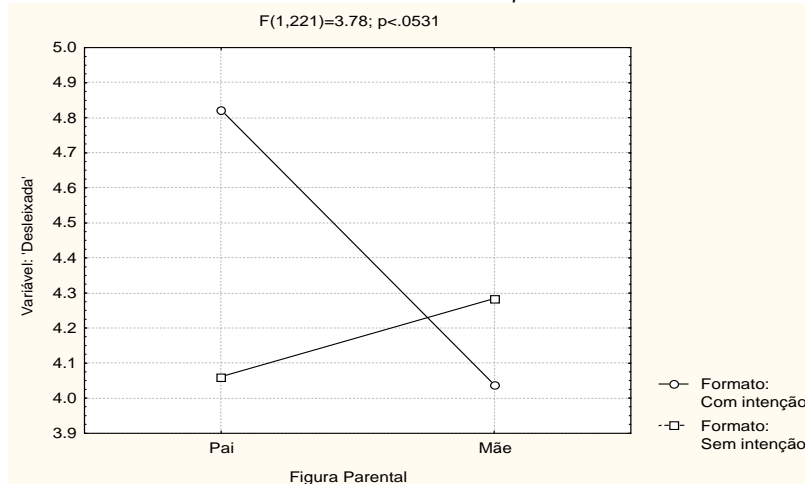
Para a avaliação da característica de personalidade 'Desleixada' em função das condições experimentais em estudo, procedeu-se a uma análise de variância, cujos resultados se encontram expressos de forma sintetizada na tabela 6 do anexo B.

Através desta análise não se verificaram quaisquer efeitos principais significativos. No entanto, ela pôs em evidência a existência de dois efeitos de interação significativos. Um deles diz respeito aos factores formato e figura parental ($F(1,221)=3.78, p<0.05$) e o outro, aos factores género, figura parental e mau trato ($F(1,221)=5.58, p<0.02$). Não se verificaram outros efeitos de interação significativos, embora haja a evidenciar um efeito tendencial relativo ao tipo de mau trato ($p<0.08$).

Decorrente do primeiro efeito de interação significativo encontrado (ver figura 27), pode verificar-se que é o pai que é percebido como mais desleixado, principalmente quando há uma intenção subjacente ao mau trato ($\bar{x}=4.82$). Dito de forma mais detalhada, quando é o pai o agente dos maus tratos, ele é percebido como mais desleixado na situação em que há uma intenção subjacente ao mau trato (\bar{x} com intenção=4.82, \bar{x} sem intenção=4.06), ao contrário da mãe, que é percebida como mais desleixada quando não há uma intenção subjacente ao mau trato (\bar{x} com intenção=4.04, \bar{x} sem intenção=4.28).

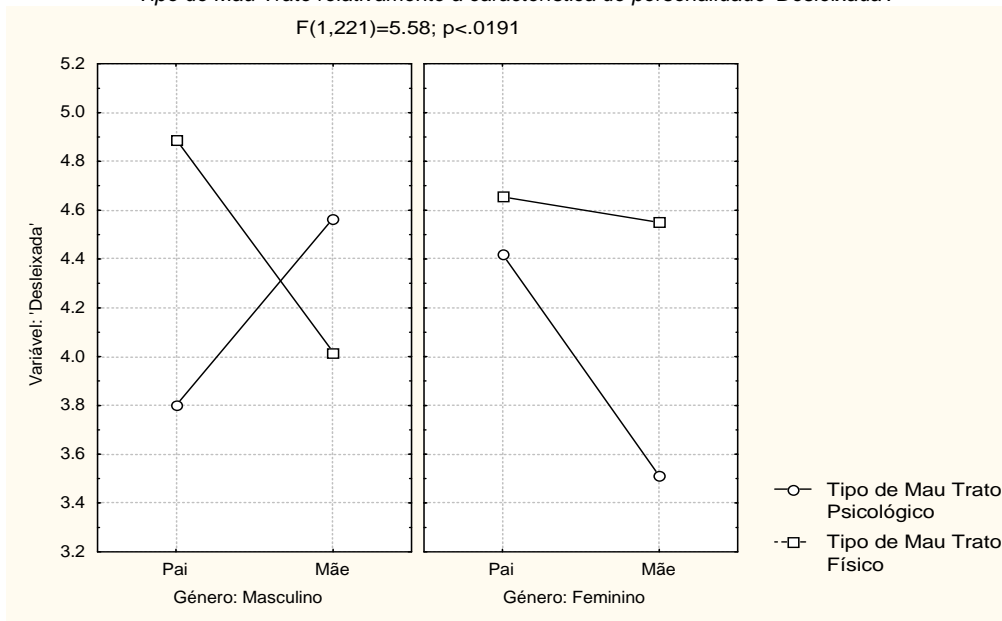
Não se encontraram, apesar das diferenças, diferenças significativas de resultados.

Figura 27: Gráfico das médias referente ao efeito de interação das variáveis Figura Parental e Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica de personalidade 'Desleixada'.



Em termos genéricos, relativamente ao segundo efeito de interação, constatou-se (ver figura 28) que quer os rapazes, quer as raparigas consideraram o pai, a figura parental mais desleixada, principalmente, quando o mau trato é de natureza física.

Figura 28: Gráfico das médias referente ao efeito de interação das variáveis Género, Figura Parental e Tipo de Mau Trato relativamente à característica de personalidade 'Desleixada'.



Não obstante estes resultados, quando o mau trato é psicológico, os rapazes consideram que esta característica é menos provável de se aplicar ao pai, enquanto que as raparigas consideram que é menos provável de se aplicar à mãe.

Analisado com mais detalhe, verificou-se que os rapazes consideram o pai a figura parental menos desleixada principalmente na situação em que o mau trato é de natureza psicológica, enquanto que as raparigas consideram que é a mãe, também, na mesma

situação. Assim, temos que os rapazes percebem o pai como mais desleixado quando o mau trato é físico ($\bar{x}_{psicológico} = 3.80$, $\bar{x}_{físico} = 4.89$) e a mãe quando o mau trato é psicológico ($\bar{x}_{psicológico} = 4.57$, $\bar{x}_{físico} = 4.02$). No caso das raparigas, elas percebem que o pai quer a mãe como mais desleixados quando o mau trato é físico (pai: $\bar{x}_{psicológico} = 4.42$, $\bar{x}_{físico} = 4.65$; mãe: $\bar{x}_{psicológico} = 3.51$, $\bar{x}_{físico} = 4.55$).

Não foram, de qualquer forma, encontradas diferenças significativas de resultados.

Segue-se a característica de personalidade 'Teimosa'. Para a avaliação da característica de personalidade 'teimosa' em função das condições experimentais em estudo, procedeu-se a uma análise de variância, cujos resultados se encontram expressos de forma sintetizada na tabela 7 do anexo B.

Esta análise não revelou qualquer efeito principal significativo nem qualquer efeito de interacção, também, significativo.

Pode assim dizer-se que, não houve alterações nas respostas dos sujeitos relativas à avaliação que foi feita da característica de personalidade 'Teimosa' em função do sexo dos sujeitos inquiridos, da figura parental envolvida no cenário de maus tratos, do tipo de mau trato e da existência ou não de uma intenção, ainda que falaciosa, que pudesse estar subjacente aos maus tratos.

Para a avaliação da característica de personalidade 'Chantagista' em função das condições experimentais em estudo, procedeu-se a uma análise de variância, cujos resultados se encontram expressos de forma sintetizada na tabela 8 do anexo B.

Os resultados desta análise mostram a existência de dois efeitos principais significativos relativos ao factor figura parental ($F(1,214) = 4.13$, $p < 0.04$) e ao factor mau trato ($F(1,214) = 12.86$, $p < 0.00$). Não se verificaram outros efeitos principais significativos.

Verificou-se, também, um efeito de interacção significativo relativo aos factores formato e mau trato ($F(1,214) = 4.24$, $p < 0.04$). Não foram encontrados outros efeitos de interacção significativos.

Assim, relativamente à figura parental, os sujeitos inquiridos consideraram (ver figura 29 e 30) que o pai é mais chantagista do que a mãe ($\bar{x}_{pai} = 4.31$, $\bar{x}_{mãe} = 3.76$). Por outro lado,

tendo em consideração o tipo de mau trato, os sujeitos inquiridos consideraram a figura parental como mais chantagista quando o mau trato era de natureza psicológica ($\bar{x}_{psicológico} = 4.52$, $\bar{x}_{físico} = 3.56$).

Figura 29: Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Figura Parental relativamente à característica de personalidade 'Chantagista'.

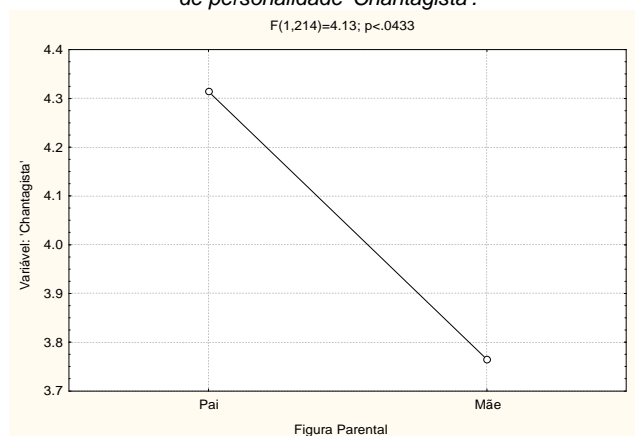
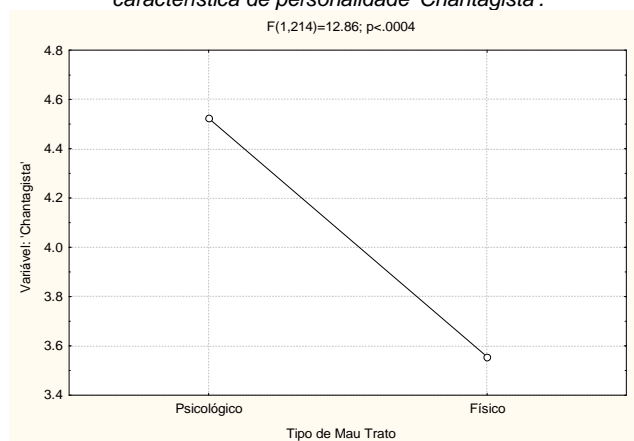


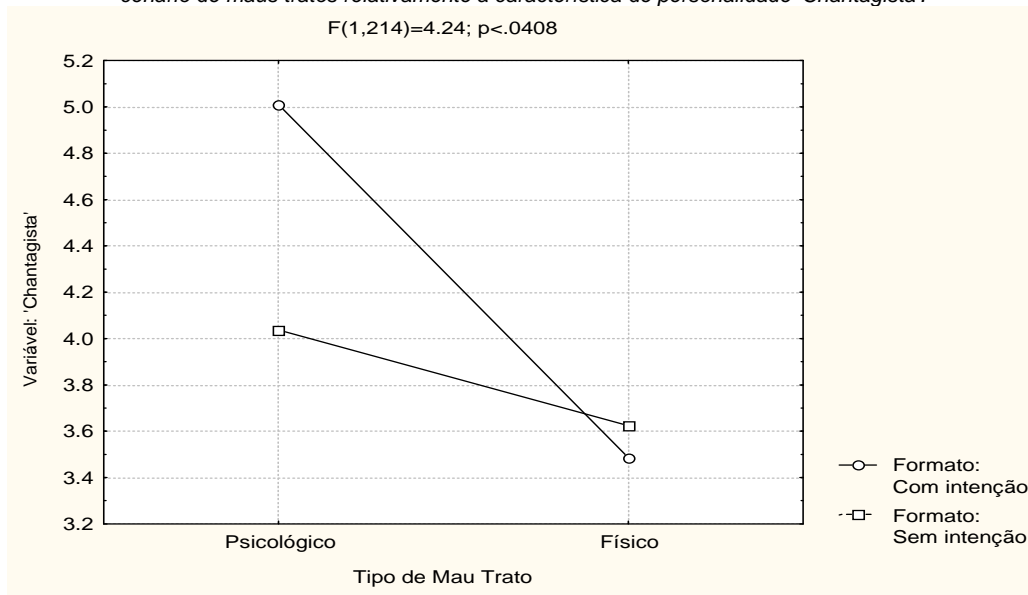
Figura 30: Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Tipo de Mau Trato relativamente à característica de personalidade 'Chantagista'.



Levando em consideração o efeito de interação significativo, constatou-se que (reforçando o efeito principal encontrado relativo ao mau trato – ver figura 31), que quando o mau trato é de natureza psicológica, a figura parental é percebida como sendo mais chantagista principalmente quando o mau trato tem uma intenção subjacente que tem a ver com a educação do filho (educar bem) ($\bar{x} = 5.01$).

A média mais elevada na avaliação desta característica resulta do mau trato ser psicológico e ser expressa uma intenção que pode justificar os maus tratos diferindo este resultado significativamente de todos os outros (teste *post hoc* de Tukey).

Figura 31: Gráfico das médias referente ao efeito de interacção das variáveis Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica de personalidade 'Chantagista'.



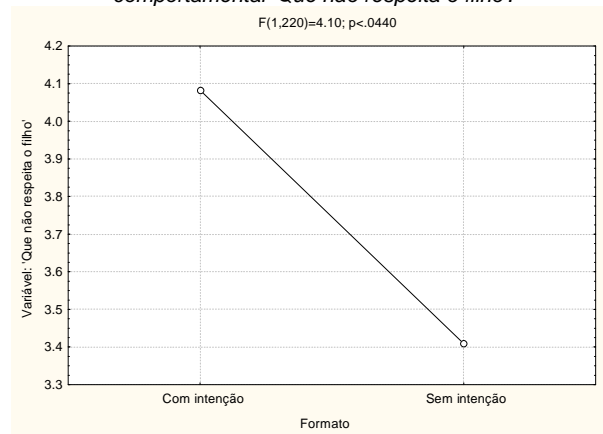
Para a avaliação da característica comportamental 'Que não respeita o filho' em função das condições experimentais em estudo, procedeu-se a uma análise de variância, cujos resultados se encontram expressos de forma sintetizada na tabela 9 do anexo B.

Como se pode constatar, desta análise resultou um efeito principal significativo relativo ao factor formato ($F(1,220)=4.10, p<0.04$).

Não se verificaram outros efeitos principais significativos, nem quaisquer efeitos de interacção significativos.

Assim, o que se pode apurar (ver figura 32) é que quando o formato do cenário contempla uma intenção subjacente ao mau trato (educar bem o filho), os sujeitos inquiridos consideram que a característica em estudo se aplica mais às figuras parentais ($\bar{x}_{com\ intenção}=4.08, \bar{x}_{sem\ intenção}=3.41$). Portanto os sujeitos testados perceberam as figuras parentais como tendo menos respeito pelos filhos quando é referido que os maus tratos visam educar bem esses mesmos filhos.

Figura 32: Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Formato relativamente à característica comportamental 'Que não respeita o filho'.



Para a avaliação da característica de personalidade 'Mentirosa' em função das condições experimentais em estudo, procedeu-se a uma análise de variância, cujos resultados se encontram expressos de forma sintetizada na tabela 10 do anexo B.

Os resultados desta análise mostram que não existe qualquer efeito principal significativo, bem como, qualquer efeito de interacção significativo, embora se verifique um efeito principal tendencial relativamente à figura parental e dois efeitos de interacção, também tendenciais relativamente ao formato e figura parental e ao formato, figura parental e tipo de mau trato.

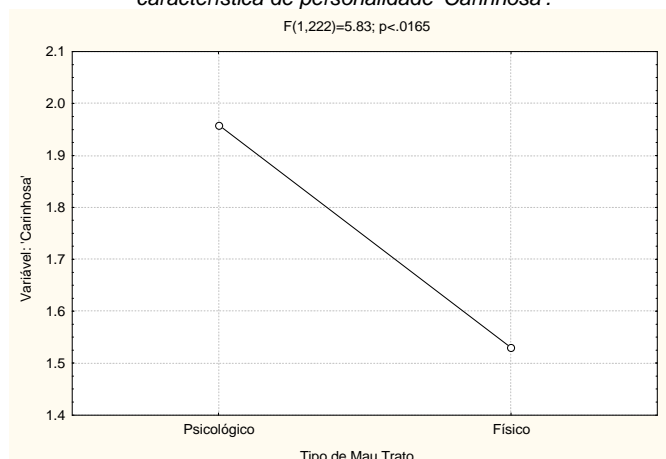
Características comportamentais e de personalidade conotadas positivamente

Como já foi referido, procedeu-se a uma análise de variância, para verificar como foi avaliada cada uma das características em função das condições experimentais do estudo. Passamos agora à análise das características conotadas positivamente. Os resultados da característica de personalidade 'Carinhosa', estão expressos de forma sintetizada na tabela 11 do anexo B.

Como se pode observar esta análise evidenciou um efeito principal significativo relativo ao tipo de mau trato ($F(1,222)=5.83$, $p<0.02$). Não se registaram outros efeitos principais significativos nem qualquer efeito de interacção também, significativo.

Da análise de médias decorrentes do efeito principal significativo encontrado, pode verificar-se que (como era espectável – ver figura 33), se a figura parental é percebida como quase nada carinhosa, ainda é menos carinhosa quando o mau trato é de natureza física ($\bar{x}_{psicológico}=1.96$, $\bar{x}_{físico}=1.53$).

Figura 33: Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Tipo de Mau Trato relativamente à característica de personalidade 'Carinhosa'.



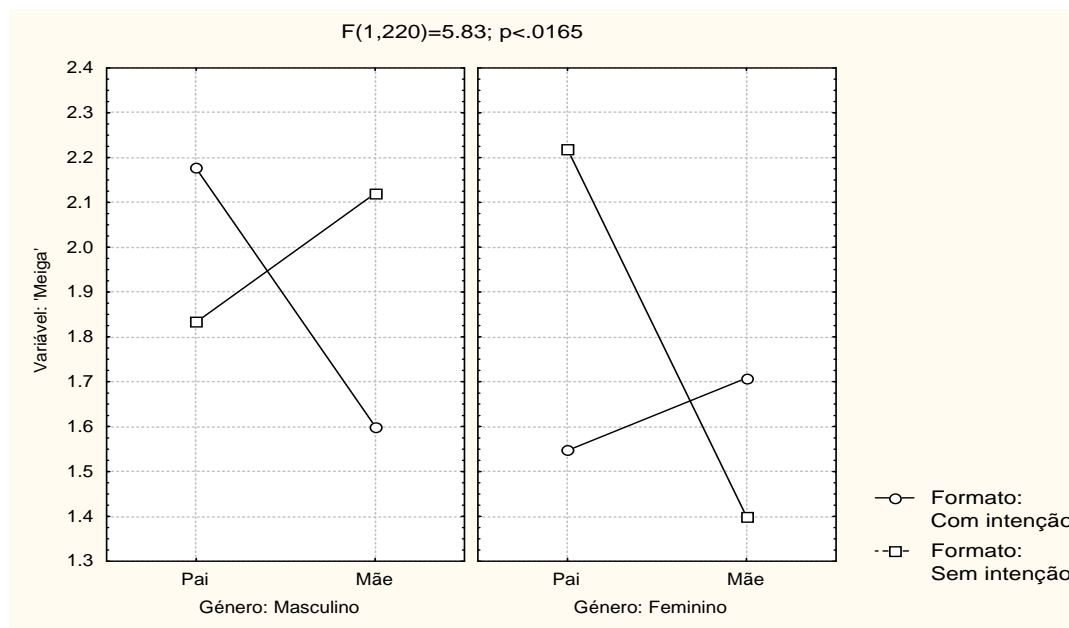
Procedeu-se a uma análise de variância, para verificar como foi avaliada a característica de personalidade 'Meiga', em função das condições experimentais do estudo. Os resultados estão expressos de forma sintetizada na tabela 12 do anexo B.

Pode verificar-se através desta análise que houve um efeito de interação significativo entre os factores formato, género e figura parental ($F(1,220)=5.83$, $p<0.02$). Não se registaram outros efeitos de interação significativos nem qualquer efeito principal significativo.

Sabendo que as figuras parentais envolvidas nos cenários de maus tratos foram consideradas como muito pouco provável de serem meigas, quer os rapazes quer as raparigas consideram que o pai é a figura parental mais meiga e a mãe a menos meiga.

Em termos gerais, constatou-se que (decorrente da análise de médias relativas ao efeito de interação significativo encontrado – figura 34), quer quando os sujeitos testados são rapazes quer quando são raparigas, o valor médio mais alto desta característica está associado ao pai e o valor médio mais baixo está associado à mãe. A diferença está no facto de que para os rapazes, ambas as situações estão associadas ao formato do cenário que expressa uma intenção (educar bem o filho), enquanto que para as raparigas, ambas as situações estão associadas ao formato do cenário que não expressa nenhuma intenção. Portanto, para ambos os sexos o pai é percebido como mais meigo estando esta condição dependente do formato do cenário.

Figura 34: Gráfico das médias referente ao efeito de interacção das variáveis Género, Figura Parental e Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica de personalidade 'Meiga'.



Visto em detalhe, quando os sujeitos inquiridos são rapazes, o pai que é visto como mais meigo ($\bar{x}_{pai}=2.18$, $\bar{x}_{mãe}=1.60$) na situação em que é expressa de uma intenção relativa ao mau trato (educar bem o filho), enquanto que, quando é a mãe ela é vista como mais meiga ($\bar{x}_{pai}=1.83$, $\bar{x}_{mãe}=2.12$) se não é expressa nenhuma intenção. No caso dos sujeitos testados serem raparigas, quando há uma intenção expressa, não há grandes diferenças na avaliação desta característica quer a figura parental seja o pai ou a mãe ($\bar{x}_{pai}=1.55$, $\bar{x}_{mãe}=1.71$). No entanto, se não há intenção é o pai que é visto como mais meigo ($\bar{x}_{pai}=2.22$, $\bar{x}_{mãe}=1.40$).

Embora se encontrem diferenças de resultados na avaliação da característica 'Meigo' em função do género dos sujeitos testados, de qual a figura parental mal tratante e do formato do cenário de maus tratos, essa diferença não é significativa (teste de *post hoc* de Tukey, para grupos de diferentes dimensões).

Procedeu-se a uma análise de variância, para verificar como foi avaliada a característica de personalidade 'Boa', em função das condições experimentais do estudo. Os resultados estão expressos de forma sintetizada na tabela 13 do anexo B.

Nesta análise é visível a existência de dois efeitos principais significativos relativos, um ao factor género ($F(1,222)=4.93$, $p<0.03$) e outro, ao factor tipo de mau trato ($F(1,222)=3.83$, $p<0.05$). Não foram encontrados outros efeitos principais significativos.

Foi também encontrado um efeito de interação significativo entre os factores género, figura parental e tipo de mau trato ($F(1,222)=4.49$, $p<0.04$). Não se registaram outros efeitos de interação significativos.

Através da análise das médias relativas aos efeitos principais significativos encontrados (ver figura 35 e 36), pode constatar-se que, a figura parental era percebida como sendo uma pessoa melhor quando os sujeitos testados eram rapazes ($\bar{x}_{\text{masculino}}=2.06$, $\bar{x}_{\text{feminino}}=1.63$) e quando o mau trato era de natureza psicológica ($\bar{x}_{\text{psicológico}}=2.04$, $\bar{x}_{\text{físico}}=1.66$).

Figura 35: Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Tipo de Mau Trato relativamente à característica de personalidade 'Boa'.

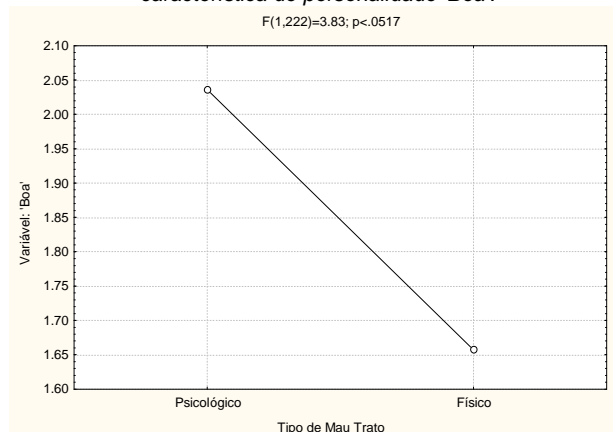
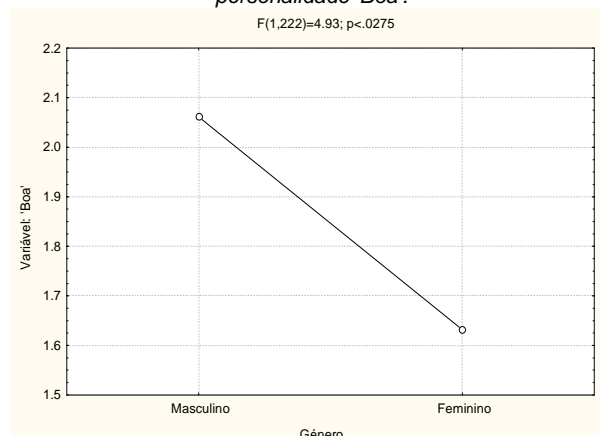


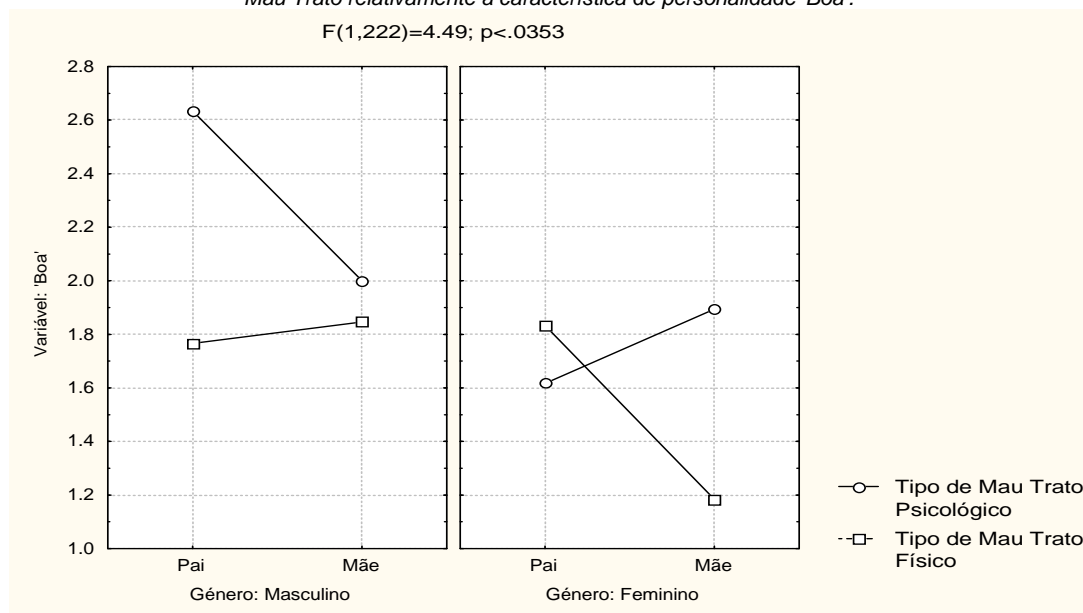
Figura 36: Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Género relativamente à característica de personalidade 'Boa'.



Há ainda a considerar o efeito de interação. Em termos gerais este efeito revela que (sem grandes diferenças de resultados; figura 37) os rapazes consideram melhor a figura

parental envolvida no cenário de maus tratos. Analisando mais em detalhe, temos que as raparigas avaliam melhor a mãe (quando o mau trato é psicológico) e os rapazes o pai (também, quando o mau trato é psicológico). Assim, quando os sujeitos testados são rapazes, quer a figura parental seja o pai ou a mãe, esta característica aplica-se sempre mais quando o mau trato é psicológico (pai: $\bar{x}_{psicológico} = 2.63$, $\bar{x}_{físico} = 1.77$; mãe: $\bar{x}_{psicológico} = 2.00$, $\bar{x}_{físico} = 1.85$). Por outro lado, se os sujeitos testados são raparigas, quando é o pai a figura parental mal tratante, não há grande diferença de resultados quer o mau trato seja físico ou psicológico ($\bar{x}_{psicológico} = 1.62$, $\bar{x}_{físico} = 1.83$) enquanto que, se for a mãe, a diferença é maior sendo a mãe considerada melhor pessoa quando o mau trato é psicológico ($\bar{x}_{psicológico} = 1.89$, $\bar{x}_{físico} = 1.18$).

Figura 37: Gráfico das médias referente ao efeito de interação das variáveis Género, Figura Parental e Tipo de Mau Trato relativamente à característica de personalidade 'Boa'.



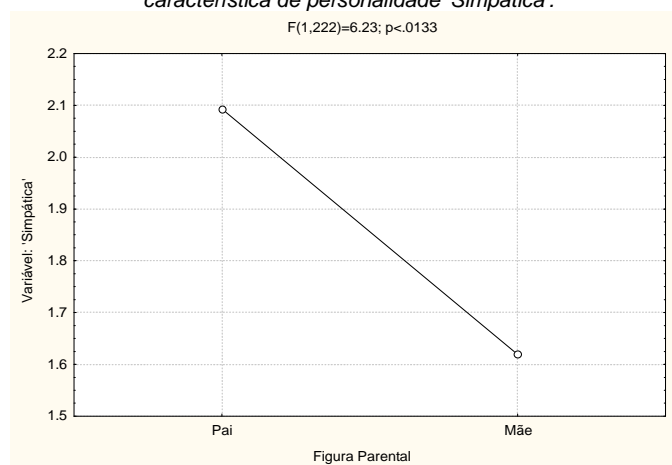
A maior parte das diferenças de resultados encontradas não são significativas havendo, no entanto uma exceção. A avaliação que os rapazes fazem do pai na situação de mau trato psicológico difere significativamente da avaliação que as raparigas fazem da mãe quando o mau trato é físico (teste de *post hoc* de Tukey, para grupos de diferentes dimensões).

Procedeu-se a uma análise de variância, para verificar como foi avaliada a característica de personalidade 'Simpática', em função das condições experimentais do estudo. Os resultados estão expressos de forma sintetizada na tabela 14 do anexo B.

Os resultados desta análise evidenciaram a existência de um efeito principal significativo relativo ao factor figura parental ($F(1,222)=6.23$, $p<0.01$). Não se verificaram outros efeitos principais significativos nem quaisquer efeitos de interacção significativos.

Decorrente da análise de resultados relativa ao efeito principal significativo encontrado pode constatar-se (figura 38) que os sujeitos testados avaliaram o pai como mais simpático do que a mãe ($\bar{x}_{pai}=2.09$, $\bar{x}_{mãe}=1.62$).

Figura 38: Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Figura Parental relativamente à característica de personalidade 'Simpática'.



Procedeu-se a uma análise de variância, para verificar como foi avaliada a característica comportamental 'Que apoia o filho', em função das condições experimentais do estudo. Os resultados estão expressos de forma sintetizada na tabela 15 do anexo B.

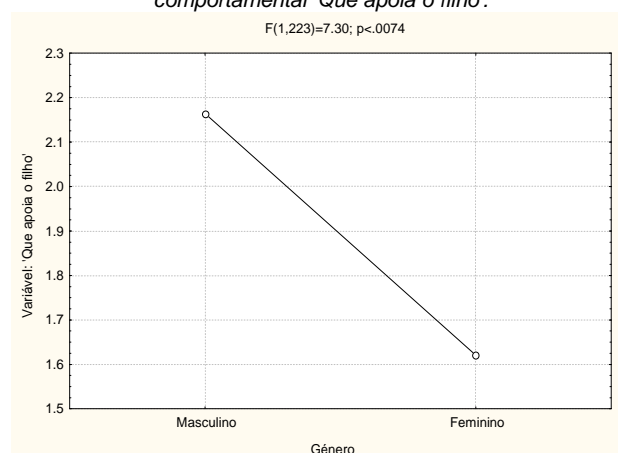
Esta análise revelou a existência de um efeito principal significativo relativo ao factor género ($F(1,223)=7.30$, $p<0.01$). Não foram encontrados outros efeitos principais significativos.

Verificou-se também, a existência de três efeitos de interacção significativos. O primeiro diz respeito aos factores género e mau trato ($F(1,223)=3.95$, $p<0.05$), o segundo aos factores formato, género e mau trato ($F(1,223)=5.07$, $p<0.03$), e por último, aos factores género, figura parental e mau trato ($F(1,223)=3.90$, $p<0.05$). Não se detectaram outros efeitos de interacção significativos.

Da análise de médias relativas ao efeito principal significativo encontrado (figura 39) constatou-se que, quando os sujeitos testados eram rapazes, os mesmos consideravam que esta característica era mais provável de se aplicar às figuras parentais, do que as raparigas ($\bar{x}_{masculino}=2.16$, $\bar{x}_{feminino}=1.62$). Quer isto dizer, que os rapazes percepcionaram

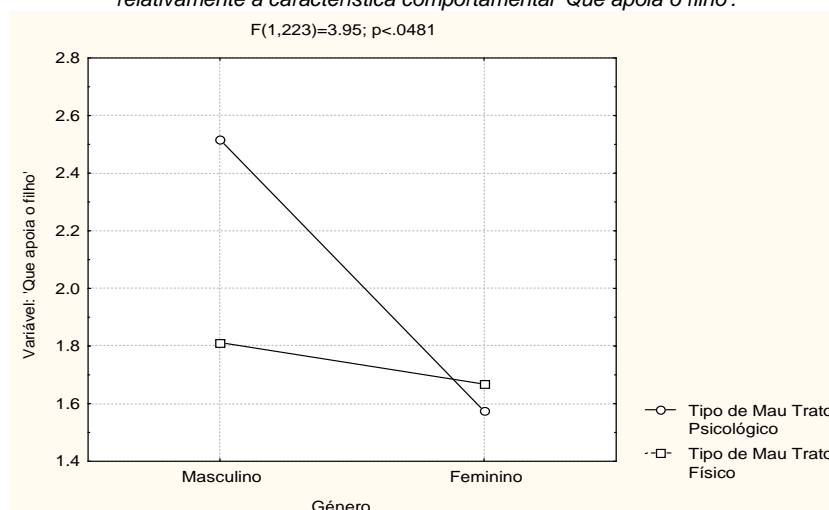
as figuras parentais como podendo ser pessoas que apoiam um bocadinho mais os filhos.

Figura 39: Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Género relativamente à característica comportamental 'Que apoia o filho'.



Relativamente ao efeito de interacção significativo verificado entre os factores género e tipo de mau trato constatou-se que (ver figura 40), de facto, são os rapazes que consideram como mais provável de se aplicar esta característica às figuras parentais envolvidas no cenário de maus tratos, principalmente quando o mau trato é de natureza psicológica ($\bar{x}_{psicológico} = 2.52$, $\bar{x}_{físico} = 1.81$).

Figura 40: Gráfico das médias referente ao efeito de interacção das variáveis Género e Tipo de Mau Trato relativamente à característica comportamental 'Que apoia o filho'.



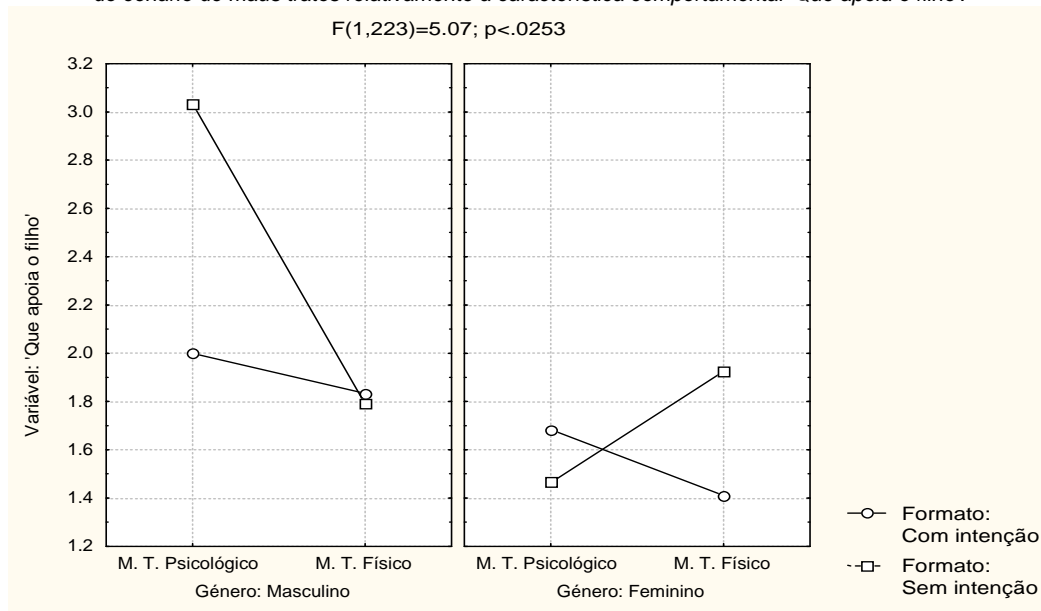
Quando os sujeitos testados são raparigas não há grande diferença de resultados em função do tipo de mau trato ($\bar{x}_{psicológico} = 1.57$, $\bar{x}_{físico} = 1.67$). No entanto, estes resultados diferem significativamente dos resultados relativos à avaliação das figuras parentais feita pelos rapazes quando o mau trato era psicológico. Portanto, para os rapazes, o pai ou a mãe podem ser pessoas que podem mais provavelmente apoiar o filho (quando o mau trato é de natureza psicológica), enquanto que as raparigas consideram que, seja o mau

trato psicológico ou físico, os pais mal tratantes não são de forma nenhuma pessoas que apoiam os filhos.

Temos ainda a considerar o outro efeito de interacção significativo encontrado relativo aos factores formato, género e tipo de mau trato.

Este efeito reforça os efeitos anteriores, constatando-se, de igual modo (figura 41) que, a característica em estudo é mais aplicável quando os sujeitos testados são rapazes, quando o mau trato é de natureza psicológica e, introduz a ideia de que, a referida característica poder ser ainda mais aplicável, quando não é expressa nenhuma intenção subjacente aos maus tratos (Rapazes: com intenção ($\bar{x}_{psicológico} = 2.00$, $\bar{x}_{físico} = 1.83$), sem intenção ($\bar{x}_{psicológico} = 3.03$, $\bar{x}_{físico} = 1.79$)). Também, aqui, se encontram diferenças significativas de resultados. A avaliação das figuras parentais feita pelos rapazes quando o mau trato é psicológico e não é expressa nenhuma intenção difere significativamente da avaliação que as raparigas fazem independentemente do tipo de mau trato e do facto de ser ou não expressa intenção que leva ao mau trato (Raparigas: com intenção ($\bar{x}_{psicológico} = 1.68$, $\bar{x}_{físico} = 1.41$), sem intenção ($\bar{x}_{psicológico} = 1.46$, $\bar{x}_{físico} = 1.92$)) (teste de *post hoc* de Tukey, para grupos de diferentes dimensões).

Figura 41: Gráfico das médias referente ao efeito de interacção das variáveis Género, Tipo de Mau Trato e Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica comportamental 'Que apoia o filho'.

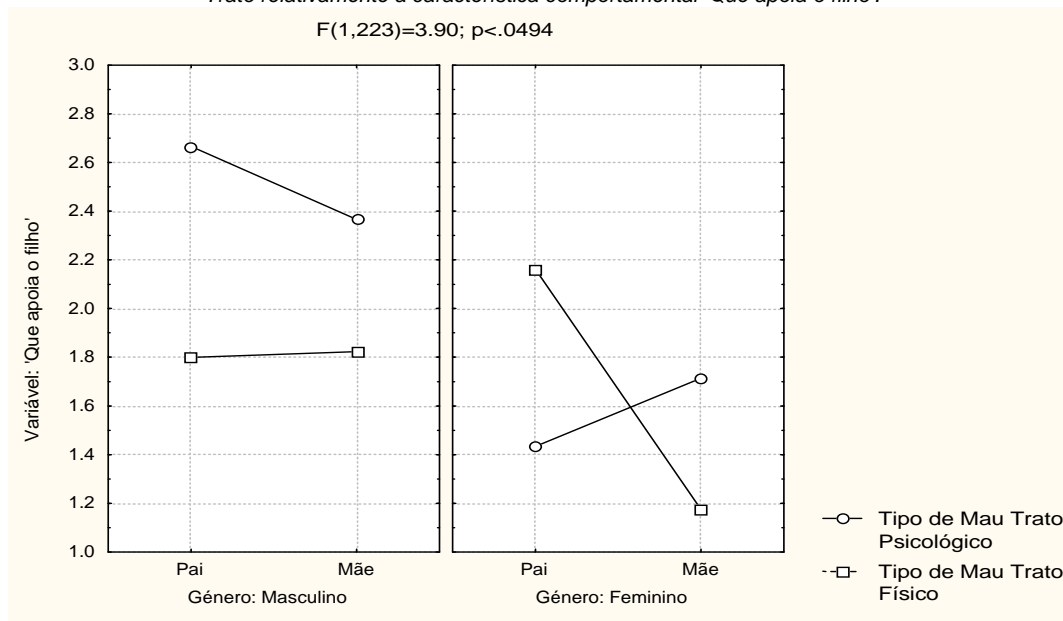


Por último, há ainda a considerar o efeito de interacção significativo entre os factores género, figura parental e tipo de mau trato (ver figura 42). Constatou-se que, se os sujeitos testados são rapazes, quer seja o pai ou a mãe a figura parental mal tratante, a

característica em estudo é mais aplicável quando o mau trato é psicológico, principalmente se for o pai o agente dos maus tratos ($\bar{x}_{pai} = 2.67$, $\bar{x}_{mãe} = 2.37$). No caso do mau trato físico, obviamente as médias são mais baixas, não se encontrando quase nenhuma diferença na avaliação que é feita do pai e da mãe mal tratante ($\bar{x}_{pai} = 1.80$, $\bar{x}_{mãe} = 1.82$).

Se os sujeitos testados são raparigas, a característica em estudo aplica-se mais ao pai na situação em que o mau trato é físico ($\bar{x}_{psicológico} = 1.43$, $\bar{x}_{físico} = 2.16$). Se é a mãe a figura parental mal tratante, elas consideram que a característica se aplica mais quando o mau trato é de natureza psicológica ($\bar{x}_{psicológico} = 1.71$, $\bar{x}_{físico} = 1.17$).

Figura 42: Gráfico das médias referente ao efeito de interacção das variáveis Género, Figura Parental e Tipo de Mau Trato relativamente à característica comportamental 'Que apoia o filho'.



À semelhança dos efeitos de interacção anteriores, também, neste caso, se verificaram diferenças significativas de resultados. Assim, a avaliação que as raparigas fazem do pai quando o mau trato é psicológico e da mãe quando o mau trato é físico é muito pior do que a avaliação que os rapazes fazem do pai quando o mau trato é psicológico (teste de *post hoc* de Tukey, para grupos de diferentes dimensões).

Procedeu-se a uma análise de variância, para verificar como foi avaliada a característica de personalidade 'inteligente', em função das condições experimentais do estudo. Os resultados estão expressos de forma sintetizada na tabela 16 do anexo B.

Os resultados encontrados expressam a existência de dois efeitos principais significativos, sendo um relativo ao factor formato ($F(1,224)=6.32$, $p<0.01$) e outro, ao factor género ($F(1,224)=8.24$, $p<0.00$).

Não foram encontrados outros efeitos principais significativos nem quaisquer efeitos de interacção significativos.

Figura 43: Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Género relativamente à característica de personalidade 'Inteligente'.

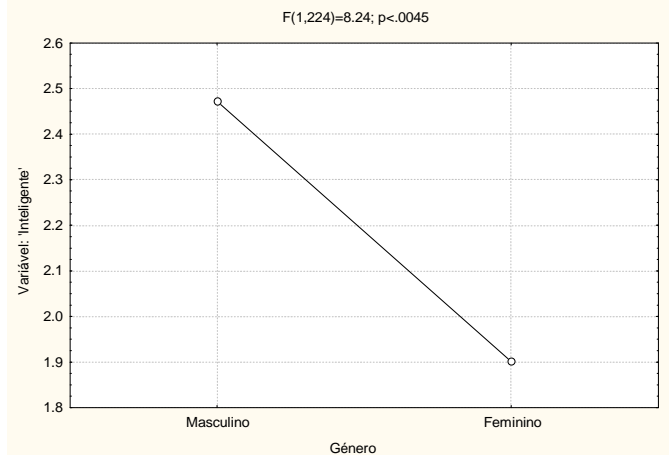
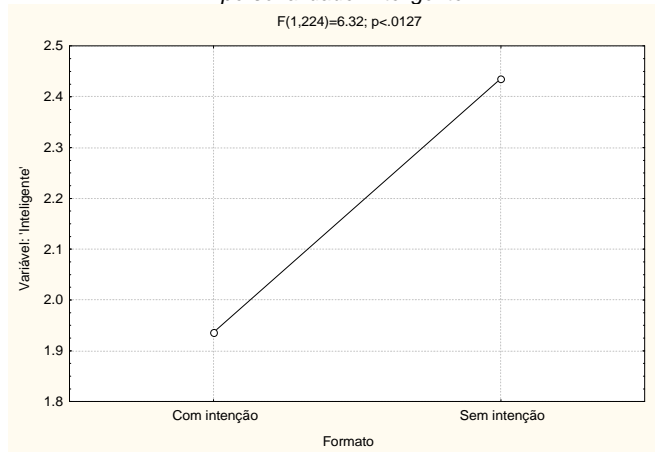


Figura 44: Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica de personalidade 'Inteligente'.



Da análise de médias relativas aos efeitos principais significativos encontrados (ver figura 43 e 44) pode verificar-se que, se os sujeitos testados eram rapazes ($\bar{x}_{masculino}=2.47$, $\bar{x}_{feminino}=1.90$) e se o cenário não contemplava uma intenção para os maus tratos ($\bar{x}_{com\ intenção}=1.94$, $\bar{x}_{sem\ intenção}=2.44$), esta característica aparecia como mais aplicável a figura parental. Quer isto dizer que a figura parental envolvida no cenário de maus tratos é percebida como sendo mais inteligente quando a avaliação é feita por rapazes e quando o formato do cenário não expressa uma intenção que possa estar subjacente à situação dos maus tratos.

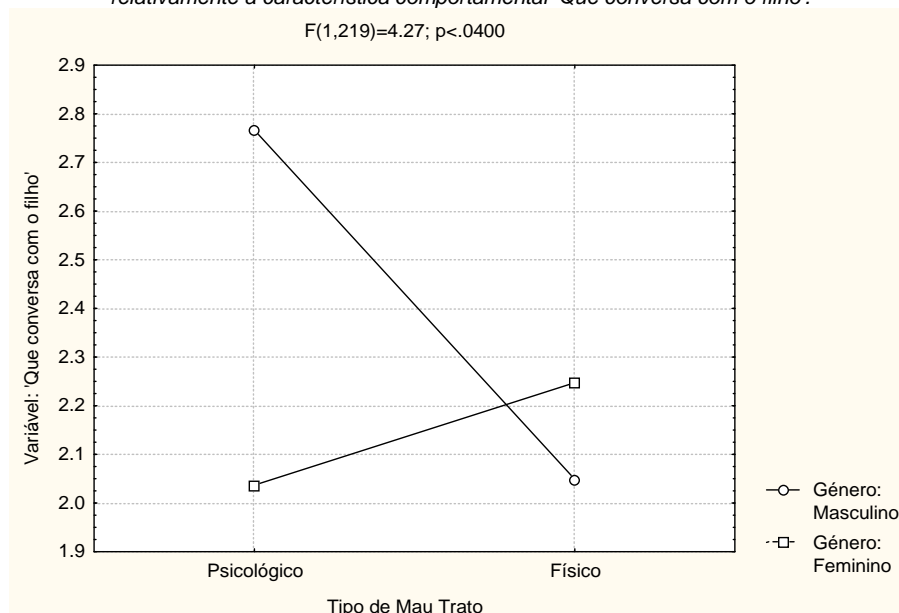
Procedeu-se a uma análise de variância, para verificar como foi avaliada a característica comportamental 'que conversa com o filho', em função das condições experimentais do estudo. Os resultados estão expressos de forma sintetizada na tabela 17 do anexo B.

Como pode constatar-se, esta análise revelou que não existem quaisquer efeitos principais significativos. Apesar disto, verificou-se a existência de um efeito de interacção

significativo relativo ao género e ao mau trato ($F(1,219)=4.27, p<0.04$). Não foram encontrados outros efeitos de interacção significativos.

Através da análise das médias relativas ao efeito de interacção significativo (figura 45), pode constatar-se que, quando os sujeitos testados são rapazes esta característica aplica-se mais se o mau trato é de natureza psicológica ($\bar{x}_{psicológico} = 2.77, \bar{x}_{físico} = 2.05$), ao contrário das raparigas, que consideram que a característica se aplica mais quando o mau trato é de natureza física ($\bar{x}_{psicológico} = 2.04, \bar{x}_{físico} = 2.25$).

Figura 45: Gráfico das médias referente ao efeito de interacção das variáveis Género e Tipo de Mau Trato relativamente à característica comportamental 'Que conversa com o filho'.



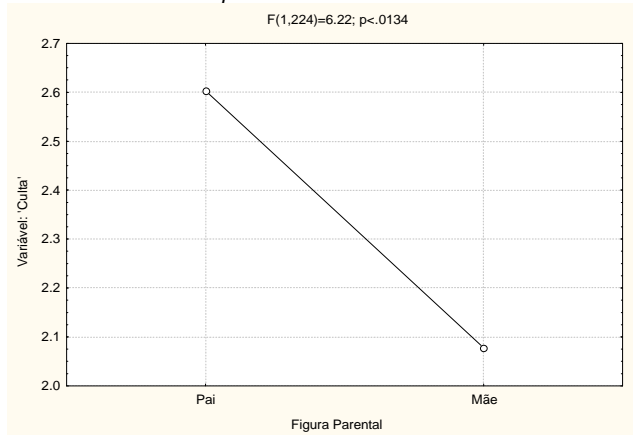
Não se encontraram, no entanto, diferenças significativas de resultados.

Procedeu-se a uma análise de variância, para verificar como foi avaliada a característica de personalidade 'cultura', em função das condições experimentais do estudo. Os resultados estão expressos de forma sintetizada na tabela 18 do anexo B.

Esta análise evidenciou a existência de um efeito principal significativo relativo ao factor figura parental ($F(1,224)=6.22, p<0.01$). Não foram encontrados outros efeitos principais significativos.

Foi também posto em evidência um efeito de interacção significativo relativo aos factores formato, figura parental e mau trato ($F(1,224)=3.78, p<0.05$). Não foram encontrados outros efeitos de interacção significativos.

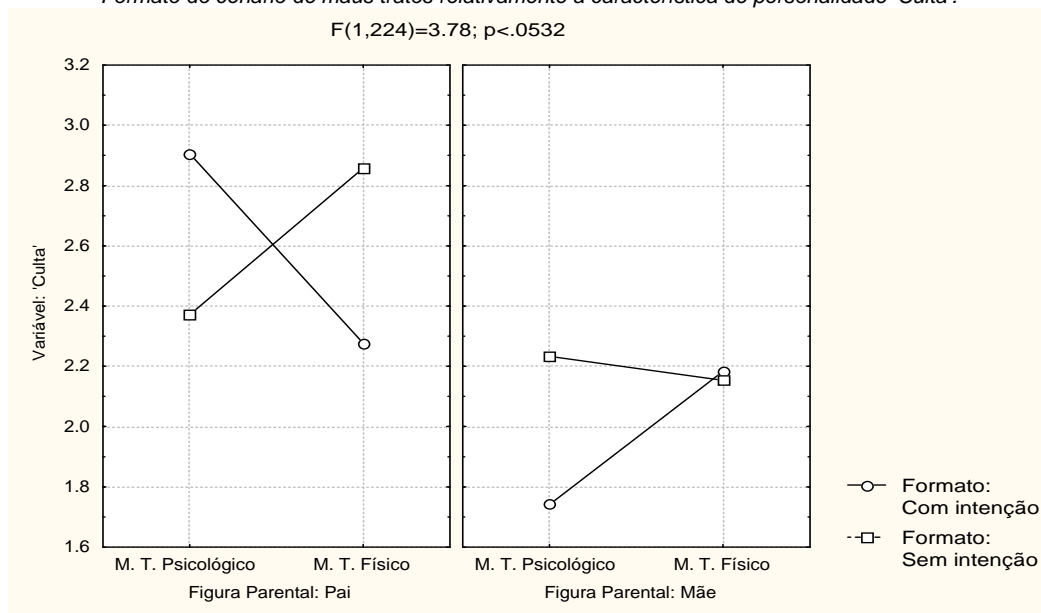
Figura 46: Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Figura Parental relativamente à característica de personalidade 'Culta'.



Decorrente do efeito principal significativo encontrado (ver figura 46) pode constatar-se que os sujeitos testados avaliaram o pai como mais culto do que a mãe ($\bar{x}_{pai}=2.60$, $\bar{x}_{mãe}=2.08$).

Também se verificou (decorrente da análise do efeito de interação significativo; figura 47) que, sendo o pai considerado mais culto do que a mãe, esta perspectiva está associada à situação em que, por um lado o mau trato é de natureza psicológica e tem uma intenção ($\bar{x}=2.91$) e, por outro lado, quando o mau trato é físico e não tem qualquer intenção ($\bar{x}=2.86$). Quando se trata da mãe, enquanto figura parental mal tratante, embora não haja grandes diferenças de resultados, a mesma é percebida como mais culta na situação em que o mau trato é também de natureza psicológica mas infligido sem nenhuma intenção ($\bar{x}=2.23$) e como menos culta quando o mau trato é, de igual modo, psicológico mas tem uma intenção subjacente ($\bar{x}=1.74$).

Figura 47: Gráfico das médias referente ao efeito de interação das variáveis Figura Parental, Tipo de Mau Trato e o Formato do cenário de maus tratos relativamente à característica de personalidade 'Culta'.



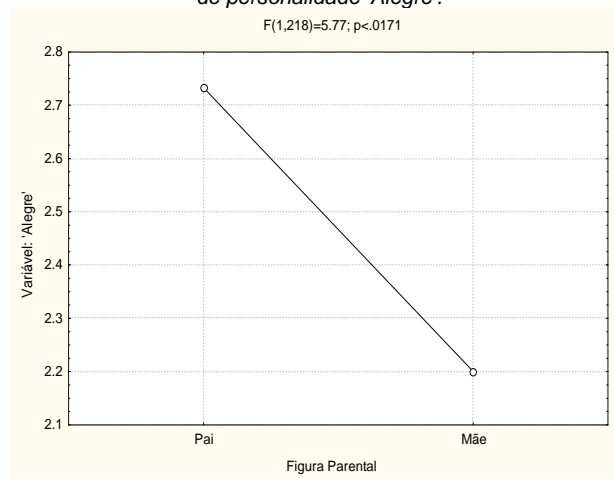
Apesar de existirem estas diferenças de resultados as mesmas não são significativas.

Procedeu-se a uma análise de variância, para verificar como foi avaliada a característica de personalidade 'alegre', em função das condições experimentais do estudo. Os resultados estão expressos de forma sintetizada na tabela 19 do anexo B.

Esta análise pôs em evidência um efeito principal significativo relativo ao factor figura parental ($F(1,218)=5.77$, $p<0.02$). Não se verificaram outros efeitos principais significativos, nem quaisquer efeitos de interacção significativos.

Decorrente do efeito principal significativo encontrado (figura 48) pode constatar-se que os sujeitos testados consideraram o pai como sendo mais alegre do que a mãe ($\bar{x}_{pai}=2.73$, $\bar{x}_{mãe}=2.20$).

Figura 48: Gráfico das médias referente ao efeito principal da variável Figura Parental relativamente à característica de personalidade 'Alegre'.



Procedeu-se a uma análise de variância, para verificar como foi avaliada a característica comportamental 'Que se preocupa com a educação do filho' em função das condições experimentais do estudo. Os resultados estão expressos de forma sintetizada na tabela 20 do anexo B.

Pode constatar-se que não foram encontrados quaisquer efeitos principais significativos, nem quaisquer efeitos de interacção significativos.

DISCUSSÃO

7. DISCUSSÃO

A primeira relação que a criança estabelece é sempre, ou quase sempre, com a mãe. Neste sentido e no âmbito da teoria da vinculação, a mãe tem sido considerada como a figura de destaque e até há poucos anos, as investigações realizadas nesta área centraram-se, essencialmente, na relação mãe-criança. Contudo, em contexto familiar, a criança pode interagir, de um modo contínuo e estável, com outras figuras significativas como sejam o pai, os irmãos, ou mesmo, os avós.

Assim sendo, num período em que a configuração tradicional da família tem sofrido profundas transformações, conduzindo a uma redefinição dos papéis parentais, embora se tenham realizado grandes progressos na compreensão da relação mãe-criança, é consensual que se deve continuar o estudo da vinculação alargando o seu espectro às outras relações familiares. Um estudo mais amplo do que aquele que se cinge ao modelo mãe-criança pode permitir uma melhor compreensão (mais diferenciada e mais integrada) dos antecedentes e das consequências dos diferentes tipos de vinculação.

Como já foi referido ao longo deste trabalho, a relação de vinculação é definida como um forte laço afectivo que liga a criança a uma ou mais figuras estáveis na sua vida, tidas como únicas, ao longo do tempo e dos contextos. O que regula esta relação é definido como um sistema de controlo comportamental, que funciona com o objectivo de manter o equilíbrio entre os comportamentos de vinculação e de exploração do meio. O funcionamento do sistema de controlo da vinculação é definido a partir da influência que o mesmo tem na organização dos afectos, das cognições e dos comportamentos nas relações de vinculação durante a vida.

Esta relação vai sendo construída, ao longo do desenvolvimento dos indivíduos, no contexto de interações únicas estabelecidas entre a criança e a figura de vinculação, onde a qualidade dos cuidados parentais é tida como fundamental para uma organização segura ou insegura (ambivalente ou evitante) dos comportamentos. Os elementos centrais desta relação vão-se organizando numa representação interna à medida que a criança e a relação se desenvolvem.

O objectivo do sistema comportamental da vinculação ao longo do desenvolvimento será então “sentir-se seguro”.

Desta forma, quando a história das experiências que ocorrem durante a infância, com a figura de vinculação, é marcada pela sensibilidade, aceitação e presença, provavelmente a criança vai construir um modelo dessa figura integrando essas mesmas características, e desenvolverá um modelo de si mais valorizado ou merecedor de afecto e cuidados. Se, pelo contrário, a criança vivencia trocas frustrantes, envolvendo insensibilidade ou rejeição, provavelmente irá construir modelos internos negativos da figura de vinculação e de si própria.

Muitos trabalhos empíricos reconhecem que a maioria das crianças no final do primeiro ano se encontram vinculadas a outras figuras, para além da mãe, nomeadamente, ao pai. Parece que as crianças formam laços vinculativos a ambos os pais por volta da mesma idade. No entanto, a figura paterna tem sido vista como uma figura de vinculação num plano secundário, relativamente à mãe. A mãe é vista, usualmente, como a principal figura de vinculação, sendo o pai visto, essencialmente, como um companheiro de brincadeira ao qual as crianças dirigem, preferencialmente, comportamentos de carácter afiliativo.

Por outro lado, há ainda a considerar que, embora no geral se encontrem semelhanças, na realidade existem diferenças, empiricamente documentadas, entre a natureza e o estilo de comportamentos maternos e paternos na interacção com a criança. Assim, as origens da segurança da vinculação pai-criança podem residir em diferentes tipos de interacção.

Fazendo o paralelismo entre pai e mãe, e sintetizando o que vem descrito na literatura, de facto, a mãe tem sido vista como a principal prestadora de cuidados à criança (responsável pelas rotinas inerentes aos cuidados a prestar as crianças) enquanto que o pai se encarrega mais da parte lúdica. Enquanto que a mãe acalma, acarinha, apazigua, o pai estimula, interagindo de forma mais física e activa com a criança. As brincadeiras maternas são mais verbais, dão mais informações, mais delicadas, fazendo mais uso de objectos, enquanto que as paternas são brincadeiras fisicamente mais estimulantes, mais vigorosas e abruptas. As mães seguem mais o interesse e a curiosidade das crianças encorajando o comportamento de ‘fazer com’ enquanto que o pai tem mais tendência a

interferir com os interesses da criança fazendo uso da autoridade, exprimindo-se de forma mais autoritária e impondo a atenção. A mãe é a fonte de bem-estar e segurança, o pai o companheiro de jogos, parceiro do divertimento. A mãe faz mais jogos de criação, o pai de recreação. A mãe contém, o pai excita... Em síntese, pode dizer-se que a mãe é a protectora, contentora, educadora, fonte de bem-estar e segurança. O pai é estimulante, autoritário, disciplinador, fonte de bem-estar e divertimento.

Estes dois tipos de relação propiciam à criança diferentes tipos de experiências. De facto, pode dizer-se que os pais são tão capazes como as mães, de cuidar dos seus filhos. Ambos são fontes de segurança embora os estilos de interacção possam apresentar características diferentes e específicas. De verdade, cada par adulto-criança tem tendência a desenvolver o seu próprio modo de interagir e, portanto, a criar o seu próprio estilo interactivo. O mesmo se passa no par pai-filho e mãe-filho.

Conhecer o modo como as relações significativas afectam quem somos constitui um tema central do estudo do desenvolvimento humano. O tipo e a qualidade da relação entre pais e filhos, bem com, a qualidade do clima familiar, parecem ser uma condição necessária para o desenvolvimento harmonioso de qualquer criança.

Por tudo o que foi dito, parece não haver dúvidas de que a família representa uma instituição social poderosa, ajudando ao desenvolvimento do indivíduo e tendo um papel de destaque entre os agentes socializadores dos indivíduos. A qualidade da relação que os pais mantêm com os filhos constitui-se como condição para o desenvolvimento harmonioso da criança e pode, inclusivamente, atenuar efeitos de acontecimentos de vida negativos.

O problema começa quando é no seio da própria família que ocorrem os acontecimentos de vida negativos (como os casos de violência), e quando são os próprios pais os agentes dessas situações. Como se sabe, a maior parte dos maus tratos ou abusos físicos ocorrem no contexto das preocupações parentais com a educação das crianças e com a disciplina. O que parece ser evidente é a necessidade urgente de compreender a sua natureza e as causas e conseqüências de tais práticas parentais.

As experiências de violência têm quase sempre um impacto negativo muito forte sobre quem as vivência, principalmente se forem crianças, dada a sua maior vulnerabilidade.

As percepções que as vítimas têm e as interpretações que fazem, durante e depois do incidente, parecem poder predizer o seu posterior ajustamento.

Sem uma efectiva prevenção, tratamento, intervenção e políticas sociais adequadas, os maus tratos vão continuar e as crianças vítimas de maus tratos vão crescer e tornar-se possivelmente adultos problemáticos afectando a sociedade ao longo de gerações.

Assim, se é evidente que as experiências de violência têm um impacto negativo sobre quem as vivência (directa ou indirectamente) e sabendo que muitas vezes estas experiências ocorrem no seio da família, o que nos interessou averiguar neste trabalho foi o impacto que tem o facto de ser um dos progenitores (pai ou mãe) o instigador dessas experiências.

Neste sentido, a problemática deste estudo centra-se em torno da percepção que as crianças têm das figuras parentais enquanto agentes de maus tratos. Como já foi referido anteriormente, quando a violência que a criança experimenta ocorre na sua própria casa, tudo aquilo que funcionava como protector e era sentido como fonte de conforto e segurança, desaparece. A qualidade do seu sistema familiar de suporte fica afectado e a família passa a ter um carácter violento e agressivo.

Se o pai é tido como estimulante, autoritário, disciplinador, fonte de bem-estar e divertimento, o que acontecerá quando o mesmo é agente de maus tratos? Se a mãe é tida como protectora, contentora, educadora, fonte de bem-estar e segurança, o que acontecerá quando a mesma é agente de maus tratos?

Parece-nos evidente que, embora partindo do pressuposto de que os pais são figuras de suporte, de conforto, de ajuda, em situações em que os mesmos maltratam os seus filhos, as crianças tenham a seu respeito percepções negativas. No entanto, interessou-nos avaliar quão negativas são essas avaliações e se elas variam em função, quer do género das crianças inquiridas, quer de qual a figura parental que impõe o mau trato. Por outro lado, e dado que ainda está culturalmente enraizada a ideia de que “bater é educar”, quisemos ainda avaliar se há diferenças na percepção das figuras parentais em função do tipo de maus tratos e se o mesmo tem uma intenção subjacente.

Foram, também, avaliados os afectos desencadeados por estas situações na medida em que, normalmente, os processos perceptivos ou de julgamento de situações são

mediados pelas reacções afectivas dos sujeitos face aos acontecimentos, nomeadamente crimes.

Começando pelos afectos e tal como ficou definido no capítulo das hipóteses, era de esperar que as reacções afectivas dos sujeitos inquiridos face à situação de maus tratos fossem mais negativas e mais intensamente sentidas quando o mau trato era de natureza física, não tinha nenhuma intenção subjacente e, no caso das raparigas quando era a mãe que maltratava, no caso dos rapazes quando era o pai o agente dos maus tratos (hipótese 9).

De facto, o que se constatou foi que os afectos foram primordialmente negativos. Os afectos conotados negativamente foram os mais intensamente sentidos e os conotados positivamente quase nada foram sentidos.

Quando tomados globalmente, a média encontrada mostra que os sujeitos sentiram a situação de maus tratos claramente como desfavorável ($\bar{x}=2.88$) não se sentindo nada agradados com o cenário proposto. Como já referimos, os afectos mais intensamente sentidos foram os negativos.

Os afectos que estiveram mais perto da avaliação 'sentir-se muitíssimo' foram os afectos revoltado ($\bar{x}=5.08$), magoado ($\bar{x}=4.94$), com raiva ($\bar{x}=4.61$) e irritado ($\bar{x}=4.56$). Por outro lado não se sentiram nada satisfeitos ($\bar{x}=1.75$), divertidos ($\bar{x}=1.77$), felizes ($\bar{x}=1.93$), contentes ($\bar{x}=1.94$) e nada alegres ($\bar{x}=1.98$).

Salientamos que as médias dos afectos conotados negativamente diferem significativamente dos afectos conotados positivamente. É também curioso constatar que enquanto que os afectos positivos não diferem significativamente entre si, o mesmo não se passa com os negativos. De facto há afectos negativos que foram mais intensamente sentidos do que outros, diferindo significativamente entre si.

Assim sendo, não se pode confirmar a hipótese proposta. Tal como estava previsto, os sujeitos inquiridos não se sentiram bem quando confrontados com a situação de maus tratos, mas não houve variação desse sentimento em função das condições experimentais do estudo.

Numa análise mais detalhada dos resultados relativos aos afectos, também era de esperar que as reacções afectivas dos sujeitos inquiridos face à situação de maus tratos

fossem mais negativas e mais intensamente sentidas quando o cenário dos maus tratos se reportava ao mau trato de natureza física, do que quando o mesmo era de natureza psicológica. Na medida em que as reacções afectivas remetiam para sentimentos conotados negativa e positivamente, esperava-se que os sujeitos se sentissem mais irritados, mais revoltados, mais magoados, com mais medo e raiva (...), menos bem, menos divertidos, menos contentes, (...) quando o mau trato era de natureza física do que quando era de natureza psicológica (hipótese 6).

De facto, numa análise mais detalhada e tomando isoladamente cada um dos afectos, o que se constatou foi que o afecto 'revoltado' que foi o mais intensamente sentido variou em função da natureza do mau trato que foi aplicado à criança do cenário apresentado. Para ambos os géneros dos sujeitos inquiridos e independentemente da figura parental maltratante e da intenção subjacente ao mau trato, o sentimento de revolta variou em função do tipo de mau trato. Assim, os rapazes e raparigas sentiram-se ainda mais revoltados quando o mau trato era de natureza física ($\bar{x}=5.39$).

O mesmo aconteceu relativamente ao afecto 'irritado'. Os sujeitos inquiridos, independentemente do seu género, de qual a figura parental maltratante e da existência ou não uma intenção para o mesmo, embora tendo ficado irritados ficaram-no ainda mais quando o mau trato era de natureza física ($\bar{x}=4.99$) (encontraram-se diferenças significativas de resultados por comparação com o mau trato psicológico).

Os sujeitos inquiridos também sentiram mais medo quando o mau trato era de natureza psicológica embora fosse na situação em que não havia uma intenção subjacente ao mesmo ($\bar{x}=3.24$) e sentiram ainda mais medo quando, para além de psicológico, era o pai o maltratante e tinha a intenção de educar o seu filho ($\bar{x}=3.61$).

Relativamente à alegria, os sujeitos inquiridos não se tendo sentido nada alegres, sentiram-se ainda menos quando o mau trato era físico ($\bar{x}=1.52$) no caso dos rapazes, e nas raparigas quando o mau trato era psicológico ($\bar{x}=1.52$), na situação em que não havia nenhuma intenção.

O afecto 'contente' também variou em função da intenção. Assim, quando o mau trato era físico e não tinha uma intenção subjacente, os rapazes ficaram menos contentes ($\bar{x}=1.54$), e quando era psicológico e não tinha uma intenção subjacente, foram as raparigas que ficaram menos contentes ($\bar{x}=1.54$).

Os sujeitos inquiridos também se sentiram menos divertidos quando o mau trato era de natureza física aplicado com a intenção de educar, mas para as raparigas na situação em que era a mãe a maltrantante ($\bar{x} = 1.43$), enquanto que para os rapazes era quando o pai batia ($\bar{x} = 1.14$).

Em síntese, não se pode dizer que as reacções afectivas dos sujeitos fossem mais negativas e mais intensamente sentidas quando os maus tratos eram de natureza física tal como estava previsto na nossa hipótese. O que se pode verificar foi que quando os maus tratos era de natureza física, os sujeitos se sentiram mais revoltados, mais irritados e menos divertidos. Também, nesta circunstância, os rapazes ficaram menos contentes e menos alegres. Por outro lado, as raparigas ficaram com mais medo e menos contentes mas na situação em que os maus tratos eram de natureza psicológica.

Assim, os sujeitos inquiridos não se sentiram bem mas esse sentimento não variou inteiramente em função do tipo de mau trato, deixando parte da nossa hipótese por confirmar.

Relativamente à sétima hipótese, o que se previa era que quando o cenário de maus tratos apresentado aos sujeitos não contemplasse uma intenção subjacente à aplicação do mesmo (como já foi referido, não seja explicitada nenhuma causa que, falsamente, justificasse a atitude dos pais), os sujeitos inquiridos se sentissem pior do que, quando no cenário fosse expressa uma intenção que se prendia com a educação da criança vítima de maus tratos (uma crença, ainda que falaciosa, que pudesse justificar e ser a causa do mau trato - 'educar bem o filho').

Neste caso, o que se pode constatar foi que, quando tomados na sua globalidade, os afectos não variaram em função das condições experimentais do estudo e, desta forma, não variaram em função da condição experimental que se relacionava com a intenção subjacente aos maus tratos. Assim, esta hipótese também não foi confirmada.

Mas se olharmos com detalhe para cada um dos afectos isoladamente, verificou-se que quando o cenário de maus tratos não apresentava uma intenção subjacente aos mesmos, os sujeitos se sentiram com mais medo (principalmente quando o mau trato era psicológico) ($\bar{x} = 3.24$).

Por outro lado, se considerarmos também a figura parental, a situação que mais amedrontou os sujeitos foi, de facto, aquela em havia uma intenção subjacente ao mau trato psicológico e era o pai o agente dos maus tratos ($\bar{x} = 3.61$). Os valores obtidos para

esta condição estão muito próximos dos obtidos também para o pai, mas para a condição de mau trato psicológico sem intenção ($\bar{x} = 3.58$).

Curiosamente, a situação em que os sujeitos inquiridos sentem menos medo é quando apanham umas tarefas do pai sem qualquer intenção subjacente ($\bar{x} = 1.98$).

Relativamente à alegria, quer os rapazes quer as raparigas, se sentiram menos alegres quando o mau trato não tinha nenhuma intenção, mas no caso dos rapazes quando o mau trato é físico ($\bar{x} = 1.52$) e nas raparigas quando o mau trato é psicológico ($\bar{x} = 1.52$).

Os valores mais baixos obtidos para o afecto 'contente' ocorreram quando não havia uma intenção subjacente ao mau trato, mas para os rapazes quando o mesmo era de natureza física ($\bar{x} = 1.54$), enquanto que para as raparigas era quando o mesmo era psicológico ($\bar{x} = 1.54$).

Foi também possível verificar que os sujeitos inquiridos se sentiram menos divertidos quando o mau trato (de natureza física) era aplicado com a intenção de educar, mas para as raparigas na situação em que era a mãe a maltrante ($\bar{x} = 1.43$), enquanto que para os rapazes era quando o pai batia ($\bar{x} = 1.14$).

Assim, se era de esperar que os sujeitos se sentissem pior quando não havia nenhuma intenção subjacente aos maus tratos, o que se pode verificar foi que os sujeitos inquiridos se sentiram menos alegres e menos contentes. Por outro lado, quando havia uma intenção subjacente aos maus tratos, os sujeitos inquiridos sentiram-se com mais medo e menos divertidos. Estes resultados só parcialmente vão ao encontro do que era esperado.

Relativamente, à oitava hipótese esperava-se que as raparigas ficassem mais afectadas (se sentissem menos bem) do que os rapazes quando foi a mãe o agente dos maus tratos. Relativamente aos rapazes, embora menos afectados com a situação do que as raparigas, esperava-se que se sentissem pior quando era o pai o agente dos maus tratos.

De facto, para o sentimento de 'raiva', que foi dos afectos mais intensamente sentidos, verificou-se que os sujeitos inquiridos se sentiram com mais raiva quando era o pai o agente dos maus tratos ($\bar{x} = 4.90$) embora não se tenham encontrado diferenças significativas relativamente à mãe ($\bar{x} = 4.36$).

Por outro lado, após a leitura do cenário de maus tratos, quando foi pedido aos sujeitos que indicassem até que ponto se sentiam sozinhos, os mesmos parecem ter indicado que esse sentimento não os incomodava nem muito nem pouco naquela situação ($\bar{x} = 2.70$). No entanto, encontraram-se diferenças de resultados para este afecto em função do género dos sujeitos inquiridos e da figura parental maltratante. Assim, foram os rapazes que se sentiram mais sozinhos principalmente quando era o pai a figura parental maltratante ($\bar{x}_{\text{Pai}} = 3.22$; $\bar{x}_{\text{Mãe}} = 2.35$). As raparigas embora se sentissem menos sozinhas do que os rapazes, sentiram-se mais sozinhas quando era a mãe a figura parental que maltratava ($\bar{x}_{\text{Pai}} = 2.51$; $\bar{x}_{\text{Mãe}} = 2.68$). Em síntese, foram os rapazes que se sentiram mais sozinhos que as raparigas mas, nos rapazes essa circunstância tinha a ver com o pai e nas raparigas tinha mais a ver com a mãe.

Voltando de novo à hipótese, constatou-se que os sujeitos inquiridos também não se sentiram nada bem após a leitura do cenário de maus tratos. Embora não se tendo sentido bem, quer os rapazes quer as raparigas se sentiram piores (menos 'bem') quando era a mãe a figura parental maltratante ($\bar{x}_{\text{Pai}} = 2.61$; $\bar{x}_{\text{Mãe}} = 1.88$). Nesta situação foram encontradas diferenças significativas de resultados. Assim, e mais uma vez, não se pode verificar esta hipótese a não ser parcialmente.

No caso do afecto 'divertido' pode constatar-se que, sendo dos afectos que foram sentidos com menos intensidade pelos sujeitos inquiridos, o mesmo variou em função da figura parental maltratante. Os sujeitos inquiridos, embora não se tivessem sentido nada divertidos, ainda se sentiram menos divertidos quando era a mãe a figura parental maltratante ($\bar{x}_{\text{Pai}} = 1.99$; $\bar{x}_{\text{Mãe}} = 1.57$), encontrando-se nesta situação uma diferença significativa de resultados. Os sujeitos inquiridos também se sentiram menos divertidos quando o mau trato era de natureza física aplicado com a intenção de educar, mas para as raparigas na situação em que era a mãe a maltratante ($\bar{x} = 1.43$), enquanto que para os rapazes era quando o pai batia ($\bar{x} = 1.14$).

À semelhança do afecto 'divertido', também o afecto 'contente' sofreu variações em função da figura parental envolvida no cenário de maus tratos. Mais uma vez, os sujeitos inquiridos não se tendo sentido nada contentes ainda se sentiram menos contentes quando era a mãe que maltratava ($\bar{x}_{\text{Pai}} = 2.15$; $\bar{x}_{\text{Mãe}} = 1.70$), encontrando-se aqui diferença significativa de resultados.

Relativamente à alegria, foram as raparigas que se sentiram menos alegres, embora quer os rapazes quer as raparigas, se tenham sentido menos alegres quando o mau trato não

tinha nenhuma intenção mas no caso dos rapazes quando o mau trato é físico ($\bar{x}=1.52$) e nas raparigas quando o mau trato é psicológico ($\bar{x}=1.52$).

A situação que mais amedrontou os sujeitos foi aquela em que era o pai o agente dos maus tratos e havia uma intenção subjacente ao mau trato psicológico ($\bar{x}=3.61$). Os valores obtidos para esta condição estão muito próximos dos obtidos também para o pai, mas para a condição de mau trato psicológico sem intenção ($\bar{x}=3.58$). Em síntese, o que parece que mais amedronta os sujeitos inquiridos é quando o pai castiga os filhos com o intuito de assim lhes dar uma boa educação ou quando ele agride psicologicamente sem nenhuma intenção.

Assim, se era de esperar encontrar diferenças de resultados nos afectos em função do género dos sujeitos inquiridos (as raparigas se sintam menos bem) e das figuras parentais maltratantes, o que nos foi dado verificar foi que, de facto, elas se sentiram menos alegres. De resto, os sujeitos inquiridos sentiram mais raiva e mais medo quando era o pai a figura maltratante e menos bem, menos contentes e menos divertidos quando era a mãe o agente dos maus tratos. Relativamente ao afecto divertido, embora não se tenham sentido nada divertidos quando era a mãe o agente dos maus tratos, também se verificou que os rapazes não se sentiam nada divertidos na situação em que o pai estava envolvido e as raparigas na situação em que era a mãe. O mesmo se passou para o afecto sozinho: os rapazes sentiram-se mais sozinhos quando era o pai o maltratante e as raparigas a mãe. Estes resultados só parcialmente vão ao encontro daquilo que era esperado na nossa hipótese.

Relativamente aos afectos 'magoado', 'satisfeito' e 'feliz', embora os sujeitos se tivessem sentido magoados, nada satisfeitos e nada felizes com a situação de maus tratos apresentada, estes sentimentos não variaram em função das condições experimentais do estudo.

Passamos agora à análise das características comportamentais e de personalidade aplicáveis às figuras parentais maltratantes. Como já foi referido interessou-nos não só avaliar como as mesmas foram percebidas mas também o grau de aplicabilidade de algumas características comportamentais e de personalidade.

Assim, esperávamos que a percepção das figuras parentais envolvidas nos cenários de maus tratos fosse mais desfavorável quando a apreciação fosse feita pelas raparigas, na

situação em que o mau trato era físico, não tinha nenhuma intenção e era o pai o seu agente (hipótese 5).

O que pudemos constatar foi que, claramente as características de personalidade e comportamentais conotadas negativamente, apareceram como muito prováveis de se aplicar às figuras parentais, enquanto que, as que têm conotação positiva aparecem destacadas como nada prováveis de se aplicar às mesmas figuras.

As figuras parentais relacionadas com uma situação de maus tratos foram claramente percebidas de forma desfavorável ($\bar{x} = 2.78$). Os sujeitos inquiridos perceberam os agentes de maus tratos de forma desfavorável mesmo tratando-se dos pais da criança vítima desses maus tratos.

Nesta situação verificou-se, mesmo, um efeito de interação entre o género dos sujeitos inquiridos, o tipo de mau trato e se o mesmo tinha ou não uma intenção subjacente.

Assim, pode constatar-se que embora os rapazes e as raparigas percebam as figuras parentais de forma desfavorável, para os rapazes foi ainda mais desfavorável quando o mau trato, independentemente da sua natureza, foi infligido com a intenção subjacente de educar bem o filho.

Quer isto dizer que, os rapazes não aprovaram nada a ideia dos pais fazerem uso de maus tratos com o intuito de educar bem os filhos, independentemente do castigo ser de natureza física ou psicológica ($\bar{x} = 2.72$ para ambos). Os rapazes pareceram tolerar melhor os pais que fazem uso de maus tratos psicológicos mesmo que não haja nenhuma intenção para o fazerem ($\bar{x} = 3.23$).

Também as raparigas, à semelhança dos rapazes, perceberam os pais mais desfavoravelmente quando a intenção dos mesmos era educar os filhos mas, neste caso, associado ao mau trato de natureza física ($\bar{x} = 2.56$). No entanto, estes valores foram praticamente iguais dos obtidos para o mau trato psicológico quando o mesmo não tinha nenhuma intenção ($\bar{x} = 2.57$).

Embora tendo variado em função do género dos sujeitos inquiridos, do tipo de mau trato e da intenção com o mesmo foi aplicado, tomadas no seu conjunto, as características de personalidade e comportamentais aplicáveis as figuras parentais não sofreram alterações

em função de qual dos pais fazia uso do mau trato. Não foi possível confirmar a nossa hipótese.

Relativamente à primeira hipótese por nós colocada, esperava-se que, as raparigas percepcionassem mais desfavoravelmente as figuras parentais envolvidas nos cenários de maus tratos, principalmente quando é a mãe o agente dos mesmos, do que o fazem os rapazes, sobretudo quando é o pai o mal tratante. Dado que as características comportamentais e de personalidade associadas às figuras parentais eram conotadas positiva e negativamente, espera-se que as raparigas, por comparação com os rapazes, considerem os pais maltratantes como sendo mais desequilibrados, violentos, chantagistas, desleixados, mentirosos, teimosos, autoritários e como sendo mais provável não respeitarem o filho, o deixem sozinho muito tempo e que o façam sem razão.

Como já foi referido, as características de personalidade e comportamentais conotadas negativamente, apareceram como muito prováveis de se aplicar às figuras parentais.

A característica que pareceu mais aplicável as figuras parentais foi 'que faz sofrer o filho sem razão'. Esta característica comportamental apresentou resultados que corroboram os encontrados para a percepção das figuras parentais tomando todas as características em conjunto. São as raparigas que acham que esta característica é mais provável de se aplicar as figuras parentais principalmente quando o mau trato é físico e tem intenção de educar a criança ($\bar{x} = 6.60$). Para os rapazes, independentemente da natureza dos maus tratos, esta característica também se aplica bastante ou mais quando a intenção é a educação da criança ($\bar{x} = 6.47$ para ambos, físico e psicológico).

Também, são as raparigas que salientam mais a característica 'desequilibrada', como mais provável de se aplicar às figuras parentais, principalmente quando o mau trato era físico e expressava uma intenção ($\bar{x} = 5.63$). Os rapazes também consideram esta característica como bastante aplicável quando havia uma intenção subjacente aos maus tratos, independentemente da natureza dos mesmos ($\bar{x}_{\text{Físico}} = 5.30$, $\bar{x}_{\text{Psicológico}} = 5.43$)

Para a característica 'violenta' foi possível encontrar diferenças significativas de resultados. Embora esta característica fosse sempre mais aplicável quando o mau trato era físico, foram os rapazes que percepcionaram a figura parental como mais violenta ($\bar{x}_{\text{Físico}} = 6.17$, $\bar{x}_{\text{Psicológico}} = 4.48$), logo seguidos das raparigas ($\bar{x}_{\text{Físico}} = 5.92$, $\bar{x}_{\text{Psicológico}} = 5.44$). A apreciação desta característica diferiu significativamente entre os

rapazes e as raparigas e entre o mau trato físico e psicológico. Os rapazes, quer houvesse ou não intenção subjacente ao mau trato, perceberam a figura parental como mais violenta quando o mau trato era físico ($\bar{x}_{\text{Físico com intenção}}=6.19$, $\bar{x}_{\text{Físico sem intenção}}=6.14$). Relativamente às raparigas, elas também consideram a figura parental como mais violenta quando o mau trato era físico, mas principalmente quando era expressa uma intenção subjacente ao mesmo ($\bar{x}=6.25$).

Constatou-se também que tendencialmente foram as raparigas que consideraram as figuras parentais como mais abandonadas ('que deixa o filho sozinho muito tempo'), principalmente quando se tratava do pai, na situação em que o mau trato era psicológico e não tinha subjacente nenhuma intenção ($\bar{x}=6.31$). Estes valores aproximam-se dos obtidos para os rapazes quando se tratava do pai, o mau trato era psicológico e era aplicado com intenção ($\bar{x}=5.73$).

Por outro lado, as raparigas consideraram a figura parental como mais autoritária do que os rapazes ($\bar{x}_{\text{Rapazes}}=4.94$, $\bar{x}_{\text{Raparigas}}=5.74$).

Relativamente à característica 'desleixada', quer os rapazes, quer as raparigas, consideraram o pai a figura parental mais desleixada quando mau trato era físico ($\bar{x}_{\text{Rapazes}}=4.89$, $\bar{x}_{\text{Raparigas}}=4.65$). Quando o mau trato era psicológico, os rapazes consideram que esta característica era menos aplicável ao pai ($\bar{x}=3.80$), enquanto que as raparigas consideram que era menos aplicável à mãe ($\bar{x}=3.51$).

As figuras parentais foram consideradas como muito pouco provável serem meigas, mas foram as raparigas que consideraram as figuras parentais como sendo menos meigas. A mãe era vista por estas como nada meiga quando o mau trato era infligido sem intenção ($\bar{x}=1.40$) e o pai, quando o mau trato era aplicado com intenção ($\bar{x}=1.55$). No entanto, quer os rapazes quer as raparigas consideraram que o menos meigo dos dois progenitores era a mãe. Esta condição estava dependente do formato do cenário.

Para a característica 'que apoia o filho', as raparigas consideram como nada provável as figuras parentais envolvidas nos cenários de maus tratos apoiarem os filhos ($\bar{x}=1.62$), principalmente quando o mau trato era psicológico ($\bar{x}=1.57$). Encontraram-se aqui diferenças significativas de resultados.

Embora as figuras parentais sejam percebidas como pouco inteligentes ($\bar{x}=2.17$) estas são percebidas ainda como menos inteligentes quando a avaliação é feita pelas raparigas

($\bar{x}=1.90$) e quando o formato do cenário de maus tratos expressa a intenção de que assim se educa melhor a criança ($\bar{x}=1.94$).

Por outro lado, as raparigas consideraram que a característica 'que conversa com o filho' se aplicava muito pouco as figuras parentais independentemente do mau trato ser físico ou psicológico, embora seja relativamente ao mau trato psicológico que o valor foi mais baixo ($\bar{x}=2.04$), enquanto que para os rapazes era na circunstância em que o mau trato era físico que a característica se aplicava pouco ($\bar{x}=2.05$).

Em síntese, o que foi possível constatar foi que as raparigas consideraram as figuras parentais como mais desequilibradas, mais autoritárias, menos meigas, menos inteligentes e como sendo mais provável que façam sofrer o filho sem razão, que não conversem com o filho, bem como o deixem sozinho muito tempo, principalmente quando se trata do pai. No entanto foram os rapazes que consideraram as figuras parentais como mais violentas. Assim sendo, não se pode dizer que se confirmou esta primeira hipótese, na medida em que embora fossem as raparigas que percepcionassem mais desfavoravelmente as figuras parentais, isso não aconteceu em todas as circunstâncias nem para todas as características comportamentais e de personalidade.

Relativamente à segunda hipótese por nós colocada, esperava-se que quando o mau trato de que era vítima a criança era infligido pelo pai, este fosse mais desfavoravelmente percepcionado (principalmente quando o mau trato era de natureza física), do que se fosse a mãe.

Considerando a característica 'que faz sofrer o filho sem razão', esta parece aplicar-se mais à figura parental maltratante quando, para além do mau trato ser físico e ter uma intenção (como já se viu anteriormente), era o pai que o aplicava ($\bar{x}=6.83$). De qualquer forma, estes valores foram muito próximos dos obtidos para a mãe enquanto agente dos maus tratos. Os sujeitos inquiridos também consideraram que a mãe era capaz de fazer sofrer o filho sem razão, igualmente, na circunstância em que o mau trato era físico mas aplicado sem intenção ($\bar{x}=6.48$).

Há ainda a considerar que era percebido como mais violento o pai, principalmente quando este tinha a intenção de educar bem o filho ($\bar{x}=5.84$), embora não houvesse uma grande diferença de resultados relativamente à situação em que era a mãe que aplicava os maus tratos mas sem nenhuma intenção ($\bar{x}=5.66$).

‘Que deixa o filho sozinho muito tempo’ era também uma característica que estava muito associada à figura parental dado que foi sempre relativamente ao pai que se verificaram os valores mais altos desta característica: as raparigas, na situação em que o mau trato era psicológico e não tinha subjacente nenhuma intenção ($\bar{x}=6.31$), e os rapazes quando o mau trato era psicológico e era aplicado com intenção ($\bar{x}=5.73$).

Por outro lado, o pai foi percebido como mais desleixado, principalmente quando havia uma intenção subjacente ao mau trato ($\bar{x}=4.82$), ao contrário da mãe, que foi percebida como mais desleixada quando não havia intenção nenhuma ($\bar{x}=4.28$).

Também, o pai foi percebido como mais chantagista do que a mãe ($\bar{x}_{\text{Pai}}=4.31$, $\bar{x}_{\text{Mãe}}=3.76$).

Embora os sujeitos inquiridos considerassem as figuras parentais como muito pouco prováveis de serem meigas, quando não era expressa nenhuma intenção para o mau trato, os rapazes consideravam a mãe a menos meiga ($\bar{x}=1.60$) e as raparigas o pai ($\bar{x}=1.55$). Quando havia intenção era, para os rapazes, o pai o menos meigo ($\bar{x}=1.83$) e para as raparigas a mãe ($\bar{x}=1.40$).

Foram as raparigas que avaliam a característica ‘boa’ como menos provável de se aplicar a figura parental maltratante ($\bar{x}=1.63$). As raparigas consideraram esta característica como menos aplicável quando era a mãe que maltrata fisicamente ($\bar{x}=1.18$), enquanto que os rapazes consideraram que era o pai, para o mesmo tipo de mau trato ($\bar{x}=1.77$). Os rapazes consideraram como mais provável que a figura parental fosse boa do que as raparigas. Quando o mau trato era de natureza física e a avaliação da figura parental era feita pelas raparigas, a probabilidade dos progenitores serem boas pessoas diminuiu.

Relativamente, à característica ‘simpática’, a mãe foi considerada por ambos os géneros dos sujeitos inquiridos como sendo nada simpática ($\bar{x}=1.62$).

Por outro lado, o pai foi percebido como mais culto do que a mãe. A mãe foi percepcionada como sendo menos culta que o pai, principalmente quando o mau trato era psicológico e tinha a intenção de educar a criança. Mas ainda relativamente ao pai, ele foi percepcionado como menos culto na circunstância em que o mau trato é físico e tem uma intenção expressa.

Por último, a mãe foi percepcionada como menos alegre que o pai.

Assim, em síntese, o pai foi percebido pelos sujeitos inquiridos como sendo mais violento, mais desleixado, mais chantagista, como sendo mais provável deixar o filho sozinho muito tempo e fazê-lo sofrer sem razão. Por outro lado, também foi percebido como menos meigo mas pelos rapazes porque as raparigas perceberam a mãe como menos meiga. O mesmo se passou para a característica 'boa', em que os rapazes perceberam o pai como menos bom, mas as raparigas consideraram a mãe. No entanto, foi a mãe que foi percebida como menos simpática.

Também aqui, à semelhança do que se passou para a primeira hipótese, não se pode confirmar esta segunda hipótese. De facto o pai foi percebido de forma desfavorável mas não em todas as características comportamentais e de personalidade.

Relativamente à terceira hipótese por nós formulada, predizia-se ou esperava-se que quando o mau trato infligido pelos pais à criança era de natureza física, as figuras parentais seriam mais desfavoravelmente percebidas, do que quando o mau trato era de natureza psicológica.

Mais uma vez, a característica 'que faz sofrer o filho sem razão', parece também aplicar-se mais quando mau trato físico. Os valores mais elevados de probabilidade de aplicação desta característica a figura parental estiveram associados ao mau trato físico: quando era o pai que maltratava sem nenhuma intenção ($\bar{x}=6.83$), quando era a mãe com intenção (6.48), quando a avaliação era feita pelas raparigas e era descrita uma intenção ($\bar{x}=6.60$) e quando a avaliação era feita pelos rapazes que sabiam que havia uma intenção subjacente ao mau trato ($\bar{x}_{\text{Físico e Psicológico}}=6.47$).

A característica 'desequilibrada' esteve também associada ao mau trato de natureza física, quando eram as raparigas que avaliavam a situação, era o pai o maltratante e o mesmo tinha a intenção de educar bem o filho ($\bar{x}=5.93$).

Por outro lado, como seria de esperar, a figura parental foi percebida como mais violenta quando o mau trato era de natureza física ($\bar{x}_{\text{Físico}}=6.04$, $\bar{x}_{\text{Psicológico}}=4.96$), quer pelos rapazes, quer pelas raparigas. No caso dos rapazes houve uma diferença significativa de resultados e houve diferença significativa de resultados relativamente a avaliação feita pelas raparigas.

Esta característica 'que deixa o filho sozinho muito tempo' foi mais salientada, foi mais passível de se aplicar às figuras parentais maltratantes, quando o mau trato era de natureza psicológica ($\bar{x} = 5.12$).

Também, quando mau trato era físico, quer os rapazes quer as raparigas consideraram o pai a figura parental mais desleixada ($\bar{x}_{\text{Rapazes}} = 4.89$, $\bar{x}_{\text{Raparigas}} = 4.65$).

Por outro lado, quando o mau trato era de natureza psicológica, as figuras parentais foram percebidas como mais chantagistas ($\bar{x}_{\text{Físico}} = 4.52$, $\bar{x}_{\text{Psicológico}} = 3.56$). Assim, quando o mau trato era de natureza psicológica e tinha uma intenção subjacente, a figura parental foi percebida como sendo mais chantagista ($\bar{x} = 5.01$).

Embora os sujeitos inquiridos não considerem a figura parental como carinhosa, consideram-na ainda como menos carinhosa quando o mau trato era físico ($\bar{x} = 1.53$).

Em síntese, quando o mau trato era de natureza física, os sujeitos inquiridos perceberam as figuras parentais como mais desequilibradas, mais violentas, mais desleixadas, menos carinhosas e como mais prováveis de fazer sofrer o filho sem razão. Podemos ainda considerar que quando o mau trato era de natureza psicológica, as figuras parentais foram percebidas como sendo mais chantagistas e como sendo mais provável deixarem o filho sozinho muito tempo.

Também aqui não se confirma integralmente a hipótese por nós formulada. De facto, a natureza do mau trato fez variar a percepção das figuras parentais mas não em todas as suas dimensões e nem sempre no mesmo sentido daquilo que estava previsto.

Por último temos a quarta hipótese em que se previa que quando o cenário de maus tratos apresentado aos sujeitos inquiridos não contemplasse uma intenção (não fosse explicitada nenhuma causa que pudesse conduzir à aplicação do mau trato e que, falsamente, justificasse a atitude dos pais) subjacente à aplicação do mesmo, as figuras parentais seriam mais desfavoravelmente percebidas do que quando no cenário era expressa uma intenção (uma crença ainda que falaciosa, mas que poderia justificar e ser a causa do mau trato) que se prendia com a educação da criança vítima de maus tratos ('educar bem o filho').

'Que faz sofrer o filho sem razão', parece também aplicar-se mais à figura parental maltratante em função da intenção subjacente ao mau trato. A circunstância que leva a que esta característica seja mais aplicável às figuras parentais tem sempre a ver com a

intenção e esteve sempre associada ao facto de haver efectivamente uma intenção associada ao mau trato. Assim, sempre que era expressa a intenção de que os maus tratos servissem a educação da criança, as raparigas acharam que esta característica se aplicava mais quando o mau trato era físico ($\bar{x}=6.60$) e os rapazes acharam que se aplicava bastante independentemente da natureza do mau trato ($\bar{x}_{\text{Físico}}=6.47$, $\bar{x}_{\text{Psicológico}}=6.47$).

Por outro lado, quando era expressa uma intenção que justificasse os maus tratos (educar bem), as figuras parentais eram percebidas como mais desequilibradas ($\bar{x}=5.32$).

Quando havia uma intenção subjacente ao mau trato, independentemente da natureza do mesmo, os sujeitos inquiridos consideraram que a característica 'que não respeita o filho' se aplicava mais à figura parental ($\bar{x}_{\text{Com intenção}}=4.08$, $\bar{x}_{\text{Sem intenção}}=3.40$). Portanto, os sujeitos inquiridos consideraram as figuras parentais como tendo menos respeito pelos filhos quando os maus tratos visavam educar bem as crianças.

Também, quando havia uma intenção subjacente ao mau trato, a figura parental era percebida como sendo mais chantagista ($\bar{x}=5.01$)

Por outro lado, e também quando havia uma intenção subjacente ao mau trato, o menos meigo era o pai ($\bar{x}=1.58$) enquanto que, quando não havia intenção, a menos meiga era a mãe ($\bar{x}=1.40$).

Como já foi referido, embora as figuras parentais sejam percebidas como pouco inteligentes ($\bar{x}=2.17$) estas são percebidas ainda como menos inteligentes quando o formato do cenário de maus tratos expressa a intenção de que assim se educa melhor a criança ($\bar{x}=1.94$) e quando a avaliação foi feita pelas raparigas ($\bar{x}=1.90$). De facto, as raparigas não consideram a figura parental nada inteligente e, por outro lado, quando o mau trato era infligido com intenção, isso também era percebido como pouco inteligente por parte das figuras parentais.

Mais uma vez, em síntese, pode verificar-se que quando não era expressa nenhuma intenção foi a mãe que foi percepcionada mais desfavoravelmente. Pelo contrário, as figuras parentais foram mais desfavoravelmente percepcionadas quando era expressa uma intenção para os maus tratos. Foram vistas como menos inteligentes, mais desequilibradas, mais chantagistas, menos meigas quando foi o pai o agente dos maus

tratos e como mais provável fazerem sofrer o filho sem razão e como mais provável não respeitarem o filho.

A característica comportamental 'que se preocupa com a educação do filho' não parece ter sido relevante para a percepção das figuras parentais na situação de maus tratos. Os sujeitos inquiridos 'não consideraram nem muito nem pouco' provável que esta característica se aplicasse as figuras parentais na situação que lhes foi apresentada. Esta característica não se alterou em função das condições experimentais do estudo.

Relativamente à característica 'teimosa' e 'mentirosa' não podemos salientar nada a não ser que os sujeitos inquiridos consideraram como nem muito nem pouco aplicável estas características as figuras parentais envolvidas nos cenários de maus tratos. Assim, a figura parental foi vista como nem muito nem pouco teimosa ($\bar{x}=4.30$) e como pouco mentirosa ($\bar{x}=3.08$).

Feita esta análise em torno das hipóteses por nós colocadas, apesar do facto de as mesmas não se terem confirmado (ou só parcialmente), ficamos com a ideia que as figuras parentais envolvidas nos cenários de maus tratos não foram desculpabilizadas pelo estatuto que têm para a criança. Queremos com isto dizer que, embora fosse o próprio pai ou a própria mãe implicados numa situação de maus tratos, isso não levou a que os sujeitos inquiridos os percepcionassem de forma suave. Por outro lado, encontramos indícios que relacionam o género dos sujeitos inquiridos com o género das figuras parentais maltratantes, bem como com o tipo de mau trato e a intenção subjacente ao mesmo, mas os resultados não nos permitem ser conclusivos. Embora as figuras parentais implicadas nos maus tratos fossem percepcionadas de forma claramente desfavorável, para os rapazes, essa situação dependia da intenção com que o acto era praticado. Para eles, se o mau trato se relacionava com a educação, independentemente de ser físico ou psicológico, levava-os a percepcionar mais desfavoravelmente as figuras parentais. Para as raparigas, esta percepção dependia, não só, da intenção de quem praticava tal acto como, também, do tipo de mau trato. Para elas, a situação que levava a percepcionar mais desfavoravelmente as figuras parentais era quando as mesmas faziam uso dos maus tratos físicos com intenção de educar ou quando os maus tratos era psicológicos e não tinham nenhuma intenção subjacente. De qualquer forma, foram os rapazes que percepcionaram mais desfavoravelmente os pais envolvidos em cenários de maus tratos mas, quer para os rapazes, quer para as raparigas, foi a mãe a mais desfavoravelmente percepcionada. Fica-nos a questão: Porque é que isto acontece? Será que, se ambos os progenitores tivessem o mesmo

estatuto para a criança, se encontraria esta diferença? Será que a mãe, dado o seu carácter protector, é percebida pelos sujeitos inquiridos como defraudando mais as suas expectativas face à figura materna? Será que o pai, dado o seu carácter de autoridade, é mais desculpabilizado numa situação de maus tratos? Muitas questões se nos colocam, mesmo estando já finalizado este estudo. Também são muitas as respostas que não temos dada a natureza do estudo. Seria interessante pudermos dispor de mais dados relativos à percepção que as crianças tem das figuras parentais quando a prestação dos cuidados primários está a cargo do pai. Será que o mesmo mantém para a criança o seu carácter de autoridade, de disciplinador? De qualquer forma, o que nos interessava era a situação em que se implicavam os pais com os maus tratos. Neste aspecto, o nosso estudo tem uma grande limitação. De facto os sujeitos que foram inquiridos provinham de famílias ditas normais. Não tinham na sua história de vida situações de maus tratos, pelo menos vivenciadas na primeira pessoa. A avaliação que faziam da situação tinha por base um cenário proposto. Se é verdade que não é preciso passar pelas situações, de forma directa, para as poder avaliar, também é verdade que sendo confrontado com as mesmas se esperam respostas mais precisas, mais sentidas. Aqui fica mais uma possibilidade de desenvolvimento deste trabalho.

Em síntese, este estudo parece revelar que, apesar de tudo, a mãe continua a ter um papel de grande importância no desenvolvimento harmonioso de uma criança. O pai já não tem e não pode ter um papel secundário no processo de socialização da criança mas o impacto de desarmonias na relação com a mãe parece ser maior. Se é verdade que os sujeitos inquiridos se sentiram, por exemplo, com mais raiva quando o pai estava implicado na situação de maus tratos, também é verdade que as raparigas se sentiram mais sozinhas quando era a mãe a maltratante e os rapazes quando era o pai.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, *44*, 709-716.
- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, N.J: Erlbaum.
- Ateah, C., & Durrant, J. (2005). Maternal use of physical punishment in response to child misbehavior: Implications of child abuse prevention. *Child Abuse & Neglect*, *21*, 69-185.
- Baer, J., & Martinez, C. (2006). Child maltreatment and insecure attachment: a meta-analysis. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, *24*(3), 187-197.
- Bartol, C., & Bartol, A. (1994). *Psychology and law. Research and application*. California: Brooks-Cole Publishing Company.
- Belsky, J., Gilstrap, B., & Rovine, M. (1984). The Pennsylvania infant and family development project I: Stability and change in mother-infant and father-infant interactions in a family setting at one, three and nine months. *Child Development*, *55*, 692-705.
- Berlin, L., & Cassidy, J. (1999). Relations among relationships. Contributions from attachment, theory and research. In J. Cassidy & P. R. Shaver (eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 688-711). New York: Guilford.
- Bifulco, A., Figueiredo, B., Guedeney, N., Gorman, L., Hayes, S., Muzik, M., Gatigny-Dally, E., Valoriani, V., Kammerer, M., Henshaw, C., & The TCS-PND group. (2004). Maternal attachment style and depression associated with childbirth: Preliminary results from European/US cross-cultural study. *British Journal of Psychiatry*, *184* (Supl. 46), 31-37.
- Bifulco, A., Lillie, A., Ball, B., & Moran, P. (1988). Entrevista de estilos de vinculação (A.S.I.): Manual de treino; versão 2 (reduzida). Royal Holloway: Universidade de Londres.
- Bishop, F. (1982). Les parents tortionnaires (perceptions, souvenirs et identifications pathologiques: éléments décisifs dans les sévices). In E.-J. Anthony, C. Chiland & C. Koupernik, *L'enfant vulnérable* (pp. 195-202). Paris: P.U.F.
- Bonanno, G. (2004). Loss, trauma, and human resilience: Have we underestimated the human capacity to thrive after extremely aversive events?. *American Psychologist*, *59*(1), 20-28.
- Bornstein, M. H. (ed.)(1995). *Handbook of Parenting* (Vol. 1: Children and Parenting). New Jersey: Lawrence Erlbaum Association. (Cap. 3: Parenting During Middle

- Childhood, W. Andrew Collins, Michael L. Harris and Amy Susman; Chap. 7: Parenting Boys and Girls, Beverly I. Fagot.
- Bottoms, B., & Quas, J. (2006). Recent Advances and New Challenges in Child Maltreatment Research, Practice, and Policy: Previewing the Issues. *Journal of Social Issues*, 62 (4), 653-662.
- Bowlby, J. (1958). The nature of the child's ties to his mother. *International Journal of Psychoanalysis*, 39, 350-373.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss. Vol. II: Separation: anxiety and anger*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bounds*. London: Tavistok/Routledge.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Vol.1. Attachment (2d Rev. Ed.)* New York: Basic Books (Original work published, 1969).
- Bowlby, J. (1989). The role of attachment in personality development and psychopathology. In S. Greenspan & G. Pollack (Eds.), *The course of life. Vol. 1: Infancy* (pp. 229-270). Madison Connecticut: International University Press.
- Bowlby, J. (2002). *Cuidados Maternos e Saúde Mental (4ª Ed.)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bretherton, I. (1992). The origins of the attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28 (5), 759-775.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R.H., Hofferth, S., & Lamb, M. (2001). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71 (1), 127-136.
- Caldera, Y. M. (2004). Paternal involvement and infant-father attachment: A Q-set study. *Fathering*, 2 (2), 191-210.
- Canavarro, M. (1999). *Relações afetivas e saúde mental*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Canha, J. (2003). *Criança maltratada. O papel de uma pessoa de referência na sua recuperação. Estudo prospectivo de 5 anos*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Chaffin, M. (2006). The Changing Focus of Child Maltreatment Research and Practice Within Psychology. *Journal of Social Issues*, 62 (4), 663-684.
- Clarke-Stewart, K. A. (1978). And daddy makes three: The father's impact on mother and young child. *Child Development*, 49, 466-478.
- Collins, N., & Read, S. (1990). Adult attachment style, working models and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 644-663.
- Coppolillo, H. (1982). Modèle conceptuel pour l'étude de certaines parents auteurs de sévices envers leurs enfants. In E.-J. Anthony, C. Chiland e C. Koupernik, *L'enfant vulnérable* (pp. 185-193). Paris: P.U.F.

-
- Cowan, P. A. (1997). Beyond meta-analysis: A plea for a family systems views of attachment. *Child Development, 68*, 601-603.
- Cox, M., Owen, M., Henderson, V., & Margand, N. (1992). Prediction of infant-father and infant-mother attachment. *Developmental Psychology, 28* (3), 474-483.
- Crawley, S. B., & Sherrod, R. B. (1984). Parent-infant play during the first year of life. *Infant Behavior and Development, 7*, 65-75.
- Crouch, J., & Behl, L. (2001). Relationships among parental beliefs in corporal punishment, reported stress, and physical child abuse potential. *Child Abuse & Neglect, 25*, 413-419.
- Easterbrooks, M. A., & Goldberg, W.A. (1984). Toddler development in the family: Impact of father involvement and parenting characteristics. *Child Development, 55*, 740-752.
- Englander, E. K. (1997). *Understanding violence*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Fox, N., Kimmerly, N., & Schafer, W. (1991). Attachment to mother/attachment to father: A meta-analysis. *Child development, 62*, 210-225.
- Frascarolo, F. (1997). Les incidences de l'engagement paternel quotidien sur les modalités d'interaction ludique père-enfant et mère-enfant. *Enfance, n°3*, pp. 381-387.
- Frosch, C., Mangelsdorf, S. C., & McHale, J.L. (2000). Marital behaviour and the security. *Journal of Family Psychology, 14* (1), 144-161.
- Goossens, F. A., & van IJzendoorn, M. H., (1990). Quality of infants' attachments to professional caregivers. Relation to infant-parent attachment and day-care characteristics. *Child Development, 61*, 832-837.
- Grossmann, K., Grossmann, K., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Scheuerer-Englisch, H., & Zimmermann, P. (2002). The uniqueness of the child-father attachment relationship: Father's sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social development, 11* (3), 307-331.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualised as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology, 52*, 511-524.
- Hinde, R., & Stevenson-Hinde, J. (1986). Relating childhood relationships to individual characteristics. In W. Hartup, & Z. Rubin (Eds.), *Relationships and development* (pp. 27-50). Hillsdale, NJ: Lawrence Earlbaum Associates.
- Johnson, K. (1998). *Trauma in the lives of children. Crisis and stress management techniques for counselors, teachers and other professionals*. U.S.A.: Hunter House Publishers.
- Johnson, R., Kotch, J., Catellier, D., Winsor, J., Dufort, V., Hunter, W., & Jackson, L. (2002). Adverse behavioral and emotional outcomes from child abuse and
-

- witnessing violence. *Child Maltreatment*, 7, 179-186.
- Lamb, M. (1977). Father-infant and mother-infant interactions in the first year of life. *Child Development*, 48, 167-181.
- Lamb, M. (1987). Introduction: The emergent American father. In M. Lamb (Ed.) *The father's role: Cross-cultural perspectives* (pp.3-26). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lamb, M. (1997). L'influence du père sur le développement de l'enfant. *Enfance*, 3, 337-349.
- Lamb, M., Frodi, M., Hwang, C., & Frodi, A. (1983). Effects of paternal involvement for mothers and fathers. *Child Development*, 54, 450-458.
- Lau, A., Valeri, S., McCarty, C., & Weisz, J. (2006). Abusive parents' reports of child behavior problems: Relationship to observed parent-child interactions. *Child Abuse and Neglect*, 30, 639-655.
- Lewis, C. (1986). *Becoming a father*. Milton Keynes, U. K., Open University Press.
- Lewis, C., & Lamb, M. (2003). Fathers' influences on children's development: The evidence from two-parents families. *European Journal of Psychology of Education*, 18 (2), 211-228.
- Lurigio, A., & Resick, P. (1990). Healing the psychological wounds of criminal victimization: predicting postcrime distress and recovery. In A. J. Lurigio, W. G. Skogan & R. C. Davis (Eds.), *Victims of crime. Problems, policies and programs* (pp. 50-68). London: Sage Publications.
- Main, M., & Weston, D. R. (1981). The quality of the toddler's relationship to mother and to father: Related to conflict behaviour and the readiness to establish new relationships. *Child Development*, 52, 932-940.
- Miller-Perrin, C. L., & Perrin, R. (1999). *Child maltreatment. An introduction*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Osofsky, J. (1997). Children and youth violence: an overview of the issue. In J. D. Osofsky (Ed.), *Children in a violent society* (pp. 3-8). New York: The Guilford Press.
- Power, T. G. (1985). Mother- and father-infant play: A developmental analysis, *Child Development*, 56, 1514-1524.
- Power, T. G., & Parke, R. D. (1983). Patterns of mother and father play with their 8-month-old infant: A multiple analysis approach. *Infant Behavior and Development*, 6, 453-459.
- Richters, J. E., & Martinez, P. (1993). Children as victims of and witness to violence in a Washington, D. C. neighborhood. In L. A. Leavitt & N. A. Fox (Eds.), *The psychological effects of war and violence on children* (pp. 243-278). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

-
- Rodrigues, A., Figueiredo, B., Pacheco, A., Costa, R., Cabeleira, C., & Magarinho, R. (2004). Memória de cuidados na infância, estilos de vinculação e qualidade da relação com pessoas significativas: Estudo com grávidas adolescentes. *Análise Psicológica*, 22, 643-665.
- Rosen, K.S., & Burke, P.B. (1999). Multiple attachment relationships within families: Mothers and fathers with two young children. *Developmental Psychology*, 35 (2), 436-444.
- Rothbard, J. C., & Shaver, P. R. (1994). Continuity of attachment across the life span. In M. B. Sperling, & W. H. Berman (Eds.), *Attachment in adults – Clinical and developmental perspectives* (pp. 31-71). New York: Guildford Press.
- Sami, A. I. (2002). *As crianças e a violência*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Schaffer, H. R. (1996). Desenvolvimento social da criança. Lisboa: Instituto Piaget. (Cap. III – Edificando os primeiros relacionamentos; Cap. IV – Sentido do eu : sentido do outro.)
- Sluzki, C. (1996). Violência familiar e violência política. In D. F. Schnitman (Ed.), *Novos paradigmas, cultura e subjectividade* (pp. 228-240). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Soares, I. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência*. Braga: Serviço de Publicações do Instituto de Educação e Psicologia.
- Soares, I. (2000). Psicopatologia do desenvolvimento e contexto familiar: Teoria e investigação das relações de vinculação. In I. Soares (Ed.), *Psicopatologia do desenvolvimento: Trajectórias (in)adaptativas ao longo da vida* (pp. 381-434). Coimbra: Quarteto Editora.
- Sousa, E. (1997). Sexo do julgador, educação formal em direito e decisão penal: O caso do processo crime de violação frustrada envolvendo assimetria de estatuto. *Análise Psicológica*, 4 (XI), 605-616.
- Sroufe, A. (1988). The role of infant caregiver attachment in development. In J. Belsky & T. Nezworski (Ed.), *Clinical implications of attachment* (pp. 18-38). Hillsdale, NJ: Lawrence Earlbaum Associates.
- Steele, H., Steele, M., & Fonagy, P. (1996). Associations among attachments classifications of mothers, fathers and their infants. *Child Development*, 67, 541-555.
- Stubenport, K., Greeno, C., Mannarino, A., & Cohen, J. (2002). Attachment quality and post-treatment functioning following sexual trauma in young adolescents: A case series presentation. *Clinical Social Work*, 30 (1), 23-39.
- Thompson, R. A. (1998). Early sociopersonality development. In W. Damon & N. Eisenberg (Eds.). *Handbooks of Child Psychology - Social, Emotional and Personality Development: Vol.3* (pp.). New York: Ed. John Wiley & Sons.
- Thompson, R. A. (1998). Early sociopersonality development. In W. Damon & N.
-

- Eisenberg (Eds). *Handbooks of Child Psychology - Social, Emotional and Personality Development: Vol.3* (pp.). New York: Ed. John Wiley & Sons.
- van IJzendoorn, M. H., & Bakermans-Kranenburg, M.J. (1996). Attachment representations in mothers, fathers, adolescents, and clinical groups: A meta-analytic search for normative data. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64, 8-27.
- van IJzendoorn, M. H., Vereijken, C. M., Bakermans-Kranenburg, M. J., & Riksen-Walraven, J. M. (2004). Assessing attachment security with the attachment Q-sort: Meta-analytic evidence for the validity of the observer AQS. *Child Development*, 75, 1188-1213.
- van IJzendoorn, M.H., & De Wolf, M. (1997). In search of the absent father-meta-analyses of infant-father attachment: a rejoinder to our discussants. *Child Development*, 68, 604-609.
- Veríssimo, M., Monteiro, L, Vaughn, B., Santos, A. J., & Watters, H. (2005). Coordenação entre o modelo interno dinâmico da mãe e o comportamento de base-segura dos seus filhos. *Análise Psicológica*, XXIII (2), 7 – 17.
- Veríssimo, M., Monteiro, L., & Santos, A. J. (2006). Para além da mãe: vinculação na tríade mãe-pai-criança. In J.C. Coelho Rosa & S. Sousa (Eds.), *Caderno do bebé* (pp. 73-85). Fim de Século.
- Waters, E. (2002). Live long and prosper. Retrieved (2006) from http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/gallery/live_long_/live_long.html
- Waters, E., & Cummings, E.M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development*, 71, 164-172.
- Weiss, R. (1982). Attachment in adult life. In C. Parkes, & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behaviour* (pp. 171-184). New York: Basic Books.
- Weiss, R. (1991). The attachment bond in childhood and adulthood. In C. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life Cycle* (pp. 66-76). London: Routledge.
- Weitzman, J. (2005). Maltreatment and Trauma: Toward a Comprehensive Model of Abused Children from Developmental Psychology. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 22 (3-4), 321-341.
- Wolfe, D., Wekerle, C., & Scott, K. (1997). *Alternatives to violence. Empowering youth to develop healthy relationships*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Zulueta, F. (1996). Theories of aggression and violence. In C. Cordess & M. Cox (Eds.), *Forensic Psychotherapy. Crime, psychodynamics and the offender patient*. Vol. I: Mainly theory. London: Jessica Kingsley Publishers.

ANEXO A

Resultados da análise de variância para os afectos

Tabela 1: Resultados da análise de variância relativos ao afecto 'Revoltado(a)'.

	F(1,221)	p	
Formato	0.14	0.70	
Género	0.16	0.69	
Figura Parental	0.06	0.81	
Mau Trato	5.02	0.03	*
Formato x Género	1.29	0.26	
Formato x Figura Parental	1.43	0.23	
Género x Figura Parental	0.95	0.33	
Formato x Mau Trato	0.03	0.86	
Género x Mau Trato	0.04	0.84	
Figura Parental x Mau Trato	0.02	0.88	
Formato x Género x Figura Parental	0.21	0.64	
Formato x Género x Mau Trato	2.61	0.11	
Formato x Figura Parental x Mau Trato	0.07	0.79	
Género x Figura Parental x Mau Trato	0.04	0.84	
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	0.48	0.49	

Tabela 2: Resultados da análise de variância relativos ao afecto 'Magoado(a)'.

	F(1,222)	p
Formato	0.87	0.35
Género	0.42	0.52
Figura Parental	1.64	0.20
Mau Trato	2.71	0.10
Formato x Género	0.01	0.94
Formato x Figura Parental	0.74	0.39
Género x Figura Parental	1.14	0.29
Formato x Mau Trato	0.72	0.40
Género x Mau Trato	2.17	0.14
Figura Parental x Mau Trato	0.92	0.34
Formato x Género x Figura Parental	0.06	0.81
Formato x Género x Mau Trato	1.25	0.26
Formato x Figura Parental x Mau Trato	0.44	0.51
Género x Figura Parental x Mau Trato	0.08	0.77
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	0.00	0.99

Tabela 3: Resultados da análise de variância relativos ao afecto 'Com raiva'.

	F(1,221)	p	
Formato	0.32	0.57	
Género	0.01	0.91	
Figura Parental	3.99	0.05	*
Mau Trato	3.39	0.07	
Formato x Género	0.20	0.66	
Formato x Figura Parental	0.54	0.46	
Género x Figura Parental	0.20	0.66	
Formato x Mau Trato	2.22	0.14	
Género x Mau Trato	0.00	0.98	
Figura Parental x Mau Trato	0.01	0.93	
Formato x Género x Figura Parental	0.04	0.85	
Formato x Género x Mau Trato	0.05	0.83	
Formato x Figura Parental x Mau Trato	0.20	0.65	
Género x Figura Parental x Mau Trato	0.06	0.80	
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	0.10	0.75	

Tabela 4: Resultados da análise de variância relativos ao afecto 'Irritado(a)'.

	F(1,222)	p	
Formato	0.47	0.49	
Género	2.13	0.15	
Figura Parental	0.04	0.84	
Mau Trato	9.86	0.00	*
Formato x Género	0.77	0.38	
Formato x Figura Parental	2.54	0.11	
Género x Figura Parental	0.07	0.79	
Formato x Mau Trato	0.26	0.61	
Género x Mau Trato	1.16	0.28	
Figura Parental x Mau Trato	0.07	0.80	
Formato x Género x Figura Parental	0.19	0.66	
Formato x Género x Mau Trato	1.09	0.30	
Formato x Figura Parental x Mau Trato	0.04	0.85	
Género x Figura Parental x Mau Trato	2.23	0.14	
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	0.24	0.62	

Tabela 5: Resultados da análise de variância relativos ao afecto 'Sozinho(a)'.

	F(1,221)	p	
Formato	0.66	0.42	
Género	0.54	0.46	
Figura Parental	1.87	0.17	
Mau Trato	0.96	0.33	
Formato x Género	1.76	0.19	
Formato x Figura Parental	0.58	0.45	
Género x Figura Parental	4.12	0.04	*
Formato x Mau Trato	1.31	0.25	
Género x Mau Trato	0.20	0.65	
Figura Parental x Mau Trato	0.33	0.56	
Formato x Género x Figura Parental	0.35	0.55	
Formato x Género x Mau Trato	0.98	0.32	
Formato x Figura Parental x Mau Trato	1.28	0.26	
Género x Figura Parental x Mau Trato	0.00	0.94	
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	0.71	0.40	

Tabela 6: Resultados da análise de variância relativos ao afecto 'Com medo'.

	F(1,223)	p	
Formato	0.32	0.57	
Género	0.19	0.67	
Figura Parental	1.25	0.26	
Mau Trato	1.31	0.25	
Formato x Género	0.02	0.88	
Formato x Figura Parental	1.87	0.17	
Género x Figura Parental	0.08	0.77	
Formato x Mau Trato	4.06	0.05	*
Género x Mau Trato	0.06	0.81	
Figura Parental x Mau Trato	0.46	0.50	
Formato x Género x Figura Parental	0.32	0.57	
Formato x Género x Mau Trato	0.01	0.94	
Formato x Figura Parental x Mau Trato	4.74	0.03	*
Género x Figura Parental x Mau Trato	0.62	0.43	
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	0.85	0.36	

Tabela 7: Resultados da análise de variância relativos ao afecto 'Satisfeito(a)'.

	F(1,224)	p
Formato	0.89	0.35
Género	3.28	0.07
Figura Parental	0.26	0.61
Mau Trato	3.01	0.08
Formato x Género	0.01	0.93
Formato x Figura Parental	0.02	0.88
Género x Figura Parental	1.15	0.28
Formato x Mau Trato	1.03	0.31
Género x Mau Trato	0.42	0.52
Figura Parental x Mau Trato	0.54	0.46
Formato x Género x Figura Parental	1.73	0.19
Formato x Género x Mau Trato	0.00	0.97
Formato x Figura Parental x Mau Trato	0.70	0.41
Género x Figura Parental x Mau Trato	0.00	0.95
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	1.93	0.17

Tabela 8: Resultados da análise de variância relativos ao afecto 'Divertido(a)'.

	F(1,219)	p
Formato	0.17	0.68
Género	2.37	0.12
Figura Parental	4.23	0.04 *
Mau Trato	0.27	0.61
Formato x Género	0.33	0.57
Formato x Figura Parental	0.55	0.46
Género x Figura Parental	0.46	0.50
Formato x Mau Trato	0.07	0.79
Género x Mau Trato	1.64	0.20
Figura Parental x Mau Trato	1.20	0.27
Formato x Género x Figura Parental	0.03	0.87
Formato x Género x Mau Trato	0.50	0.48
Formato x Figura Parental x Mau Trato	0.27	0.61
Género x Figura Parental x Mau Trato	0.39	0.53
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	4.89	0.03 *

Tabela 9: Resultados da análise de variância relativos ao afecto 'Feliz'.

	F(1,221)	p
Formato	0.14	0.71
Género	0.63	0.43
Figura Parental	1.91	0.17
Mau Trato	0.56	0.46
Formato x Género	0.03	0.86
Formato x Figura Parental	0.03	0.86
Género x Figura Parental	1.31	0.25
Formato x Mau Trato	0.80	0.37
Género x Mau Trato	0.61	0.44
Figura Parental x Mau Trato	0.92	0.34
Formato x Género x Figura Parental	0.97	0.33
Formato x Género x Mau Trato	0.44	0.51
Formato x Figura Parental x Mau Trato	1.10	0.29
Género x Figura Parental x Mau Trato	0.61	0.44
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	0.37	0.54

Tabela 10: Resultados da análise de variância relativos ao afecto 'Contente'.

	F(1,224)	p	
Formato	0.58	0.45	
Género	1.70	0.19	
Figura Parental	4.21	0.04	*
Mau Trato	3.59	0.06	
Formato x Género	0.55	0.46	
Formato x Figura Parental	0.08	0.78	
Género x Figura Parental	1.19	0.28	
Formato x Mau Trato	0.03	0.86	
Género x Mau Trato	0.63	0.43	
Figura Parental x Mau Trato	2.37	0.13	
Formato x Género x Figura Parental	0.04	0.84	
Formato x Género x Mau Trato	3.95	0.05	*
Formato x Figura Parental x Mau Trato	0.16	0.69	
Género x Figura Parental x Mau Trato	0.05	0.82	
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	0.11	0.74	

Tabela 11: Resultados da análise de variância relativos ao afecto 'Alegre'.

	F(1,222)	p
Formato	0.36	0.55
Género	1.03	0.31
Figura Parental	3.08	0.08
Mau Trato	1.50	0.22
Formato x Género	0.12	0.73
Formato x Figura Parental	0.70	0.40
Género x Figura Parental	1.77	0.18
Formato x Mau Trato	0.03	0.86
Género x Mau Trato	1.28	0.26
Figura Parental x Mau Trato	0.01	0.93
Formato x Género x Figura Parental	0.14	0.71
Formato x Género x Mau Trato	4.02	0.05
Formato x Figura Parental x Mau Trato	0.72	0.40
Género x Figura Parental x Mau Trato	0.13	0.71
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	0.56	0.45

Tabela 12: Resultados da análise de variância relativos ao afecto 'Bem'.

	F(1,224)	p
Formato	0.97	0.32
Género	1.53	0.22
Figura Parental	9.65	0.00
Mau Trato	3.01	0.08
Formato x Género	0.27	0.60
Formato x Figura Parental	0.11	0.74
Género x Figura Parental	0.01	0.93
Formato x Mau Trato	0.05	0.82
Género x Mau Trato	1.37	0.24
Figura Parental x Mau Trato	1.91	0.17
Formato x Género x Figura Parental	1.15	0.28
Formato x Género x Mau Trato	2.37	0.13
Formato x Figura Parental x Mau Trato	0.99	0.32
Género x Figura Parental x Mau Trato	0.16	0.69
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	0.66	0.42

ANEXO A1

Médias relativas aos afectos

Tabela 1: Médias relativas ao efeito de interacção significativo entre o género e a figura parental.

Género	Figura Parental	'Sozinho(a)' \bar{x}
Masculino	Pai	3.22
	Mãe	2.35
Feminino	Pai	2.51
	Mãe	2.68

Tabela 2: Médias relativas ao efeito de interacção significativo entre o tipo de mau trato e o formato do cenário de maus tratos.

Tipo de Mau Trato	Formato	'Com medo' \bar{x}
Psicológico	Com intenção	2.85
	Sem intenção	3.24
Físico	Com intenção	3.08
	Sem intenção	2.40

Tabela 3: Médias relativas ao efeito de interacção significativo entre a figura parental, o tipo de mau trato e o formato do cenário de maus tratos.

Figura Parental	Tipo de Mau Trato	Formato	'Com medo' \bar{x}
Pai	Psicológico	Com intenção	2.98
		Sem intenção	3.58
	Físico	Com intenção	3.61
		Sem intenção	1.98
Mãe	Psicológico	Com intenção	2.72
		Sem intenção	2.89
	Físico	Com intenção	2.55
		Sem intenção	2.81

Tabela 4: Médias relativas ao efeito de interacção significativo entre o género, a figura parental, o tipo de mau trato e o formato do cenário de maus tratos.

Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	Formato	'Divertido(a)' \bar{x}
Masculino	Pai	Psicológico	Com intenção	1.87
			Sem intenção	2.60
		Físico	Com intenção	2.50
			Sem intenção	1.93
	Mãe	Psicológico	Com intenção	2.33
			Sem intenção	1.71
		Físico	Com intenção	1.14
			Sem intenção	1.46
Feminino	Pai	Psicológico	Com intenção	1.72
			Sem intenção	1.56
		Físico	Com intenção	1.43
			Sem intenção	2.36
	Mãe	Psicológico	Com intenção	1.38
			Sem intenção	1.54
		Físico	Com intenção	1.58
			Sem intenção	1.45

Tabela 5: Médias relativas ao efeito de interação significativo entre o género, o tipo de mau trato e o formato do cenário de maus tratos.

Género	Tipo de Mau Trato	Formato	'Contente' \bar{x}
Masculino	Psicológico	Com intenção	2.13
		Sem intenção	2.60
	Físico	Com intenção	2.02
		Sem intenção	1.54
Feminino	Psicológico	Com intenção	2.27
		Sem intenção	1.54
	Físico	Com intenção	1.63
		Sem intenção	1.70

Tabela 6: Médias relativas ao efeito de interação significativo entre o género, o tipo de mau trato e o formato do cenário de maus tratos.

Género	Tipo de Mau Trato	Formato	'Alegre' \bar{x}
Masculino	Psicológico	Com intenção	2.13
		Sem intenção	2.58
	Físico	Com intenção	2.09
		Sem intenção	1.51
Feminino	Psicológico	Com intenção	2.18
		Sem intenção	1.52
	Físico	Com intenção	1.73
		Sem intenção	1.94

ANEXO A2

Resultados estatísticos resultantes do tratamento da variável 'Afectos'

Afectos Conotados Negativamente

AFECTO: 'REVOLTADO'

Tabela 1: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Revoltado'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	5.071429	14
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	5.466667	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	5.066667	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	5.000000	14
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	4.777778	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	5.642857	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	4.266667	15
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	5.166667	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	4.250000	16
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	5.066667	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	4.600000	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	5.923077	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	5.235294	17
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	5.583333	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	5.307693	13
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	5.263158	19
Todos os grupos				5.084388	237

Tabela 2: Resumo de todos os efeitos

1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

EFEITO	df	MS	df	MS	F	p-
level	Effect	Effect	Error	Error		
1	1	.54085	221	3.734869	.144810	.703911
2	1	.58152	221	3.734869	.155701	.693526
3	1	.22785	221	3.734869	.061006	.805142
4	1*	18.75242*	221*	3.734869*	5.020905*	.026038*
12	1	4.82163	221	3.734869	1.290977	.257098
13	1	5.32381	221	3.734869	1.425435	.233791
23	1	3.53589	221	3.734869	.946723	.331619
14	1	.11135	221	3.734869	.029813	.863074
24	1	.14557	221	3.734869	.038976	.843677
34	1	.08934	221	3.734869	.023920	.877230
123	1	.80211	221	3.734869	.214764	.643515
124	1	9.75807	221	3.734869	2.612694	.107438
134	1	.26647	221	3.734869	.071346	.789636
234	1	.14734	221	3.734869	.039451	.842740
1234	1	1.77497	221	3.734869	.475243	.491308

Tabela 3: Médias relativas ao efeito principal significativo

F(1,221)=5.02; p<.0260

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Revoltado'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
			1	4.821941
			2	5.389053

Tabela 4: Post Hoc teste
Efeito principal: mau trato

Formato	Género	Fig. Par.	Mau Trato		{1}	{2}
....	1	{1}	4.821941	5.389053
....	2	{2}	.026733 *	

AFECTO: 'MAGOADO'

Tabela 5: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Magoado'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	4.333333	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	5.400000	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	4.466667	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	4.846154	13
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	4.833333	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	5.857143	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	4.437500	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	4.500000	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	4.500000	16
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	5.357143	14
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	4.600000	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	5.461538	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	5.470588	17
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	5.166667	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	5.307693	13
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	4.700000	20
Todos os grupos				4.936975	238

Tabela 6: Resumo de todos os efeitos
1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

EFEITO	df Effect	MS Effect	df Error	MS Error	F	p-level
1	1	3.25648	222	3.749671	.868471	.352391
2	1	1.56074	222	3.749671	.416233	.519489
3	1	6.15960	222	3.749671	1.642705	.201292
4	1	10.17246	222	3.749671	2.712895	.100955
12	1	.01903	222	3.749671	.005075	.943270
13	1	2.78803	222	3.749671	.743541	.389459
23	1	4.28096	222	3.749671	1.141689	.286456
14	1	2.71539	222	3.749671	.724168	.395697
24	1	8.15527	222	3.749671	2.174928	.141693
34	1	3.46077	222	3.749671	.922953	.337746
123	1	.22667	222	3.749671	.060451	.806012
124	1	4.70197	222	3.749671	1.253967	.264006
134	1	1.66017	222	3.749671	.442751	.506489
234	1	.30927	222	3.749671	.082480	.774232
1234	1	.00106	222	3.749671	.000282	.986622

AFECTO: 'COM RAIVA'

Tabela 7: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Com Raiva'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	4.533333	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	5.400000	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	3.866667	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	4.714286	14
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	4.555555	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	5.214286	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	3.437500	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	4.700000	10
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	4.625000	16
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	4.866667	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	4.533333	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	4.615385	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	4.937500	16
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	5.083333	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	4.538462	13
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	4.450000	20
Todos os grupos				4.611814	237

Tabela 8: Resumo de todos os efeitos

1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

EFEITO	df Effect	MS Effect	df Error	MS Error	F	p-level
1	1	1.36305	221	4.303581	.316725	.574153
2	1	.05121	221	4.303581	.011899	.913234
3	1*	17.18143*	221*	4.303581*	3.992357*	.046933*
4	1	14.58130	221	4.303581	3.388178	.067006
12	1	.86069	221	4.303581	.199995	.655163
13	1	2.34103	221	4.303581	.543972	.461574
23	1	.84932	221	4.303581	.197351	.657302
14	1	9.57253	221	4.303581	2.224317	.137279
24	1	.00319	221	4.303581	.000741	.978307
34	1	.03291	221	4.303581	.007646	.930398
123	1	.15153	221	4.303581	.035211	.851327
124	1	.20246	221	4.303581	.047044	.828489
134	1	.86560	221	4.303581	.201135	.654246
234	1	.27155	221	4.303581	.063100	.801895
1234	1	.43971	221	4.303581	.102172	.749540

Tabela 9: Médias relativas ao efeito principal significativo

F(1,221)=3.99; p<.0469

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Com Raiva'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
		1		4.901959
		2		4.356954

Tabela 10: Post Hoc teste

Efeito principal: figura parental

Formato	Género	Fig. Par.	Mau Trato		{1}	{2}
		1	{1}	4.901959	4.356954
....	2	{2}	.045420*	

AFECTO: 'IRRITADO'

Tabela 11: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Irritado'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	4.200000	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	5.333333	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	3.933333	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	4.769231	13
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	4.277778	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	4.857143	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	3.562500	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	4.916667	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	3.750000	16
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	5.533333	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	4.933333	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	5.692307	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	4.411765	17
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	4.000000	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	4.153846	13
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	4.842105	19
Todos os grupos				4.558824	238

Tabela 12: Resumo de todos os efeitos
1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

EFEITO	df Effect	MS Effect	df Error	MS Error	F	p-level
1	1	1.96601	222	4.188856	.469343	.494004
2	1	8.91380	222	4.188856	2.127980	.146045
3	1	.17691	222	4.188856	.042233	.837364
4	1*	41.28960*	222*	4.188856*	9.857011*	.001922*
12	1	3.22820	222	4.188856	.770664	.380961
13	1	10.64577	222	4.188856	2.541450	.112316
23	1	.31074	222	4.188856	.074182	.785595
14	1	1.07381	222	4.188856	.256349	.613142
24	1	4.84090	222	4.188856	1.155663	.283534
34	1	.27951	222	4.188856	.066727	.796402
123	1	.79577	222	4.188856	.189974	.663362
124	1	4.54521	222	4.188856	1.085072	.298699
134	1	.14747	222	4.188856	.035205	.851337
234	1	9.33861	222	4.188856	2.229393	.136827
1234	1	1.01170	222	4.188856	.241522	.623595

Tabela 13: Médias relativas ao efeito principal significativo
F(1,222)=9.86; p<.0019

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Irritado'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
			1	4.152820
			2	4.993015

Tabela 14: Post Hoc teste
Efeito principal: mau trato

Formato	Género	Fig. Par.	Mau Trato		{1}	{2}
....	1	{1}	4.152820	4.993015
....	2	{2}	.002035 *	

AFECTO: 'SOZINHO'

Tabela 15: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Sozinho'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2.857143	14
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	3.666667	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	2.666667	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	2.214286	14
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	2.000000	17
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	2.142857	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	2.750000	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	2.416667	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	3.812500	16
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	2.533333	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	2.533333	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	2.000000	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	3.000000	17
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	2.916667	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	2.916667	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	2.650000	20
Todos os grupos				2.700422	237

Tabela 16: Resumo de todos os efeitos

1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

EFEITO	df Effect	MS Effect	df Error	MS Error	F	p-level
1	1	2.46847	221	3.758627	.656749	.418582
2	1	2.02022	221	3.758627	.537488	.464253
3	1	7.03030	221	3.758627	1.870445	.172813
4	1	3.61951	221	3.758627	.962987	.327509
12	1	6.62121	221	3.758627	1.761602	.185794
13	1	2.16465	221	3.758627	.575915	.448727
23	1*	15.49266*	221*	3.758627*	4.121892*	.043530*
14	1	4.92949	221	3.758627	1.311514	.253359
24	1	.76055	221	3.758627	.202349	.653272
34	1	1.25579	221	3.758627	.334108	.563838
123	1	1.31757	221	3.758627	.350546	.554409
124	1	3.67151	221	3.758627	.976822	.324066
134	1	4.80930	221	3.758627	1.279535	.259211
234	1	.01870	221	3.758627	.004975	.943833
1234	1	2.67220	221	3.758627	.710951	.400040

Tabela 17: Médias relativas ao efeito de interacção significativo

F(1,221)=4.12; p<.0435

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Sozinho'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
....	1	1	3.217411
....	1	2	2.353571
....	2	1	2.514881
....	2	2	2.683333

Tabela 18: Post Hoc Teste
Interacção: 2 x 3

					{1}	{2}	{3}
1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		3.217411	2.353571	2.514881
....	1	1	{1}		.081181	.193677
....	1	2	{2}	.081181		.970756
....	2	1	{3}	.193677	.970756	
....	2	2	{4}	.432099	.800565	.964417

					{4}
1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		2.683333
....	1	1	{1}	.432099
....	1	2	{2}	.800565
....	2	1	{3}	.964417
....	2	2	{4}	

AFECTO: 'COM MEDO'

Tabela 19: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Com Medo'	N
1-Com intenção	1-Masculino	1-Pai	1-Psicológico		
2-Sem intenção	2-Feminino	2-Mãe	2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2.800000	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	3.800000	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	3.066667	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	2.357143	14
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	3.166667	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	3.428571	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	2.375000	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	2.750000	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	3.812500	16
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	2.133333	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	2.857143	14
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	2.769231	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	3.352941	17
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	1.833333	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	2.923077	13
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	2.850000	20
Todos os grupos				2.916318	239

Tabela 20: Resumo de todos os efeitos
1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

EFEITO	df Effect	MS Effect	df Error	MS Error	F	p-level
1	1	1.34770	223	4.152875	.324522	.569476
2	1	.76990	223	4.152875	.185389	.667198
3	1	5.18869	223	4.152875	1.249421	.264866
4	1	5.42377	223	4.152875	1.306027	.254341
12	1	.08769	223	4.152875	.021116	.884596
13	1	7.78302	223	4.152875	1.874128	.172380
23	1	.34359	223	4.152875	.082736	.773890
14	1*	16.84897*	223*	4.152875*	4.057183*	.045185*
24	1	.24867	223	4.152875	.059878	.806914
34	1	1.90450	223	4.152875	.458597	.498982
123	1	1.32076	223	4.152875	.318035	.573358
124	1	.02713	223	4.152875	.006533	.935651
134	1*	19.68745*	223*	4.152875*	4.740679*	.030507*
234	1	2.58088	223	4.152875	.621467	.431340
1234	1	3.54811	223	4.152875	.854375	.356317

Tabela 21: Médias relativas ao efeito de interação significativo
 $F(1,223)=4.06$; $p<.0452$

Formato	Gênero	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Com Medo'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
1	1	2.852083
1	2	3.083929
2	1	3.236415
2	2	2.396474

Tabela 22: Post Hoc Teste
 Interação: 1 x 4

1-Formato	2-Gênero	3-F.Parental	4-Mau Trato		{1}	{2}	{3}
					2.852083	3.083929	3.236415
1	1	{1}		.933138	.730062
1	2	{2}	.933138		.979514
2	1	{3}	.730062	.979514	
2	2	{4}	.611186	.288338	.108147

1-Formato	2-Gênero	3-F.Parental	4-Mau Trato		{4}
					2.396474
1	1	{1}	.611186
1	2	{2}	.288338
2	1	{3}	.108147
2	2	{4}	

Tabela 23: Médias relativas ao efeito de interação significativo
 $F(1,223)=4.74$; $p<.0305$

Formato	Gênero	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Com Medo'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
1	1	1	2.983333
1	1	2	3.614286
1	2	1	2.720833
1	2	2	2.553571
2	1	1	3.582721
2	1	2	1.983333
2	2	1	2.890110
2	2	2	2.809615

Tabela 24: Post Hoc Teste
 Interação: 1 x 3 x 4

1-Formato	2-Gênero	3-F.Parental	4-Mau Trato		{1}	{2}	{3}
					2.983333	3.614286	2.720833
1	1	1	{1}		.938074	.999631
1	1	2	{2}	.938074		.707173
1	2	1	{3}	.999631	.707173	
1	2	2	{4}	.994999	.567055	.999990
2	1	1	{5}	.933703	1.000000	.709977
2	1	2	{6}	.618048	.064801	.887758
2	2	1	{7}	1.000000	.897075	.999988
2	2	2	{8}	.999972	.805875	1.000000

					{4}	{5}	{6}
1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		2.553571	3.582721	1.983333
1	1	1	{1}	.994999	.933703	.618048
1	1	2	{2}	.567055	1.000000	.064801
1	2	1	{3}	.999990	.709977	.887758
1	2	2	{4}		.605749	.973277
2	1	1	{5}	.605749		.075869
2	1	2	{6}	.973277	.075869	
2	2	1	{7}	.998942	.917168	.729083
2	2	2	{8}	.999826	.785150	.813263

					{7}	{8}
1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		2.890110	2.809615
1	1	1	{1}	1.000000	.999972
1	1	2	{2}	.897075	.805875
1	2	1	{3}	.999988	1.000000
1	2	2	{4}	.998942	.999826
2	1	1	{5}	.917168	.785150
2	1	2	{6}	.729083	.813263
2	2	1	{7}		1.000000
2	2	2	{8}	1.000000	

Afectos Conotados Positivamente

AFECTO: 'SATISFEITO'

Tabela 25: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Satisfeito'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2.533333	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	2.133333	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	2.200000	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	1.214286	14
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	1.833333	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	1.142857	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	1.937500	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	1.750000	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2.312500	16
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	1.400000	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	1.666667	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	2.000000	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	1.529412	17
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	1.500000	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	1.384615	13
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	1.400000	20
Todos os grupos				1.750000	240

Tabela 26: Resumo de todos os efeitos
1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

EFEITO	df Effect	MS Effect	df Error	MS Error	F	p-level
1	1	2.216217	224	2.496021	.887900	.347062
2	1	8.189727	224	2.496021	3.281113	.071421
3	1	.636901	224	2.496021	.255167	.613957
4	1	7.514888	224	2.496021	3.010748	.084089
12	1	.020135	224	2.496021	.008067	.928515
13	1	.057750	224	2.496021	.023137	.879239
23	1	2.867428	224	2.496021	1.148800	.284954
14	1	2.569381	224	2.496021	1.029391	.311396
24	1	1.059833	224	2.496021	.424609	.515314
34	1	1.343362	224	2.496021	.538202	.463946
123	1	4.306368	224	2.496021	1.725293	.190357
124	1	.003034	224	2.496021	.001215	.972220
134	1	1.736645	224	2.496021	.695765	.405099
234	1	.011621	224	2.496021	.004656	.945660
1234	1	4.827306	224	2.496021	1.934001	.165701

AFECTO: 'DIVERTIDO'

Tabela 27: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Divertido'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	1.866667	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	2.500000	14
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	2.333333	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	1.142857	14
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	1.722222	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	1.428571	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	1.375000	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	1.583333	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2.600000	15
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	1.933333	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	1.714286	14
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	1.461538	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	1.562500	16
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	2.363636	11
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	1.538462	13
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	1.450000	20
Todos os grupos				1.774468	235

Tabela 28: Resumo de todos os efeitos
1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

EFEITO	df Effect	MS Effect	df Error	MS Error	F	p-level
1	1	.40618	219	2.425901	.167435	.682801
2	1	5.75347	219	2.425901	2.371684	.124997
3	1*	10.27132*	219*	2.425901*	4.234025*	.040806*
4	1	.64908	219	2.425901	.267561	.605495
12	1	.79390	219	2.425901	.327259	.567864
13	1	1.32269	219	2.425901	.545237	.461061
23	1	1.12472	219	2.425901	.463629	.496652
14	1	.17088	219	2.425901	.070440	.790947
24	1	3.98412	219	2.425901	1.642325	.201362
34	1	2.90814	219	2.425901	1.198789	.274767
123	1	.06965	219	2.425901	.028712	.865603
124	1	1.21168	219	2.425901	.499478	.480481
134	1	.64442	219	2.425901	.265641	.606791
234	1	.94062	219	2.425901	.387739	.534138
1234	1*	11.85563*	219*	2.425901*	4.887103*	.028093*

Tabela 29: Médias relativas ao efeito principal significativo

F(1,219)=4.23; p<.0408

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Divertido'
1-Com intenção	1-Masculino	1-Pai	1-Psicológico	
2-Sem intenção	2-Feminino	2-Mãe	2-Físico	
		1		1.997116
		2		1.574851

Tabela 30: Post Hoc teste

Efeito principal: figura parental

Formato	Género	Fig. Par.	Mau Trato		{1}	{2}
....	1	{1}	1.997116	1.574851
....	2	{2}	.038121 *	

Tabela 31: Médias relativas ao efeito de interação significativo

F(1,219)=4.89; p<.0281

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Divertido'
1-Com intenção	1-Masculino	1-Pai	1-Psicológico	
2-Sem intenção	2-Feminino	2-Mãe	2-Físico	
1	1	1	1	1.866667
1	1	1	2	2.500000
1	1	2	1	2.333333
1	1	2	2	1.142857
1	2	1	1	1.722222
1	2	1	2	1.428571
1	2	2	1	1.375000
1	2	2	2	1.583333
2	1	1	1	2.600000
2	1	1	2	1.933333
2	1	2	1	1.714286
2	1	2	2	1.461538
2	2	1	1	1.562500
2	2	1	2	2.363636
2	2	2	1	1.538462
2	2	2	2	1.450000

Tabela 32: Post Hoc Teste

Interação: formato x género x figura parental x mau trato

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{1}	{2}	{3}
					1.866667	2.500000	2.333333
1	1	1	1	{1}		.999534	.999985
1	1	1	2	{2}	.999534		1.000000
1	1	2	1	{3}	.999985	1.000000	
1	1	2	2	{4}	.997813	.619749	.813149
1	2	1	1	{5}	1.000000	.995216	.999541
1	2	1	2	{6}	.999996	.909656	.978333
1	2	2	1	{7}	.999970	.871396	.951064
1	2	2	2	{8}	1.000000	.988286	.998632
2	1	1	1	{9}	.996314	1.000000	1.000000
2	1	1	2	{10}	1.000000	.999881	.999998
2	1	2	1	{11}	1.000000	.994673	.999646
2	1	2	2	{12}	.999999	.947363	.989412
2	2	1	1	{13}	1.000000	.970017	.993742
2	2	1	2	{14}	.999996	1.000000	1.000000
2	2	2	1	{15}	1.000000	.973030	.995937
2	2	2	2	{16}	.999997	.922576	.976114

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{4}	{5}	{6}
					1.142857	1.722222	1.428571
1	1	1	1	{1}	.997813	1.000000	.999996
1	1	1	2	{2}	.619749	.995216	.909656
1	1	2	1	{3}	.813149	.999541	.978333
1	1	2	2	{4}		.999843	1.000000
1	2	1	1	{5}	.999843		1.000000
1	2	1	2	{6}	1.000000	1.000000	
1	2	2	1	{7}	1.000000	1.000000	1.000000
1	2	2	2	{8}	.999998	1.000000	1.000000
2	1	1	1	{9}	.490150	.977467	.831353
2	1	1	2	{10}	.994324	1.000000	.999973
2	1	2	1	{11}	.999868	1.000000	1.000000
2	1	2	2	{12}	1.000000	1.000000	1.000000
2	2	1	1	{13}	.999998	1.000000	1.000000
2	2	1	2	{14}	.902715	.999876	.990751
2	2	2	1	{15}	.999999	1.000000	1.000000
2	2	2	2	{16}	1.000000	1.000000	1.000000

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{7}	{8}	{9}
					1.375000	1.583333	2.600000
1	1	1	1	{1}	.999970	1.000000	.996314
1	1	1	2	{2}	.871396	.988286	1.000000
1	1	2	1	{3}	.951064	.998632	1.000000
1	1	2	2	{4}	1.000000	.999998	.490150
1	2	1	1	{5}	1.000000	1.000000	.977467
1	2	1	2	{6}	1.000000	1.000000	.831353
1	2	2	1	{7}		1.000000	.729624
1	2	2	2	{8}	1.000000		.968928
2	1	1	1	{9}	.729624	.968928	
2	1	1	2	{10}	.999848	1.000000	.998725
2	1	2	1	{11}	1.000000	1.000000	.982265
2	1	2	2	{12}	1.000000	1.000000	.892429
2	2	1	1	{13}	1.000000	1.000000	.908070
2	2	1	2	{14}	.983982	.998691	1.000000
2	2	2	1	{15}	1.000000	1.000000	.937015
2	2	2	2	{16}	1.000000	1.000000	.813260

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{10}	{11}	{12}
					1.933333	1.714286	1.461538
1	1	1	1	{1}	1.000000	1.000000	.999999
1	1	1	2	{2}	.999881	.994673	.947363
1	1	2	1	{3}	.999998	.999646	.989412
1	1	2	2	{4}	.994324	.999868	1.000000
1	2	1	1	{5}	1.000000	1.000000	1.000000
1	2	1	2	{6}	.999973	1.000000	1.000000
1	2	2	1	{7}	.999848	1.000000	1.000000
1	2	2	2	{8}	1.000000	1.000000	1.000000
2	1	1	1	{9}	.998725	.982265	.892429
2	1	1	2	{10}		1.000000	.999993
2	1	2	1	{11}	1.000000		1.000000
2	1	2	2	{12}	.999993	1.000000	
2	2	1	1	{13}	.999999	1.000000	1.000000
2	2	1	2	{14}	.999999	.999855	.993599
2	2	2	1	{15}	.999999	1.000000	1.000000
2	2	2	2	{16}	.999976	1.000000	1.000000

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{13}	{14}	{15}
					1.562500	2.363636	1.538462
1	1	1	1	{1}	1.000000	.999996	1.000000
1	1	1	2	{2}	.970017	1.000000	.973030
1	1	2	1	{3}	.993742	1.000000	.995937
1	1	2	2	{4}	.999998	.902715	.999999
1	2	1	1	{5}	1.000000	.999876	1.000000
1	2	1	2	{6}	1.000000	.990751	1.000000
1	2	2	1	{7}	1.000000	.983982	1.000000
1	2	2	2	{8}	1.000000	.998691	1.000000
2	1	1	1	{9}	.908070	1.000000	.937015
2	1	1	2	{10}	.999999	.999999	.999999
2	1	2	1	{11}	1.000000	.999855	1.000000
2	1	2	2	{12}	1.000000	.993599	1.000000
2	2	1	1	{13}		.998234	1.000000
2	2	1	2	{14}	.998234		.997543
2	2	2	1	{15}	1.000000	.997543	
2	2	2	2	{16}	1.000000	.992699	1.000000

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{16}
					1.450000
1	1	1	1	{1}	.999997
1	1	1	2	{2}	.922576
1	1	2	1	{3}	.976114
1	1	2	2	{4}	1.000000
1	2	1	1	{5}	1.000000
1	2	1	2	{6}	1.000000
1	2	2	1	{7}	1.000000
1	2	2	2	{8}	1.000000
2	1	1	1	{9}	.813260
2	1	1	2	{10}	.999976
2	1	2	1	{11}	1.000000
2	1	2	2	{12}	1.000000
2	2	1	1	{13}	1.000000
2	2	1	2	{14}	.992699
2	2	2	1	{15}	1.000000
2	2	2	2	{16}	

AFECTO: 'FELIZ'

Tabela 33: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Feliz'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2.066667	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	2.866667	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	2.000000	14
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	1.214286	14
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	1.722222	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	1.928571	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	2.000000	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	1.916667	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2.500000	16
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	1.800000	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	2.200000	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	1.461538	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	1.941176	17
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	1.833333	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	1.636364	11
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	1.650000	20
Todos os grupos				1.928270	237

Tabela 34: Resumo de todos os efeitos
1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

EFEITO	df Effect	MS Effect	df Error	MS Error	F	p-level
1	1	.434264	221	3.150291	.137849	.710785
2	1	1.984774	221	3.150291	.630029	.428196
3	1	6.023800	221	3.150291	1.912141	.168121
4	1	1.762305	221	3.150291	.559410	.455293
12	1	.092977	221	3.150291	.029514	.863755
13	1	.096527	221	3.150291	.030641	.861205
23	1	4.126637	221	3.150291	1.309922	.253647
14	1	2.524188	221	3.150291	.801256	.371692
24	1	1.910850	221	3.150291	.606563	.436918
34	1	2.907797	221	3.150291	.923025	.337732
123	1	3.046419	221	3.150291	.967028	.326498
124	1	1.381679	221	3.150291	.438588	.508495
134	1	3.471473	221	3.150291	1.101953	.294984
234	1	1.918717	221	3.150291	.609060	.435977
1234	1	1.168236	221	3.150291	.370834	.543175

AFECTO: 'CONTENTE'

Tabela 35: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Contente'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2.200000	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	2.533333	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	2.066667	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	1.500000	14
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	2.166667	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	1.928571	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	2.375000	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	1.333333	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2.937500	16
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	2.000000	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	2.266667	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	1.076923	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	1.470588	17
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	2.000000	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	1.615385	13
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	1.400000	20
Todos os grupos				1.941667	240

Tabela 36: Resumo de todos os efeitos
1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

EFEITO	df Effect	MS Effect	df Error	MS Error	F	p-level
1	1	1.64468	224	2.836241	.579879	.447161
2	1	4.83497	224	2.836241	1.704712	.193012
3	1*	11.95060*	224*	2.836241*	4.213536*	.041265*
4	1	10.18739	224	2.836241	3.591865	.059351
12	1	1.55291	224	2.836241	.547525	.460106
13	1	.22610	224	2.836241	.079718	.777941
23	1	3.38881	224	2.836241	1.194823	.275533
14	1	.08293	224	2.836241	.029241	.864379
24	1	1.79138	224	2.836241	.631603	.427609
34	1	6.71524	224	2.836241	2.367654	.125284
123	1	.11863	224	2.836241	.041826	.838137
124	1*	11.19993*	224*	2.836241*	3.948864*	.048121*
134	1	.45962	224	2.836241	.162053	.687657
234	1	.14448	224	2.836241	.050940	.821642
1234	1	.31940	224	2.836241	.112615	.737500

Tabela 37: Médias relativas ao efeito principal significativo
 $F(1,224)=4.21$; $p<.0413$

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Contente'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
		1		2.154583
		2		1.704247

Tabela 38: Post Hoc teste
 Efeito principal: figura parental

Formato	Género	Fig. Par.	Mau Trato		{1}	{2}
					2.154583	1.704247
....	1	{1}		.039985 *
....	2	{2}	.039985 *	

Tabela 39: Médias relativas ao efeito de interação significativo
 $F(1,224)=3.95$; $p<.0481$

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Contente'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
1	1	1	2.133333
1	1	2	2.016667
1	2	1	2.270833
1	2	2	1.630952
2	1	1	2.602083
2	1	2	1.538462
2	2	1	1.542986
2	2	2	1.700000

Tabela 40: Post Hoc Teste
 Interação: 1 x 2 x 4

					{1}	{2}	{3}
1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		2.133333	2.016667	2.270833
1	1	1	{1}		.999996	.999985
1	1	2	{2}	.999996		.999161
1	2	1	{3}	.999985	.999161	
1	2	2	{4}	.961939	.991712	.871045
2	1	1	{5}	.961469	.890147	.994403
2	1	2	{6}	.890937	.964404	.733921
2	2	1	{7}	.876303	.962806	.704367
2	2	2	{8}	.975070	.996562	.877071

					{4}	{5}	{6}
1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		1.630952	2.602083	1.538462
1	1	1	{1}	.961939	.961469	.890937
1	1	2	{2}	.991712	.890147	.964404
1	2	1	{3}	.871045	.994403	.733921
1	2	2	{4}		.428514	.999999
2	1	1	{5}	.428514		.259709
2	1	2	{6}	.999999	.259709	
2	2	1	{7}	1.000000	.224046	1.000000
2	2	2	{8}	1.000000	.409031	.999964

					{7}	{8}
1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		1.542986	1.700000
1	1	1	{1}	.876303	.975070
1	1	2	{2}	.962806	.996562
1	2	1	{3}	.704367	.877071
1	2	2	{4}	1.000000	1.000000
2	1	1	{5}	.224046	.409031
2	1	2	{6}	1.000000	.999964
2	2	1	{7}		.999963
2	2	2	{8}	.999963	

AFECTO: 'ALEGRE'

Tabela 41: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Alegre'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2.200000	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	2.466667	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	2.066667	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	1.714286	14
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	2.111111	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	1.785714	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	2.250000	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	1.666667	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	3.312500	16
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	1.800000	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	1.857143	14
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	1.230769	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	1.588235	17
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	2.083333	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	1.461538	13
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	1.789474	19
Todos os grupos				1.978992	238

Tabela 42: Resumo de todos os efeitos

1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

EFEITO	df	MS	df	MS	F	p-level
	Effect	Effect	Error	Error		
1	1	1.18458	222	3.256792	.363727	.547059
2	1	3.34309	222	3.256792	1.026497	.312086
3	1	10.02568	222	3.256792	3.078390	.080719
4	1	4.88115	222	3.256792	1.498759	.222160
12	1	.37893	222	3.256792	.116352	.733348
13	1	2.28089	222	3.256792	.700349	.403567
23	1	5.75964	222	3.256792	1.768501	.184932
14	1	.09447	222	3.256792	.029006	.864921
24	1	4.18377	222	3.256792	1.284630	.258262
34	1	.02284	222	3.256792	.007012	.933342
123	1	.44616	222	3.256792	.136995	.711640
124	1*	3.10101*	222*	3.256792*	4.022674*	.046106*
134	1	2.32931	222	3.256792	.715217	.398628
234	1	.43815	222	3.256792	.134535	.714125
1234	1	1.82951	222	3.256792	.561753	.454348

Tabela 43: Médias relativas ao efeito de interação significativo
 $F(1,222)=4.02$; $p<.0461$

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Alegre'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
1	1		1	2.133333
1	1		2	2.090476
1	2		1	2.180556
1	2		2	1.726190
2	1		1	2.584821
2	1		2	1.515385
2	2		1	1.524887
2	2		2	1.936404

Tabela 44: Post Hoc teste
 Interação: formato x género x mau trato

Formato	Género	Fig. Par.	Mau Trato		{1}	{2}	{3}
1	1	1	{1}	2.133333	2.090476	2.180556
1	1	2	{2}	1.000000	1.000000	1.000000
1	2	1	{3}	1.000000	1.000000	
1	2	2	{4}	.992436	.996191	.985430
2	1	1	{5}	.978747	.967829	.988851
2	1	2	{6}	.906053	.934378	.867034
2	2	1	{7}	.897034	.934081	.854367
2	2	2	{8}	.999891	.999982	.999490

Formato	Género	Fig. Par.	Mau Trato		{4}	{5}	{6}
1	1	1	{1}	.992436	.978747	.906053
1	1	2	{2}	.996191	.967829	.934378
1	2	1	{3}	.985430	.988851	.867034
1	2	2	{4}		.677170	.999894
2	1	1	{5}	.677170		.341121
2	1	2	{6}	.999894	.341121	
2	2	1	{7}	.999922	.307578	1.000000
2	2	2	{8}	.999896	.861485	.988438

Formato	Género	Fig. Par.	Mau Trato		{7}	{8}
1	1	1	{1}	.897034	.999891
1	1	2	{2}	.934081	.999982
1	2	1	{3}	.854367	.999490
1	2	2	{4}	.999922	.999896
2	1	1	{5}	.307578	.861485
2	1	2	{6}	1.000000	.988438
2	2	1	{7}		.987610
2	2	2	{8}	.987610	

AFECTO: 'BEM'

Tabela 45: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Bem'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2.733333	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	2.733333	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	2.533333	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	1.785714	14
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	3.166667	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	2.428571	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	1.937500	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	1.583333	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	3.062500	16
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	2.533333	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	2.600000	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	1.153846	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	1.647059	17
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	2.583333	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	1.923077	13
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	1.550000	20
Todos os grupos				2.258333	240

Tabela 46: Resumo de todos os efeitos

1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

EFEITO	df	MS	df	MS	F	p-level
	Effect	Effect	Error	Error		
1	1	3.14659	224	3.233818	.973027	.324991
2	1	4.93809	224	3.233818	1.527017	.217855
3	1*	31.20190*	224*	3.233818*	9.648629*	.002140*
4	1	9.73732	224	3.233818	3.011091	.084072
12	1	.87810	224	3.233818	.271535	.602818
13	1	.35705	224	3.233818	.110410	.739988
23	1	.02295	224	3.233818	.007098	.932935
14	1	.16847	224	3.233818	.052098	.819661
24	1	4.43161	224	3.233818	1.370394	.242988
34	1	6.17656	224	3.233818	1.909990	.168341
123	1	3.72528	224	3.233818	1.151976	.284291
124	1	7.65376	224	3.233818	2.366789	.125353
134	1	3.19447	224	3.233818	.987833	.321345
234	1	.50309	224	3.233818	.155570	.693644
1234	1	2.13824	224	3.233818	.661213	.416995

Tabela 47: Médias relativas ao efeito principal significativo

F(1,219)=4.23; p<.0408

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Bem'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
		1		2.611016
		2		1.883350

Tabela 48: Post Hoc teste

Efeito principal: figura parental

Formato	Género	Fig. Par.	Mau Trato		{1}	{2}
					2.611016	1.883350
....	1	{1}		.001887 *
....	2	{2}	.001887 *	

ANEXO B

Resultados da análise de variância para as figuras parentais

Tabela 1: Resultados da análise de variância relativos à característica 'Que faz sofrer o filho sem razão'.

	F(1,222)	p	
Formato	2.58	0.11	
Género	0.00	0.95	
Figura Parental	0.11	0.75	
Mau Trato	2.44	0.12	
Formato x Género	1.79	0.18	
Formato x Figura Parental	0.45	0.50	
Género x Figura Parental	0.08	0.78	
Formato x Mau Trato	0.09	0.76	
Género x Mau Trato	0.09	0.77	
Figura Parental x Mau Trato	0.56	0.45	
Formato x Género x Figura Parental	0.55	0.46	
Formato x Género x Mau Trato	4.65	0.03	*
Formato x Figura Parental x Mau Trato	5.24	0.02	*
Género x Figura Parental x Mau Trato	0.28	0.60	
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	0.19	0.66	

Tabela 2: Resultados da análise de variância relativos à característica 'Violenta'.

	F(1,221)	p	
Formato	0.78	0.38	
Género	2.04	0.15	
Figura Parental	0.01	0.91	
Mau Trato	19.06	0.00	*
Formato x Género	1.05	0.31	
Formato x Figura Parental	3.99	0.05	*
Género x Figura Parental	2.62	0.11	
Formato x Mau Trato	0.29	0.59	
Género x Mau Trato	5.84	0.02	*
Figura Parental x Mau Trato	1.04	0.31	
Formato x Género x Figura Parental	0.05	0.83	
Formato x Género x Mau Trato	5.11	0.02	*
Formato x Figura Parental x Mau Trato	0.00	0.97	
Género x Figura Parental x Mau Trato	1.71	0.19	
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	0.09	0.76	

Tabela 3: Resultados da análise de variância relativos à característica 'Autoritária'.

	F(1,223)	p	
Formato	1.28	0.26	
Género	10.14	0.00	*
Figura Parental	0.02	0.89	
Mau Trato	0.04	0.85	
Formato x Género	0.19	0.66	
Formato x Figura Parental	0.00	1.00	
Género x Figura Parental	1.72	0.19	
Formato x Mau Trato	0.88	0.35	
Género x Mau Trato	1.72	0.19	
Figura Parental x Mau Trato	0.32	0.57	
Formato x Género x Figura Parental	0.36	0.55	
Formato x Género x Mau Trato	2.15	0.14	
Formato x Figura Parental x Mau Trato	3.61	0.06	
Género x Figura Parental x Mau Trato	0.07	0.79	
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	0.01	0.92	

Tabela 4: Resultados da análise de variância relativos à característica 'Desequilibrada'.

	F(1,221)	p	
Formato	6.00	0.02	*
Género	0.23	0.63	
Figura Parental	0.44	0.51	
Mau Trato	0.73	0.39	
Formato x Género	0.80	0.37	
Formato x Figura Parental	0.02	0.88	
Género x Figura Parental	1.08	0.30	
Formato x Mau Trato	0.22	0.64	
Género x Mau Trato	0.01	0.93	
Figura Parental x Mau Trato	0.38	0.54	
Formato x Género x Figura Parental	0.86	0.35	
Formato x Género x Mau Trato	4.12	0.04	*
Formato x Figura Parental x Mau Trato	2.67	0.10	
Género x Figura Parental x Mau Trato	1.19	0.28	
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	4.45	0.04	*

Tabela 5: Resultados da análise de variância relativos à característica 'Que deixa o filho sozinho muito tempo'.

	F(1,221)	p	
Formato	0.16	0.69	
Género	0.76	0.39	
Figura Parental	1.74	0.19	
Mau Trato	7.36	0.01	*
Formato x Género	0.08	0.78	
Formato x Figura Parental	0.73	0.39	
Género x Figura Parental	0.45	0.50	
Formato x Mau Trato	0.33	0.56	
Género x Mau Trato	0.00	0.99	
Figura Parental x Mau Trato	0.65	0.42	
Formato x Género x Figura Parental	0.33	0.57	
Formato x Género x Mau Trato	0.95	0.33	
Formato x Figura Parental x Mau Trato	0.21	0.65	
Género x Figura Parental x Mau Trato	1.36	0.25	
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	7.00	0.01	*

Tabela 6: Resultados da análise de variância relativos à característica 'Desleixada'.

	F(1,221)	p	
Formato	0.99	0.32	
Género	0.02	0.89	
Figura Parental	1.17	0.28	
Mau Trato	3.08	0.08	
Formato x Género	1.10	0.30	
Formato x Figura Parental	3.78	0.05	*
Género x Figura Parental	0.77	0.38	
Formato x Mau Trato	1.33	0.25	
Género x Mau Trato	0.50	0.48	
Figura Parental x Mau Trato	0.65	0.42	
Formato x Género x Figura Parental	0.31	0.58	
Formato x Género x Mau Trato	2.42	0.12	
Formato x Figura Parental x Mau Trato	2.33	0.13	
Género x Figura Parental x Mau Trato	5.58	0.02	*
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	1.57	0.21	

Tabela 7: Resultados da análise de variância relativos à característica 'Teimosa'.

	F(1,22)	p
Formato	0.20	0.66
Género	0.00	0.99
Figura Parental	0.00	0.99
Mau Trato	0.00	1.00
Formato x Género	0.38	0.54
Formato x Figura Parental	1.28	0.26
Género x Figura Parental	0.59	0.44
Formato x Mau Trato	0.07	0.79
Género x Mau Trato	0.83	0.36
Figura Parental x Mau Trato	1.77	0.18
Formato x Género x Figura Parental	0.01	0.91
Formato x Género x Mau Trato	0.53	0.47
Formato x Figura Parental x Mau Trato	0.60	0.44
Género x Figura Parental x Mau Trato	0.08	0.78
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	0.00	0.99

Tabela 8: Resultados da análise de variância relativos à característica 'Chantagista'.

	F(1,214)	p	
Formato	2.39	0.12	
Género	0.09	0.76	
Figura Parental	4.13	0.04	*
Mau Trato	12.86	0.00	*
Formato x Género	1.18	0.28	
Formato x Figura Parental	0.03	0.86	
Género x Figura Parental	0.08	0.78	
Formato x Mau Trato	4.24	0.04	*
Género x Mau Trato	0.20	0.66	
Figura Parental x Mau Trato	1.66	0.20	
Formato x Género x Figura Parental	0.78	0.38	
Formato x Género x Mau Trato	0.00	0.97	
Formato x Figura Parental x Mau Trato	1.11	0.29	
Género x Figura Parental x Mau Trato	2.21	0.14	
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	0.10	0.75	

Tabela 9: Resultados da análise de variância relativos à característica 'Que não respeita o filho'.

	F(1,220)	p	
Formato	4.10	0.04	*
Género	1.19	0.28	
Figura Parental	0.05	0.83	
Mau Trato	0.70	0.40	
Formato x Género	0.01	0.93	
Formato x Figura Parental	1.22	0.27	
Género x Figura Parental	0.13	0.72	
Formato x Mau Trato	1.10	0.30	
Género x Mau Trato	0.16	0.69	
Figura Parental x Mau Trato	0.93	0.34	
Formato x Género x Figura Parental	0.12	0.73	
Formato x Género x Mau Trato	0.26	0.61	
Formato x Figura Parental x Mau Trato	3.38	0.07	
Género x Figura Parental x Mau Trato	1.22	0.27	
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	0.22	0.64	

Tabela 10: Resultados da análise de variância relativos à característica 'Mentirosa'.

	F(1,22)	p
Formato	1.33	0.25
Género	0.05	0.82
Figura Parental	3.34	0.07
Mau Trato	0.11	0.74
Formato x Género	1.51	0.22
Formato x Figura Parental	3.51	0.06
Género x Figura Parental	0.03	0.87
Formato x Mau Trato	0.03	0.87
Género x Mau Trato	0.37	0.54
Figura Parental x Mau Trato	1.08	0.30
Formato x Género x Figura Parental	2.47	0.12
Formato x Género x Mau Trato	2.78	0.10
Formato x Figura Parental x Mau Trato	3.47	0.06
Género x Figura Parental x Mau Trato	0.02	0.88
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	2.11	0.15

Tabela 11: Resultados da análise de variância relativos à característica 'Carinhosa'.

	F(1,222)	p	
Formato	2.47	0.12	
Género	2.40	0.12	
Figura Parental	0.24	0.62	
Mau Trato	5.83	0.02	*
Formato x Género	0.08	0.77	
Formato x Figura Parental	0.23	0.64	
Género x Figura Parental	2.00	0.16	
Formato x Mau Trato	0.35	0.56	
Género x Mau Trato	0.00	0.96	
Figura Parental x Mau Trato	2.05	0.15	
Formato x Género x Figura Parental	0.01	0.93	
Formato x Género x Mau Trato	1.24	0.27	
Formato x Figura Parental x Mau Trato	0.48	0.49	
Género x Figura Parental x Mau Trato	3.22	0.07	
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	0.01	0.93	

Tabela 12: Resultados da análise de variância relativos à característica 'Meiga'.

	F(1,220)	p	
Formato	0.50	0.48	
Género	1.26	0.26	
Figura Parental	1.54	0.22	
Mau Trato	0.16	0.69	
Formato x Género	0.06	0.81	
Formato x Figura Parental	0.02	0.88	
Género x Figura Parental	0.23	0.63	
Formato x Mau Trato	0.08	0.78	
Género x Mau Trato	0.32	0.57	
Figura Parental x Mau Trato	0.93	0.34	
Formato x Género x Figura Parental	5.83	0.02	*
Formato x Género x Mau Trato	0.11	0.74	
Formato x Figura Parental x Mau Trato	0.06	0.81	
Género x Figura Parental x Mau Trato	2.05	0.15	
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	1.32	0.25	

Tabela 13: Resultados da análise de variância relativos à característica 'Boa'.

	F(1,222)	p	
Formato	0.14	0.71	
Género	4.93	0.03	*
Figura Parental	1.43	0.23	
Mau Trato	3.83	0.05	*
Formato x Género	0.01	0.93	
Formato x Figura Parental	2.18	0.14	
Género x Figura Parental	0.05	0.81	
Formato x Mau Trato	0.05	0.83	
Género x Mau Trato	0.46	0.50	
Figura Parental x Mau Trato	0.08	0.78	
Formato x Género x Figura Parental	0.32	0.57	
Formato x Género x Mau Trato	1.70	0.19	
Formato x Figura Parental x Mau Trato	0.03	0.86	
Género x Figura Parental x Mau Trato	4.49	0.04	*
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	0.05	0.82	

Tabela 14: Resultados da análise de variância relativos à característica 'Simpática'.

	F(1,222)	p	
Formato	0.33	0.57	
Género	2.57	0.11	
Figura Parental	6.23	0.01	*
Mau Trato	2.16	0.14	
Formato x Género	0.02	0.90	
Formato x Figura Parental	1.81	0.18	
Género x Figura Parental	1.63	0.20	
Formato x Mau Trato	0.85	0.36	
Género x Mau Trato	0.30	0.58	
Figura Parental x Mau Trato	0.02	0.89	
Formato x Género x Figura Parental	0.53	0.47	
Formato x Género x Mau Trato	2.10	0.15	
Formato x Figura Parental x Mau Trato	0.01	0.91	
Género x Figura Parental x Mau Trato	0.86	0.35	
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	0.10	0.75	

Tabela 15: Resultados da análise de variância relativos à característica 'Que apoia o filho'.

	F(1,223)	p	
Formato	2.55	0.11	
Género	7.30	0.01	*
Figura Parental	1.49	0.22	
Mau Trato	2.31	0.13	
Formato x Género	0.75	0.39	
Formato x Figura Parental	0.53	0.47	
Género x Figura Parental	0.28	0.59	
Formato x Mau Trato	0.18	0.67	
Género x Mau Trato	3.95	0.05	*
Figura Parental x Mau Trato	1.37	0.24	
Formato x Género x Figura Parental	0.75	0.39	
Formato x Género x Mau Trato	5.07	0.03	*
Formato x Figura Parental x Mau Trato	0.49	0.48	
Género x Figura Parental x Mau Trato	3.90	0.05	*
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	1.02	0.31	

Tabela 16: Resultados da análise de variância relativos à característica 'Inteligente'.

	F(1,224)	p	
Formato	6.32	0.01	*
Género	8.24	0.00	*
Figura Parental	3.45	0.06	
Mau Trato	0.00	0.99	
Formato x Género	3.60	0.06	
Formato x Figura Parental	0.11	0.74	
Género x Figura Parental	0.32	0.57	
Formato x Mau Trato	0.29	0.59	
Género x Mau Trato	0.01	0.92	
Figura Parental x Mau Trato	0.00	1.00	
Formato x Género x Figura Parental	0.07	0.80	
Formato x Género x Mau Trato	0.05	0.82	
Formato x Figura Parental x Mau Trato	0.13	0.72	
Género x Figura Parental x Mau Trato	2.42	0.12	
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	0.33	0.57	

Tabela 17: Resultados da análise de variância relativos à característica 'Que conversa com o filho'.

	F(1,219)	p	
Formato	0.05	0.83	
Género	1.40	0.24	
Figura Parental	1.48	0.22	
Mau Trato	1.28	0.26	
Formato x Género	0.21	0.65	
Formato x Figura Parental	1.23	0.27	
Género x Figura Parental	0.15	0.70	
Formato x Mau Trato	0.01	0.91	
Género x Mau Trato	4.27	0.04	*
Figura Parental x Mau Trato	0.37	0.54	
Formato x Género x Figura Parental	0.18	0.67	
Formato x Género x Mau Trato	0.01	0.92	
Formato x Figura Parental x Mau Trato	0.06	0.80	
Género x Figura Parental x Mau Trato	1.59	0.21	
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	0.21	0.65	

Tabela 18: Resultados da análise de variância relativos à característica 'Culta'.

	F(1,224)	p	
Formato	0.37	0.55	
Género	0.00	0.99	
Figura Parental	6.22	0.01	*
Mau Trato	0.07	0.79	
Formato x Género	0.34	0.56	
Formato x Figura Parental	0.24	0.62	
Género x Figura Parental	0.02	0.89	
Formato x Mau Trato	0.50	0.48	
Género x Mau Trato	1.07	0.30	
Figura Parental x Mau Trato	0.36	0.55	
Formato x Género x Figura Parental	1.23	0.27	
Formato x Género x Mau Trato	0.47	0.49	
Formato x Figura Parental x Mau Trato	3.78	0.05	*
Género x Figura Parental x Mau Trato	0.01	0.91	
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	1.51	0.22	

Tabela 19: Resultados da análise de variância relativos à característica 'Alegre'.

	F(1,218)	p	
Formato	0.74	0.39	
Género	0.00	0.97	
Figura Parental	5.77	0.02	*
Mau Trato	0.01	0.91	
Formato x Género	0.39	0.53	
Formato x Figura Parental	0.11	0.74	
Género x Figura Parental	0.00	0.95	
Formato x Mau Trato	0.11	0.74	
Género x Mau Trato	2.19	0.14	
Figura Parental x Mau Trato	1.65	0.20	
Formato x Género x Figura Parental	0.82	0.37	
Formato x Género x Mau Trato	2.69	0.10	
Formato x Figura Parental x Mau Trato	0.82	0.37	
Género x Figura Parental x Mau Trato	0.08	0.78	
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	0.26	0.61	

Tabela 20: Resultados da análise de variância relativos à característica 'Que se preocupa com a educação do filho'.

	F(1,22)	p
Formato	0.88	0.35
Género	1.53	0.22
Figura Parental	0.21	0.65
Mau Trato	1.65	0.20
Formato x Género	1.39	0.24
Formato x Figura Parental	2.34	0.13
Género x Figura Parental	0.14	0.71
Formato x Mau Trato	0.06	0.80
Género x Mau Trato	0.03	0.87
Figura Parental x Mau Trato	0.04	0.84
Formato x Género x Figura Parental	0.03	0.86
Formato x Género x Mau Trato	1.32	0.25
Formato x Figura Parental x Mau Trato	0.19	0.66
Género x Figura Parental x Mau Trato	1.23	0.27
Formato x Género x Figura Parental x Mau Trato	2.28	0.13

ANEXO B1

Médias relativas à percepção das figuras parentais

Tabela 1: Médias relativas à variável 'percepção das figuras parentais' em função do género, tipo de mau trato e formato da história de maus tratos.

Género	Tipo de Mau Trato	Formato	Percepção das Figuras Parentais
			\bar{x}
Masculino	Psicológico	Com intenção	2.72
		Sem intenção	3.23
	Físico	Com intenção	2.72
		Sem intenção	2.75
Feminino	Psicológico	Com intenção	2.83
		Sem intenção	2.57
	Físico	Com intenção	2.56
		Sem intenção	2.91

Tabela 2: Médias relativas à variável 'que faz sofrer o filho sem razão' em função do género, tipo de mau trato e formato da história de maus tratos.

Género	Tipo de Mau Trato	Formato	'Que faz sofrer o filho sem razão'
			\bar{x}
Masculino	Psicológico	Com intenção	6,47
		Sem intenção	5,37
	Físico	Com intenção	6,47
		Sem intenção	6,22
Feminino	Psicológico	Com intenção	5,75
		Sem intenção	6,25
	Físico	Com intenção	6,60
		Sem intenção	5,97

Tabela 3: Médias relativas à variável 'que faz sofrer o filho sem razão' em função da figura parental, tipo de mau trato e formato da história de maus tratos.

Figura Parental	Tipo de Mau Trato	Formato	'Que faz sofrer o filho sem razão'
			\bar{x}
Pai	Psicológico	Com intenção	6,04
		Sem intenção	6,12
	Físico	Com intenção	6,83
		Sem intenção	5,71
Mãe	Psicológico	Com intenção	6,17
		Sem intenção	5,50
	Físico	Com intenção	6,24
		Sem intenção	6,48

Tabela 4: Médias relativas à variável 'violenta' em função da figura parental e formato da história de maus tratos.

Figura Parental	Formato	'Violenta'
		\bar{x}
Pai	Com intenção	5,84
	Sem intenção	5,13
Mãe	Com intenção	5,38
	Sem intenção	5,66

Tabela 5: Médias relativas à variável 'violenta' em função do género e do tipo de mau trato.

Género	Tipo de Mau Trato	'Violenta'	
			\bar{x}
Masculino	Psicológico		4,48
	Físico		6,17
Feminino	Psicológico		5,44
	Físico		5,92

Tabela 6: Médias relativas à variável 'violenta' em função do género, tipo de mau trato e formato do cenário de maus tratos.

Género	Tipo de Mau Trato	Formato	'Violenta'	
				\bar{x}
Masculino	Psicológico	Com intenção		4,93
		Sem intenção		4,03
	Físico	Com intenção		6,19
		Sem intenção		6,14
Feminino	Psicológico	Com intenção		5,07
		Sem intenção		5,80
	Físico	Com intenção		6,25
		Sem intenção		5,59

Tabela 7: Médias relativas à variável 'desequilibrada' em função do género, tipo de mau trato e formato do cenário de maus tratos.

Género	Tipo de Mau Trato	Formato	'Desequilibrada'	
				\bar{x}
Masculino	Psicológico	Com intenção		5,43
		Sem intenção		4,37
	Físico	Com intenção		5,30
		Sem intenção		4,91
Feminino	Psicológico	Com intenção		4,92
		Sem intenção		5,13
	Físico	Com intenção		5,63
		Sem intenção		4,75

Tabela 8: Médias relativas à variável 'desequilibrada' em função do género, da figura parental, tipo de mau trato e formato do cenário de maus tratos.

Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	Formato	'Desequilibrada'	
					\bar{x}
Masculino	Pai	Psicológico	Com intenção		5,53
			Sem intenção		4,53
		Físico	Com intenção		5,40
			Sem intenção		5,29
	Mãe	Psicológico	Com intenção		5,33
			Sem intenção		4,20
		Físico	Com intenção		5,20
			Sem intenção		4,54
Feminino	Pai	Psicológico	Com intenção		4,78
			Sem intenção		5,56
		Físico	Com intenção		5,93
			Sem intenção		4,00
	Mãe	Psicológico	Com intenção		5,07
			Sem intenção		4,69
		Físico	Com intenção		5,33
			Sem intenção		5,50

Tabela 9: Médias relativas à variável 'que deixa o filho sozinho muito tempo' em função do gênero, da figura parental, tipo de mau trato e formato do cenário de maus tratos.

Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	Formato	'Que deixa o filho sozinho muito tempo'	
					\bar{x}
Masculino	Pai	Psicológico	Com intenção		5,73
			Sem intenção		4,36
	Mãe	Físico	Com intenção		4,07
			Sem intenção		4,73
		Psicológico	Com intenção		4,67
			Sem intenção		5,27
Feminino	Pai	Físico	Com intenção		4,00
			Sem intenção		4,25
	Mãe	Psicológico	Com intenção		5,25
			Sem intenção		6,31
		Físico	Com intenção		4,93
			Sem intenção		4,08
Mãe	Psicológico	Com intenção		4,94	
		Sem intenção		4,46	
	Físico	Com intenção		4,00	
		Sem intenção		5,00	

Tabela 10: Médias relativas à variável 'desleixada' em função da figura parental e formato do cenário de maus tratos.

Figura Parental	Formato	'Desleixada'
		\bar{x}
Pai	Com intenção	4,82
	Sem intenção	4,06
Mãe	Com intenção	4,04
	Sem intenção	4,28

Tabela 11: Médias relativas à variável 'desleixada' em função do gênero, da figura parental e do tipo de mau trato.

Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Desleixada'
			\bar{x}
Masculino	Pai	Psicológico	3,80
		Físico	4,89
	Mãe	Psicológico	4,57
		Físico	4,02
Feminino	Pai	Psicológico	4,42
		Físico	4,65
	Mãe	Psicológico	3,51
		Físico	4,55

Tabela 12: Médias relativas à variável 'chantagista' em função do tipo de mau trato e formato do cenário de maus tratos.

Tipo de Mau Trato	Formato	'Chantagista'
		\bar{x}
Psicológico	Com intenção	5,01
	Sem intenção	4,04
Físico	Com intenção	3,49
	Sem intenção	3,62

Tabela 13: Médias relativas à variável 'meiga' em função do gênero, da figura parental e formato do cenário de maus tratos.

Gênero	Figura Parental	Formato	'Meiga' \bar{x}
Masculino	Pai	Com intenção	2,18
		Sem intenção	1,83
	Mãe	Com intenção	1,60
		Sem intenção	2,12
Feminino	Pai	Com intenção	1,55
		Sem intenção	2,22
	Mãe	Com intenção	1,71
		Sem intenção	1,40

Tabela 14: Médias relativas à variável 'boa' em função do gênero, da figura parental e tipo de mau trato.

Gênero	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Boa' \bar{x}
Masculino	Pai	Psicológico	2,63
		Físico	1,77
	Mãe	Psicológico	2,00
		Físico	1,85
Feminino	Pai	Psicológico	1,62
		Físico	1,83
	Mãe	Psicológico	1,89
		Físico	1,18

Tabela 15: Médias relativas à variável 'que apoia o filho' em função do gênero e do tipo de mau trato.

Gênero	Tipo de Mau Trato	'Que apoia o filho' \bar{x}
Masculino	Psicológico	2,52
	Físico	1,81
Feminino	Psicológico	1,57
	Físico	1,67

Tabela 16: Médias relativas à variável 'que apoia o filho' em função do gênero, do tipo de mau trato e do formato do cenário de maus tratos.

Gênero	Tipo de Mau Trato	Formato	'Que apoia o filho' \bar{x}
Masculino	Psicológico	Com intenção	2,00
		Sem intenção	3,03
	Físico	Com intenção	1,83
		Sem intenção	1,79
Feminino	Psicológico	Com intenção	1,68
		Sem intenção	1,46
	Físico	Com intenção	1,41
		Sem intenção	1,93

Tabela 17: Médias relativas à variável 'que apoia o filho' em função do género, da figura parental e do tipo de mau trato.

Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Que apoia o filho'
			\bar{x}
Masculino	Pai	Psicológico	2,67
		Físico	1,80
	Mãe	Psicológico	2,37
		Físico	1,82
Feminino	Pai	Psicológico	1,43
		Físico	2,16
	Mãe	Psicológico	1,71
		Físico	1,18

Tabela 18: Médias relativas à variável 'que conversa com o filho' em função do género e do tipo de mau trato.

Género	Tipo de Mau Trato	'Que conversa com o filho'
		\bar{x}
Masculino	Psicológico	2,77
	Físico	2,05
Feminino	Psicológico	2,04
	Físico	2,25

Tabela 19: Médias relativas à variável 'cultura' em função da figura parental, do tipo de mau trato e do formato do cenário de maus tratos.

Figura Parental	Tipo de Mau Trato	Form ato	'Culta'
			\bar{x}
Pai	Psicológico	Com intenção	2,91
		Sem intenção	2,37
	Físico	Com intenção	2,28
		Sem intenção	2,86
Mãe	Psicológico	Com intenção	1,74
		Sem intenção	2,23
	Físico	Com intenção	2,18
		Sem intenção	2,15

ANEXO B2

**Resultados estatísticos resultantes do tratamento
da variável 'Percepção das Figuras Parentais'**

**Características de personalidade e comportamentais conotadas
negativamente**

CARACTERÍSTICA COMPORTAMENTAL: 'QUE FAZ SOFRER O FILHO SEM RAZÃO'

Tabela 1: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Que faz sofrer o filho sem razão'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	6,533333	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	6,866667	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	6,400000	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	6,071429	14
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	5,555555	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	6,785714	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	5,937500	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	6,416667	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	5,733333	15
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	5,666667	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	5,000000	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	6,769231	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	6,500000	16
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	5,750000	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	6,000000	13
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	6,200000	20
Todos os grupos				6,126050	238

Tabela 2: Resumo de todos os efeitos

1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

EFEITO	df Effect	MS Effect	df Error	MS Error	F	p-
level						
1	1	7,94254	222	3,075114	2,582844	,109449
2	1	,01004	222	3,075114	,003264	,954495
3	1	,32520	222	3,075114	,105752	,745339
4	1	7,51211	222	3,075114	2,442872	,119484
12	1	5,51745	222	3,075114	1,794225	,181782
13	1	1,39405	222	3,075114	,453334	,501456
23	1	,24931	222	3,075114	,081075	,776111
14	1	,28824	222	3,075114	,093732	,759773
24	1	,27452	222	3,075114	,089272	,765385
34	1	1,72327	222	3,075114	,560393	,454894
123	1	1,69253	222	3,075114	,550396	,458940
124	1*	14,31437*	222*	3,075114*	4,654908*	,032039*
134	1*	16,11616*	222*	3,075114*	5,240831*	,023003*
234	1	,86898	222	3,075114	,282583	,595544
1234	1	,58039	222	3,075114	,188739	,664391

Tabela 3: Médias relativas ao efeito de interação significativo
 $F(1,222)=4,65; p<,0320$

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Que faz sofrer o filho sem razão'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
1	1	1	6,466667
1	1	2	6,469048
1	2	1	5,746528
1	2	2	6,601191
2	1	1	5,366667
2	1	2	6,217949
2	2	1	6,250000
2	2	2	5,975000

Tabela 4: Post Hoc Teste
 Interação: 1 x 2 x 4

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{1}	{2}	{3}
1	1	1	{1}		1,000000	,756281
1	1	2	{2}	1,000000		,769058
1	2	1	{3}	,756281	,769058	
1	2	2	{4}	,999994	,999995	,649213
2	1	1	{5}	,226950	,244207	,990881
2	1	2	{6}	,999502	,999470	,973727
2	2	1	{7}	,999776	,999759	,958418
2	2	2	{8}	,959913	,962466	,999559

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{4}	{5}	{6}
1	1	1	{1}	,999994	,226950	,999502
1	1	2	{2}	,999995	,244207	,999470
1	2	1	{3}	,649213	,990881	,973727
1	2	2	{4}		,179352	,993770
2	1	1	{5}	,179352		,608834
2	1	2	{6}	,993770	,608834	
2	2	1	{7}	,996375	,538266	1,000000
2	2	2	{8}	,903795	,882158	,999574

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{7}	{8}
1	1	1	{1}	,999776	,959913
1	1	2	{2}	,999759	,962466
1	2	1	{3}	,958418	,999559
1	2	2	{4}	,996375	,903795
2	1	1	{5}	,538266	,882158
2	1	2	{6}	1,000000	,999574
2	2	1	{7}		,998922
2	2	2	{8}	,998922	

Tabela 5: Médias relativas ao efeito de interação significativo
 $F(1,222)=5,24; p<,0230$

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Que faz sofrer o filho sem razão'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
1	1	1	6,044445
1	1	2	6,826190
1	2	1	6,168750
1	2	2	6,244048
2	1	1	6,116667
2	1	2	5,708333
2	2	1	5,500000
2	2	2	6,484615

Tabela 6: Post Hoc Test
Interacção: 1 x 3 x 4

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{1}	{2}	{3}
1	1	1	{1}	6,044445	6,826190	6,168750
1	1	2	{2}	,688975	,688975	,999994
1	2	1	{3}	,999994	,844694	,844694
1	2	2	{4}	,999911	,933080	1,000000
2	1	1	{5}	1,000000	,785322	1,000000
2	1	2	{6}	,996903	,270598	,979275
2	2	1	{7}	,942639	,087751	,845030
2	2	2	{8}	,971651	,995714	,996764

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{4}	{5}	{6}
1	1	1	{1}	6,244048	6,116667	5,708333
1	1	2	{2}	,999911	1,000000	,996903
1	2	1	{3}	,933080	,785322	,270598
1	2	2	{4}	1,000000	1,000000	,979275
2	1	1	{5}	,999996	,999996	,956711
2	1	2	{6}	,956711	,989743	,989743
2	2	1	{7}	,791449	,893217	,999865
2	2	2	{8}	,999688	,991694	,734312

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{7}	{8}
1	1	1	{1}	5,500000	6,484615
1	1	2	{2}	,942639	,971651
1	2	1	{3}	,087751	,995714
1	2	2	{4}	,845030	,996764
2	1	1	{5}	,791449	,999688
2	1	2	{6}	,893217	,991694
2	2	1	{7}	,999865	,734312
2	2	2	{8}	,414213	,414213

CARACTERÍSTICA DE PERSONALIDADE: 'VIOLENTA'

Tabela 7: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Violenta'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	5,400000	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	6,642857	14
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	4,466667	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	5,733333	15
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	5,333333	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	6,000000	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	4,812500	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	6,500000	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	3,866667	15
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	6,133333	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	4,200000	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	6,153846	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	5,687500	16
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	4,833333	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	5,916667	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	6,350000	20
Todos os grupos				5,493671	237

Tabela 8: Resumo de todos os efeitos
1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

level	Effect	df Effect	MS Effect	df Error	MS Error	F	p-
1	1	1	2,77480	221	3,579404	,77521	,379566
2	1	1	7,31274	221	3,579404	2,04301	,154319
3	1	1	,05061	221	3,579404	,01414	,905454
4	1*	1*	68,21007*	221*	3,579404*	19,05626*	,000019*
12	1	1	3,74763	221	3,579404	1,04700	,307318
13	1*	1*	14,27592*	221*	3,579404*	3,98835*	,047042*
23	1	1	9,38792	221	3,579404	2,62276	,106767
14	1	1	1,02889	221	3,579404	,28745	,592401
24	1*	1*	20,91031*	221*	3,579404*	5,84184*	,016461*
34	1	1	3,70583	221	3,579404	1,03532	,310025
123	1	1	,16807	221	3,579404	,04695	,828650
124	1*	1*	18,28905*	221*	3,579404*	5,10952*	,024769*
134	1	1	,00445	221	3,579404	,00124	,971909
234	1	1	6,13104	221	3,579404	1,71286	,191973
1234	1	1	,33078	221	3,579404	,09241	,761420

Tabela 9: Médias relativas ao efeito principal significativo
F(1,221)=19,06; p<,0000

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Violenta'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
....	1	4,960417
....	2	6,043338

Tabela 10: Médias relativas ao efeito de interacção significativo
F(1,221)=3,99; p<,0470

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Violenta'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
1	1	5,844048
1	2	5,378125
2	1	5,130208
2	2	5,655128

Tabela 11: Post Hoc Teste
Interacção: 1 x 3

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{1}	{2}	{3}
					5,844048	5,378125	5,130208
1	1	{1}		,546151	,176250
1	2	{2}	,546151		,894894
2	1	{3}	,176250	,894894	
2	2	{4}	,947410	,859742	,441017

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{4}
					5,655128
1	1	{1}	,947410
1	2	{2}	,859742
2	1	{3}	,441017
2	2	{4}	

Tabela 12: Médias relativas ao efeito de interacção significativo
 $F(1,221)=5,84; p<,0165$

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Violenta'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
....	1	1	4,483333
....	1	2	6,165843
....	2	1	5,437500
....	2	2	5,920833

Tabela 13: Post Hoc Teste
 Interacção: 2 x 4

					{1}	{2}	{3}
1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		4,483333	6,165843	5,437500
....	1	1	{1}		,000019*	,029317*
....	1	2	{2}	,000019*		,168040
....	2	1	{3}	,029317*	,168040	
....	2	2	{4}	,000255*	,900446	,514609

					{4}
1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		5,920833
....	1	1	{1}	,000255*
....	1	2	{2}	,900446
....	2	1	{3}	,514609
....	2	2	{4}	

Tabela 14: Médias relativas ao efeito de interacção significativo
 $F(1,221)=5,11; p<,0248$

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Violenta'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
1	1	1	4,933333
1	1	2	6,188095
1	2	1	5,072917
1	2	2	6,250000
2	1	1	4,033333
2	1	2	6,143590
2	2	1	5,802083
2	2	2	5,591667

Tabela 15: Post Hoc Teste
 Interacção: 1 x 2 x 4

					{1}	{2}	{3}
1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		4,933333	6,188095	5,072917
1	1	1	{1}		,184566	,999992
1	1	2	{2}	,184566		,324996
1	2	1	{3}	,999992	,324996	
1	2	2	{4}	,191307	1,000000	,325750
2	1	1	{5}	,590862	,000404*	,396554
2	1	2	{6}	,244341	1,000000	,403433
2	2	1	{7}	,675415	,994874	,837659
2	2	2	{8}	,880461	,932077	,957698

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{4}	{5}	{6}
					6,250000	4,033333	6,143590
1	1	1	{1}	,191307	,590862	,244341
1	1	2	{2}	1,000000	,000404*	1,000000
1	2	1	{3}	,325750	,396554	,403433
1	2	2	{4}		,000648*	,999999
2	1	1	{5}	,000648*		,000802*
2	1	2	{6}	,999999	,000802*	
2	2	1	{7}	,989882	,011071*	,997623
2	2	2	{8}	,915230	,030846*	,958773

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{7}	{8}
					5,802083	5,591667
1	1	1	{1}	,675415	,880461
1	1	2	{2}	,994874	,932077
1	2	1	{3}	,837659	,957698
1	2	2	{4}	,989882	,915230
2	1	1	{5}	,011071*	,030846*
2	1	2	{6}	,997623	,958773
2	2	1	{7}		,999902
2	2	2	{8}	,999902	

CARACTERÍSTICA DE PERSONALIDADE: 'AUTORITÁRIA'

Tabela 16: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Autoritária'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	4,400000	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	5,133333	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	5,500000	14
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	5,066667	15
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	5,722222	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	6,615385	13
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	5,937500	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	5,500000	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	4,750000	16
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	4,733333	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	4,533333	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	5,384615	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	6,235294	17
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	5,000000	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	5,846154	13
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	5,100000	20
Todos os grupos				5,334728	239

Tabela 17: Resumo de todos os efeitos
1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

Effect	df	MS	df	MS	F	p-level
Effect	Effect	Effect	Error	Error		
1	1	4,81413	223	3,765412	1,27851	,259390
2	1*	38,17463*	223*	3,765412*	10,13823*	,001660*
3	1	,07116	223	3,765412	,01890	,890784
4	1	,14018	223	3,765412	,03723	,847178
12	1	,73373	223	3,765412	,19486	,659330
13	1	,00014	223	3,765412	,00004	,995185
23	1	6,46834	223	3,765412	1,71783	,191321
14	1	3,31583	223	3,765412	,88060	,349052
24	1	6,48395	223	3,765412	1,72198	,190788
34	1	1,19107	223	3,765412	,31632	,574393
123	1	1,34057	223	3,765412	,35602	,551329
124	1	8,09027	223	3,765412	2,14858	,144111
134	1	13,61016	223	3,765412	3,61452	,058566
234	1	,26992	223	3,765412	,07168	,789149
1234	1	,04227	223	3,765412	,01123	,915712

Tabela 18: Médias relativas ao efeito principal significativo
F(1,223)=10,14; p<,0017

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Autoritária'
1-Com intenção	1-Masculino	1-Pai	1-Psicológico	
2-Sem intenção	2-Feminino	2-Mãe	2-Físico	
....	1	4,937660
....	2	5,744569

CARACTERÍSTICA DE PERSONALIDADE: 'DESEQUILIBRADA'

Tabela 19: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Desequilibrada'	N
1-Com intenção	1-Masculino	1-Pai	1-Psicológico		
2-Sem intenção	2-Feminino	2-Mãe	2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	5,533333	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	5,400000	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	5,333333	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	5,200000	15
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	4,777778	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	5,928571	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	5,066667	15
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	5,333333	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	4,533333	15
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	5,285714	14
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	4,200000	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	4,538462	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	5,562500	16
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	4,000000	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	4,692307	13
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	5,500000	20
Todos os grupos				5,075949	237

Tabela 20: Resumo de todos os efeitos
1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

Effect	df	MS	df	MS	F	p-level
Effect	Effect	Effect	Error	Error		
1	1*	16,53191*	221*	2,754001*	6,002867*	,015060*
2	1	,63796	221	2,754001	,231648	,630781
3	1	1,21934	221	2,754001	,442751	,506491
4	1	2,01318	221	2,754001	,731002	,393484
12	1	2,20944	221	2,754001	,802265	,371392
13	1	,05948	221	2,754001	,021598	,883295
23	1	2,96385	221	2,754001	1,076196	,300684
14	1	,60453	221	2,754001	,219510	,639875
24	1	,02376	221	2,754001	,008627	,926081
34	1	1,04681	221	2,754001	,380106	,538181
123	1	2,38036	221	2,754001	,864329	,353545
124	1*	11,34634*	221*	2,754001*	4,119947*	,043579*
134	1	7,34717	221	2,754001	2,667817	,103820
234	1	3,28747	221	2,754001	1,193706	,275773
1234	1*	12,25396*	221*	2,754001*	4,449510*	,036037*

Tabela 21: Médias relativas ao efeito principal significativo
F(1,221)=6,00; p<,0151

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Desequilibrada'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
1	5,321627
2	4,789040

Tabela 22: Médias relativas ao efeito de interacção significativo
F(1,221)=4,12; p<,0436

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Desequilibrada'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
1	1	1	5,433333
1	1	2	5,300000
1	2	1	4,922222
1	2	2	5,630952
2	1	1	4,366667
2	1	2	4,912088
2	2	1	5,127404
2	2	2	4,750000

Tabela 23: Post Hoc Teste
Interacção: 1 x 2 x 4

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{1}	{2}	{3}
					5,433333	5,300000	4,922222
1	1	1	{1}		,999986	,934245
1	1	2	{2}	,999986		,987734
1	2	1	{3}	,934245	,987734	
1	2	2	{4}	,999879	,996470	,785824
2	1	1	{5}	,199792	,364952	,900483
2	1	2	{6}	,944575	,989505	1,000000
2	2	1	{7}	,996965	,999930	,999775
2	2	2	{8}	,753716	,905204	,999904

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{4}	{5}	{6}
					5,630952	4,366667	4,912088
1	1	1	{1}	,999879	,199792	,944575
1	1	2	{2}	,996470	,364952	,989505
1	2	1	{3}	,785824	,900483	1,000000
1	2	2	{4}		,108850	,773193
2	1	1	{5}	,108850		,929994
2	1	2	{6}	,773193	,929994	
2	2	1	{7}	,958261	,657092	,999756
2	2	2	{8}	,541134	,986628	,999964

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{7}	{8}
					5,127404	4,750000
1	1	1	{1}	,996965	,753716
1	1	2	{2}	,999930	,905204
1	2	1	{3}	,999775	,999904
1	2	2	{4}	,958261	,541134
2	1	1	{5}	,657092	,986628
2	1	2	{6}	,999756	,999964
2	2	1	{7}		,988974
2	2	2	{8}	,988974	

Tabela 24: Médias relativas ao efeito de interacção significativo
 $F(1,221)=4,45$; $p<,0360$

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Desequilibrada'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
1	1	1	1	5,533333
1	1	1	2	5,400000
1	1	2	1	5,333333
1	1	2	2	5,200000
1	2	1	1	4,777778
1	2	1	2	5,928571
1	2	2	1	5,066667
1	2	2	2	5,333333
2	1	1	1	4,533333
2	1	1	2	5,285714
2	1	2	1	4,200000
2	1	2	2	4,538462
2	2	1	1	5,562500
2	2	1	2	4,000000
2	2	2	1	4,692307
2	2	2	2	5,500000

Tabela 25: Post Hoc Teste
 Interação: 1 x 2 x 3 x 4

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{1}	{2}	{3}
					5,533333	5,400000	5,333333
1	1	1	1	{1}		1,000000	1,000000
1	1	1	2	{2}	1,000000		1,000000
1	1	2	1	{3}	1,000000	1,000000	
1	1	2	2	{4}	1,000000	1,000000	1,000000
1	2	1	1	{5}	,997446	,999735	,999936
1	2	1	2	{6}	1,000000	,999978	,999901
1	2	2	1	{7}	,999993	1,000000	1,000000
1	2	2	2	{8}	1,000000	1,000000	1,000000
2	1	1	1	{9}	,959009	,989174	,995254
2	1	1	2	{10}	1,000000	1,000000	1,000000
2	1	2	1	{11}	,697162	,836556	,889586
2	1	2	2	{12}	,979425	,995123	,997974
2	2	1	1	{13}	1,000000	1,000000	1,000000
2	2	1	2	{14}	,651315	,786721	,843075
2	2	2	1	{15}	,996231	,999471	,999842
2	2	2	2	{16}	1,000000	1,000000	1,000000

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{4}	{5}	{6}
					5,200000	4,777778	5,928571
1	1	1	1	{1}	1,000000	,997446	1,000000
1	1	1	2	{2}	1,000000	,999735	,999978
1	1	2	1	{3}	1,000000	,999936	,999901
1	1	2	2	{4}		,999998	,998852
1	2	1	1	{5}	,999998		,904064
1	2	1	2	{6}	,998852	,904064	
1	2	2	1	{7}	1,000000	1,000000	,992784
1	2	2	2	{8}	1,000000	,999985	,999963
2	1	1	1	{9}	,999392	1,000000	,679830
2	1	1	2	{10}	1,000000	,999987	,999741
2	1	2	1	{11}	,959009	,999894	,294982
2	1	2	2	{12}	,999766	1,000000	,742046
2	2	1	1	{13}	1,000000	,994555	1,000000
2	2	1	2	{14}	,926670	,998998	,242585
2	2	2	1	{15}	,999992	1,000000	,876820
2	2	2	2	{16}	1,000000	,995785	,999999

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{7}	{8}	{9}
					5,066667	5,333333	4,533333
1	1	1	1	{1}	,999993	1,000000	,959009
1	1	1	2	{2}	1,000000	1,000000	,989174
1	1	2	1	{3}	1,000000	1,000000	,995254
1	1	2	2	{4}	1,000000	1,000000	,999392
1	2	1	1	{5}	1,000000	,999985	1,000000
1	2	1	2	{6}	,992784	,999963	,679830
1	2	2	1	{7}		1,000000	,999962
1	2	2	2	{8}	1,000000		,998614
2	1	1	1	{9}	,999962	,998614	
2	1	1	2	{10}	1,000000	1,000000	,998343
2	1	2	1	{11}	,989174	,953971	1,000000
2	1	2	2	{12}	,999987	,998712	1,000000
2	2	1	1	{13}	,999985	1,000000	,947740
2	2	1	2	{14}	,972953	,843075	,999991
2	2	2	1	{15}	1,000000	,999904	1,000000
2	2	2	2	{16}	,999998	1,000000	,969556

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{10}	{11}	{12}
					5,285714	4,200000	4,538462
1	1	1	1	{1}	1,000000	,697162	,979425
1	1	1	2	{2}	1,000000	,836556	,995123
1	1	2	1	{3}	1,000000	,889586	,997974
1	1	2	2	{4}	1,000000	,959009	,999766
1	2	1	1	{5}	,999987	,999894	1,000000
1	2	1	2	{6}	,999741	,294982	,742046
1	2	2	1	{7}	1,000000	,989174	,999987
1	2	2	2	{8}	1,000000	,953971	,998712
2	1	1	1	{9}	,998343	1,000000	1,000000
2	1	1	2	{10}		,938943	,998998
2	1	2	1	{11}	,938943		1,000000
2	1	2	2	{12}	,998998	1,000000	
2	2	1	1	{13}	1,000000	,662244	,973140
2	2	1	2	{14}	,877511	1,000000	,999990
2	2	2	1	{15}	,999940	,999995	1,000000
2	2	2	2	{16}	1,000000	,735492	,985127

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{13}	{14}	{15}
					5,562500	4,000000	4,692307
1	1	1	1	{1}	1,000000	,651315	,996231
1	1	1	2	{2}	1,000000	,786721	,999471
1	1	2	1	{3}	1,000000	,843075	,999842
1	1	2	2	{4}	1,000000	,926670	,999992
1	2	1	1	{5}	,994555	,998998	1,000000
1	2	1	2	{6}	1,000000	,242585	,876820
1	2	2	1	{7}	,999985	,972953	1,000000
1	2	2	2	{8}	1,000000	,843075	,999904
2	1	1	1	{9}	,947740	,999991	1,000000
2	1	1	2	{10}	1,000000	,877511	,999940
2	1	2	1	{11}	,662244	1,000000	,999995
2	1	2	2	{12}	,973140	,999990	1,000000
2	2	1	1	{13}		,619044	,994580
2	2	1	2	{14}	,619044		,999750
2	2	2	1	{15}	,994580	,999750	
2	2	2	2	{16}	1,000000	,687333	,997578

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{16}
					5,500000
1	1	1	1	{1}	1,000000
1	1	1	2	{2}	1,000000
1	1	2	1	{3}	1,000000
1	1	2	2	{4}	1,000000
1	2	1	1	{5}	,995785
1	2	1	2	{6}	,999999
1	2	2	1	{7}	,999998
1	2	2	2	{8}	1,000000
2	1	1	1	{9}	,969556
2	1	1	2	{10}	1,000000
2	1	2	1	{11}	,735492
2	1	2	2	{12}	,985127
2	2	1	1	{13}	1,000000
2	2	1	2	{14}	,687333
2	2	2	1	{15}	,997578
2	2	2	2	{16}	

CARACTERÍSTICA DE PERSONALIDADE: 'QUE DEIXA O FILHO SOZINHO MUITO TEMPO'

Tabela 26: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Que deixa o filho sozinho muito tempo'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	5,733333	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	4,066667	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	4,666667	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	4,000000	15
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	5,250000	16
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	4,928571	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	4,937500	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	4,000000	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	4,357143	14
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	4,733333	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	5,266667	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	4,250000	12
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	6,312500	16
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	4,083333	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	4,461538	13
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	5,000000	20
Todos os grupos				4,795745	235

Tabela 27: Resumo de todos os efeitos

1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

Effect	df	MS	df	MS	F	p-level
Effect	Effect	Effect	Error	Error		
1	1	,70220	219	4,305854	,163080	,686731
2	1	3,25898	219	4,305854	,756873	,385261
3	1	7,50384	219	4,305854	1,742708	,188174
4	1*	31,68772*	219*	4,305854*	7,359218*	,007202*
12	1	,32601	219	4,305854	,075714	,783451
13	1	3,14561	219	4,305854	,730544	,393641
23	1	1,94682	219	4,305854	,452134	,502032
14	1	1,43624	219	4,305854	,333556	,564166
24	1	,00053	219	4,305854	,000123	,991176
34	1	2,79335	219	4,305854	,648734	,421439
123	1	1,41732	219	4,305854	,329162	,566741
124	1	4,07672	219	4,305854	,946785	,331613
134	1	,88665	219	4,305854	,205917	,650436
234	1	5,84680	219	4,305854	1,357872	,245174
1234	1*	30,13565*	219*	4,305854*	6,998763*	,008748*

Tabela 28: Médias relativas ao efeito principal significativo

F(1,219)=7,36; p<,0072

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Que deixa o filho sozinho muito tempo'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
....	1	5,123168
....	2	4,382738

Tabela 29: Médias relativas ao efeito de interação significativo
 $F(1,219)=7,00; p<,0087$

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Que deixa o filho sozinho muito tempo'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
1	1	1	1	5,733333
1	1	1	2	4,066667
1	1	2	1	4,666667
1	1	2	2	4,000000
1	2	1	1	5,250000
1	2	1	2	4,928571
1	2	2	1	4,937500
1	2	2	2	4,000000
2	1	1	1	4,357143
2	1	1	2	4,733333
2	1	2	1	5,266667
2	1	2	2	4,250000
2	2	1	1	6,312500
2	2	1	2	4,083333
2	2	2	1	4,461538
2	2	2	2	5,000000

Tabela 30: Post Hoc Teste
 Interação: 1 x 2 x 3 x 4

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{1}	{2}	{3}
					5,733333	4,066667	4,666667
1	1	1	1	{1}		,697659	,990764
1	1	1	2	{2}	,697659		,999991
1	1	2	1	{3}	,990764	,999991	
1	1	2	2	{4}	,633111	1,000000	,999962
1	2	1	1	{5}	1,000000	,974877	,999994
1	2	1	2	{6}	,999737	,999400	1,000000
1	2	2	1	{7}	,999651	,998985	1,000000
1	2	2	2	{8}	,799096	1,000000	,999991
2	1	1	1	{9}	,931901	1,000000	1,000000
2	1	1	2	{10}	,995270	,999962	1,000000
2	1	2	1	{11}	1,000000	,971472	,999991
2	1	2	2	{12}	,933030	1,000000	1,000000
2	2	1	1	{13}	,999994	,184321	,717042
2	2	1	2	{14}	,853536	1,000000	,999999
2	2	2	1	{15}	,974751	1,000000	1,000000
2	2	2	2	{16}	,999873	,997768	1,000000

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{4}	{5}	{6}
					4,000000	5,250000	4,928571
1	1	1	1	{1}	,633111	1,000000	,999737
1	1	1	2	{2}	1,000000	,974877	,999400
1	1	2	1	{3}	,999962	,999994	1,000000
1	1	2	2	{4}		,959120	,998571
1	2	1	1	{5}	,959120		1,000000
1	2	1	2	{6}	,998571	1,000000	
1	2	2	1	{7}	,997654	1,000000	1,000000
1	2	2	2	{8}	1,000000	,985287	,999418
2	1	1	1	{9}	1,000000	,999091	,999997
2	1	1	2	{10}	,999873	,999999	1,000000
2	1	2	1	{11}	,954229	1,000000	1,000000
2	1	2	2	{12}	1,000000	,998619	,999989
2	2	1	1	{13}	,147683	,987742	,928815
2	2	1	2	{14}	1,000000	,992616	,999814
2	2	2	1	{15}	1,000000	,999871	1,000000
2	2	2	2	{16}	,995270	1,000000	1,000000

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{7}	{8}	{9}
					4,937500	4,000000	4,357143
1	1	1	1	{1}	,999651	,799096	,931901
1	1	1	2	{2}	,998985	1,000000	1,000000
1	1	2	1	{3}	1,000000	,999991	1,000000
1	1	2	2	{4}	,997654	1,000000	1,000000
1	2	1	1	{5}	1,000000	,985287	,999091
1	2	1	2	{6}	1,000000	,999418	,999997
1	2	2	1	{7}		,999348	,999996
1	2	2	2	{8}	,999348		1,000000
2	1	1	1	{9}	,999996	1,000000	
2	1	1	2	{10}	1,000000	,999969	1,000000
2	1	2	1	{11}	1,000000	,983286	,998874
2	1	2	2	{12}	,999987	1,000000	1,000000
2	2	1	1	{13}	,887906	,311152	,476641
2	2	1	2	{14}	,999788	1,000000	1,000000
2	2	2	1	{15}	1,000000	1,000000	1,000000
2	2	2	2	{16}	1,000000	,998619	,999985

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{10}	{11}	{12}
					4,733333	5,266667	4,250000
1	1	1	1	{1}	,995270	1,000000	,933030
1	1	1	2	{2}	,999962	,971472	1,000000
1	1	2	1	{3}	1,000000	,999991	1,000000
1	1	2	2	{4}	,999873	,954229	1,000000
1	2	1	1	{5}	,999999	1,000000	,998619
1	2	1	2	{6}	1,000000	1,000000	,999989
1	2	2	1	{7}	1,000000	1,000000	,999987
1	2	2	2	{8}	,999969	,983286	1,000000
2	1	1	1	{9}	1,000000	,998874	1,000000
2	1	1	2	{10}		,999998	1,000000
2	1	2	1	{11}	,999998		,998334
2	1	2	2	{12}	1,000000	,998334	
2	2	1	1	{13}	,775647	,992445	,520997
2	2	1	2	{14}	,999994	,991464	1,000000
2	2	2	1	{15}	1,000000	,999833	1,000000
2	2	2	2	{16}	1,000000	1,000000	,999959

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{13}	{14}	{15}
					6,312500	4,083333	4,461538
1	1	1	1	{1}	,999994	,853536	,974751
1	1	1	2	{2}	,184321	1,000000	1,000000
1	1	2	1	{3}	,717042	,999999	1,000000
1	1	2	2	{4}	,147683	1,000000	1,000000
1	2	1	1	{5}	,987742	,992616	,999871
1	2	1	2	{6}	,928815	,999814	1,000000
1	2	2	1	{7}	,887906	,999788	1,000000
1	2	2	2	{8}	,311152	1,000000	1,000000
2	1	1	1	{9}	,476641	1,000000	1,000000
2	1	1	2	{10}	,775647	,999994	1,000000
2	1	2	1	{11}	,992445	,991464	,999833
2	1	2	2	{12}	,520997	1,000000	1,000000
2	2	1	1	{13}		,376299	,643170
2	2	1	2	{14}	,376299		1,000000
2	2	2	1	{15}	,643170	1,000000	
2	2	2	2	{16}	,920744	,999501	,999999

1-Formato	2-Gênero	3-F.Parental	4-Mau Trato		{16}
					5,000000
1	1	1	1	{1}	,999873
1	1	1	2	{2}	,997768
1	1	2	1	{3}	1,000000
1	1	2	2	{4}	,995270
1	2	1	1	{5}	1,000000
1	2	1	2	{6}	1,000000
1	2	2	1	{7}	1,000000
1	2	2	2	{8}	,998619
2	1	1	1	{9}	,999985
2	1	1	2	{10}	1,000000
2	1	2	1	{11}	1,000000
2	1	2	2	{12}	,999959
2	2	1	1	{13}	,920744
2	2	1	2	{14}	,999501
2	2	2	1	{15}	,999999
2	2	2	2	{16}	

CARACTERÍSTICA DE PERSONALIDADE: 'DESLEIXADA'

Tabela 31: Médias de todos os grupos testados

Formato	Gênero	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Desleixada'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	4,800000	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	5,066667	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	4,200000	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	4,266667	15
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	4,277778	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	5,142857	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	2,937500	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	4,750000	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2,800000	15
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	4,714286	14
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	4,933333	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	3,769231	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	4,562500	16
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	4,166667	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	4,083333	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	4,350000	20
Todos os grupos				4,295359	237

Tabela 32: Resumo de todos os efeitos

1-formato, 2-gênero, 3-figura parental, 4-mau trato

Effect	df Effect	MS Effect	df Error	MS Error	F	p-level
1	1	3,86458	221	3,894790	,992243	,320284
2	1	,07102	221	3,894790	,018235	,892706
3	1	4,56287	221	3,894790	1,171532	,280266
4	1	11,98808	221	3,894790	3,077978	,080745
12	1	4,28286	221	3,894790	1,099638	,295491
13	1*	14,72759*	221*	3,894790*	3,781357*	,053096*
23	1	3,00125	221	3,894790	,770581	,380991
14	1	5,19078	221	3,894790	1,332750	,249563
24	1	1,95024	221	3,894790	,500731	,479925
34	1	2,52994	221	3,894790	,649571	,421133
123	1	1,20395	221	3,894790	,309118	,578785
124	1	9,44400	221	3,894790	2,424778	,120861
134	1	9,09406	221	3,894790	2,334930	,127931
234	1*	21,71661*	221*	3,894790*	5,575811*	,019079*
1234	1	6,11275	221	3,894790	1,569468	,211608

Tabela 33: Médias relativas ao efeito de interacção significativo
 $F(1,221)=3,78; p<,0531$

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Desleixada'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
1	1	4,821826
1	2	4,038542
2	1	4,060863
2	2	4,283974

Tabela 34: Post Hoc Teste
 Interacção: 1 x 3

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{1}	{2}	{3}
					4,821826	4,038542	4,060863
1	1	{1}		,141331	,166911
1	2	{2}	,141331		,999921
2	1	{3}	,166911	,999921	
2	2	{4}	,441865	,908537	,930991

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{4}
					4,283974
1	1	{1}	,441865
1	2	{2}	,908537
2	1	{3}	,930991
2	2	{4}	

Tabela 35: Médias relativas ao efeito de interacção significativo
 $F(1,221)=5,58; p<,0191$

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Desleixada'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
....	1	1	1	3,800000
....	1	1	2	4,890476
....	1	2	1	4,566667
....	1	2	2	4,017949
....	2	1	1	4,420139
....	2	1	2	4,654762
....	2	2	1	3,510417
....	2	2	2	4,550000

Tabela 36: Post Hoc Teste
 Interacção: 2 x 3 x 4

1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		{1}	{2}	{3}
					3,800000	4,890476	4,566667
....	1	1	1	{1}		,412134	,805346
....	1	1	2	{2}	,412134		,998556
....	1	2	1	{3}	,805346	,998556	
....	1	2	2	{4}	,999906	,716898	,968296
....	2	1	1	{5}	,927185	,985455	,999992
....	2	1	2	{6}	,773323	,999876	1,000000
....	2	2	1	{7}	,999378	,149824	,480009
....	2	2	2	{8}	,822635	,998007	1,000000

					{4}	{5}	{6}
1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		4,017949	4,420139	4,654762
....	1	1	1	{1}	,999906	,927185	,773323
....	1	1	2	{2}	,716898	,985455	,999876
....	1	2	1	{3}	,968296	,999992	1,000000
....	1	2	2	{4}		,994911	,942187
....	2	1	1	{5}	,994911		,999880
....	2	1	2	{6}	,942187	,999880	
....	2	2	1	{7}	,979574	,671001	,420893
....	2	2	2	{8}	,973304	,999996	1,000000

					{7}	{8}
1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		3,510417	4,550000
....	1	1	1	{1}	,999378	,822635
....	1	1	2	{2}	,149824	,998007
....	1	2	1	{3}	,480009	1,000000
....	1	2	2	{4}	,979574	,973304
....	2	1	1	{5}	,671001	,999996
....	2	1	2	{6}	,420893	1,000000
....	2	2	1	{7}		,501686
....	2	2	2	{8}	,501686	

CARACTERÍSTICA DE PERSONALIDADE: 'TEIMOSA'

Tabela 37: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Teimosa'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	4,714286	14
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	4,466667	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	3,928571	14
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	4,133333	15
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	4,277778	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	4,071429	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	4,125000	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	4,083333	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	4,266667	15
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	4,133333	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	3,733333	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	4,923077	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	4,625000	16
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	3,750000	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	4,615385	13
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	4,736842	19
Todos os grupos				4,296610	236

Tabela 38: Resumo de todos os efeitos
1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

Effect	df	MS	df	MS	F	p-level
Effect	Effect	Effect	Error	Error		
1	1	,877821	220	4,417013	,198736	,656181
2	1	,000191	220	4,417013	,000043	,994760
3	1	,000627	220	4,417013	,000142	,990503
4	1	,000131	220	4,417013	,000030	,995666
12	1	1,669906	220	4,417013	,378062	,539278
13	1	5,645802	220	4,417013	1,278195	,259466
23	1	2,621012	220	4,417013	,593390	,441938
14	1	,320096	220	4,417013	,072469	,788028
24	1	3,687101	220	4,417013	,834750	,361903
34	1	7,830254	220	4,417013	1,772748	,184420
123	1	,060140	220	4,417013	,013616	,907216
124	1	2,338436	220	4,417013	,529416	,467626
134	1	2,631760	220	4,417013	,595823	,441004
234	1	,342668	220	4,417013	,077579	,780867
1234	1	,001375	220	4,417013	,000311	,985937

CARACTERÍSTICA DE PERSONALIDADE: 'CHANTAGISTA'

Tabela 39: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Chantagista'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	5,000000	14
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	4,533333	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	5,285714	14
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	2,923077	13
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	4,888889	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	3,571429	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	4,866667	15
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	2,916667	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	3,733333	15
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	4,000000	14
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	4,000000	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	3,166667	12
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	4,875000	16
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	3,909091	11
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	3,538461	13
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	3,421053	19
Todos os grupos				4,078261	230

Tabela 40: Resumo de todos os efeitos
1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

Effect	df	MS	df	MS	F	p-level
Effect	Effect	Effect	Error	Error		
1	1	9,84592	214	4,114446	2,39301	,123356
2	1	,37801	214	4,114446	,09187	,762102
3	1*	17,00890*	214*	4,114446*	4,13395*	,043266*
4	1*	52,89788*	214*	4,114446*	12,85663*	,000417*
12	1	4,83507	214	4,114446	1,17514	,279567
13	1	,13387	214	4,114446	,03254	,857023
23	1	,32837	214	4,114446	,07981	,777830
14	1*	17,42973*	214*	4,114446*	4,23623*	,040782*
24	1	,80358	214	4,114446	,19531	,658981
34	1	6,81227	214	4,114446	1,65570	,199576
123	1	3,20039	214	4,114446	,77784	,378791
124	1	,00543	214	4,114446	,00132	,971052
134	1	4,57014	214	4,114446	1,11075	,293106
234	1	9,09352	214	4,114446	2,21014	,138578
1234	1	,41368	214	4,114446	,10054	,751487

Tabela 41: Médias relativas ao efeito principal significativo
 $F(1,214)=4,13; p<,0433$

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Chantagista'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
....	1	4,313884
....	2	3,764788

Tabela 42: Médias relativas ao efeito principal significativo
 $F(1,214)=12,86; p<,0004$

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Chantagista'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
....	1	4,523508
....	2	3,555165

Tabela 43: Médias relativas ao efeito de interacção significativo
 $F(1,214)=4,24; p<,0408$

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Chantagista'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
1	1	5,010317
1	2	3,486126
2	1	4,036699
2	2	3,624202

Tabela 44: Post Hoc Teste
 Interacção: 1 x 4

					{1}	{2}	{3}
1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		5,010317	3,486126	4,036699
1	1	{1}		,000568*	,045172*
1	2	{2}	,000568*		,492766
2	1	{3}	,045172*	,492766	
2	2	{4}	,001716*	,984835	,704173

					{4}
1-Formato	2-Género	3-F.Parental	4-Mau Trato		3,624202
1	1	{1}	,001716*
1	2	{2}	,984835
2	1	{3}	,704173
2	2	{4}	

CARACTERÍSTICA DE PERSONALIDADE: 'QUE NÃO RESPEITA O FILHO'

Tabela 45: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Que não respeita o filho'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	4,266667	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	4,533333	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	4,466667	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	3,733333	15
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	3,833333	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	4,285714	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	3,625000	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	3,916667	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	4,000000	15
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	3,000000	14
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	3,800000	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	3,615385	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	3,937500	16
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	1,818182	11
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	3,153846	13
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	3,947368	19
Todos os grupos				3,788136	236

Tabela 46: Resumo de todos os efeitos

1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

Effect	df	MS	df	MS	F	p-level
Effect	Effect	Effect	Error	Error		
1	1*	26,29685*	220*	6,409307*	4,102916*	,044017*
2	1	7,60515	220	6,409307	1,186579	,277213
3	1	,30840	220	6,409307	,048118	,826575
4	1	4,51615	220	6,409307	,704623	,402146
12	1	,04352	220	6,409307	,006790	,934403
13	1	7,81935	220	6,409307	1,219999	,270568
23	1	,82215	220	6,409307	,128275	,720571
14	1	7,03881	220	6,409307	1,098218	,295808
24	1	1,03602	220	6,409307	,161643	,688039
34	1	5,97040	220	6,409307	,931520	,335528
123	1	,74593	220	6,409307	,116383	,733317
124	1	1,65525	220	6,409307	,258258	,611829
134	1	21,64751	220	6,409307	3,377512	,067440
234	1	7,81106	220	6,409307	1,218706	,270821
1234	1	1,43370	220	6,409307	,223690	,636712

Tabela 47: Médias relativas ao efeito principal significativo

F(1,220)=4,10; p<,0440

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Que não respeita o filho'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
1	4,082589
2	3,409035

CARACTERÍSTICA DE PERSONALIDADE: 'MENTIROSA'
Tabela 48: Médias de todos os grupos testados

Formato	Gênero	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Mentirosa'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	4,333333	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	3,733333	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	2,733333	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	2,533333	15
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	2,944444	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	3,714286	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	3,062500	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	2,583333	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2,466667	15
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	2,600000	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	2,428571	14
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	3,384615	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	4,125000	16
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	2,416667	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	2,692308	13
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	3,150000	20
Todos os grupos				3,075630	238

Tabela 49: Resumo de todos os efeitos

1-formato, 2-gênero, 3-figura parental, 4-mau trato

Effect	df Effect	MS Effect	df Error	MS Error	F	p-level
1	1	5,15227	222	3,875738	1,329366	,250158
2	1	,20656	222	3,875738	,053295	,817638
3	1	12,96319	222	3,875738	3,344702	,068763
4	1	,41108	222	3,875738	,106065	,744976
12	1	5,86469	222	3,875738	1,513181	,219956
13	1	13,62072	222	3,875738	3,514354	,062153
23	1	,10644	222	3,875738	,027462	,868530
14	1	,11075	222	3,875738	,028574	,865920
24	1	1,42684	222	3,875738	,368147	,544636
34	1	4,18533	222	3,875738	1,079879	,299855
123	1	9,55474	222	3,875738	2,465270	,117812
124	1	10,75910	222	3,875738	2,776013	,097096
134	1	13,46370	222	3,875738	3,473841	,063667
234	1	,08542	222	3,875738	,022041	,882113
1234	1	8,18520	222	3,875738	2,111907	,147569

CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE E COMPORTAMENTAIS CONOTADAS POSITIVAMENTE

CARACTERÍSTICA DE PERSONALIDADE: 'CARINHOSA'

Tabela 50: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Carinhosa'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2,071429	14
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	1,733333	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	1,600000	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	1,666667	15
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	1,333333	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	1,285714	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	2,062500	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	1,083333	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2,533333	15
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	1,866667	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	2,200000	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	1,384615	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	1,562500	16
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	1,916667	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	2,307692	13
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	1,300000	20
Todos os grupos				1,735294	238

Tabela 51: Resumo de todos os efeitos

1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

EFEITO	df Effect	MS Effect	df Error	MS Error	F	p-level
1	1	4,56700	222	1,848079	2,471217	,117372
2	1	4,44176	222	1,848079	2,403448	,122493
3	1	,44559	222	1,848079	,241108	,623892
4	1*	10,77854*	222*	1,848079*	5,832295*	,016544*
12	1	,15276	222	1,848079	,082660	,773993
13	1	,41718	222	1,848079	,225739	,635169
23	1	3,68877	222	1,848079	1,996004	,159115
14	1	,64097	222	1,848079	,346832	,556511
24	1	,00489	222	1,848079	,002648	,959005
34	1	3,79445	222	1,848079	2,053186	,153295
123	1	,01338	222	1,848079	,007239	,932275
124	1	2,29329	222	1,848079	1,240903	,266502
134	1	,88475	222	1,848079	,478738	,489718
234	1	5,94163	222	1,848079	3,215029	,074326
1234	1	,01387	222	1,848079	,007504	,931047

Tabela 52: Médias relativas ao efeito principal significativo

$F(1,222)=5,83; p<,0165$

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Carinhosa'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
....	1	1,958848
....	2	1,529625

CARACTERÍSTICA DE PERSONALIDADE: 'MEIGA'

Tabela 53: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Meiga'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2,066667	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	2,285714	14
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	1,666667	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	1,533333	15
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	1,555556	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	1,538462	13
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	2,000000	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	1,416667	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2,000000	15
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	1,666667	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	1,933333	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	2,307692	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	1,937500	16
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	2,500000	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	1,750000	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	1,050000	20
Todos os grupos				1,800847	236

Tabela 54: Resumo de todos os efeitos

1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

EFEITO	df Effect	MS Effect	df Error	MS Error	F	p-level
1	1	1,05893	220	2,107375	,502489	,479159
2	1	2,65010	220	2,107375	1,257538	,263340
3	1	3,24007	220	2,107375	1,537490	,216313
4	1	,33780	220	2,107375	,160294	,689274
12	1	,12481	220	2,107375	,059224	,807953
13	1	,04927	220	2,107375	,023378	,878618
23	1	,49096	220	2,107375	,232971	,629809
14	1	,15818	220	2,107375	,075062	,784362
24	1	,67610	220	2,107375	,320825	,571690
34	1	1,96322	220	2,107375	,931596	,335508
123	1*	12,29226*	220*	2,107375*	5,832973*	,016546*
124	1	,23301	220	2,107375	,110571	,739812
134	1	,11969	220	2,107375	,056797	,811854
234	1	4,31357	220	2,107375	2,046893	,153936
1234	1	2,78950	220	2,107375	1,323683	,251181

Tabela 55: Médias relativas ao efeito de interacção significativo

F(1,220)=5,83; p<,0165

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Meiga'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
1	1	1	2,176190
1	1	2	1,600000
1	2	1	1,547009
1	2	2	1,708333
2	1	1	1,833333
2	1	2	2,120513
2	2	1	2,218750
2	2	2	1,400000

Tabela 56: Post hoc teste
Interação: formato x gênero x mau trato

Formato	Gênero	Fig. Par.	Mau Trato		{1}	{2}	{3}
1	1	1	{1}	1,866667	1,909524	1,777778
1	1	2	{2}	1,000000	1,000000	,999998
1	2	1	{3}	,999998	,999972	,999972
1	2	2	{4}	,981292	,966278	,996080
2	1	1	{5}	,999995	1,000000	,999647
2	1	2	{6}	,999987	,999999	,999444
2	2	1	{7}	1,000000	1,000000	1,000000
2	2	2	{8}	,999997	,999968	1,000000

Formato	Gênero	Fig. Par.	Mau Trato		{4}	{5}	{6}
1	1	1	{1}	1,477564	1,966667	1,987180
1	1	2	{2}	,981292	,999995	,999987
1	2	1	{3}	,966278	1,000000	,999999
1	2	2	{4}	,996080	,999647	,999444
2	1	1	{5}	,934704	,934704	,919646
2	1	2	{6}	,934704		1,000000
2	2	1	{7}	,919646	1,000000	
2	2	2	{8}	,986872	,999985	,999956
2	2	2	{8}	,996302	,999611	,999393

Formato	Gênero	Fig. Par.	Mau Trato		{7}	{8}
1	1	1	{1}	1,843750	1,775000
1	1	2	{2}	1,000000	,999997
1	2	1	{3}	1,000000	,999968
1	2	2	{4}	1,000000	1,000000
2	1	1	{5}	,986872	,996302
2	1	2	{6}	,999985	,999611
2	2	1	{7}	,999956	,999393
2	2	2	{8}		1,000000
2	2	2	{8}	1,000000	

CARACTERÍSTICA DE PERSONALIDADE: 'BOA'

Tabela 57: Médias de todos os grupos testados

Formato	Gênero	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Boa'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2,400000	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	1,733333	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	1,933333	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	2,000000	15
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	1,500000	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	1,500000	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	2,250000	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	1,166667	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2,866667	15
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	1,800000	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	2,066667	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	1,692308	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	1,733333	15
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	2,166667	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	1,538462	13
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	1,200000	20
Todos os grupos				1,840336	238

Tabela 58: Resumo de todos os efeitos
1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

EFEITO level	df Effect	MS Effect	df Error	MS Error	F	p-
1	1	,30850	222	2,193694	,140631	,708013
2	1*	10,80570*	222*	2,193694*	4,925803*	,027470*
3	1	3,13903	222	2,193694	1,430932	,232888
4	1*	8,39435*	222*	2,193694*	3,826581*	,051700*
12	1	,01721	222	2,193694	,007846	,929497
13	1	4,77928	222	2,193694	2,178643	,141355
23	1	,12040	222	2,193694	,054885	,814986
14	1	,10399	222	2,193694	,047402	,827848
24	1	1,01332	222	2,193694	,461923	,497435
34	1	,16871	222	2,193694	,076908	,781790
123	1	,69310	222	2,193694	,315953	,574617
124	1	3,72924	222	2,193694	1,699983	,193641
134	1	,06693	222	2,193694	,030510	,861496
234	1*	9,84464*	222*	2,193694*	4,487702*	,035251*
1234	1	,11369	222	2,193694	,051826	,820125

Tabela 59: Médias relativas ao efeito principal significativo
F(1,222)=4,93; p<,0275

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Boa'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
....	1	2,061538
....	2	1,631891

Tabela 60: Médias relativas ao efeito de interacção significativo

F(1,222)=4,49; p<,0353

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Boa'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
....	1	1	1	2,633333
....	1	1	2	1,766667
....	1	2	1	2,000000
....	1	2	2	1,846154
....	2	1	1	1,616667
....	2	1	2	1,833333
....	2	2	1	1,894231
....	2	2	2	1,183333

Tabela 61: Post hoc teste

Interacção: género x figura parental x mau trato

Formato	Género	Fig. Par.	Mau Trato		{1}	{2}	{3}
					2,633333	1,766667	2,000000
....	1	1	1	{1}		,312409	,715714
....	1	1	2	{2}	,312409		,998761
....	1	2	1	{3}	,715714	,998761	
....	1	2	2	{4}	,489565	,999999	,999938
....	2	1	1	{5}	,135522	,999934	,974235
....	2	1	2	{6}	,517914	1,000000	,999917
....	2	2	1	{7}	,550719	,999981	,999995
....	2	2	2	{8}	,003744*	,793935	,391828

Formato	Género	Fig. Par.	Mau Trato		{4}	{5}	{6}
....	1	1	1	{1}	,489565	,135522	,517914
....	1	1	2	{2}	,999999	,999934	1,000000
....	1	2	1	{3}	,999938	,974235	,999917
....	1	2	2	{4}		,999111	1,000000
....	2	1	1	{5}	,999111		,999522
....	2	1	2	{6}	1,000000	,999522	
....	2	2	1	{7}	1,000000	,996634	1,000000
....	2	2	2	{8}	,703975	,940396	,761152

Formato	Género	Fig. Par.	Mau Trato		{7}	{8}
....	1	1	1	{1}	,550719	,003744*
....	1	1	2	{2}	,999981	,793935
....	1	2	1	{3}	,999995	,391828
....	1	2	2	{4}	1,000000	,703975
....	2	1	1	{5}	,996634	,940396
....	2	1	2	{6}	1,000000	,761152
....	2	2	1	{7}		,601031
....	2	2	2	{8}	,601031	

CARACTERÍSTICA DE PERSONALIDADE: 'SIMPÁTICA'

Tabela 62: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Simpática'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2,266667	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	2,266667	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	1,600000	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	1,733333	15
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	1,611111	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	1,500000	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	1,937500	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	1,500000	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	3,000000	15
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	1,933333	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	1,933333	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	1,333333	12
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	2,000000	16
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	2,166667	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	1,615385	13
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	1,300000	20
Todos os grupos				1,852941	238

Tabela 63: Resumo de todos os efeitos
1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

EFEITO	df Effect	MS Effect	df Error	MS Error	F	p-level
1	1	,68576	222	2,106271	,325578	,568852
2	1	5,41645	222	2,106271	2,571581	,110221
3	1*	13,12182*	222*	2,106271*	6,229883*	,013289*
4	1	4,54178	222	2,106271	2,156313	,143401
12	1	,03655	222	2,106271	,017353	,895317
13	1	3,81473	222	2,106271	1,811129	,179746
23	1	3,44156	222	2,106271	1,633959	,202491
14	1	1,78929	222	2,106271	,849506	,357693
24	1	,63793	222	2,106271	,302873	,582640
34	1	,03966	222	2,106271	,018828	,890985
123	1	1,12665	222	2,106271	,534904	,465324
124	1	4,41735	222	2,106271	2,097236	,148977
134	1	,02881	222	2,106271	,013680	,906997
234	1	1,81065	222	2,106271	,859648	,354844
1234	1	,21826	222	2,106271	,103623	,747828

Tabela 64: Médias relativas ao efeito principal significativo
F(1,222)=6,23; p<,0133

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Simpática'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
....	1	2,093055
....	2	1,619111

CARACTERÍSTICA COMPORTAMENTAL: 'QUE APOIA O FILHO'

Tabela 65: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Que apoia o filho'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2,133333	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	1,866667	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	1,866667	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	1,800000	15
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	1,555556	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	1,571429	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	1,812500	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	1,250000	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	3,200000	15
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	1,733333	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	2,866667	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	1,846154	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	1,312500	16
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	2,750000	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	1,615385	13
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	1,100000	20
Todos os grupos				1,870293	239

Tabela 66: Resumo de todos os efeitos
1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

EFEITO	df Effect	MS Effect	df Error	MS Error	F	p-level
1	1	6,05423	223	2,374367	2,549829	,111722
2	1*	17,33711*	223*	2,374367*	7,301782*	,007418*
3	1	3,54674	223	2,374367	1,493761	,222924
4	1	5,48875	223	2,374367	2,311667	,129823
12	1	1,77670	223	2,374367	,748286	,387949
13	1	1,25643	223	2,374367	,529164	,467722
23	1	,67551	223	2,374367	,284501	,594297
14	1	,43094	223	2,374367	,181498	,670500
24	1*	9,37823*	223*	2,374367*	3,949780*	,048101*
34	1	3,26270	223	2,374367	1,374135	,242353
123	1	1,78787	223	2,374367	,752989	,386464
124	1*	12,04883*	223*	2,374367*	5,074543*	,025253*
134	1	1,16896	223	2,374367	,492326	,483623
234	1*	9,26945*	223*	2,374367*	3,903965*	,049405*
1234	1	2,41154	223	2,374367	1,015654	,314644

Tabela 67: Médias relativas ao efeito principal significativo
F(1,223)=7,30; p<,0074

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Que apoia o filho'
1-Com intenção	1-Masculino	1-Pai	1-Psicológico	
2-Sem intenção	2-Feminino	2-Mãe	2-Físico	
....	1	2,164103
....	2	1,620921

Tabela 68: Médias relativas ao efeito de interacção significativo
F(1,223)=3,95; p<,0481

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Que apoia o filho'
1-Com intenção	1-Masculino	1-Pai	1-Psicológico	
2-Sem intenção	2-Feminino	2-Mãe	2-Físico	
....	1	1	2,516667
....	1	2	1,811538
....	2	1	1,573985
....	2	2	1,667857

Tabela 69: Post Hoc teste
Interacção: género x mau trato

Formato	Género	Fig. Par.	Mau Trato		{1}	{2}	{3}
					2,516667	1,811538	1,573985
....	1	1	{1}		,065620	,004485*
....	1	2	{2}	,065620		,840144
....	2	1	{3}	,004485*	,840144	
....	2	2	{4}	,015942*	,958594	,987821

Formato	Género	Fig. Par.	Mau Trato		{4}
					1,667857
....	1	1	{1}	,015942*
....	1	2	{2}	,958594
....	2	1	{3}	,987821
....	2	2	{4}	

Tabela 70: Médias relativas ao efeito de interação significativo

F(1,223)=5,07; p<,0253

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Que apoia o filho'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
1	1	1	2,000000
1	1	2	1,833333
1	2	1	1,684028
1	2	2	1,410714
2	1	1	3,033333
2	1	2	1,789744
2	2	1	1,463942
2	2	2	1,925000

Tabela 71: Post Hoc teste

Interação: formato x género x mau trato

Formato	Género	Fig. Par.	Mau Trato		{1}	{2}	{3}
1	1	1	{1}	2,000000	1,833333	1,684028
1	1	2	{2}	,999897		,993464
1	2	1	{3}	,993464	,999951	,999951
1	2	2	{4}	,867144	,976134	,998322
2	1	1	{5}	,156737	,052208	,015991*
2	1	2	{6}	,999615	1,000000	,999996
2	2	1	{7}	,889734	,984948	,999415
2	2	2	{8}	1,000000	,999998	,998545

Formato	Género	Fig. Par.	Mau Trato		{4}	{5}	{6}
1	1	1	{1}	1,410714	3,033333	1,789744
1	1	2	{2}	,867144	,156737	,999615
1	2	1	{3}	,976134	,052208	1,000000
1	2	2	{4}	,998322	,015991*	,999996
2	1	1	{5}	,003670*	,003670*	,987296
2	1	2	{6}	,987296	,051668	,051668
2	2	1	{7}	1,000000	,002670*	,993616
2	2	2	{8}	,931224	,098493	,999980

Formato	Género	Fig. Par.	Mau Trato		{7}	{8}
1	1	1	{1}	1,463942	1,925000
1	1	2	{2}	,889734	1,000000
1	2	1	{3}	,984948	,999998
1	2	2	{4}	,999415	,998545
2	1	1	{5}	1,000000	,931224
2	1	2	{6}	,002670*	,098493
2	2	1	{7}	,993616	,999980
2	2	2	{8}	,948177	,948177

Tabela 72: Médias relativas ao efeito de interação significativo

F(1,223)=3,90; p<,0494

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Que apoia o filho'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
....	1	1	1	2,666667
....	1	1	2	1,800000
....	1	2	1	2,366667
....	1	2	2	1,823077
....	2	1	1	1,434028
....	2	1	2	2,160714
....	2	2	1	1,713942
....	2	2	2	1,175000

Tabela 73: Post Hoc teste
Interacção: género x figura parental x mau trato

Formato	Género	Fig. Par.	Mau Trato		{1}	{2}	{3}
....	1	1	1	{1}	2,666667	1,800000	2,366667
....	1	1	2	{2}	,364879	,364879	,995252
....	1	2	1	{3}	,995252	,846285	,846285
....	1	2	2	{4}	,448952	1,000000	,891595
....	2	1	1	{5}	,040929*	,984259	,269567
....	2	1	2	{6}	,936737	,990544	,999738
....	2	2	1	{7}	,264211	,999999	,742627
....	2	2	2	{8}	,004404*	,767896	,055472

Formato	Género	Fig. Par.	Mau Trato		{4}	{5}	{6}
....	1	1	1	{1}	,448952	,040929*	,936737
....	1	1	2	{2}	1,000000	,984259	,990544
....	1	2	1	{3}	,891595	,269567	,999738
....	1	2	2	{4}		,981626	,993670
....	2	1	1	{5}	,981626		,687115
....	2	1	2	{6}	,993670	,687115	
....	2	2	1	{7}	,999996	,997234	,967432
....	2	2	2	{8}	,766268	,997689	,289834

Formato	Género	Fig. Par.	Mau Trato		{7}	{8}
....	1	1	1	{1}	,264211	,004404*
....	1	1	2	{2}	,999999	,767896
....	1	2	1	{3}	,742627	,055472
....	1	2	2	{4}	,999996	,766268
....	2	1	1	{5}	,997234	,997689
....	2	1	2	{6}	,967432	,289834
....	2	2	1	{7}		,886904
....	2	2	2	{8}	,886904	

CARACTERÍSTICA DE PERSONALIDADE: 'INTELIGENTE'

Tabela 74: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Inteligente'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2,466667	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	2,066667	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	1,733333	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	1,866667	15
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	1,888889	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	1,928571	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	1,875000	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	1,666667	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	3,250000	16
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	3,066667	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	2,400000	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	2,923077	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	1,882353	17
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	2,416667	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	2,000000	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	1,550000	20
Todos os grupos				2,170833	240

Tabela 75: Resumo de todos os efeitos
1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

EFEITO	df Effect	MS Effect	df Error	MS Error	F	p-level
1	1*	14,68234*	224*	2,323858*	6,318091*	,012655*
2	1*	19,15786*	224*	2,323858*	8,243988*	,004481*
3	1	8,01002	224	2,323858	3,446864	,064685
4	1	,00012	224	2,323858	,000050	,994355
12	1	8,36547	224	2,323858	3,599820	,059072
13	1	,26165	224	2,323858	,112592	,737526
23	1	,74817	224	2,323858	,321950	,571007
14	1	,67896	224	2,323858	,292169	,589371
24	1	,02278	224	2,323858	,009803	,921219
34	1	,00005	224	2,323858	,000022	,996283
123	1	,15679	224	2,323858	,067469	,795297
124	1	,11485	224	2,323858	,049421	,824276
134	1	,29163	224	2,323858	,125495	,723483
234	1	5,61825	224	2,323858	2,417640	,121387
1234	1	,76026	224	2,323858	,327156	,567912

Tabela 76: Médias relativas ao efeito principal significativo

F(1,224)=6,32; p<,0127

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Inteligente'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
1	1,936558
2	2,436095

Tabela 77: Médias relativas ao efeito principal significativo

F(1,224)=8,24; p<,0045

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Inteligente'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
....	1	2,471635
....	2	1,901018

CARACTERÍSTICA COMPORTAMENTAL: 'QUE CONVERSA COM O FILHO'

Tabela 78: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Que conversa com o filho'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2,933333	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	2,066667	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	2,800000	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	2,133333	15
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	1,888889	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	2,357143	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	2,133333	15
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	2,083333	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2,933333	15
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	2,071429	14
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	2,400000	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	1,923077	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	2,125000	16
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	2,916667	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	2,000000	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	1,631579	19
Todos os grupos				2,259574	235

Tabela 79: Resumo de todos os efeitos
1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

EFEITO	df Effect	MS Effect	df Error	MS Error	F	p-level
1	1	,14089	219	2,918332	,048277	,826293
2	1	4,07954	219	2,918332	1,397900	,238358
3	1	4,32331	219	2,918332	1,481433	,224860
4	1	3,72456	219	2,918332	1,276263	,259831
12	1	,60148	219	2,918332	,206106	,650287
13	1	3,59756	219	2,918332	1,232745	,268091
23	1	,43140	219	2,918332	,147825	,700996
14	1	,03595	219	2,918332	,012318	,911729
24	1*	12,45674*	219*	2,918332*	4,268444*	,040003*
34	1	1,07976	219	2,918332	,369991	,543639
123	1	,52957	219	2,918332	,181463	,670538
124	1	,03244	219	2,918332	,011116	,916129
134	1	,18852	219	2,918332	,064598	,799610
234	1	4,62693	219	2,918332	1,585471	,209315
1234	1	,61747	219	2,918332	,211584	,645985

Tabela 80: Médias relativas ao efeito de interacção significativo
F(1,219)=4,27; p<,0400

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Que conversa com o filho'
1-Com intenção	1-Masculino	1-Pai	1-Psicológico	
2-Sem intenção	2-Feminino	2-Mãe	2-Físico	
....	1	1	2,766667
....	1	2	2,048626
....	2	1	2,036806
....	2	2	2,247180

Tabela 81: Post Hoc teste
Interacção: género x mau trato

Formato	Género	Fig. Par.	Mau Trato		{1}	{2}	{3}
....	1	1	{1}	2,766667	2,048626	2,036806
....	1	2	{2}	,111575	,111575	,999982
....	2	1	{3}	,089114	,999982	,912976
....	2	2	{4}	,365325	,925574	,912976

Formato	Género	Fig. Par.	Mau Trato		{4}
....	1	1	{1}	2,247180
....	1	2	{2}	,365325
....	2	1	{3}	,925574
....	2	2	{4}	,912976

CARACTERÍSTICA DE PERSONALIDADE: 'CULTA'

Tabela 82: Médias de todos os grupos testados

Formato	Gênero	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Culta'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2,866667	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	2,400000	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	1,733333	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	1,866667	15
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	2,944444	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	2,153846	13
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	1,750000	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	2,500000	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2,625000	16
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	2,466667	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	2,466667	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	2,307692	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	2,117647	17
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	3,250000	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	2,000000	13
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	2,000000	20
Todos os grupos				2,329167	240

Tabela 83: Resumo de todos os efeitos

1-formato, 2-gênero, 3-figura parental, 4-mau trato

EFEITO	df Effect	MS Effect	df Error	MS Error	F	p-level
1	1	,95488	224	2,609988	,365857	,545883
2	1	,00026	224	2,609988	,000099	,992072
3	1*	16,23023*	224*	2,609988*	6,218508*	,013365*
4	1	,17904	224	2,609988	,068597	,793631
12	1	,88369	224	2,609988	,338579	,561236
13	1	,63387	224	2,609988	,242865	,622627
23	1	,04951	224	2,609988	,018969	,890579
14	1	1,30074	224	2,609988	,498371	,480950
24	1	2,79343	224	2,609988	1,070285	,301997
34	1	,93417	224	2,609988	,357920	,550268
123	1	3,21315	224	2,609988	1,231097	,268384
124	1	1,23156	224	2,609988	,471864	,492841
134	1*	9,86038*	224*	2,609988*	3,777940*	,053185*
234	1	,03361	224	2,609988	,012876	,909757
1234	1	3,95143	224	2,609988	1,513963	,219826

Tabela 84: Médias relativas ao efeito principal significativo

F(1,224)=6,22; p<,0134

Formato	Gênero	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Culta'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
....	1	2,603034
....	2	2,078045

Tabela 85: Médias relativas ao efeito de interacção significativo
 $F(1,224)=3,78; p<,0532$

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Culta'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
1	1	1	2,905555
1	1	2	2,276923
1	2	1	1,741667
1	2	2	2,183333
2	1	1	2,371324
2	1	2	2,858333
2	2	1	2,233333
2	2	2	2,153846

Tabela 86: Post Hoc teste
 Interacção: formato x figura parental x mau trato

Formato	Género	Fig. Par.	Mau Trato		{1}	{2}	{3}
					2,905555	2,276923	1,741667
1	1	1	{1}		,830752	,086212
1	1	2	{2}	,830752		,920124
1	2	1	{3}	,086212	,920124	
1	2	2	{4}	,724291	,999999	,973930
2	1	1	{5}	,882290	,999999	,788860
2	1	2	{6}	1,000000	,890681	,178810
2	2	1	{7}	,776062	1,000000	,948334
2	2	2	{8}	,557781	,999993	,973933

Formato	Género	Fig. Par.	Mau Trato		{4}	{5}	{6}
					2,183333	2,371324	2,858333
1	1	1	{1}	,724291	,882290	1,000000
1	1	2	{2}	,999999	,999999	,890681
1	2	1	{3}	,973930	,788860	,178810
1	2	2	{4}		,999882	,788461
2	1	1	{5}	,999882		,955403
2	1	2	{6}	,788461	,955403	
2	2	1	{7}	1,000000	,999984	,847647
2	2	2	{8}	1,000000	,999394	,749214

Formato	Género	Fig. Par.	Mau Trato		{7}	{8}
					2,233333	2,153846
1	1	1	{1}	,776062	,557781
1	1	2	{2}	1,000000	,999993
1	2	1	{3}	,948334	,973933
1	2	2	{4}	1,000000	1,000000
2	1	1	{5}	,999984	,999394
2	1	2	{6}	,847647	,749214
2	2	1	{7}		1,000000
2	2	2	{8}	1,000000	

CARACTERÍSTICA DE PERSONALIDADE: 'ALEGRE'

Tabela 87: Médias de todos os grupos testados

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Alegre'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2,857143	14
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	2,928571	14
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	2,200000	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	2,000000	14
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	2,888889	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	2,785714	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	2,500000	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	2,333333	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	2,733333	15
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	2,400000	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	2,800000	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	1,846154	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	1,933333	15
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	3,333333	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	1,923077	13
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	2,000000	19
Todos os grupos				2,461539	234

Tabela 88: Resumo de todos os efeitos

1-formato, 2-género, 3-figura parental, 4-mau trato

EFEITO	df Effect	MS Effect	df Error	MS Error	F	p-level
1	1	2,09310	218	2,830244	,739547	,390751
2	1	,00411	218	2,830244	,001451	,969650
3	1*	16,32831*	218*	2,830244*	5,769223*	,017148*
4	1	,03922	218	2,830244	,013857	,906401
12	1	1,11369	218	2,830244	,393495	,531124
13	1	,32017	218	2,830244	,113126	,736937
23	1	,01129	218	2,830244	,003990	,949694
14	1	,31158	218	2,830244	,110088	,740362
24	1	6,19614	218	2,830244	2,189261	,140420
34	1	4,67608	218	2,830244	1,652184	,200026
123	1	2,30826	218	2,830244	,815568	,367476
124	1	7,60298	218	2,830244	2,686333	,102655
134	1	2,33085	218	2,830244	,823550	,365146
234	1	,22036	218	2,830244	,077860	,780484
1234	1	,74669	218	2,830244	,263826	,608024

Tabela 89: Médias relativas ao efeito principal significativo

F(1,218)=5,77; p<,0171

Formato	Género	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Alegre'
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico	
....	1	2,732540
....	2	2,200320

CARACTERÍSTICA COMPORTAMENTAL: 'QUE SE PREOCUPA COM A EDUCAÇÃO DO FILHO'

Tabela 90: Médias de todos os grupos testados

Formato	Gênero	Figura Parental	Tipo de Mau Trato	'Que se preocupa com a educação do filho'	N
1-Com intenção 2-Sem intenção	1-Masculino 2-Feminino	1-Pai 2-Mãe	1-Psicológico 2-Físico		
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_1:1	3,200000	15
G_1:1	G_1:1	G_1:1	G_2:2	3,066667	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_1:1	3,600000	15
G_1:1	G_1:1	G_2:2	G_2:2	3,600000	15
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_1:1	3,833333	18
G_1:1	G_2:2	G_1:1	G_2:2	2,714286	14
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_1:1	3,687500	16
G_1:1	G_2:2	G_2:2	G_2:2	3,166667	12
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_1:1	4,866667	15
G_2:2	G_1:1	G_1:1	G_2:2	3,600000	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_1:1	3,666667	15
G_2:2	G_1:1	G_2:2	G_2:2	3,769231	13
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_1:1	3,187500	16
G_2:2	G_2:2	G_1:1	G_2:2	4,000000	12
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_1:1	3,384615	13
G_2:2	G_2:2	G_2:2	G_2:2	2,550000	20
Todos os grupos				3,476987	239

Tabela 91: Resumo de todos os efeitos

1-formato, 2-gênero, 3-figura parental, 4-mau trato

EFEITO	df	MS	df	MS	F	p-level
	Effect	Effect	Error	Error		
1	1	4,26870	223	4,871899	,876189	,350260
2	1	7,43314	223	4,871899	1,525716	,218056
3	1	1,00027	223	4,871899	,205315	,650905
4	1	8,04125	223	4,871899	1,650538	,200219
12	1	6,77062	223	4,871899	1,389728	,239707
13	1	11,39893	223	4,871899	2,339730	,127529
23	1	,66164	223	4,871899	,135807	,712835
14	1	,31636	223	4,871899	,064935	,799094
24	1	,12202	223	4,871899	,025047	,874394
34	1	,18896	223	4,871899	,038786	,844053
123	1	,15035	223	4,871899	,030861	,860710
124	1	6,44048	223	4,871899	1,321965	,251471
134	1	,93554	223	4,871899	,192027	,661659
234	1	5,97704	223	4,871899	1,226840	,269216
1234	1	11,12683	223	4,871899	2,283880	,132140

ANEXO C

Cenários usados para a manipulação das condições experimentais

Mãe_Mau Trato Físico_Com intenção subjacente

O João tem 10 anos e anda no 4º ano do 1º ciclo. Um dia, depois do João chegar da escola, a mãe saiu de casa, recomendando ao João que fizesse os trabalhos da escola que a professora tinha mandado. Mas, nesse dia, a professora não tinha mandado trabalhos para fazer e, por isso, o João sentou-se na sala a ver televisão. Quando a mãe do João voltou e viu que o João não estava a fazer os trabalhos, começou a bater-lhe muito e com muita força. Primeiro, bateu-lhe com um molho de chaves que trazia na mão, de tal maneira que uma das chaves acertou no lábio do João e fez muito sangue. O João começou a chorar. A mãe, que trazia um cigarro aceso na outra mão, esborrachou-o no braço do João. Então o João começou a gritar muito e, por isso, a mãe agarrou num candeeiro de ferro que por acaso estava ali mesmo ao pé, em cima da mesinha da sala, e começou a bater com o candeeiro no João. Já muitas vezes a mãe o tinha castigado, por pensar que esta seria a melhor forma de educar bem o João, mas desta vez, o João ficou tão magoado que teve que ir para o hospital para ser tratado e operado à cabeça. Os médicos ainda não sabem muito bem se o João vai ficar bom ...

Mãe_Mau Trato Físico_Sem intenção subjacente

O João tem 10 anos e anda no 4º ano do 1º ciclo. Um dia, depois do João chegar da escola, a mãe saiu de casa, recomendando ao João que fizesse os trabalhos da escola que a professora tinha mandado. Mas, nesse dia, a professora não tinha mandado trabalhos para fazer e, por isso, o João sentou-se na sala a ver televisão. Quando a mãe do João voltou e viu que o João não estava a fazer os trabalhos, começou a bater-lhe muito e com muita força. Primeiro, bateu-lhe com um molho de chaves que trazia na mão, de tal maneira que uma das chaves acertou no lábio do João e fez muito sangue. O João começou a chorar. A mãe, que trazia um cigarro aceso na outra mão, esborrachou-o no braço do João. Então o João começou a gritar muito e, por isso, a mãe agarrou num candeeiro de ferro que por acaso estava ali mesmo ao pé, em cima da mesinha da sala, e começou a bater com o candeeiro no João. Já muitas vezes a mãe o tinha castigado, mas desta vez, o João ficou tão magoado que teve que ir para o hospital para ser tratado e operado à cabeça. Os médicos ainda não sabem muito bem se o João vai ficar bom ...

Mãe_Mau Trato Psicológico_Com intenção subjacente

O João tem 10 anos e anda no 4º ano do 1º ciclo. Um dia, depois do João chegar da escola, a mãe saiu de casa, recomendando ao João que fizesse os trabalhos da escola que a professora tinha mandado. Mas, nesse dia, a professora não tinha mandado trabalhos para fazer e, por isso, o João sentou-se na sala a ver televisão. Quando a mãe do João voltou e viu que o João não estava a fazer os trabalhos, começou a ralhar-lhe e trancou o João, sozinho, no quarto. Durante oito dias, sempre que o João chegava da escola, a mãe trancava-o no quarto e só podia de lá sair para ir à casa de banho. A mãe não o deixava dormir antes de ele acabar de fazer os trabalhos e dizia, muitas vezes, que o matava se ele tentasse desobedecer. O João não podia contar a ninguém o que se passava, nem mesmo ao Ricardo que era o melhor amigo dele. Já muitas vezes a mãe o tinha castigado, por pensar que esta seria a melhor forma de educar bem o João, mas desta vez, o João ficou tão magoado que deixou de gostar de ir à escola e de brincar com os colegas ... e, às vezes, de tão infeliz e assustado que se sente, até pensa que era mesmo bom que a mãe o matasse ...

Mãe_Mau Trato Psicológico_Sem intenção subjacente

O João tem 10 anos e anda no 4º ano do 1º ciclo. Um dia, depois do João chegar da escola, a mãe saiu de casa, recomendando ao João que fizesse os trabalhos da escola que a professora tinha mandado. Mas, nesse dia, a professora não tinha mandado trabalhos para fazer e, por isso, o João sentou-se na sala a ver televisão. Quando a mãe do João voltou e viu que o João não estava a fazer os trabalhos, começou a ralhar-lhe e trancou o João, sozinho, no quarto. Durante oito dias, sempre que o João chegava da escola, a mãe trancava-o no quarto e só podia de lá sair para ir à casa de banho. A mãe não o deixava dormir antes de ele acabar de fazer os trabalhos e dizia, muitas vezes, que o matava se ele tentasse desobedecer. O João não podia contar a ninguém o que se passava, nem mesmo ao Ricardo que era o melhor amigo dele. Já muitas vezes a mãe o tinha castigado, mas desta vez, o João ficou tão magoado que deixou de gostar de ir à escola e de brincar com os colegas ... e, às vezes, de tão infeliz e assustado que se sente, até pensa que era mesmo bom que a mãe o matasse ...

Pai_Mau Trato Físico_Com intenção subjacente

O João tem 10 anos e anda no 4º ano do 1º ciclo. Um dia, depois do João chegar da escola, o pai saiu de casa, recomendando ao João que fizesse os trabalhos da escola

que a professora tinha mandado. Mas, nesse dia, a professora não tinha mandado trabalhos para fazer e, por isso, o João sentou-se na sala a ver televisão. Quando o pai do João voltou e viu que o João não estava a fazer os trabalhos, começou a bater-lhe muito e com muita força. Primeiro, bateu-lhe com um molho de chaves que trazia na mão, de tal maneira que uma das chaves acertou no lábio do João e fez muito sangue. O João começou a chorar. O pai, que trazia um cigarro aceso na outra mão, esborrachou-o no braço do João. Então o João começou a gritar muito e, por isso, o pai agarrou num candeeiro de ferro que por acaso estava ali mesmo ao pé, em cima da mesinha da sala, e começou a bater com o candeeiro no João. Já muitas vezes o pai o tinha castigado, por pensar que esta seria a melhor forma de educar bem o João, mas desta vez, o João ficou tão magoado que teve que ir para o hospital para ser tratado e operado à cabeça. Os médicos ainda não sabem muito bem se o João vai ficar bom ...

Pai_Mau Trato Físico_Sem intenção subjacente

O João tem 10 anos e anda no 4º ano do 1º ciclo. Um dia, depois do João chegar da escola, o pai saiu de casa, recomendando ao João que fizesse os trabalhos da escola que a professora tinha mandado. Mas, nesse dia, a professora não tinha mandado trabalhos para fazer e, por isso, o João sentou-se na sala a ver televisão. Quando o pai do João voltou e viu que o João não estava a fazer os trabalhos, começou a bater-lhe muito e com muita força. Primeiro, bateu-lhe com um molho de chaves que trazia na mão, de tal maneira que uma das chaves acertou no lábio do João e fez muito sangue. O João começou a chorar. O pai, que trazia um cigarro aceso na outra mão, esborrachou-o no braço do João. Então o João começou a gritar muito e, por isso, o pai agarrou num candeeiro de ferro que por acaso estava ali mesmo ao pé, em cima da mesinha da sala, e começou a bater com o candeeiro no João. Já muitas vezes o pai o tinha castigado, mas desta vez, o João ficou tão magoado que teve que ir para o hospital para ser tratado e operado à cabeça. Os médicos ainda não sabem muito bem se o João vai ficar bom ...

Pai_Mau Trato Psicológico_Com intenção subjacente

O João tem 10 anos e anda no 4º ano do 1º ciclo. Um dia, depois do João chegar da escola, o pai saiu de casa, recomendando ao João que fizesse os trabalhos da escola que a professora tinha mandado. Mas, nesse dia, a professora não tinha mandado trabalhos para fazer e, por isso, o João sentou-se na sala a ver televisão. Quando o pai do João voltou e viu que o João não estava a fazer os trabalhos, começou a ralhar-lhe e trancou o João, sozinho, no quarto. Durante oito dias, sempre que o João chegava da

escola, o pai trancava-o no quarto e só podia de lá sair para ir à casa de banho. O pai não o deixava dormir antes de ele acabar de fazer os trabalhos e dizia, muitas vezes, que o matava se ele tentasse desobedecer. O João não podia contar a ninguém o que se passava, nem mesmo ao Ricardo que era o melhor amigo dele. Já muitas vezes o pai o tinha castigado, por pensar que esta seria a melhor forma de educar bem o João, mas desta vez, o João ficou tão magoado que deixou de gostar de ir à escola e de brincar com os colegas ... e, às vezes, de tão infeliz e assustado que se sente, até pensa que era mesmo bom que o pai o matasse ...

Pai_Mau Trato Psicológico_Sem intenção subjacente

O João tem 10 anos e anda no 4º ano do 1º ciclo. Um dia, depois do João chegar da escola, o pai saiu de casa, recomendando ao João que fizesse os trabalhos da escola que a professora tinha mandado. Mas, nesse dia, a professora não tinha mandado trabalhos para fazer e, por isso, o João sentou-se na sala a ver televisão. Quando o pai do João voltou e viu que o João não estava a fazer os trabalhos, começou a ralhar-lhe e trancou o João, sozinho, no quarto. Durante oito dias, sempre que o João chegava da escola, o pai trancava-o no quarto e só podia de lá sair para ir à casa de banho. O pai não o deixava dormir antes de ele acabar de fazer os trabalhos e dizia, muitas vezes, que o matava se ele tentasse desobedecer. O João não podia contar a ninguém o que se passava, nem mesmo ao Ricardo que era o melhor amigo dele. Já muitas vezes o pai o tinha castigado, mas desta vez, o João ficou tão magoado que deixou de gostar de ir à escola e de brincar com os colegas ... e, às vezes, de tão infeliz e assustado que se sente, até pensa que era mesmo bom que o pai o matasse ...

ANEXO D

Olá!

Tens na tua frente um questionário diferente daqueles que costumavas ver.

Neste questionário há perguntas - claro! - mas há também, uma história, um dicionário e um bocadinho de "leis" para tu consultares. Na última folha, chamada "folha quase branca", podes desenhar ou escrever aquilo que quiseres.

As perguntas começam já a seguir a esta folha, mas antes de tentares responder, deves começar por ler o "Bloco de Consulta" que te foi dado em separado. É lá que tens todas as instruções, a história, o bocadinho de leis, o dicionário e a folha quase branca.

Como não há "respostas certas" para as perguntas que aqui te são feitas, pedimos-te que respondas exactamente aquilo que pensas, sem te preocupares se a resposta é "boa ou má". Deves responder a todas as questões e pela ordem em que estão feitas, mas podes usar a "folha quase branca" em qualquer altura que te apetecer.

Também não há tempo limite para acabares de responder e, por isso, usa o tempo que quiseres para responder a cada questão.

Se tiveres dúvidas nalguma questão ou em alguma palavra que não conheças bem e que não apareça no dicionário, pede ajuda à pessoa que te deu este questionário.

Já agora, bom trabalho e

... Muito obrigado pela tua colaboração!

... Comecemos com algumas perguntas.

► 1. Depois de leres a história, *como é que te sentes?*

	Absoluta- mente nada				Muitís- simo		
	1	2	3	4	5	6	7
Irritado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Satisfeito	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Revoltado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sozinho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Alegre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Magoado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Com medo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Divertido	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Feliz	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Com raiva	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Bem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

► 2. O que é que esta história te faz pensar?

► 3. Até que ponto **achas que é provável o pai do João ser uma pessoa ...**

	Absoluta- mente nada				Muitís- simo		
	1	2	3	4	5	6	7
Desequilibrada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Carinhosa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Boa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Que se preocupa com a educação do filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Violenta	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Chantagista	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Que conversa com o filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desleixada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Simpática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Alegre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Que não respeita o filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mentirosa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Que deixa o filho sozinho muito tempo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Meiga	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Teimosa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Que faz sofrer o filho sem razão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Que apoia o filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Inteligente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	1	2	3	4	5	6	7
Culta	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Autoritária	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

► 4. E até que ponto **achas provável** que o João seja uma criança ...

	Absoluta- mente nada			Muitís- simo			
	1	2	3	4	5	6	7
Simpática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Meiga	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Que conversa com os pais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Teimosa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Que dá atenção aos conselhos dos pais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Saudável	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Que evita estar com os pais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Chantagista	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Desequilibrada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Irrequieta	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Boa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Que não respeita os pais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Inteligente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Carinhosa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Mentirosa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Violenta	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Que apoia os pais	1	2	3	4	5	6	7
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desleixada	1	2	3	4	5	6	7
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Alegre	1	2	3	4	5	6	7
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Que faz sofrer os pais sem razão	1	2	3	4	5	6	7
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

► 5. Achas que ...

	Absoluta- mente nada					Muitís- simo	
	1	2	3	4	5	6	7
O que o pai do João fez é grave?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O pai teve culpa daquilo que aconteceu ao João?	1	2	3	4	5	6	7
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O João podia ter evitado que o pai o tratasse assim?	1	2	3	4	5	6	7
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O que o pai do João fez é cruel?	1	2	3	4	5	6	7
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O pai do João fez bem?	1	2	3	4	5	6	7
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O João teve culpa naquilo que lhe aconteceu?	1	2	3	4	5	6	7
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O pai do João queria magoá-lo?	1	2	3	4	5	6	7
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

... Para continuares, vou dar-te mais uma informação.

O pai do João foi a tribunal por ter sido acusado de ter maltratado o filho.

Imagina agora que eras tu o juiz desse tribunal e que tinhas que decidir se o pai do João é inocente (o que quer dizer que, se calhar, ele não tratou mal o João) ou é culpado (o que quer dizer que, de facto, ele tratou mal o João). Portanto, é natural que queiras saber mais coisas, que tenhas que fazer perguntas para perceber melhor o que se passou.

► **6.** Para perceberes melhor o que se passou e isso te ajudar na tua decisão, até que ponto *cada uma das questões que se segue te parece importante?*

	Absoluta- mente nada						Muitís- simo
	1	2	3	4	5	6	7
O pai do João tem muitos amigos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os pais do João trabalham fora de casa?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O pai do João trata-o assim muitas vezes?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O pai do João é doente?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O pai do João tem problemas psicológicos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A família do João tem problemas de dinheiro?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Porque é que o pai do João o tratou assim?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O João costuma portar-se mal?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O João vai ficar bom?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O pai do João já foi outras vezes a tribunal?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Como é que o pai do João conta o que se passou?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O João é simpático?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os pais do João dão-se bem?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Alguém mais viu o que se passou?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

► **7.** E agora que já sabes mais coisas, *achas que o pai do João é:*

Inocente Culpado

► **8.** Depois disto, *achas que o pai do João deveria ter um castigo:*

Pouco severo Muito severo

... Já agora,

▶ 9. Conheces alguma criança vítima de maus tratos físicos?

Sim Não

▶ 10. Conheces alguma criança vítima de maus tratos psicológicos?

Sim Não

Se respondeste **SIM** a pelo menos uma das duas perguntas anteriores, passa para a pergunta 11 (é a que vem já a seguir) e depois para a 13.

Se respondeste **NÃO** às duas questões anteriores, passa directamente para a pergunta 12.

... E atenção,

Atenção: Agora a escala muda um bocadinho, e passa a ser assim:

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Quase nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Quase sempre	Sempre

▶ 11. Como é que essa criança maltratada que conheces se comporta?

	Nunca						Sempre
	1	2	3	4	5	6	7
Consegue estar quieta	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agride violentamente as outras crianças	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Consegue estar em silêncio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	1	2	3	4	5	6	7
Rói objectos (lápiz, esferográficas, etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Tenta matar-se	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Irrita-se facilmente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Foge da escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Anda com um grupo de mais velhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Ri-se muito	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Brinca com os outros meninos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Chora facilmente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Foge de casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Estuda muito	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

► 12. Como é que imaginas que se comporta uma criança maltratada?

	Nunca			Sempre			
	1	2	3	4	5	6	7
Consegue estar quieta	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Agride violentamente as outras crianças	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Consegue estar em silêncio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Rói objectos (lápiz, esferográficas, etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Tenta matar-se	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Irrita-se facilmente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Foge da escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Anda com um grupo de mais velhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Ri-se muito	1	2	3	4	5	6	7
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Brinca com os outros meninos	1	2	3	4	5	6	7
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Chora facilmente	1	2	3	4	5	6	7
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Foge de casa	1	2	3	4	5	6	7
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Estuda muito	1	2	3	4	5	6	7
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

... **Dados Pessoais:**

▶ 13. Idade: _____ anos

▶ 14. Sexo: Masculino
 Feminino

▶ 15. Profissão dos pais:

Da mãe: _____

Do pai: _____

▶ 16. Vives com o teu pai e com a tua mãe?

Sim

Não, só com o meu pai.

Não, só com a minha mãe.

Não, vivo com _____

... **E em relação a ti,**

▶ 17. Alguma vez foste maltratado(a) fisicamente?

	Nunca						Sempre
	1	2	3	4	5	6	7
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

▶ 18. Alguma vez foste maltratado(a) psicologicamente? ...

	Nunca						Sempre
	1	2	3	4	5	6	7
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

▶ **19.** Se já foste maltratado(a) ...

▶ **19.1.** Quem foi a pessoa (ou as pessoas) que te tratou (ou trataram) mal?

▶ **19.2.** Se não te incomodar muito podes contar aqui como é que isso aconteceu.

Mais uma vez: Muito Obrigado
pela tua colaboração!

ANEXO E

Bloco de Consulta

... Indicações para poderes responder a algumas perguntas:

Para responderes a algumas perguntas vais ter de utilizar uma escala de 1 a 7 pontos. O ponto 1 corresponde sempre a “nada” (é por isso que é o valor mais pequeno da escala) e o ponto 7 corresponde sempre a muitíssimo (que é o máximo da pontuação). Deves marcar uma cruz no quadradinho que achares que corresponde melhor à tua resposta.

A escala que vais usar tem esta aspecto:

Absoluta- mente nada		Muitís- simo				
1	2	3	4	5	6	7
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

... e cada um dos pontos quer dizer:

Absoluta- mente nada		Muitís- simo				
1	2	3	4	5	6	7
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

1	2	3	4	5	6	7
Absolutamente nada	Quase nada	Pouco	Nem muito nem pouco	Um bocado	Muito	Muitíssimo

Se aparecesse, por exemplo, uma pergunta assim ...

Quando brincas, gostas de:

	Absoluta- mente nada	Muitís- simo					
	1	2	3	4	5	6	7
Jogar à bola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Saltar à corda	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

... e se gostasses “quase nada” de jogar à bola e “muito” de saltar à corda, devias marcar a tua resposta assim:

Quando brincas, gostas de:

	Absoluta- mente nada	Muitís- simo					
	1	2	3	4	5	6	7
Jogar à bola	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4	5	6	7
Saltar à corda	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Repara que só podes marcar uma cruz para cada resposta, porque se marcares mais do que uma, por exemplo assim ...

Quando brincas, gostas de:

	1	2	3	4	5	6	7
Jogar à bola	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Saltar à corda	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

... não se sabe exactamente o quanto é que gostas de jogar à bola.

Se te enganares, debes riscar a cruz que está enganada e marcar uma outra cruz no quadradinho certo. Por exemplo, assim:

Quando brincas, gostas de:

	1	2	3	4	5	6	7
Jogar à bola	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Saltar à corda	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Não mudes de folha antes de teres respondido a todas as perguntas.

Se tiveres dúvidas em relação a uma pergunta, não continues enquanto não te sentires esclarecido. Podes sempre pedir ajuda à pessoa que te entregou este questionário.

Para que seja mais fácil situares-te no questionário, cada pergunta é indicada pelo símbolo ► seguido de um número. Assim, por exemplo, ►5 quer dizer “pergunta número 5”.

Sempre que te aparecer este símbolo , isso quer dizer que há alguma coisa importante para fazer, e portanto, debes ler com muita atenção aquilo que te é pedido e seguir as recomendações que te são feitas.

E agora ... podes começar.

Bom trabalho!

Vais começar por ler “... Uma história”, que vem já a seguir.

... Uma história

O João tem 10 anos e anda no 4º ano do 1º ciclo. Um dia, depois do João chegar da escola, a mãe saiu de casa, recomendando ao João que fizesse os trabalhos da escola que a professora tinha mandado. Mas, nesse dia, a professora não tinha mandado trabalhos para fazer e, por isso, o João sentou-se na sala a ver televisão. Quando a mãe do João voltou e viu que o João não estava a fazer os trabalhos, começou a bater-lhe muito e com muita força. Primeiro, bateu-lhe com um molho de chaves que trazia na mão, de tal maneira que uma das chaves acertou no lábio do João e fez muito sangue. O João começou a chorar. A mãe, que trazia um cigarro aceso na outra mão, esborrachou-o no braço do João. Então o João começou a gritar muito e, por isso, a mãe agarrou num candeeiro de ferro que por acaso estava ali mesmo ao pé, em cima da mesinha da sala, e começou a bater com o candeeiro no João. Já muitas vezes a mãe o tinha castigado, por pensar que esta seria a melhor forma de educar bem o João, mas desta vez, o João ficou tão magoado que teve que ir para o hospital para ser tratado e operado à cabeça. Os médicos ainda não sabem muito bem se o João vai ficar bom ...



Lê a história as vezes que quiseres, até achares que já a sabes bem. Depois passa para a pergunta 1 (página 1 do bloco questionário) e começa a responder.

Podes voltar aqui sempre que aches necessário.

... Dicionário

Acto: acção.

Agrezir: atacar, ferir, magoar muito.

Ameaça: aviso sobre o mal que se quer fazer a alguém.

Ameaçar: dirigir ameaças a alguém.

Atribuir: dar.

Autoritário: dominador, mandão.

Código Penal: conjunto de regras e das penas a atribuir a quem desobedecer a essas regras.

Chantagista:

Crime: acto proibido por lei.

Cruel: que tem prazer em fazer mal; severo; desumano.

Culpado: que tem culpa; criminoso; que cometeu um crime.

Culta: pessoa que sabe muito; pessoa que tem muitos estudos.

Desleixado: descuidado.

Enteado:

Evitar: fugir de alguma coisa ou de alguém; desviar-se de alguma coisa ou de alguém.

Inocente: que não tem culpa; que não causou mal.

Juiz: pessoa que tem o poder de julgar e fazer justiça.

Maltratar: tratar mal.

Mau trato físico: tudo o que magoa ou fere o corpo da pessoa.

Mau trato psicológico: tudo aquilo que faz a pessoa sentir-se infeliz, magoada, triste, com vontade de chorar, desanimada, etc.

Pena: castigo, punição.

Provável: que pode acontecer.

Psicológico:

Vítima: pessoa assassinada ou maltratada por outra.

... **Folha quase branca.**

